



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

Port 6240.5.120

**Harvard College Library**



**BOUGHT FROM THE  
ANDREW PRESTON PEABODY  
FUND**

**BEQUEATHED BY  
CAROLINE EUSTIS PEABODY  
OF CAMBRIDGE**

1450



N<sup>o</sup> 1076

2-2-20

# CANTICOS

POR

**JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR**

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

---

PREÇO 720.

---

**LISBOA**

**TYPOGRAPHIA DO PANORAMA**

TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

**1858**

Port 6240.5, 120

✓



Reubens

A SUA Magestade

EL REI O SENHOR D. FERNANDO

O. E. D.

A PRESENTE OBRA

*Portugal*

*Leitura da*

*Carta da*

O author,





**SENHOR :**

E' grande um Augusto,  
Não só por que o imperio doma,  
Mas por que o braço robusto  
Estende ás musas de Roma,  
Abrigando-as sob o manto !  
Faz, n'outra idade, outro tanto  
Um rei, que a França terá  
Por Mecenas soberano,  
E, como o Cesar romano,  
Seu nome a um seculo dá !

Tal ha, que, a purpura honrando,

Das proprias musas se inspira ;

E cultiva-as, deescançando

A mão do sceptro na lyra !

Não se affrontam as grandezas

Das poeticas emprezas :

E melhor a historia diz

O que eu apenas indico :

Teve a Prussia um Frederico,

A Baviera um Luiz !

Aqui mesmo acharam ellas  
Privilegios nada escassos :  
Musas, lettras, e artes bellas  
Entraram nos regios paços,  
Com favor e intimidade  
Da sapiente Magestade ;  
E-o mundo, mais d'uma vez,  
Applaudindo-as illustradas,  
As tem saudado assentadas  
Sobre o throno portuguez.

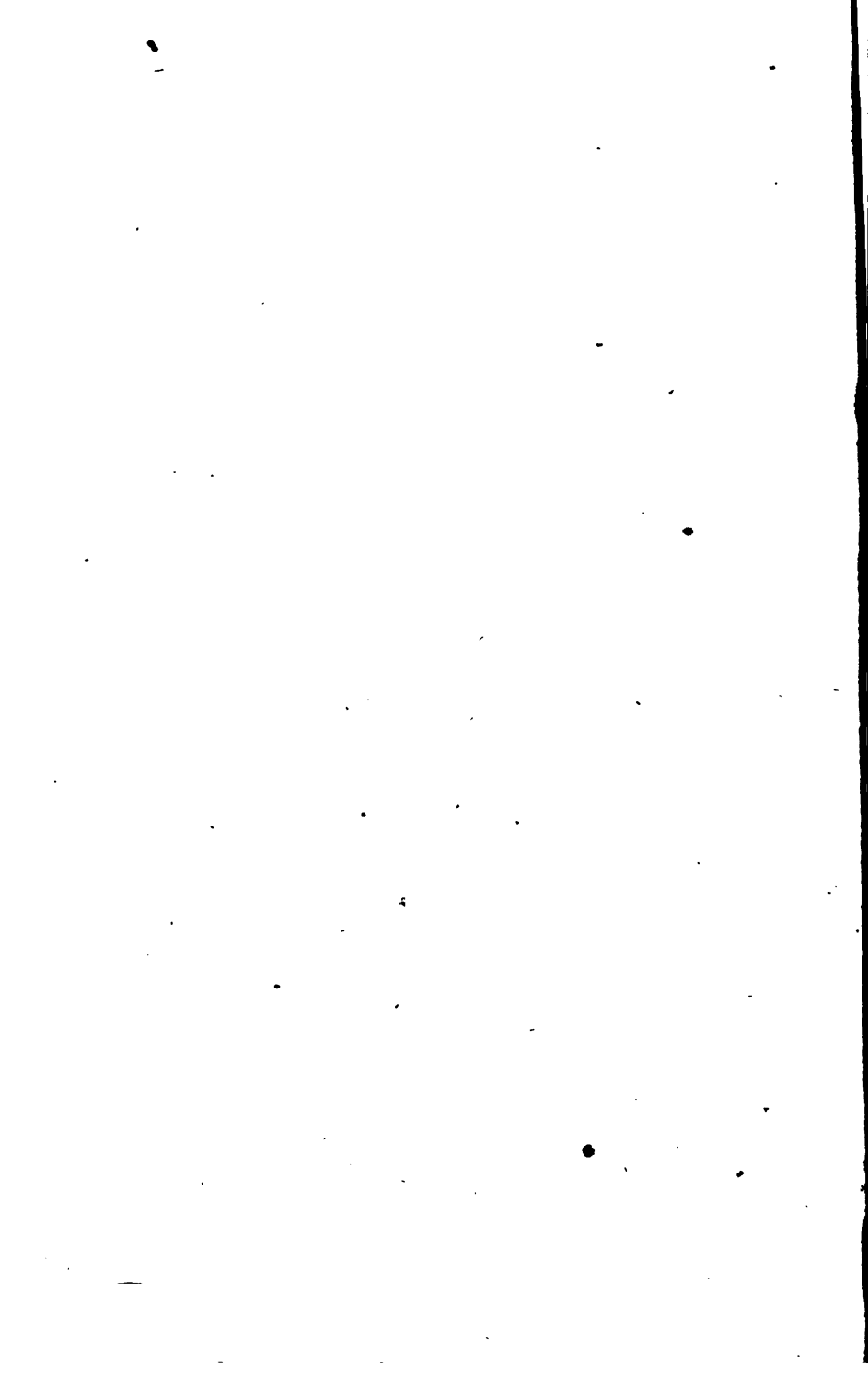
De exemplos taes animado,  
A vós, SENHOR, reverente  
Chego, e apresento inclinado,  
O meu modesto presente.  
Este livro estremecido,  
Mais da minha alma nutrido,  
Benignamente acolhei  
Sob a sombra protectora  
Do laurel d'arte, que enflora  
A vossa c'rôa de rei!

Março, 1858.

José da Silva Mendes Leal Junior.

# **LIVRO I**

**ALFABETO**



# **LIVRO I**

**LYRA.**

**I**

**O HYNVERNO.**

**(IMPROVISO)**

Sem gallas nativas, sem fructos, nem flores,  
    Ai! quantos amores,  
Esconde no manto, que finge rigores  
    Rigores sem ter!  
Debaixo da neve, que a fronte branquêa,  
    O fogo se atêa:  
Negreja-lhe a face; mas guarda na idéa  
    Furtivo prazer.

Amado por isso, reserva ás formosas  
    Incognitas rosas,  
Do sol não crestadas, que encerra viçosas  
    No seu coração.  
Se o estio é brilhante, se as aureas estrellas  
    Fulgindo são bellas,  
As luzes das festas, estrellas como ellas,  
    Mais feias não são.

**CANTICOS, LIVRO I.**

O esmalte dos campos e os céus annilados  
São dons estremados ;  
Mas rostos celestes, no baile inflammados,  
Tem menos fulgor ?  
Se «amor» diz aos homens a voz que murmura  
Na verde espessura :  
Nas sombras do hyverno melhor formosura  
Tambem diz : «amor.»

**1851.**



### III

Ouvrez votre âme a l'amour :  
La jeunesse n'a q'un jour !

Murcha a flor, que ao sol se esquivava,  
No curvo tronco a pender ;  
E, sem saber que foi viva,  
Sente-se em vida morrer.

N'alma um sol tambem fulgura  
Como o que brilha no céu :  
Apagar fôra loucura  
O que Deus mesmo accendeu.

O nome d'esse astro ignoto  
Tem-l'o tu no coração :  
Procura-o n'um ai, n'um voto ;  
Não n'o busques na razão.

Porque esfolhas pois, tão bella  
Dos bellos annos a flor ?  
Se a razão te diz : « cautella ! »  
O coração diz-te : « amor ! »

1848.

---

#### IV

##### A CANÇÃO DO PIRATA.

(DO HESPAÑHOL, DE ESPRONCEDA)

Com doze canhões por banda,  
Vento em pópa, a todo o panno  
Vôa, não corre, no oceano  
Um velleiro bergantim ;  
Baixel pirata, que chamam  
Por seus feitos «o *Temido*,»  
Em todo o mar conhecido  
De Marselha a Bombaim.

Treme a lua sobre as aguas ;  
Nos rizes suspira o vento,  
E ergue em brando movimento  
Orlas de prata e de azul.  
Eil-o, o capitão pirata,  
Que vai cantando na pópa,  
Asia a um bordo, a outro a Europa,  
E pela prôa Stambul.

## I

«Voga, meu barco, navega  
«Sem temor ;  
«Nem forte náu na refrega,  
«Nem procella, ou calmaria  
«Do teu rumo te desvia,  
«Ou subjeita o teu valor.  
«Vinte prezas  
«Tenho feito  
«Em despeito  
«Té do inglez :  
«E abateram  
«Pendões varios  
«Cem contrarios  
«A meus pés.  
«O meu barco é meu thesouro,  
«A liberdade o meu Deus,  
«É-me o pego unica patria,  
«Lei a força, o vento, e os céus !

## II

«Além movam feroz guerra  
«Cegos reis  
«Por mais um palmo de terra ;  
«Que eu aqui tenho por meu  
«Quanto avisto em mar e céu,  
«A quem nada vem dar leis.  
«Não ha praia  
«Sobranceira  
«Nem bandeira,  
«De esplendor,  
«Que não ceda  
«De repente,  
«E me alente  
«Meu valor.

V

A MARGEM DO DOURO.

Que me importa serem bellas  
Essas aguas, quando o Douro  
Leva, á noite, alvas estrellas,  
Traz, de dia, estrellas de ouro?  
Que importa, se, nas compridas  
Margens, do hyverno batidas,  
Depois da nuvem correr,  
Scintillando vivas cores,  
Vejo um astro, em vez de flores,  
De cada tronco pender?

Que me importa ver fronteiros,  
Rendando os placidos ares,  
Dos calvos, rudes oiteiros  
Os contornos singulares?  
Que me importa, se o cabeça  
No escuro nevoeiro espesso

Se recorta desegual,  
Como um gigante curvado,  
Ou como o vulto inclinado  
D'um chimerico animal?

Que me importa, se, em descendo  
As sombras da noite fria,  
A vizinha forja, ardendo,  
De rubra chamma allumia  
A ramada circumstante ;  
E, sonora e crepitante,  
Parece raios vibrar  
Nas fundas trevas, fulgente  
Como o olho reluzente  
D'um cyclope a trabalhar?

Que me importa, se, na hora  
Do silencio e do mysterio,  
Oïço em tumulto, lá fóra,  
Das ondas o turvo imperio ;  
Quando o mar saccode a vaga  
De encontro ao raio que apaga,  
E, crespo, fero leão,  
Pula aos céus, enfurecido,  
Abafando no rugido  
A propria voz do trovão ?

Se baixa o sol outras vezes,  
Entre os vapores dourados,  
Como um rei sobre os pavezes  
Dos vassallos seus prostrados ;  
Se no tardo arbusto alveja,  
Das demais rosas inveja,  
A camelia, e lá vai pôr  
O fecundo orvalho que amo,  
Uma flor em cada ramo,  
Um diamante em cada flor ?

Que importa?—Quando á janella,  
Céu azul, ar transparente,  
Vejo cheia a branca vella  
Cortar um iris corrente,  
C'o baixel vai meu desejo.  
Se elle inclina a proa ao Tejo  
Faz-me tudo, a meu pezar,  
Entre alvoroços e penas,  
D'outros quadros, d'outras scenas,  
E d'outras margens lembrar! .

Porto — 1846.

---

## VI

### ASPIRAÇÕES.

Ai ! sonhei-a ! — E, ardendo ancioso,  
Amei o sonho saudoso,  
Amei a incerta visão ;  
Nutri sua alma da minha,  
Dei-lhe quanto amor eu tinha,  
E ó que tinha o coração.

Dei-lhe tudo o que sentia ;  
Cuidou ver-lhe a phantasia  
No seu subito rubor  
Um iris, que a esp'rança cora,  
Ou, como as rosas da Aurora,  
A aurora de um vivo amor !

Julguei-lhe o espírito ornado  
Um thesouro recatado,  
Cuberto de um casto véu :  
Cuidei vel-a, em meigo laço,  
Dar-me a terra n'um abraço,  
N'um sorriso abrir-me o céu.



Dei-lhe o vasto sentimento  
Que era o meu maior tormento ;  
Dei-lhe o soffrer e o penar !  
Dei-lhe o que fôra e o que era :  
E ter mais inda quizera,  
Para mais inda lhe dar !

Imaginei-a, innocente,  
Vibrar toda ao sopro ardente  
D'uma inflammada paixão,  
Como, entre lavas creado,  
Vibra o lyrio, debruçado  
Na cratera de um vulcão.

Creei... um sonho. Era bello !  
Formei-o do meu desvello,  
Do meu affecto o compuz :  
Cultivei-o como as flores ;  
Vesti-o todo de amores,  
E todo o cingí de luz.

Era elle que eu amava,  
Que eu não via, e que buscava,  
E buscava sempre em vão.  
Busquei... busquei por meu damno !  
Cuidei achal-o : era engano.  
Cuidei vel-o : era illusão.

Vivi de esp'ranças... um dia ! —  
Cuidei viver ! — Na ironia  
A minha esp'rança expirou,  
Qual, no alaúde esquecido,  
Suspira e morre o gemido  
D'uma corda que estallou.

Meia-noute pouco tarda...  
Duas... tres... As doze são...  
Arde, flor, que é meia-noute,  
Em louvor de S. João !

Não ficou das gallas tuas  
Uma só. Bem negra estás !  
Agora, posta ao relento,  
Florirás ? não florirás ?

Olha que tens, entre as cinzas  
Que ás auras fagueiras lanças,  
As esp'ranças no teu seio,  
O meu viver nas esp'ranças.

Tens em ti minh'alma toda :  
N'esta noute benta e leda,  
Podes-lhe dar azas de anjo,  
E tambem d'um anjo a queda.

É tarde. Vou repousar-me  
D'esta incerteza e terrores.  
Vão talvez surgir-me em sonhos  
Secos espectros de flores !...

A manhã já vem rompendo...  
Upa !... depressa... á janella...  
Vejamos se a flor-sibylla,  
Cinza está, ou flor mais bella.

Cinza ! só cinza ! oh ! desdita !  
Onde ha flor mais mal-fadada ?  
Nem sombras d'uma folhinha !...  
Pois queimei-a bem queimada !

Cinza só ! què sina triste !  
Terna esperança mentida,  
Vida me era ! — Ai céus ! agora  
Nem esperança, nem vida !

---



## VIII

### SUSPIROS DE ABRIL.

È maraviglia, è amor  
È sentimento, è speme,  
Son mille affetti insieme,  
Tutti raccolti al cor.

MENTASTASIO.

## I

Minh'alma, toda amor, em vão comprimo,  
Debalde os males meus escondo attentô:  
N'este pego fatal, o meu tormento  
Nadar vem sempre ao cimo.

Se este peito, que Deus fez expansivo,  
Teimasse accaso em constringer, mais forte  
Libertar-me viria a mão da morte  
O coração captivo.

Dilate-se por tanto! Em sons sentidos  
Exhale a pena sua tormentosa:  
Suspire, gema a lyra lachrymosa  
Os hymnos doloridos.

Seria o canto e o choro perigrino  
Se ao sentimento a voz correspondera,  
Se no rythmo ou nos prantos eu podera  
Pintar o meu destino!

## II

É todo fogo o meu peito,  
A minha alma é toda amor:  
Solitaria é minha vida,  
Incessante a minha dor.

Se Abril os prados matisa,  
Nos prados tormentos vejo:  
Mudas as flores se entre-amam...  
E eu... só tenho o meu desejo!

Se, tristemente sorrindo,  
Enche a lua magestosa  
De vaga ternura as almas,  
Os campos de luz saudosa;

Eu, magoado e pensativo,  
Conto as estrellas do céu;  
E conto as ancias ferventes  
Do profundo peito meu!

Se a rola saudades geme,  
Se o rouxinol trina amores;  
Que invejas!... Ardo, e no mundo  
Ninguém sente os meus ardores!

E treme, vecillo, ancero,  
Se attento escuto, a meu lado,  
Rir, folgar a natureza,  
E me vejo abandonado ;

Tremo de susto, que eu sinto  
O que é ter um coração  
Terno, ancioso, todo chammas,  
E submettel-o á razão !...

A razão !... Acaso póde  
A cadeia mais potente,  
Seja de ferro ou de bronze,  
Enlaçar um fogo ardente ?

Entre as vivas laberedas  
Brevemente se esbrazêa :  
Funde-se, augmenta inda a lava  
O que era d'antes cadêa.

## III

A primavera risouha  
Tudo faz refflorescer ;  
A madre-silva nos bosques,  
Nos corações o prazer.

Accorda tudo ao seu brado :  
As aves para cantarem ;  
Para sorrirem os homens ;  
E todos para se amarem.

Os espiritos floream  
Como as relvas amorosas :  
Abrem-se juntos, rescendem  
Os pensamentos e as rosas.

Só primavera eu não tenho  
 E se a tenho — em solidão —  
 É de nuvens, não de flores;  
 Não de sol, de escuridão.

## IV

Meu coração era um vaso  
 Tão puro, tão precioso!...  
 Verieis d'alma por elle  
 O reflexo luminoso.

Abundante amor sincero,  
 Em nobres peitos vulgar,  
 E mil affectos sem nome  
 O enchiam a trebordar.

Mãos prophanas m'o partiram:  
 Roto está, tudo entornou;  
 Até a propria esperança  
 Pelas fendas se escoou!

## V

E comtudo talvez não merecesse  
 Desgraça tão cruel; talvez minha alma  
 Fôra digna de amor igual ao d'ella!  
 Ai! prados verdes, campos matizados,  
 Sombras da tarde, estrellas pudibundas,  
 Minhas socias de amor! ai! trevas meigas,  
 Da noite amena! quantas, quantas vezes  
 No vosso recatado, occulto seio,  
 Meus prantos derramei quasi em delirio!  
 E, quantas, leve aragem que gemia  
 Nos laranjaes de valle, pelo espaço  
 Meus suspiros levou, que vinham d'alma!



E quantas mais, sentado, pensativo,  
 Na alameda da encosta, em rude pedra,  
 À beira da corrente inquieta e funda,  
 Quantas — olhos no céu e mão na face —  
 Conteis ao campo, aos astros, aos fraguados  
 As ancias que no peito não cabiam!

Foi-lhes sepulchro a solidão profunda:  
 Se haviam de rir d'ellas!...

Astros, campos,

Fraguados que me ouvistes, vós sómente  
 Podeis dizer que affectos infinitos  
 Aqui dentro, em cardume, se apertavam!  
 Que ternura e saudade amarga e triste!  
 Que sêdes de querer e ser querido,  
 De entrar, calcando humanas impurezas,  
 N'um céu de amor, com quem comigo o abrisse!  
 Que desejos extremos, e sem mancha,  
 De fazer entre todos venturoso,  
 À força de caricias e desvellos  
 Um ente idolatrado! De por elle, —  
 Por esse, — os hymnos meigos de que sinto  
 Ardente a phantasia a entumecer-se,  
 Fervoroso exgotar em mutuo inlevo!...  
 «Por um sonho!» dirão. Sonho de certo.  
 Mas quem, sem tal sonhar, passou na terra?

Não zombeis, homens, não. Qual de vós outros  
 Co'a fronte oppressa, e o coração partido,  
 Gemendo e pranteando, e n'um suspiro  
 Mil desejos, mil ancias, mil ternuras  
 Às auras caprichosas entregando,  
 Qual de vós o não fez?... Se algum se encontre  
 Depór deve estas paginas. Egoista,  
 O que intender não pôde, não profane!

## VI

Peitos sensíveis, corações amantes,  
Ternos, languidos olhos femininos,  
Dos que inda ingenuos são espelhos d'alma,  
Lêde-me vós, só vós! Estou seguro  
De que haveis de intender meu simples canto.

Lêde-me vós, que, á noute, reclinada  
Na janella saudosa, vagamente,  
Humida a face, contemplaes, sem vêl-os,  
O azul do mar, do firmamento o brilho:  
E murmurar ouvís, sem distinguil-as,  
De eguaes mysterios igualmente involtas,  
Do vosso peito as ondas e as do oceano!

Lêde-me vós que, ao despontar da aurora,  
Entre os vossos jasmins tentaes um riso,  
Que, sem causa, uma lagrima desmente;  
E tremeis e córaes, quasi de pejo,  
Se ouvís meigos arrulhos amorosos  
De um casal desvellado no seu ninho.

Lêde-me vós que daes sinceros prantos  
À loucura do Tasso, — do Petrarra  
Aos magoados amores, — e ás sandades  
De Bimnardel saudoso; — e que, inlevada,  
Alguma vez, sincera, desejastes,  
Para o pobre poeta consolardes,  
Laura ser, ser Beatriz, ou ser Leonora!

Lêde-me vós, que um hymno doloroso  
Enche de dôr; — e vós que, razos d'agua,  
Olhos fitos no livro quasi findo,  
Como vossos carpís estranhos males!

Lêde-me vós, que o marmore do templo  
De pranto humedeceis, se ouvís, piedosa,  
Do Deus-Homem contar os soffrimentos  
Ao sagrado orador austero e grave.

Lêde-me vós... — Oh! lêde-me vós todas  
A quem ardente amor, ou vago affecto —

Voraz incendio, ou timida scentelha—  
O coração tomou. — De vós espero,  
De vós, de mais ninguém, piedade e interesse.

## VII

Salve, rei da montanha, cedro annoso,  
Que as tormentas affrontas;  
Como os breves seus dias contam homens  
Os seculos tu contas:

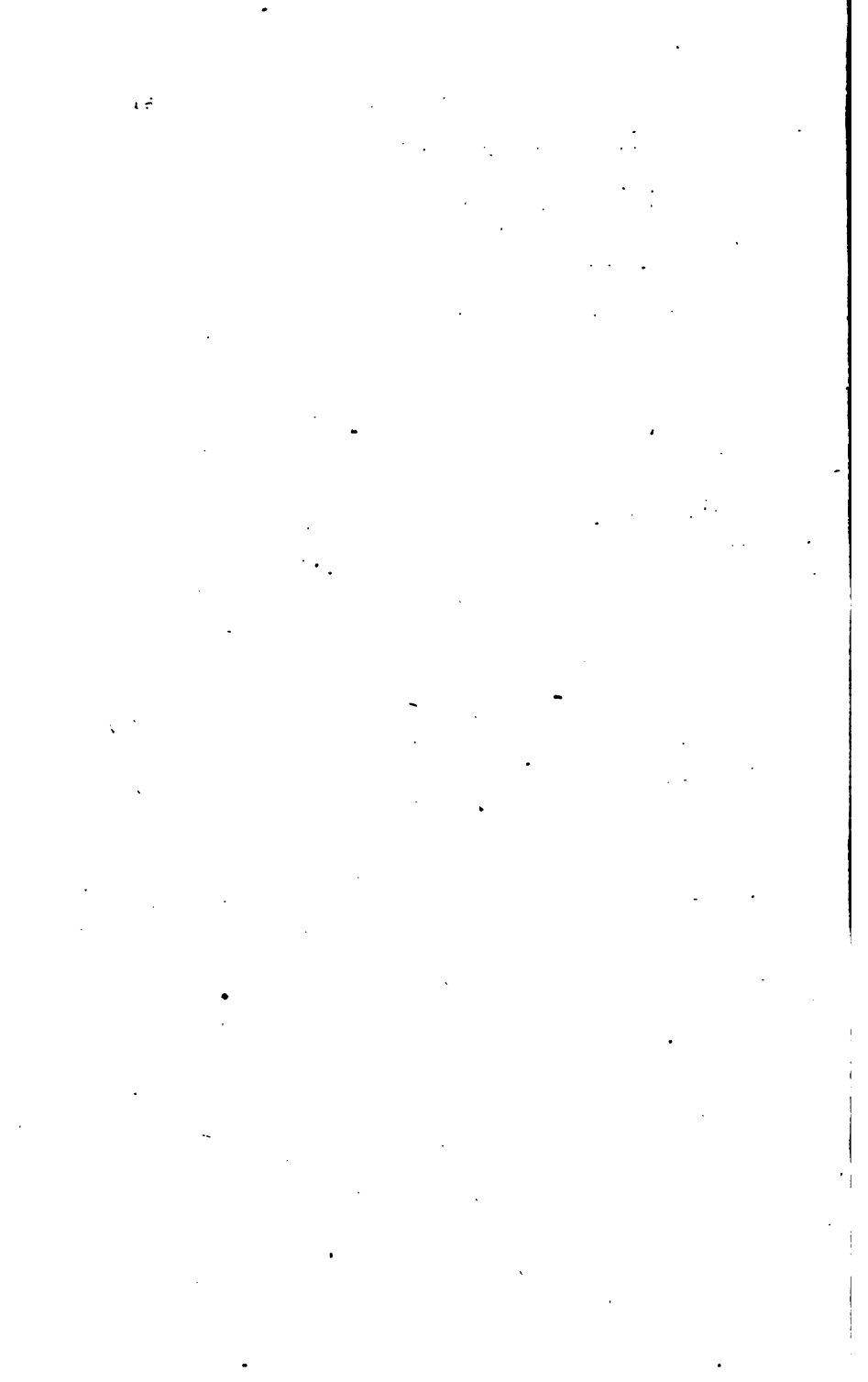
D'aqui vejo, nos ares recortada,  
A serra do Occidente,  
Descançando, em repouso altivo e fêro,  
Como um leão dormente.

Salvè, rei da montanha, antigo vulto,  
Socegado Titão,  
Que mal faz murmurar, severo e triste,  
O vento da soidão,

Do curvo tronco debruçada a copa  
Em arcos ellegantes,  
Descommunal tropheu soberbo finge,  
Ou porta de gigantes.

Qual se espreita o estrellado firmamento  
Atravez da folhagem,  
Tacs vislumbraem memorias do passado  
Por entre essa ramagem.

Salvè, rei da montanha. A sombra tua  
Já cobre gerações:  
Pendem annos e folhas dos teus ramos  
Em cerrados festões.



## IX

### UM QUARTO DE HORA!

— « Ha no valle, ao pé da encosta,  
« Uma fonte chocalheira,  
« Junto á fonte um prado verde,  
« E no prado uma rozeira :

« Vamos, anjo, ali sentar-nos ?  
« Teremos... terás comigo,  
« Branda relva por alfombra,  
« E a rozeira por abrigo ;

« Vamos ? » — « Sim » — « Chegados somos... »  
« Que inlêvo este ! » — « Senhor,  
Que mais posso já pedir-vos ? »  
— « Que seja eterno este amor ! »

— «Fel-o Deus em nossas almas  
«Tão santamente nascer!»  
— «Onde vais ? já partes ?» — «Parto.»  
— «Mas o amor!» — «Mas o dever!»

— «Amor, que eterno pediste,  
Breves instantes durou!»  
— «Não morreu no coração.»  
— «Nos labios, porém, findou.»

— «Ámanhã.» — «Virás ?» — «Virei.»  
— «Como o tempo nos correu!»  
— «Nem foi bem um quarto d'hora.»  
— «Se fôra mais, fôra o céu!»

Céu de amor, um céu aberto  
De certo que elle seria,  
Se tal quarto d'hora houvesse...  
É pena ser phantasia !

## X

### A IRMÃA DA CARIDADE.

(VERTIDA, VERSO A VERSO, DO FRANCEZ DE MADAME ANAIS SÉGALÁ)

Fugís, ó minha irmã, d'este mundo perdido.  
Para Lazaro e Job, para Deus heis vivido !  
A terra é, para vós, a ponte em que passaes,  
A fim de ao céu chegar. Orgulhosos vivemos ;  
Aos lustres dos salões as almas accendemos :  
Nós vivemos no sólo, o sólo vós pisaes.

As vaidades a nós, o luxo deslumbrante,  
Diamantino planeta, ardente e scintillante !  
A vós a caridade, a fé, o puro céu  
E a segredar-vos Deus, nas vossas castas cellas !  
Buscamos o clarão, vós buscaes as estrellas ;  
A purpura deixaes, guardaes humilde o véu !

Rompeis do mundo ao lado, ao lado andaes do vicio,  
Sem jámais hesitar no santo sacrificio.  
Da turba vadeaes o pélago infernal  
Como um cysne do lago, alvas plumas nevadas,  
Serenó contornando as ribas enlodadas  
Sem o sulco deixar de prata e de christal.

Bateis do pobre á porta? Entrae, irmãa piedosa.  
Deixae o ambicioso erguer-se á luz radiosa;  
Os monarchas buscar; pedir, no engano seu,  
Das honras o fulgor, fulgor que o nada encerra:  
Dos paços os degráus só vão aos reis da terra,  
A escada do infeliz conduz ao rei do céu!

Á casa fraternal, morada santa e bella,  
Voltaes? Ides orar na simplice capella.  
Vossa alma pura, a arder, em Deus busca o seu bem.  
E Deus na pomba mira a candidez, que a adorna.  
E inunda-a de esplendor. E ella a seus pés se torna  
Chrysalida gentil, que o infinito contém.

A vossa habitação é do Senhor bemdita,  
É colonia do céu, que o proprio céu imita.  
Do infante a mão tomaes, que balbucia em fim,  
Soletrando comvosco, o livro e a crença rara:  
Quem vossos olhos vê, quem d'elle a face encara,  
Cuida ver uma santa ao pé d'um cherubim.

Sais da nobre casa? É vosso nobre estylo:  
Um carcere não é; é só modesto asylo.  
O clautro desdenhaes, e o seu encerro vão,  
Que n'elle não podeis, ó virgem de piedade,  
Atravez dos varões da dura, esteril grade,  
Para o pranto enxugar, passar a casta mão.



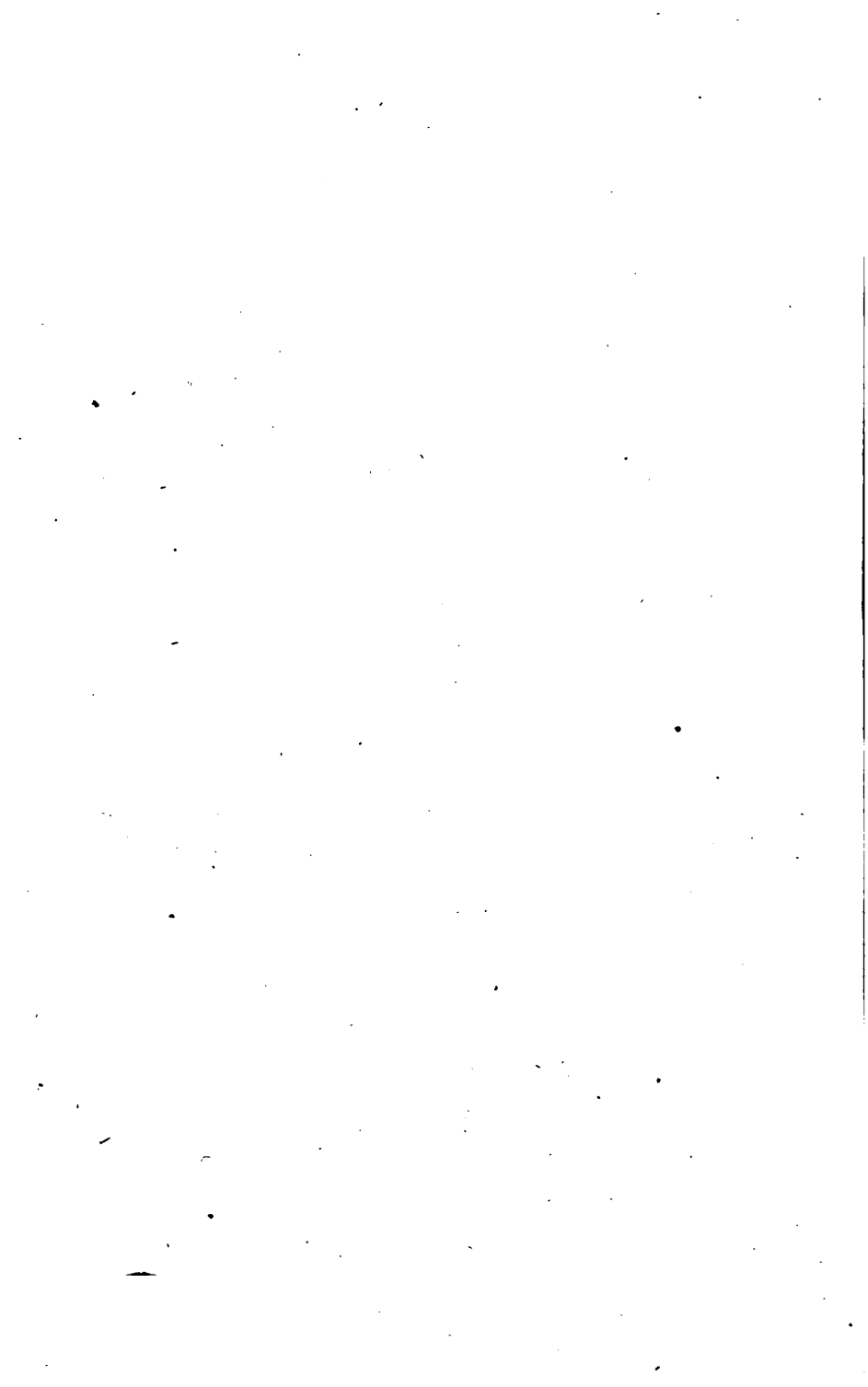
A clausurada irmãa, d'um mosteiro no fundo,  
Os olhos ergue aos céus sem baixal-os ao mundo,  
Contempla a solidão, das maguas sem temor,  
Sem ver o desgraçado, involto na amargura...  
Mas quem anjo quer ser, nas horas da tortura,  
Prompto as azas desprega, e vò a até á dôr.

Vellaes no santo hospicio, onde accorre em delirio  
O pobre que nem tem com que pague o martyrio.  
E o triste, no seu leito, accordando amanhã,  
Pensará que o desvella a propria mãe do Eterno:  
Se não vê junto d'elle a irmãa do lar paterno,  
Encontra no hospital da caridade a irmãa.

Se a peste sobrevem, abrindo a fauce impura,  
Correis: pròvida a fé vos serve de armadura,  
E, guerreira de Christo, á cruz vos abraçaes...  
O inimigo venceis... e emfim, d'elle vencida,  
Cais, sem mausoleu, sem lapida esculpida,  
E o balsamo offertando o veneno tomaes.

Esquecida morreis, qual morre a flor no prado.  
À gloria não marchaes como o ardente soldado  
Que, do sangue que verte, uma purpura faz.  
Martyr desceis á campá, e o mundo inteiro o ignora.  
Não vem morte faustosa, em tuba alta e sonora,  
No golpe que vos dá contar o feito audaz.

Gloria a vós, irmãas, anjos de luz fagueira,  
Que sentís, que viveis do paraizo á beira!  
Debalde o vosso zello occultaes sob um véu:  
Raiaes na sombra mesmo em que elle, em vão, se encerra:  
Se não sois, por modestia, os diamantes da terra,  
Minhas santas irmãas, estrellas sois do céu!



## XI

### BALLADA.

— « Que pretendeis, cavalleiro ? »  
— « Nobre sou, e vós sois bella ;  
« Dae-me pois, gentil donzella,  
« Dae-me o vosso coração.

« Dar-vos-hei, em troca d'elle,  
« Meu collar, que é d'ouro fino,  
« E alvo manto peregrino,  
« E as joias do meu brazão.

« Dar-vos-hei mais dez herdades,  
« E o meu solar de Granada,  
« E os rubis da minha espada,  
« Sem reparar quantos são.

« E de tudo o que vos digo,  
« E de quanto mais me esqueço,  
« Só, donzella, em troca, peço,  
« Só vos peço o coração. »

— « Guardae, senhor, vossas joias  
« E os vossos dons seductores :  
« Por oiro trocar amores,  
« Não é, senhor, meu condão.

« Guardae, guardae vossas joias,  
« Que eu guardarei meus affectos ;  
« Presentes tão indiscretos  
« Dae a outras, a mim não.

« A mim não, que tal não cumpre  
« À donzella que é brioza :  
« Pobre sou, mas orgulhosa...  
« Dou, não vendo o coração ! »

## **XII**

### **A VIRAÇÃO DA TARDE.**

#### **I**

Sete vezes n'alta torre  
O sancto bronze gemeu ;  
Ecco do valle outras tantas  
Suspirou... e adormeceu.

Já lá vai fugindo o sol,  
Já das ondas busca o seio,  
Já de traz do outeiro verde,  
Mostra só a face em meio.

Minhas horas tão formosas,  
Doces horas do sol posto,  
Ternas filhas do silencio,  
Que assim me orvalhaes o rosto,

Eu vos saúdo, assentado  
N'este antigo tronco escuro,  
Entre os restos do passado,  
E as esp'ranças do futuro !

Dos homens estou distante,  
Só — bem só ! — a meditar !  
Ao lado do outeiro a ermida ;  
Em frente a cidade e o mar !

Ó sol, ó rei do universo,  
Olho eterno do Senhor,  
Que bello é ver-te, arrastando  
Teu moribundo esplendor.

Mal a custo já resfolgas  
Algum luzeiro quebrado :  
Nasceste, reinaste, e morres...  
Tambem morrer é teu fado.

Mas tu, ó sol, amanhã  
Outra vez resurgirás ;  
Só nós, se em terra cahimos...  
Pranto aos mortos, honra e paz !

Salvè, horas do sol posto,  
Ó despedidas suaves,  
Morrer da luz entre as sombras,  
Correr d'agua e trinar d'aves !

Salvè, doce viração,  
Apoz estivo calor,  
Que me dás frescura ao peito,  
Qual á mente um casto amor.

Salvê, respiro saudoso  
Do sereno céu d'est'hora : —  
Conversemos, se te apraz,  
Viração consoladora.

Em tuas azas discretas  
Minh'alma quero entoruar,  
E o mysterio d'esta vida  
Em que me sinto abraçar !

## II

Julguei eu que era o mundo prado ameno  
Só de relva macia alcatifado,  
Julguei-lhe brando o ar, o céu sereno  
E o solo recamado  
De florinhas gentis entre a verdura,  
Imagens da belleza e da candura.

Julguei que, igual á fonte buliçosa,  
Dóccemente a existencia refrescando,  
O amor, sahindo d'alma fervorosa,  
Se iria derramando  
Por dias, annos, horas e momentos  
De um festivo porvir de encantamentos.

Em pós d'esta illusão corri sem tino,  
Dando largas á mente escandecida,  
Zombando feramente do destino,  
E crendo só na vida ;  
Triste vida, que eu tive já por bella,  
E que escravo me fez, ou martyr d'ella !

Corri, corri — e de correr cansado  
Sobre um marco partido aqui me assento,  
D'esse mundo dos homens desterrado;  
E no meu pensamento,  
A sós, curto universo imaginando,  
Que alguns sonhos fieis me vão dourando.

De meu é quanto ainda contar posso,  
E nem já para mais nutro o desejo;  
Outr'ora na ambição já fui colosso,  
Hoje em terra me vejo.  
Ó breves sonhos meus, enchei meu seio,  
Tristes, tristes quaes sois, sois meu recreio!

Ó meus sonhos, ás vezes foragidos  
Na palida visão das horas mortas;  
Outras tão arrojados e subidos,  
Que me pondeis ás portas  
De um vedado escondido sanctuario,  
Deixando-me depois mais solitario;

Ó sonhos, sonhos d'alma, eu que vos peço,  
Eu que sinto no coração lavrar-me  
Chamma vivaz, e pecco pelo excesso,  
E mal posso explicar-me,  
Tenho agora por unica riqueza  
Vós, meus sonhos; só vós... e a natureza!

Eu! ancioso de amor, desencantado!  
Eu! que a tanto aspirei, quasi mendigo!  
Eu! que ufano me erguia, enfim prostrado!  
E sem ter um abrigo!  
Ninguem vem recolher meu pranto mudo!  
E tudo me abandona e fujo a tudo!...



Só tu ó vida minha me não deixas !  
Tu uão foges, ó vida desditosa !...  
Em vão desfaço o peito, e o solto em queixas :  
    Ardente e sequiosa  
Debalde arrojo a mente á eternidade,  
Buscando ir-me faltar na immensidade !

Instantes, por meu mal, curtos instantes  
Livre discorro na amplidão dos ares,  
Adejando entre os astros scintillantes,  
    Pairando sobre os mares ;  
Quando mais vou lançar-me no profundo,  
Foge a visão e acho-me no mundo.

Se, postos os meus pés no firmamento,  
Além dos céus ousado me alevanto ;  
Se me atrevo a esquecer o meu tormento,  
    E solto alegre canto ;  
Realidade cruel os sons me tira,  
Prende a voz na garganta, e quebra a lyra.

E, na terra de novo já cahido,  
Nos gelos me revolvo do abandono ;  
De minha alma ão amago tranzido  
    Ao desejo sem dono  
Largo os diques e o deixo, sem preceito,  
Correr á solta em pedregoso leito...

Achar-me já tão só na flor dos annos !  
Gasta a vida apenas fujo ao berço !  
Pela taça beber dos desenganos  
    E, olhando no nniverso,  
Ver apenas, em arido deserto,  
Um encosto final em leito incerto !

Ó pedra, dura pedra, destinada  
 Meus ossos a esmagares algum dia,  
 Menos dura serás que esta gelada  
     Incessante agonia:  
 Fez-me descreer; roubou-me, n'um momento,  
 À terra o sól, no peito o sentimento!

Dom do ingenho que és tu? que tens? que importas?  
 Que vales ó vaidade transitoria?  
 D'essa flamma só ficam cinzas mortas.  
     Ai! sedento de gloria,  
 Apoz só deixa, — requeimado incenso, —  
 O immenso desejar um vacuo immenso!

Ó morte, asylo extremo ao desditoso  
 Acaso és tu tão feia qual te pintam?  
 Duro aspecto te fingem tenebroso...  
     Quem sabe? — Talvez mintam:  
 Não, no rosto não has de ter horrores  
 Para o triste que pede os teus favores.

Eu, que vi, pedra a pedra, derrocar-se  
 Esse edificio, que erigira a custo,  
 E folha a folha vi pender, murchar-se  
     Cada flor d'este arbusto,  
 Que faço aqui?... Morrer. Morrer!... Não quero  
 É certa a campa: e eu... ainda espero!

Sim: nos ermos d'esta alma uma esperança  
 Floresce, como a palma no deserto;  
 Sobre-lhe um pouco o vento da bonança  
     E o curvo tronco incerto,  
 Crescendo, arqueando a copa buliçosa,  
 De flores cobrirá minh'alma anciosa.

Dois fios, fios unicos no mundo,  
Á borda me sustêm do precipicio :  
Quebrem-se elles... Do abysmo todo o fundo,  
Completo o sacrificio,  
E a fronte inclino.— É um santa amisade ;  
O outro... Sabe-o Deus na eternidade !

## III

Não mais, branda viração,  
Aqui fique o meu segredo :  
Quem me dêra mais contar-te!...  
Não posso, não posso,— é cedo.

Vaes correr o largo mundo  
Vaes, ó doce viração !  
Tudo quizera dizer-te...  
Não, que os homens ouvirão.

Aqui ; basta. Cada tarde  
Vir-te-hei, amiga, esperar ;  
Cada tarde, como agora  
Virei contigo fallar ;

E se esta tenue esperança,  
Que mal creio já possível,  
Dando-me o céu, algum dia  
Mudar meu fado terrível,

Então, minha confidente,  
Pura e grata viração,  
Vem trazer-me a flor da terra  
A melhor da Creação ;

Corre, então, ligeira corre,  
Mais veloz do que hoje vais:  
Verás n'alma descerrada  
Se alguém soube sentir mais.

Nossa Senhora do Monte — Maio, 1846.

### **XIII**

#### **O FILHO DO DESERTO.**

**(DO HISPANROL, DE L. RIVERA.)**

#### **I**

Ondeando aos ares o albornoz tufado,  
No seu ginete, a todo o galopar,  
Rasga as areias do deserto, ousado,  
Ultimo descendente de Ala-mar.

Eil-o. Que bello! A fronte resplendente  
Crestada vai da chamma de um vulcão:  
Incendios tem no fulvo olhar ardente,  
Tem a crença dos seus no coração.

Sólta a redea, o turbante desprendido,  
Galhardo no corselet, barbaro cid,  
Avança rapido o infiel hardido,  
Mais esbelto que a palma d'Almahid.

Arabe moço, intrepida figura,  
No caminho do *Estreito* irrompe já ;  
Ao corpo, deu-lhe Allah a formosura,  
À mente, amor e glorias deu-lhe Allah.

Chega do mar á bronca penedia,  
E ali suspira, e pára triste ali :  
Saudosos os olhos lança á Andaluzia,  
E torna a suspirar, e diz assi :

## II

« Poetica Andaluzia,  
Terra amena dos meus sonhos,  
Pelos teus vergeis risonhos,  
Se me expande a phantasia !  
Minh'alma o espaço bebia. . . .  
Oh ! dae-me espaço á illusão !  
Vôa, vôa, coração,  
Pôr essa esphera encantada,  
Que ali te espera Granada ;  
E é Granada o teu condão.

Granada, ó patria querida  
De tantas lides e amores,  
Onde estão os teus senhores ?  
Onde a phalange aguerrida ?  
Eil-a, a Alhambra adormecida. . .  
O jugo Allah lhe decreta. . .  
Nas sombras, a turba inquieta  
Já não vê a festa amada,  
Porque a estrella de Granada  
Era a estrella do Propheta.

Canta, ao som d'essas cadeias,  
A tua sina inclemente,  
Que já não brilha o crescente  
Pelo tope das ameias;  
Canta as penas em que anceias,  
Canta memorias e amores;  
Sobre esse campo de flores  
Canta, canta os teus pezares,  
E acalenta em teus cantares,  
O somno dos teus senhores!

D'esta plaga, ardente e nua,  
Contemplo o ceo andaluz,  
Onde, entre raios de luz,  
Fulge a luz da gloria tua.  
Oh! terras da meia lua  
Sevilha, Jaen, Granada,  
D'essa ventura passada  
Não conservaes a memoria?  
Ou sois vós de tanta gloria  
Sepultura abandonada?

Ai! sois, que morreu, preclara,  
A raça que vos deu ser:  
Astro audaz de outro poder  
O captivo solo aclara!...  
A minha voz retumbara,  
Chamando ao combate incerto...  
Nenhum era já desperto!  
Só, á guerreira canção,  
O rugido do leão  
Me respondeu no deserto!

Accorda, raça maldicta,  
Ergue-te em nome de Allah!  
Por que abandonas tu já  
A tua melhor mesquita?  
Misera, triste, e proscripta,  
Povo errante e vagabundo,  
Em somno jazes profundo  
Emquanto a patria te chora...  
A patria que foi senhora,  
Senhora de meio mundo!

Adeus pois, Andaluzia,  
Terra amena dos meus sonhos;  
Adeus pois, vergeis risonhos  
De tanto amor e alegria!  
Canta ao choro da agonia,  
Canta, canta o teu senhor,  
Que eu só peço á minha dôr,  
Como um adeus d'essa terra,  
Uma lagrima de guerra  
E outra lagrima de amor!

## III

Com tranquilla altivez o pego encara,  
E outra vez torna o moiro a suspirar;  
Humedecido aos prantos que chorara,  
Satanico lhe fulge o acceso olhar.

Negro o manto da noite vai descendo;  
A espora punge o voador corsel...  
Já — «para sempre» — a gemer dizendo,  
Nas trevas fundas se immergeira o infiel!



## XIV

### O ADEUS DE AUSENTE.

(A MINHA MÃE.)

Denso veo de nevoa densa  
Veste o alvor da madrugada;  
Alveja a serra, vendada  
Por triste mortalha immensa:  
Travam crua, mutua guerra  
Negro o ceo e branca a terra.

Gela o orvalho matutino  
Repassando os meus vestidos,  
E os hirtos membros transidos  
A mover já mal atino:  
Treme o corpo, mas a mente  
Pelo espaço vóa ardente.

No horisonte vaporoso  
 Azas bate a phantasia;  
 E longe, longe me guia,  
 Transportado e pressuroso.  
 Esquece, ó alma, o que vejo  
 Foge, segue o meu desejo.

Porque, entre ardores da guerra,  
 Entre os riscos e entre a lucta,  
 O coração se me enlucta  
 E, descendo para a terra,  
 Uma lagrima gelada  
 Sulca a face envergonhada?

Não, não é fraqueza agora!  
 Não é timida anciedade!  
 São lembranças, é saudade  
 De quem por saudades chora:  
 Meus paes, meus tectos singelos...  
 Quem me derá agora vel-os!

Ó minha mãe, minha amiga,  
 Que mais que nunca amo e preso,  
 De amor vosso peito acceso  
 Lembre o que a vós não se abriga:  
 Da maternal, santa prece  
 Vosso filho não se esquece.

E vós, meu pae, varão justo,  
 Que me vedes empenhado  
 Pelo direito sagrado  
 De um paiz, de um throno Augusto,  
 Não abençoareis, distante,  
 Quem vos chama a cada instante?

Vós, que a minha juventude  
Encaminhastes, discreto,  
Pelo nobre trilho recto.  
Da razão e da virtude,  
Não temaes, — que esse preciso  
O amor m'o lembra e o respeito.

Tambem vós, irmã querida,  
Minha amavel confidente,  
Com quem, afflicto ou contente,  
Repartia outr'ora a vida,  
Quem me dera, estreito e terno,  
De novo o abraço fraterno!

Ai! familia idolatrada,  
Meus irmãos, meus companheiros,  
Vós, dos annos meus primeiros  
Consolação desejada,  
Recebei d'est'alma anciosa  
Uma lembrança saudosa!

Que importa que a tempestade  
O rosto venha açoitar-me?  
Eu tenho para animar-me  
D'estes que invoco a amizade.  
Tolde a neve embora o dia:  
O coração não me esfria.

Do dever, da patria escravo  
Bebo a taça da amargura:  
É de fel; mas a ternura  
Adoçar-lhe pode o travo.  
Vossas lembranças, que espero,  
São meu premio: outro não quero.

N'estas imagens saudosas  
Se compraz a phantasia:  
Vivo n'ellas noite e dia,  
São-me gratas... e penosas.  
Se as vejo, doe a anciedade  
Se as choro, punge a saudade!

Findo aqui: missão mais forte  
Rouba este bem derradeiro:  
Foi um goso passageiro;  
Fica da magoa o transporte..  
Mas se a voz nos labios cala,  
Guardo-a n'alma, e n'alma falla.

Adeus, vós todos que eu amo,  
Paes, amigos, e parentes;  
Ouvi as vozes ardentes  
Com que de longe vos chamo.  
Objectos dos votos meus  
Aguardae-me e orae — Adeus!

Minho—1847.

XV

CARIDADE E GRATIDÃO

(RECITADA NO THEATRO DE S. CARLOS POR OCCASIÃO DA SOLEMNIDADE  
EM BENEFICIO DAS FAMILIÁS INDIGENTES DO ALGARVE.)

I

Da relva na densa alfombra,  
Ao verde abrigo do ulmeiro,  
Que sobre inquieto ribeiro  
Inclina o mysterio e a sombra,

Flor, que a modestia resume,  
Cresce a violeta singela ;  
E os thesouros só revela  
Pelo nativo perfume.

Tal, em segredo, consola  
A virtude bemfazeja,  
Que mais perfuma e floreja  
No conforto que na esmola ;

Tal faz a provida mão,  
Que, escondida, sabe ver  
Em cada angustia um dever,  
Em cada afflicto um irmão.

Este auxilio protector, —  
Segundo o sancto preceito, —  
Só se sente pelo effeito,  
Como pelo aroma a flor.

Mas não basta muitas vezes  
Esse ignoto beneficio:  
Subir deve o sacrificio  
Quando sobem os revezes.

Não brilha só na humildade  
Do fraterno amor a idéa;  
Não é menor se pompêa  
Nas festas da caridade.

Ao mavioso som dos cantos,  
Do lustre aos vivos clarões,  
Vibram muitos corações,  
Muitas mãos enxugam prantos.

Englobam-se aureas parcellas  
N'um conjuncto de esplendores...  
Como a noite esconde as flores,  
O sol esconde as estrellas.

E bello, é nobre, é christão, —  
E Deus na terra o abenço! —  
Depôr das artes a c'roa  
Nas aras do coração.

Justifica-se a grandeza,  
Sabe melhor a existência,  
Quando o festim da opulência  
Leva um sorriso à pobreza.

Em torno do humilde lar,  
Que um grato dom tortalete,  
É cada bocca uma prece,  
E cada peito um altar.

Qual festa jámais valeu  
Applausos taes e taes palmas?  
É bastante para as almas,  
E dá sobras para o ceo!

## II

Em torrentes o ceo, em furia o oceano,  
O sol ameaçam na voraz tormenta;  
De dia para dia cresce o dâmao,  
De hora em hora uma dôr outra accrescenta.

Convulsa, exhausta, na agonia intensa  
A terra treme do diluvio novo;  
É mar de vagas a planura immensa,  
Rios de pranto os olhos são de um povo.

As ondas bravas, remetendo a pino,  
Estalam nos parceiros as duras quilbas,  
E, na praia alagada, já sem tino,  
Alçam as mãos, esposas, mães e filhas.

No alto do monte o lavrador perdido,  
Por entre a cerração contempla... e chora!...  
Vendo afundir, no campo submergido,  
O colmo e o lar, que o turbilhão devora.

O fertil patrimonio, que amou tanto,  
Tornou-se um areal, ociosa herdade:  
Debalde busca ali sequer um canto  
Em que possa abrigar uma saudade.

Troncos lascados, confundidos tectos,  
Toldam lagos, que foram já campinas;  
E o vendaval, que varre os mil objectos,  
Co'as ruinas faz inda outras ruinas.

O remedio, as esp'ranças, os suores,  
Tudo vai na maré que os plainos cobre:  
Um mal faz antever males maiores;  
O pobre não tem pão, o rico é pobre!

As cidades vacillam delirantes  
Nas raizes de pedra sacudidas;  
Corre a turba a implorar, com ais cortantes,  
Soccorro ás almas, inda mais que ás vidas.

Para remate d'este quadro infando,  
Livido espectro, que se abraça á fome,  
Colhendo o que a miseria andou lavrando,  
Percorre os povos que entre luctos some.

Inteira uma provincia devastada,  
Quasi sem voz, e quasi já sem norte,  
De tantos infortunios aterrada,  
Por extremo favor espera a morte...

### III

Não irmãos! Irmãos contaes!  
Tende fé na vossa estrella:  
Segue a bonança á procella,  
E o conforto a lances taes.



Ha corações generosos !  
Quando lagrimas sentidas  
Deslisam d'olhos formosos,  
São em per'las convertidas.

Na beneficente alliança,  
Como a pomba da arca antiga,  
Santa Providencia amiga  
Vos leva o ramo da esp'rança.

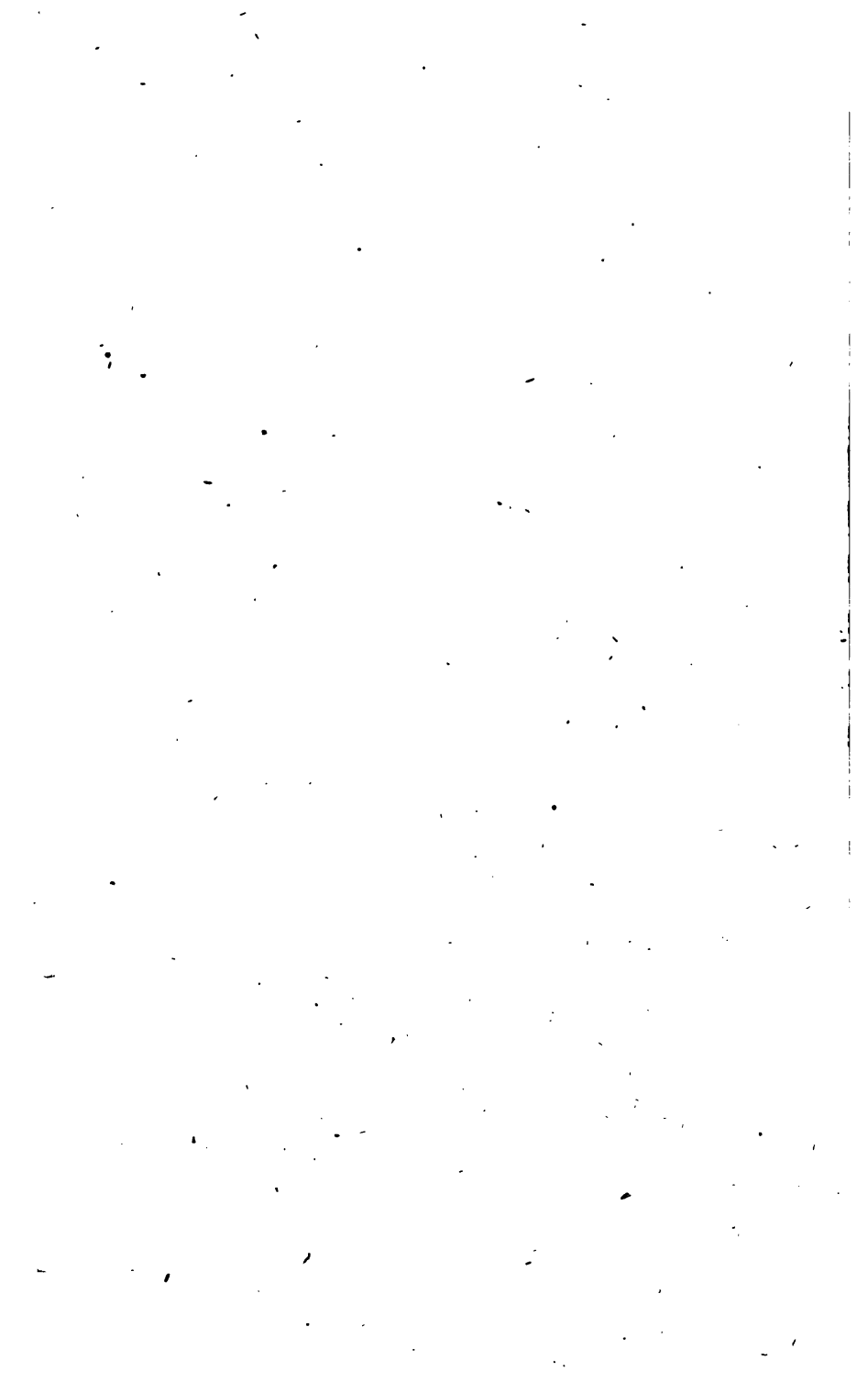
Quanto mais se exalta o mal,  
Mais se exalta o sentimento :  
Soando a voz fraternal  
Ninguem falta ao chamamento.

Além dos extensos mares,  
O amor de patria é fecundo ;  
Não esquece o novo mundo,  
Na angustia, os paternos lares.

Aqui, por mãos melindrosas,  
Sempre abertas á desdita,  
Mostram as almas piedosas  
A caridade infinita.

Honra pois, honra e louvor  
A quem sabe, docemente,  
O leito nu do indigente  
Doirar de um raio de amor !

Fallou singela a verdade  
Em nome de um povo irmão :  
É tributo á caridade  
Pela voz da gratidão.



## XVI

### N'UM ALBUM.

Qualquer pagina d'um album,  
Como um dia na existencia,  
Ou é rápida impressão,  
Ou hypocrita apparencia.

Se é banal, provoca o tedio;  
Causa riso, se affectada: —  
Corto a duvida traçando  
Uma memoria, e mais nada.

Mas que memoria? Não sei.  
Triste? Fôra profanal-a.  
Festiva? É rara a que tenho.  
De affecto? É melhor guardal-a.

Creio pouco, em meu conceito,  
No que, de mais prompto e franco,  
Abre e entorna o coração  
Na primeira folha em branco.

Antes em branco deixal-a  
(E ninguém de tal se enfade)  
Do que tornal-a em vulgar  
Epitaphio da verdade.

Nada val? Podem volvel-a,  
Ou cortal-a; e, desprendida,  
Ficará... o que são tantas...  
Mais uma folha cahida!

Cahida a vereis fugindo,  
Em turbilhão vagabundo,  
Pela veia tenebrosa  
Do esquecimento profundo,

Como da rosa silvestre,  
À sombra espessa do matto,  
Foge a folha desmaiada  
Sobre a lympha do regato.

## XVII

### A FESTA DE CORPO DE DEUS NA ALDEA.

(VENTIDO DO FRANCHZ.)

#### I

Já de Cancer ardente  
O fecundo calor  
Amadurece os trigos,  
E vai corar a flor.  
Usana dos seus dons,  
Risonha a natureza  
Reveste, em vindo a aurora,  
As galas da belleza.  
O estio, no seu throno,  
Como em côrte, irradia  
As pompas, ostentando  
O fogo e a luz do dia.

No campo afortunado,  
 Que rescende fragancias,  
 Indica tudo jubilos,  
 Tudo afiança abundancias.  
 Esp'rançado o cultor,  
 N'estes dias sem veos,  
 De amor um canto grato  
 Eleva para os ceos.  
 O pio, sancto rito  
 Enflora a fronte á grey,  
 Que vai a sua off'renda  
 Levar do mundo ao rei!

## II

Distante das cidades, —  
 Em paz vivendo occulto, —  
 Que encantos me não deu  
 Este sereno culto!  
 O sitio o mesmo é inda,  
 A mesma a gratidão,  
 E, bemfeitor, o ceo  
 Inspira o coração.  
 Os votos são mais puros,  
 Revelam mais candor;  
 E quanto o peito sente  
 A bocca diz melhor!

O quadro deleitoso  
 Da festa campezina  
 Parece que inda agora  
 Os olhos me illumina.  
 Revejo o adro, e o templo,  
 E a cruz da minha aldeia:  
 Sob os pinceis despontam  
 A imagem mais a idéa.

## III

Brilhante o astro do dia,  
Seguia o curso ardente,  
Jorrando nas encostas  
A luz, como em torrente,  
Por ceo de anil vibrando  
Os raios inflammados!

Junto ao portal, e em rede  
Das campas dos passados,  
Que, despojando o lucto,  
Vestidas de verdura,  
Mostravam côr d'esp'rança  
Das relvas na espessura,  
O povo se ajuntava  
Em grupos dividido.

Como elle, em seu transporte,  
No dia appetecido,  
Revê o antigo rito  
D'estas festas pômposas,  
Que loucos proscreveram  
Por leis abominosas!  
Como, aspirando unanime  
Contentamento e amor,  
Affectuosa a turba  
Acolhe o seu pastor!

E o bom pastor reveste  
O sacro paramento,  
Que tanto abandonara  
Culposo esquecimento.

Qual, da morte surgindo,  
Feliz convalescente  
A' natureza lança,

Grato, o olhar complacente;  
Tal-o ancião venturoso,  
Volvendo á patria e á vida,  
Ao jubilo descerra  
Sua alma enternecida.

Em tempos dolorosos  
De insanias e de guerras,  
Dez annos amargara  
Por estrangeiras terras.  
Foi esta a recompensa  
Do seu fervor constante,  
Quando apenas pedia,  
No desterro incessante,  
O templo, em que do Eterno  
Cantara os beneficios,  
E onde expozera o verbo,  
Despido de artificios;  
O jardim, que plantara;  
E os amigos da infancia;  
E o simples presbyterio,  
E a modesta abundancia!

Emfim torna a ver tudo  
Quanto assim desejara!  
Benigno, já se esquece  
Dos transe que passara;  
E, posto que a fortuna  
Lhe provasse o rigor,  
Ainda o pão dos pobres  
Amassa com fervor.

## IV

O bronze sonoro,  
Nos ares já vibrado,



Adverte da partida  
O instante desejado.  
Encaminha-se a aldêa  
Em filas alternadas,  
Sem se ornar das cidades  
Co'as pompas falseadas.  
Brocados preciosos  
Ali não se mostravam;  
Lavor e pedrarias  
Aos olhos não brilhavam;  
Mórtos ramos inodoros  
De ficticia belleza.  
O altar não desluziam  
Ao Deus da natureza;  
O orgulho dos potentes,  
Sequioso de offuscar,  
Não vinha ali do luxo  
O esplendor ostentar.

Quanto eu lhe avantajava  
Da pobre aldêa a festa,  
Desenfeitada e rustica,  
Mas simples e modesta!

De vê-la se enternece  
Alma que sabe amar!

Primeiro, os lavradores,  
Os anciãos do Logar, —  
Cuja fronte, severa,  
Despiram sãos cuidados, —  
Em grupo caminhavam  
Nas rezas enlevados.

O séquito piedoso,  
Não longe, em procissão  
Seguia, precedido

Do sagrado pendão.  
 Depressa as ramas densas  
 De sombra vem cobril-o ;  
 Que em deveza profunda,  
 Sandoso e fresco asylo,  
 A turba se apertava  
 Em honra do seu Deus,  
 De canticos sentidos  
 Enchendo terra e ceos.

Do Rei dos reis diante,  
 Sob as verdes arcadas,  
 As campestres donzellas  
 Das resas desfolhadas  
 As petalas, no solo,  
 Profusas, espalhavam,  
 Mesolando o seu perfume  
 Ao que ellas exhalavam ;

O incenso, que Sabah  
 Outr'ora fez potente,  
 Em rolos odoríferos  
 Subia docemente,  
 E em vaporosa nuvem  
 Sobre os prados pairava.

As vozes dos aneiãos  
 O canto se juntava.

Enamoravam aves  
 O rustico thesouro ;  
 E os portaes inflammava  
 Do seu palacio de ouro  
 O sol, já coroad  
 De mais amplo esplendor,  
 Nas arvores copadas  
 Detendo o seu ardor !

## V

E eu folgava revendo  
Da aldêa a turba amiga  
Das selvas no mysterio,  
Como na idade antiga,  
A celebrar o Eterno  
Em seus cantos sinceros !

Ao Senhor não pediam  
Esses homens austeros  
Nem brilho de palacios,  
Nem luxo das cidades,  
Nem fama de deleites,  
Nem fumo de vaidades.

Diziam : — « Prosperae-nos  
« Nossos trigos e gados !  
« Que um dia os filhos nossos,  
« Em torno congregados,  
« O gosso hyverno de annos  
« Ao sol dos seus aqueçam ;  
« E nunca os seus destinos  
« Tristes prantos nos peçam.  
« Por indole singelos,  
« E por amor ditosos,  
« Que presem, sempre unidos,  
« Estes campos formosos ! »

Depois, a pompa sancta  
Da alegre procissão  
Percorre a aldêa humilde,  
Inspira a devoção.

## VI

Que maviosas scenas  
Aos olhos se offerecem !

Alguns velhos, enfermos,  
Que os annos entorpecem,  
Vem adorar a Deus  
Das choupanas ás portas,  
Da mocidade as forças  
Deplorando já mortas.

Oh! velhos, consolae-vos  
Vendo o solo medrado  
Pelo braço, que pende  
De ser util cançado!

O genio que á crueza  
Antepunha a clemencia,  
A desgraça acolhendo,  
Ajudando a indigencia,  
Do angelico refugio  
Vos prômette a doçura. . .  
Não tendes pois ahí  
A imagem da ventura?

Filhos e netos vendo-vos  
Por vós o ceo imploram,  
E de afagosos risos  
Vossa velhice enfloram.

À volta do festejo,  
Mal a calma declina,  
Quando o horisonte claro  
Dá saudade á campina,  
E, posto o rubro manto,  
Da sombra precursor,  
Quando, impellindo as auras,  
As selvas dá rumor,  
Irão todos contentes,  
Ao vosso humilde lar,  
Do filial affecto.

As delicias provar ;  
E, por vós presidido  
O folgado serão,  
Remoçará prazeres  
Ao senil coração.  
Dos velhos patriarchas,  
N'estes dias amenos,  
Jurareis que volveram  
Os jubilos serenos !...

## VII

Ail! deixo-vos. Á festa  
Me torno commovido.

Rude, coberto de hera  
Da idade carcomido,  
Venerando um carvalho  
Ampla espaço sombrêa :  
Ali, rompendo a aurora,  
As donzellas da aldêa  
A' sombra levantaram  
Um throno de verdura :  
O musgo, em festões longos,  
Lhe forma a bordadura ;  
Os lyrios, dos dois lados,  
O estrellam de alva côr ;  
E a rosa ostenta em feixes  
Rutilante o frescor.

Aquelle solio ingenuo,  
Pela innocencia ornado,  
Do Senhor ao descanso  
Estava destinado.

VIII

De taes sitios o aspecto,  
De tal scena a ternura,  
O espirito me enlewa  
Na paz mais sancta e pura.  
Como que o pensamento  
Em si mesmo se encerra,  
E para melhor mundo  
Se afasta enfim da terra.

IX

Mudez solemne ao ermo  
Fazendo já quebrar,  
O povo, lentamente,  
Cercou o agreste altar!  
Com que sancto respeito  
Da aldeã o bom pastor,  
Sósinho, e atravessando  
O solo todo em flor,  
O Rei dos reis, que leva  
Na hostia sacrosancta,  
Ante o povo, prostrado,  
Reverente levanta!

Sincera a turba inteira,  
Curvada a fronte á crença,  
Dó universal monarcha  
Adorou a presença;  
E cada qual julgava,  
No ardor da devoção,  
Que o seu Deus lhe descia  
Ao proprio coração;  
Não esse Deus, armado  
Do raio vingador,  
Que no funesto dia,

No dia do rigor,  
Virá, entre coriscos,  
Cercando-a e pavor fundo,  
Surgir á terra attonita  
Horrorizando o mundo;  
Não esse; mas um Deus  
Que o seu fulgor tempera,  
E como um pai se mostra  
A' familia que o espera,  
Os males consolando  
E dando, no tormento,  
Ao infortunio a cap'anga,  
A' dor o esquecimento!

X

Para o antigo recinto  
Que pra a oração,  
O povo já dirige  
O modesto pendão.

Qual grupo harmonioso,  
Que em confusão caminha,  
Não longe do cruzeiro  
Agora burburinha?

De amor e de respeito  
Constante rodadas,  
As mães vejo da aldeia  
Dos filhos seus orçadas:  
Sorri-lhas tudo aos olhos  
N'este alegre momento:  
Tem n'elles o alvoroço  
Do eterno sentimento.

As donzellas festivas,  
D'alvo linho trajadas,

Adornam-se de graças  
Que não são estudadas,  
E á vista reproduzem  
O côro encantador  
Dos anjos, enfeitados  
De innocencia e de amor.

O Deus seguíam todas,  
Que a terra festejava ;  
Sua voz qual sua alma  
O artificio ignorava.  
Crente e amante a piedade,  
Provocando a ternura,  
Por seus labios soltava  
Ineffavel doçura.  
E os cantos, irrompendo  
Nos porticos divinos,  
Dissereis que se uniam  
Do ceo aos proprios hymnos!

## XI

Eis já do templo sancto  
O espaço consagrado  
Pelo piedoso sequito  
Em silencio occupado.  
Começa no altar-mór  
O augusto sacrificio,  
Mysterio, todo amor,  
Que torna o ceo propicio,  
Que aos proprios mortos presta  
Remindo-lhes a pena...

Assim a augusta scena  
Deu fim áquella festa !



## **XVIII**

### **A INFANTE DE GRANADA.**

**El-rei moiro de Granada  
Passou pelo prado um dia :  
Era moço, gentil era,  
E gentilmente sorria.**

**Cavallo que elle levava  
Aço rijo mal soffria ;  
Era todo pedras fiças  
Duro alfange que trazia.**

**Bordado albornoz trajava,  
Luzentes armas vestia :  
Do senhoril, regio porte  
Captivava a sob'rania.**

Tambem lá era no prado,  
Linda moça que gemia,  
Colhendo penas e flores  
N'aquelle chão á porfia:

Eram flores de saudade  
As flores que ella colhia;  
Eram penas de ser pobre  
As penas que ella carpia.

Olhos negros como os d'ella,  
Nas Hispanhas não havia;  
Nem nos paços de Sevilha,  
Nem por toda Andaluzia.

Dos nobres modos que tinha  
Namorava a galhardia:  
Se não fôra ser vaidosa,  
Mais do que um anjo seria.

Como el-rei tão triste a visse  
Para o pé d'ella corria;  
E, desmontando apressado,  
Estes ditos lhe dizia:

— « Porque choraes vós, menina,  
« Com tão grande tyrannia?  
« A magoa que vos magoa  
« Muito maior magoa cria.

« Os vossos prantos, senhora,  
« Tem não sei que sympathia;  
« Em quanto vós pranteaveis,  
« Eu tambem prantos vertia.

« Se algum occulto segredo  
« O desejo vos dizia,  
« Contae-m'o vós: se o contasseis  
« Eu heím prompto o cumpriria.

•  
« Enfeitara-vos de per'las,  
« De rubís vos cobriria;  
« Miramolins coroados  
« Por escravos vos daria.

« Não ha em terras de crentes,  
« Quem me não tome por guia;  
« Nem cavalleiro tampouco  
« De maior cavallaria.

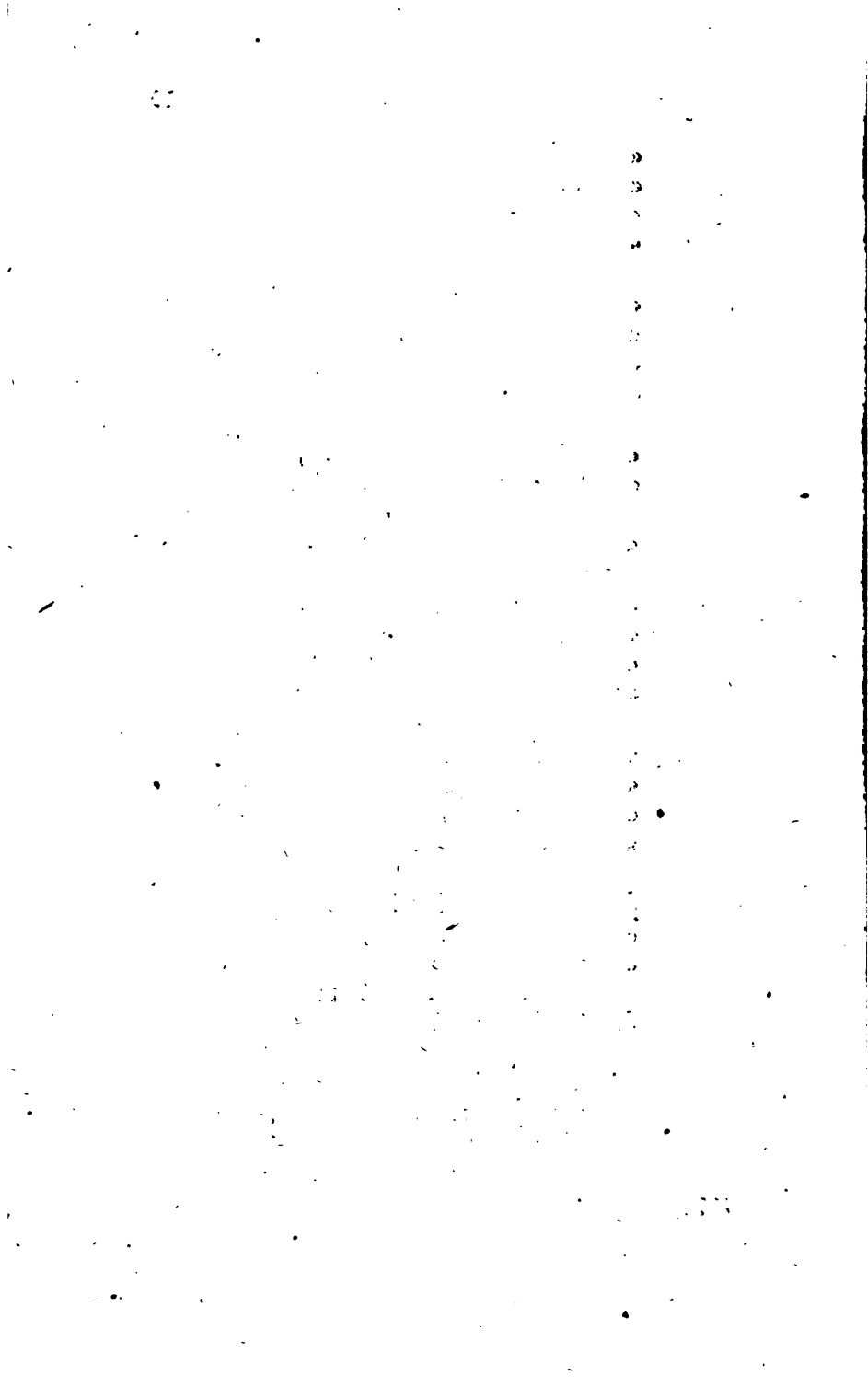
« Dez imperios... e este alfange  
« A vossos pés eu poria.  
« Que mulher, que huri celeste  
« Invejar-vos não havia?

« Vinde comigo, senhora,  
« Quero dar-vos a alegria;  
« Quero cumprir-vos á risca  
« Palavras que vos dizia.

« Vinde, sereis nobre infante  
« De mui nobre senhoria,  
« E quem sabe... »

A gentil moça  
Já não chorava, já ria!...

El-rei moiro de Granada,  
Mal um mez corrido havia,  
Da pobre moça na fronte  
Real corôa cingia.



## XIX

CHROMIS E LYCHERA.

IDYLIO.

(IMITAÇÃO DO ANTIGO.)

LYCHERA.

— Moço Chromis, vem depressa ;  
Tenho-te amor, e sou bella :  
Alva sou como Diana,  
E sou ligeira como ella ;

Sou como ella altiva e forte ;  
E os pastores, ao sol postò,  
Quando passo junto d'elles  
Sem volver sequer o rosto,

Duvidam se é de mortal  
A minha presença airosa,  
E, alongando os olhos, dizem :  
—«Ai! Venus! Como é formosa!»

## CHROMIS.

Esses penhascos, Lychera,  
Por que hasde tu habitar?  
Não vou, que em zelos me accendo;  
Tenho ciumes do mar.

Vem tu. As selvas tem colmos  
De solidão deleitosa:  
A' rosa dá sombra a murta,  
Ao musgo dá sombra a rosa.

Lychera, não te mergulhes  
N'esse inconstante cristal;  
Que sejas deusa receio,  
Receio o ser eu mortal.

Temo que os nautas invoquem  
Na tormenta que os espera,  
A Galathéa divina...  
Ou a divina Lychera!

## XX

### AS LADAINHAS DE MAIO.

(VERTIDO DO FRANCEZ.)

#### I

Torna emfim a saudar-se,  
Na estação delectosa,  
Esta solemnidade,  
Tão grata e jubilosa ;  
N'ella a religião  
Co'a piedade christan,  
Ajuda das aldêas  
O trabalhoso afan.

Dês que Maio floresce,  
As turbas campesinas  
As longas procissões  
Começam nas campinas.

## II

Mal o nuncio da aurora,  
O cantor do casal,  
Nos pateos, arrogante,  
Da festa dá signal,  
Logo, a rustica turba,  
Em varia caravana,  
Deserta do palacio,  
Deserta da choupana.

## III

Ao portico da egreja  
O povo está grupado,  
Estendendo-se em filas,  
D'um lado e d'outro lado.

Eil-o já do Logar  
O cura respeitavel,  
D'este rebapho amado  
Pastor recommendavel.  
Elle mesmo ha traçado  
De tal dia o prazer ;  
O caminho, os descansos,  
O partir, o volver.

## IV

Lá vão. O brando sopro  
Da flórída estação  
Ondêa as ricas pregas  
Do esplendido pendão.  
Segue-lhe a cruz de prata,  
E, com maior cuidado,  
O sancto padroeiro  
No seu andor doirado ;



Apostolo ou pontifice,  
Ou martyr animoso,  
Os hombros vergam curvos  
Ao peso precioso.

Os seus alvos roquetes,  
Suas vestes de linho,  
Faz voltear a aragem,  
Em dobras, no caminho ;  
Ricas fachas de seda,  
E o manto recamado,  
Em desusada pompa  
Mostra ao surpreso prado.

Da christan lithurgia  
O culto apparatuso  
Mais bello praz, ao sol  
De um dia luminoso.

## V

O guia da oração,  
Alma e orgulho da festa,  
O ministro sagrado,  
Caminha e brilha á testa ;  
Murmura o breviario,  
Ou, a voz alteando,  
Os hymnos e os responsos  
Solemne vai cantando.

E cada qual anima  
O sancto itinerario !

Qual nas devotas mãos  
Voltêa o seu rosario !

Diante, em roda, tudo  
Parece respirar :  
Anima-os a esperança,  
Que a prece faz esp'rar.  
Alegre a confiança  
Lhes paira sobre as terras,  
No ambito dos valles,  
E na eufésta das serras.

Se encontram no caminho,  
Sob o carvalho e ulmeiro,  
Nos ermos da campina,  
Da aldêa o padroeiro...  
Os passos seus suspendem,  
E o simulachro. antigo  
Recebe um voto ingenuo  
E um hymno, ao seu abrigo.

## VIII

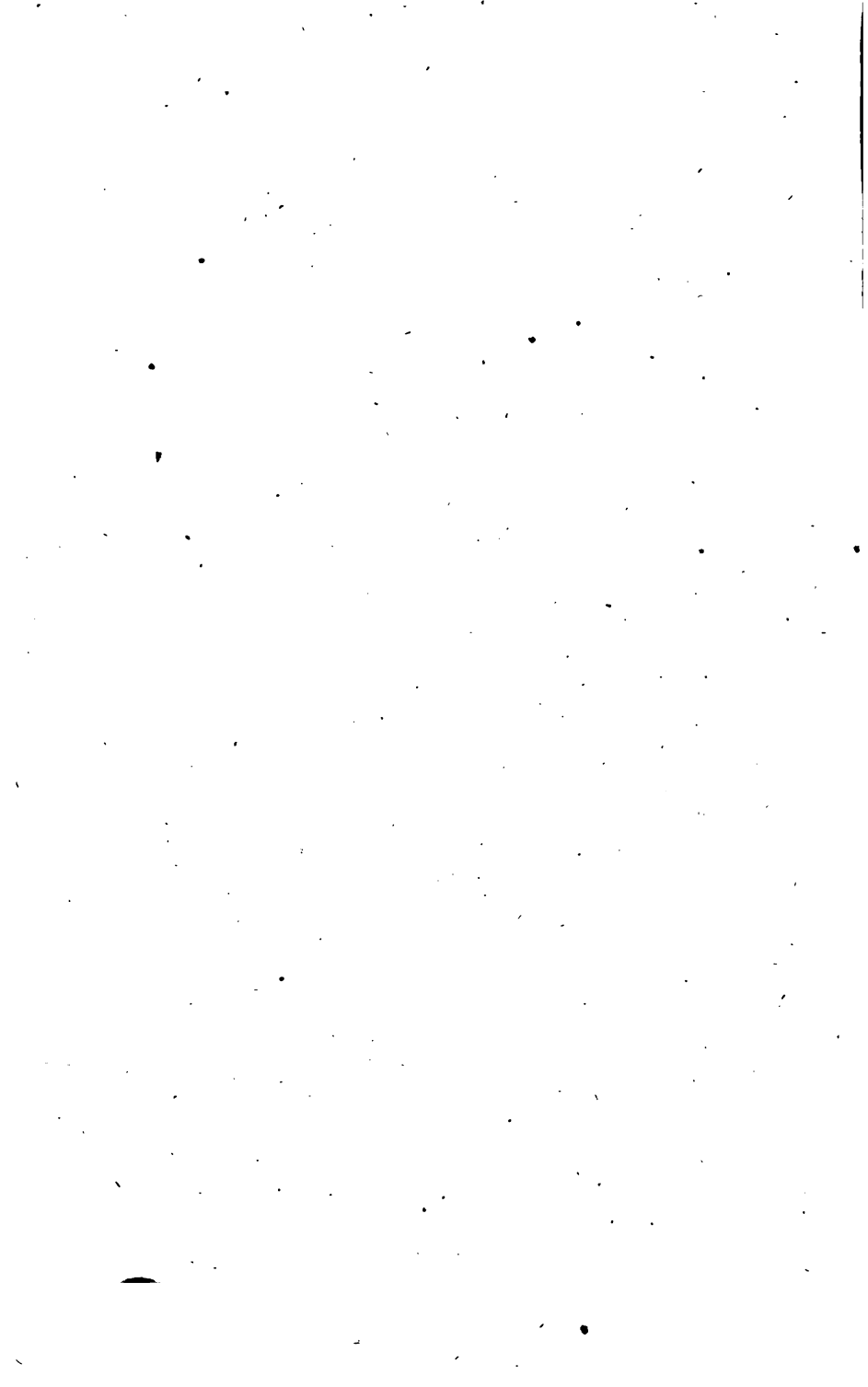
Chegando a noite, volvem,  
E, até que o sol rebenta,  
Com sonhos fortuneiros  
O somno os acalenta.  
Feliz a phantasia  
Lhes acogula, inteiros,  
Co'a vindima os lagares,  
Com o grão os celeiros.  
Calcando, até á aurora,  
N'estas visões amigas,  
Bastos colchões de flores,  
E almofadas de espigas,  
Os fructos julgam ter,  
E os feixes proveitosos ;  
E gosam dos thesouros  
Que pedem pressurosos,

## IX

Risonha, minha aldêa,  
Morada venturosa,  
Rever-te julgo ainda  
N'essa festa formosa,  
Em que eu, todo soberbo  
De entrar na procissão,  
Criança me juntava  
Às mais da povoação!

Ha quanto tempo, ai! quanto  
Estes quadros não vejo,  
Baldando o meu desejo!...

O rosto volto, em pranto  
Que provoca a saudade,  
Aquella tenra idade;  
E cresce, na candura  
D'esta infantil historia,  
Co'a saudade a memoria,  
Co'a memoria a ternura!



## XXI

### NO ALTO DA AJUDA!

Nas orlas do Occidente;  
O sol se inclina ao mar;  
Um raio do Poente  
Me vem aos pés vihrar;  
E, como seu trophéo,  
No horizonte deirado,  
De purpura tarjado, esplende o ceo!

Ao longe rugem o oceano;  
Rescende ao perto a flor;  
Além, o pego insano;  
Aqui um casto amor;  
A imagem do poder;  
E da belleza a imagem;  
De um Deus alta mensagem, mandam crer.

Os olhos á memoria  
Recordam quanto foi ;  
Uma folha da historia,  
O rastro d'um heroe :  
A praia corre além,  
Que outr'ora era o Restello,  
E, por devoto zelo, hoje é Belem !

D'ali partira o Gama,  
E os nautas seus rivaes,  
Levando a nossa fama  
Ás terras orientaes ;  
Ali, por mãos da grey,  
Surgiu o padrão novo,  
Que erguera a um grande povo um grande rei.

Ao pio monumento  
Os feros galeões  
Traziam, por cimento,  
As páreas das nações ;  
No rendado portal,  
Que o tempo não consome,  
Inteiro diz seu nome Portugal.

Mais longe, sentinellas  
Perdidas entre as vagas,  
As torres, sobre as fragas,  
Competem co'as estrellas ;  
E o rotante pharol,  
Ao navegante incerto,  
Das aguas no deserto, suppre o sol.

Ao lado meu se altêa,  
Em parte, o regio paço,  
Que, dominando o espaço,  
O oiteiro senhorêa.  
Fugir vejo a meus pés  
O rio, que murmura,  
Como foge á ternura a timidez.

A vela, que a bonança  
Conduz no azul do Tejo,  
Parece uma esperança  
Vogando n'um desejo;  
Este aspecto me faz  
Saudades do infinito,  
Que n'elle vejo escripto affecto e paz.

Silencio é tudo em roda!  
Calou-se a terra e o mar!  
A natureza toda  
Parece repousar.  
Direis que vem dos ceos  
A doce viração  
Fallar ao coração de amor e Deus!

Sumiu-se o astro do dia  
N'um pego de rubi,  
Deixando apoz de si  
Casta a melancholia;  
E o pallido luar,  
No raio, que desata,  
Faz um lago de prata scintillar.

O sitio, a occasião  
Mergulha o pensamento  
No azul do firmamento,  
Do oceano na amplidão;  
E o pensamento já,  
No infinito, em que creê,  
A pura imagem vê que n'alma está.



## XXII

### PERIPECIAS.

Que linda estavas, dizendo  
Quanto occulto n'alma tinhas,  
Toda vibrando e tremendo,  
As tuas mãos entre as minhas,  
Convulsas, em febre ardendo!

Como te affrontava a côr  
O afogueado semblante,  
Rubra nuvem do pudor  
Que reflectia brilhante  
O vivo incendio de amor!

Os olhos volvias lentos;  
Arfava-te anciado o seio:  
Baralhando os pensamentos,  
No silencio d'esse enleio  
Eram as horas momentos!

Quem diria que, tão breve  
D'essas horas esquecida,  
Alma inquieta, affecto leve,  
Ultrajarias na vida  
O que á vida mais se deve!

Aquelle rubor ficticio  
Purpura foi de irrisão,  
Com que, por maior flagicio,  
Me vestiste o coração  
Das insignias do supplicio.

A palavra, eil-a baldada!  
Foi a promessa motejo!  
O mesmo pudor cilada!  
O sentimento desejo! •  
Vão o espirito! O amor nada!

De que te assombras tu logo  
Se, em colerica paixão,  
Justamente desafogo?  
Têm queimores a traição,  
E um fogo ateia outro fogo.

Pintaste chammas fingidas;  
Este doe porque é sincero:  
As tuas juras mentidas  
Com ellé reduzir quero  
A vis cinzas espargidas.

Tornaste-me a crença pura  
N'estes raios de vingança;  
E, com crueza tão dura,  
Que até me queimaste a esp'rança  
Sobre os restos da ventura!

XXIII

ADEUS A LISBOA!

(CANÇÃO DE DESPEDIDA, ESCRITA PARA A INSIGNE ACTRIZ SANNAZARO.)

I

Adeus, formosa cidade,  
Adeus, amavel nação:  
Levo de vós a saudade,  
Em vós deixou o coração.

Este sol que a mente inflamma  
Me inflamma as gratas canções. .,  
Adeus, herdeiros do Gama,  
Adeus, filhos de Camões.

Ai! terra de gloria, bemdicta dos ceos,  
Adeus, Lisboa, adeus!

## II

Terra de amor e poesia,  
 Terra de gloria e de amor,  
 Sultana do Meio-dia,  
 E da Peninsula a flor,  
     És na belleza uma dama  
 És um varão nas acções...  
 Adeus, herdeiros do Gama,  
 Adeus, filhos de Camões.

Ai! terra de gloria, bemdicta dos ceos,  
 Adeus, Lisboa, adeus!

## III

Beijo os louros, que na frente  
 A tua mão me poisou:  
 Dal-os pode quem no Oriente  
 Tão bastos louros ceifou.  
     Fez-te grande e nobre a fama,  
 Nobre acclamam-te as nações...  
 Adeus, herdeiros do Gama,  
 Adeus, filhos de Camões.

Ai! terra de gloria, bemdicta dos ceos,  
 Adeus, Lisboa, adeus!

## IV

Guerreira, fixas teus lares  
 Às moiras portas de Fez;  
 Nauta, ondêas em cem mares  
 O pavilhão portuguez.  
     Do alto genio a viva chamma  
 Arde em tuas tradições...  
 Adeus, herdeiros do Gama,  
 Adeus, filhos de Camões!

Ai! terra de gloria, bemdicta dos ceos,  
 Adeus, Lisboa, adeus!

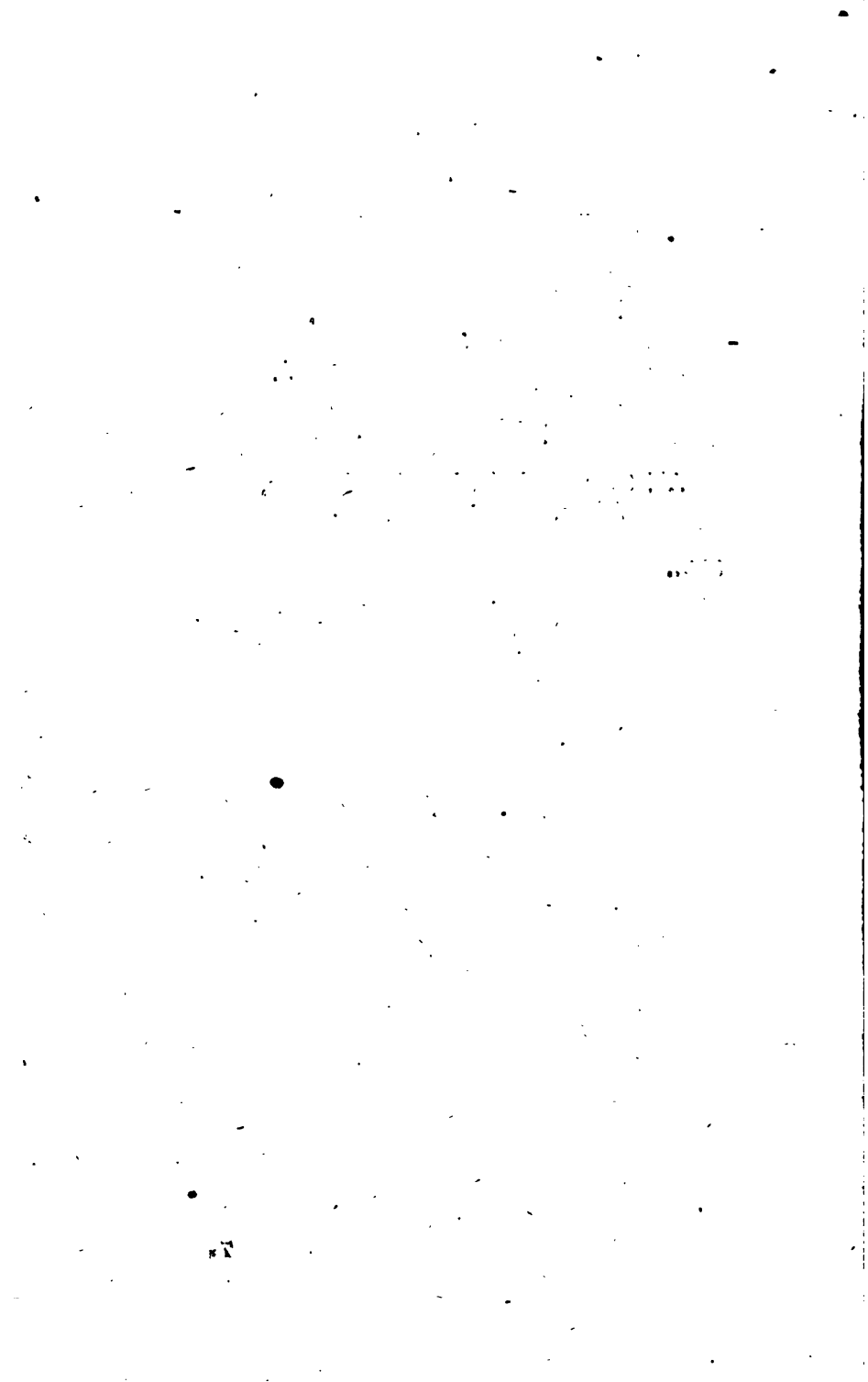
## V

Mollemente reclinada  
Nos floridos laranjaes,  
Fronte d'astros esmaltada,  
Pés banhando-se em cristaes,

Lisboa, só te não ama  
Quem te ignora as perfeições...  
Adeus, herdeiros do Gama,  
Adeus patria de Camões.

Ai! terra de gloria, bemdicta dos ceos,  
Adeus, Lisboa, adeus!

185...



## XXIV

### ALTA NOITE.

Já todas declinam  
As lépidas galas,  
Ornato das festas,  
Orgulho das salas.

Anceia anhelante  
O baile a findar,  
E os ramos nos seios  
Vão-se a desfolhar.

A célere walsa  
Gyra em turbilhão ;  
Trêfego voltêa  
Lesto cotilhão,

Alta vae a noite,  
 Alto o luar vae,  
 Na vidraça, aos beijos,  
 Desmaiado cae.

Mudos se namoram  
 Terra e ceos, lá fora ;  
 E em delirio, aqui,  
 Voa a instavel hora.

Mas horas que importam  
 Se o prazer, sem medo,  
 Entre os raros grupos  
 Folga em mais segredo ?

Se é mais branda a voz,  
 E faz dardejar  
 Desbotado o rosto  
 Mais ardente o olhar ?

Se as faces e as flores  
 Parece que imploram,  
 E mais ternas pendem  
 Quanto mais descoram ?

Que importa, se, ao cabo,  
 Um enlevo fundo  
 Une o par, que esquece  
 O resto do mundo ?

.....

Se as grinaldas tobam,  
 Se os setins estalam. . .  
 Quem repara nisso,  
 Quando as almas fallam ?



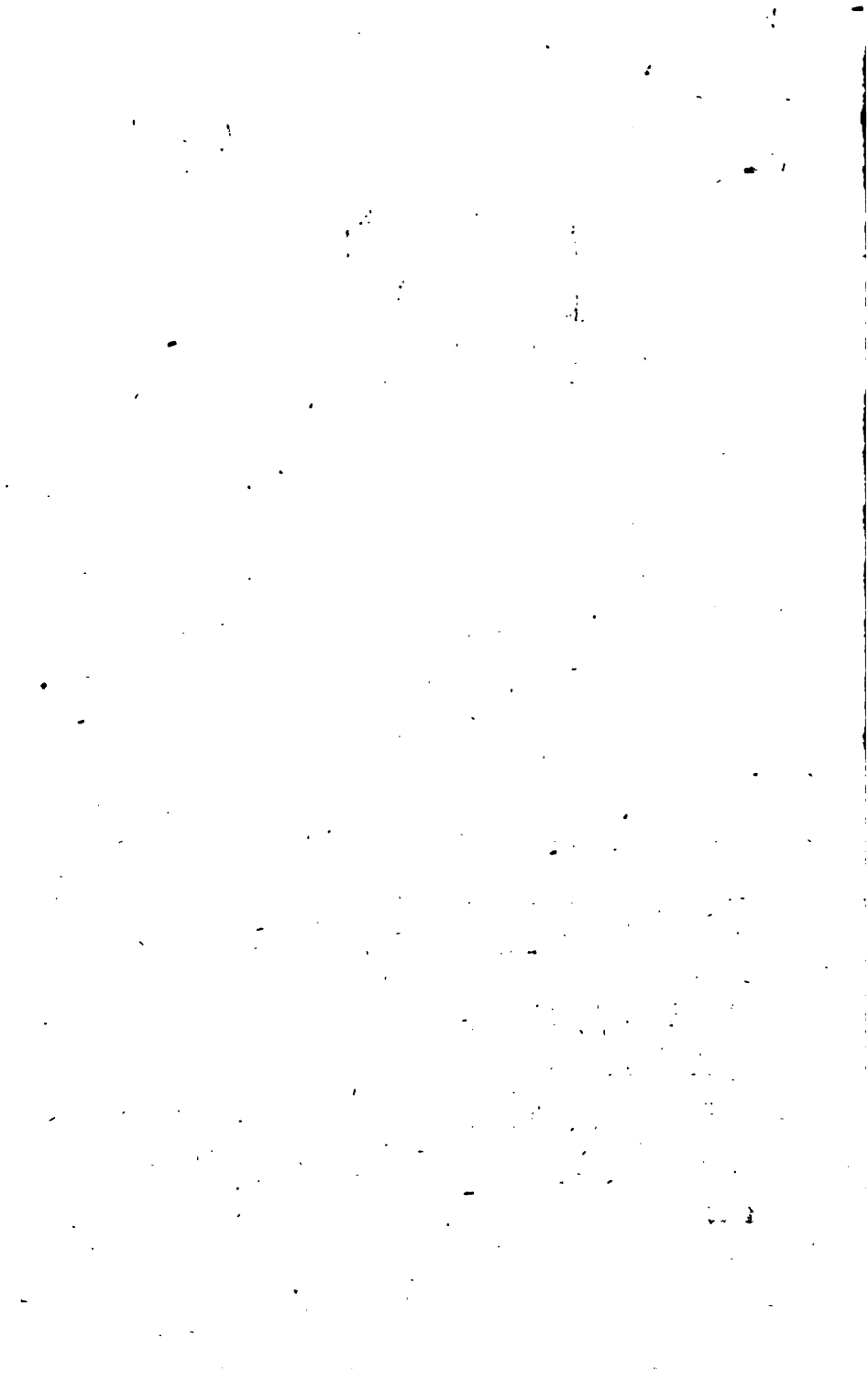
## XXV

### COMPARAÇÃO.

Das sombras humidas mal se ergue a aurora,  
Que as faces cora d'oriental matiz,  
Cingindo aljofares, todo esmaltado  
Resurge o prado, e o novo sol bem diz.

É que acha estímulos todo o vivente,  
Tudo o que sente, coração ou flor,  
E os raios languídos, insinuantes  
Vão, penetrantes, acordar o amor !

Eis volta rápida do hynverno a neve  
Fazendo, em breve, tal ardor minguar ;  
E a flor inanime desbota ao frio. . .  
Mas teve estio : pôde um dia amar !



## XXVI

### RECORDAÇÃO.

Quando os meus quinze contei,  
Um tio velho que eu tinha —  
Que inda choro e chorarei,  
Toda inteira a vida minha! —  
Disse-me um dia :

— «Olhe cá;

« Está quasi um homem já :

« Para que, por tal o tomem,

« Quero fazer-lhe um presente,

« Com que um homem...

« Com que um homem se apresente.»

Julguei, n'esta oração toda,  
 Que o tal *quasi* sobejava,  
 E sondei o beijo em roda  
 A ver se o buço apontava.  
 Estranhara o tractamento!  
 E o programma, que um pôrto  
 No tom me estava a indicar,  
 Fez-me, logo á introdução,  
                     Palpitar. . .  
 Palpitar o coração!

Fiquei-me desvanecido,  
 E, aprumando-me vaidoso,  
 Ouvi, meio distraído,  
 Entre ufano e curioso,  
 O longo fim do sermão.  
 O bom de meu tio então,  
 Acções junctando a promessas,  
 Deu-me, para meu thesouro,  
                     Duas peças. . .  
 Duas peças novas de ouro.

Esquecendo a gravidade;  
 E o valor que este incidente  
 Outorgara á minha idade;  
 Dei dois pulos de content.  
 As peças mirei de perto;  
 E não trocava de certo;  
 Desdenhando regias sinas;  
 O meu erario infantil  
                     Pelas minas. . .  
 Pelas minas do Brazil!

A scismar no que faria  
De tão grosso cabedal.  
Passei o resto do dia,  
E de noite dormi mal;  
No meu sonho, a cada instante,  
Via um grupo fulgurante;  
De effigies taes, que não sei  
Quem as tivera inventado;  
E sonhei...  
E sonhei que era morgado;

Apenas rompeu a aurora,  
Posto a pé antes do sol,  
Quiz tomar, por ali fora,  
Os meus desejos a rola.  
Ail que diversos e quantos!  
Eram tantos, tantos, tantos,  
Que lhes não achava o fim.  
O mundo tinha um defeito.  
Para mim:  
Para mim era inda estreito.

Meditava seriamente  
Se faria a aquisição  
D'um relojo com corrente,  
Ou d'um cavallo rabão.  
Como escolhesse o cavallo,  
Entrei logo a ajeazal-o.  
Mas... mas o relojo!... Aqui,  
Pensando com mais estudo,  
Resolvi...  
Resolvi-me a comprar tudo!

Era no campo. Ao sol posto, —  
Já fresca, outoniça aragem  
De um dia depois de Agosto  
Ciciava entre a folhagem, —  
Fui ao moinho do oiteiro,  
Onde o Domingos moleiro,  
Porque ás vezes me deixara  
Trotar do seu macho em cima,  
Conquistara. . .  
Conquistara a minha estima.

De o deslumbrar de apparatus  
A pia tenção levava;  
Mas fui achal-o nos tratos  
D'uma terçan que o prostrava.  
Cessara o motim festivo:  
Solitario e semi-vivo,  
Jazia o triste no chão,  
Com as faces amarellas  
N'um montão. . .  
No montão das rotas velas!

Chamei-o: nem respondia!  
Busquei: tudo lhe faltava!  
Quando eu afflicto saía,  
A pobre moleira entrava.  
Vinha de lidar chorando,  
Negro pão de dois penando! . . .  
Em tal desarrimo e dôr,  
Tirando a peça primeira,  
Fui-lh'a pôr. . .  
Fui-lh'a pôr á cabeceira.

Que nunca ninguém se esqueça  
 Da alheia tribulação!  
 Tinha saudades da peça,  
 Mas tinha orgulho da acção!  
 Ficara aos sonhos metade  
 Entre os braços da piedade.  
 Pago e ufano como um rei, —  
 Bem que no caso a scismar, —  
     Caminhei...  
 Caminhei para o Logar.

Um pardieiro, entre rosas,  
 Havia do Povo á entrada,  
 Juncto ás ruínas musgosas  
 D'uma ermida derrocada.  
 Vivia n'esta casinha  
 A tia Anqa, — uma velhinha  
 Que sabia muita historia,  
 E m'as contava ao serão,  
     Co'a memoria...  
 Co'a membria da affeição.

Em versos, um tanto baldos,  
 Modulava-me ella ainda  
 As trovas de *D. Reinaldos*,  
 E o romance da *Florinda*.  
 Fugia a noite apressada  
 Ao sabor d'essa toada,  
 Em tão suspenso escutar  
 Que o meu sentido primeiro  
     Foi chegar...  
 Foi chegar a cavalleiro...

Uma rapinha leitora,  
 Alvas malhas, péto medio,  
 Era a sua companheira,  
 E tambem o seu remedio.  
 Conhecía-lhe a canção,  
 E vinha comer-lhe a mão,  
 Quando não passia á porta.  
 Chego, e a filha me abandonou! ...  
 Vejo-a morta. . . .  
 Vejo-a morta nos pés da donat

Dera-lhe o mal de asperante;  
 Para morrer ali fóra!  
 Meigo o olhar intelligente  
 Inda carinhos implora! . . .  
 A pobre velha — coitada! —  
 Sem voz, trémula e parada,  
 Olhava, olhava tambem,  
 Como quem, na dór que enserra,  
 Mais não tem. . . .  
 Mais não tem que ver na terra.

Nada disse. Que diria?  
 Ha desgraças tão completas  
 Que da propria sympathia  
 São as vozes indiscretas.  
 A velha não se moveu. . .  
 E chorava! . . . E chorei eu! . . .  
 Que havia determinar,  
 Em miseria tão expressa,  
 Senão dar. . . .  
 Senão dar-lhe a outra peça?



Puz-lh'a, mudo, no regaço;  
E volvi a passos lentos,  
Apagando, n'um só traço,  
Desejos com sentimentos!  
Senti o fausto perdido:  
Mas não foi de arrependido!...  
Dissipada já deixava  
A phantastica opulencia;  
Mas levava...  
Mas levava a consciencia!



## XXVII

### CONTEMPLAÇÃO.

Estava a donzella pallida,  
Já noite, no seu eirado;  
À grade o braço encostado,  
Encostada a face á mão.

Alvo rosto melancholico  
Leves anneis lhe afagavam,  
Que travessos volteavam  
A sabor da viração.

Eram loiros, quasi fúlgidos,  
Descendo como em delirio  
Sobre um collo, de que o lirio  
Fôra vencido rival.

Crereis ver doidas caricias  
Do amoroso sol de Maio,  
Quando vibra o fulvo raio  
Sobre o jasper, e o faz cristal.

Longos festões odoríferos  
Lhe serviam de moldura,  
Toda estrellando a verdura  
O perfumado jasmim.

Como requestando-a supplices  
Tinha aos pés, sob as janellas,  
Menos alvas, menos bellas,  
As camelias do jardim

Arfava-lhe o seio tùmido,  
Prisioneiro impaciente,  
Como o anhélio fremente  
Das curvas ondas do mar.

De sedas airoso carcere,  
Claustro pudico e discreto  
De thesouros, e de affecto,  
Rangia, quasi a estalar.

«Porque a vista fitas cùpida  
«No pallor da argentea lua?  
«Contemplas a patria tua  
«Na etherea amplidão dos ceos?  
«Namoras acaso, extatica,  
«As estrellas rutilantes?  
«Ou miras, d'olhos radiantes,  
«N'esse azul o azul dos teus?

«Que secretos votos férvidos,  
«Por esses olhos impelles  
«Para os astros, irmãos d'elles,  
«Invejosos bem que irmãos?  
«Não tens tu, em serie esplendida,  
«Longa e nunca interrompida,  
«Cheia de flores a vida,  
«De flores cheias as mãos?

«Que te falta para os jubilos?  
«Porque um ai, quasi um lamento,  
«Te enleia a cada momento,  
«E suspiras tanta vez?  
«Porque te pende uma lagrima,  
«Que na palpebra scintilla,  
«E te humedece a pupilla  
«Essa ignota languidez?

«Porque assim te enlevas tûrbida  
«N'um sonhado paraíso,  
«E te desmaia o sorriso  
«Sobre os labios inda em flor?...  
«Não peças aos mudos extasis  
«O segredo d'esse abalo:  
«Se queres sincera achal-o,  
»Menina, chama-se — amor!



## XXVIII

### ASPIRAÇÃO.

#### I

Às longas orlas das soidões umbrosas  
Já se debruça a madresilva em flor ;  
E em leves flôcos, de jucundo albor,  
Touca de neve os espinhaes de rosas.

O enxame zumba, preparando o mel,  
De um lado a outro, pela aêbe viva ;  
E a azul campânula, espreitando esquiwa,  
Sorri na valla do feraz vergel.

Rubra a papoila, o malmequer doirado  
Dão á campina festival matiz :  
«Enlevo e amor» a primavera diz  
Vestindo a selva, atapetando o prado.

Além das serras já se inclina o sol,  
 Como nas pompas d'um cortejo humano ;  
 A' linha escura de distante oceano  
 Baixa soberbo, universal pharol.

Da ermida os vidros, esplendor da aldêa,  
 Torrentes d'ouro vão jorrando ao ar,  
 Enquanto, ao longe, do modesto lar  
 Fumosa spira no casal voltêa.

Que sombras vastas ! Que profusa luz !  
 Que vario quadro ! Que aprazível scena !  
 A sancta paz da natureza amena  
 A amar e crer, a meditar induz.

## II

No fundo trilho da vereda agreste  
 Vae a donzella, em cautelosa acção,  
 Prompta a afastar, com providente mão,  
 A çarça brava, que a balseira veste.

Ampara os passos d'uma curva aneian  
 Com braço firme, levantada a fronte,  
 Qual se levanta, rubescendo o monte,  
 Em poz da noite virginal manhan.

Contempla a velha a compaheira Nada  
 E pára, a espaços, para mais a ver ;  
 Sorri-lhe um raio de fugaz prazer,  
 O derradeiro que lhe é dado ainda.

Que verde affecto no pendor senil !  
 A tanto hyverno que amorosa vida !  
 Dissereis ver-se, para os coos erguida,  
 Viçando em gelos uma flor de Abril.



Com mil extremos a donzella a tracta,  
E a velha exulta, porque é sua avó:  
Com mais dois traços que eu ajunte só,  
Tereis da neta a descripção exacta.

Cendradas tranças, d'uma rosa a cór,  
Bocca purpúrea, que invejavam damas,  
E uns olhos claros, de tão densas ramas,  
Que á sombra d'ellas se emboscava amor!

## III

Que moço esbelto de paixão se inflamma  
Pendendo o rosto para a ver assim?  
Era o fidalgo do solar de Alvim  
Morgado, e conde, e caçador de fama.

Sobe a donzella pela encosta além;  
E o moço absorto a remiral-a mudo!  
Perdido e attonito, esquecendo tudo,  
Suspeita apenas o que n'alma tem.

Ao fim de uns tempos, como a visse á porta,  
No cego empenho de a mover com dons,  
Assim lhe diz, em comprimidos sons,  
Tomada a falla do tremor que a corta:

— «É bella, eu rico: aproveitando a sorte  
«Desfructe os dias, que lhe vão sorrir;  
«Que eu dar-lhe quero, se me quer seguir,  
«Setins, e joias, e alfayal-a á corte. . .»

Suspenso fica, sem poder findar,  
Porque a donzella, de vergonha oppressa,  
Lhe torna altiva:

— «Quanto disse esqueça:  
«Amor só juro nos degraus do altar.»

Sem mais palavra, da lição corrido,  
 Foi-se o mancebo, nunca mais voltou;  
 Louco antepondo, porque o mal buscou,  
 Ser nobre inutil a ser bom marido.

## IV

Passara um anno. D'entre um plumbeo ceo,  
 Involta em nevoas, mal assoma a lua.  
 Do cemiterio sobre a terra nua  
 Quem dobra o joelho? porque um beijo deu?—

Beijo dos mortos, nunca em flor mais pura  
 Bebeste o orvalho de oração christan! —  
 Era a donzella, que saudava a ancian  
 Adormecida sob a loisa escura.

Eil-a prostrada, mais formosa orando,  
 Límpido aljôfar o que foi rubor,  
 Triste e pendida, como um anjo em dôr,  
 Que baixa á terra, só de quando em quando.

Não faz lembrar, na cerração da estancia,  
 Pallida estrella que nas sombras luz?  
 E, aos pés relvosos da lascada cruz,  
 O gesto e o ar da communhão da infancia?

Chegae-vos perto. Colhereis apoz, —  
 Thesouros d'alma, pelo solo errantes, —  
 Dos olhos meigos perennaes diamantes,  
 Sonoras perlas da argentina voz.

— «Guarda, (dizia) ó minha mãe segunda,  
 «Da patria nova, a que ascender te vi,  
 «A pobre orphan, que te exora aqui. . .  
 «Guarda-a do erro, que na terra abunda.

«Lições e exemplos que deixaste herdei,  
«Aspiro a ver-te; conserval-os quero;  
«Mas só, mas pobre, que sou eu? que espero?  
«Que sina tenho? a que porta irei?

«Sobre esta cinza, que te foi já vida,  
«O pranto em fio doloroso cae,  
«Da campa ao fundo tenho eu fé que vae  
«Chamar-te, ó sombra, pelo amor surgida.

—«E vae decerto porque o amor não jax»  
(Exclama um vulto, que a nebrina investe  
De traz da sombra d'um lethal cypreste,  
Gemendo os eccos na mansão da paz.)

Viril de aspecto, do viver o estio  
Na vasta fronte lhe estampara: «amou!»;  
Honrado nome por si só ganhou,  
O olhar velado lhe esclarece o brio.

«Sobre esta cinza que já vida foi  
«(Prosegue attento) lhe direi que, injusta,  
«Por mim já sei o que a miseria custa,  
«E sei por mim o que a magoa doe.

«Vejo a que aspira. Não lhe dou riqueza.  
«Só posso dar-lhe, se o não leva a mal,  
«Vontade firme, coração leal,  
«E a pura chamma pela estima acceza.

«Consulte o peito; continue a orar;  
«Scisme a existencia nos humbraes da morte;  
«Se quer depois participar-me a sorte,  
«O sim lhe peço nos degraus do altar!»

## V

Quiriz Deus a aspiração piedosa.  
Ao fim do lucto, decorrerá um mez,  
Rito evangélico, ante as aras, fez  
Gentil donzella mais gentil esposa.

Rosal, viçoso, em torno á campá, diz  
Que a avó repouisa, sem cessar lembrada;  
E a neta linda, sempre amante e amada,  
Não foi condessa, mas viveu feliz!

**LIVRO II**

**RECEITA**

THE  
JOURNAL  
OF THE  
ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE

## **LIVRO II**

### **HARPA**

---

#### **XXIX**

##### **O SECULO.**

Um seculo potente segue ovante,  
Que outro prepara ás gerações futuras:  
Parar n'elle é faltar á lei prestante  
Que impoz o Creador ás creaturas.

O barbaro poder da força rude  
Sepulto jaz nas paginas da historia:  
Triumpho nova fé, outra virtude,  
Palmas diversas, mais subida gloria.

Domina a idéa! Já não tolda a vista  
Das lagrimas e sangue o horror profundo!  
Não deixa apoz a sôfrega conquista  
Rasto de morte em testamento ao mundo!

Epoca nova o pensamento inspira;  
Em cada pagina o vereis radiante:  
Nos marmores, nas telas, e na lyra  
Do Eterno a dextra repetiu: «ávantel»

1934



### XXX

#### POETA !

~~Quid dicantur poëtae a poetis Vatis~~

#### I

Ergue, ó genio, essa fronte laureada"  
Acima das grandezas vans da terra!  
Quem não sente não vive: absorve-o e tudo;  
Vida maior o pensamento encerra !

Mundos de mundos surgirão no espaço,  
E, na mente, ó poeta, has-de ajuntal-os :  
Como Samuel, estenderás teu braço,  
E um gesto bastará para evocal-os.

Ergue, ó poeta, a fronte que se actata  
Da ardente inspiração, raio divino;  
Ergue-a, poeta ; e deixa a turba ignorar  
Invejosa sorrir do teu destino !

Ouves? Ouves na sombra murmurando  
Celeste voz de etherea melodia?  
Cada som n'alma eccôa, doce e brando;  
Furta a Deus cada nota uma harmonia.

Ouve-la, meiga, a prantear magoada  
Pelas fragas da serra em soledade?  
Ouve-la, em furia, rebumbando irada  
Na aza negra da negra tempestade?

Não n'a-escutas no humilde cemiterio,  
Queixas e ais a misturar co'a aragem?  
Não sentes, pelas horas do mysterio,  
Como triste suspira entre a ramagem?

Repara. Sae do leito da torrente;  
Geme as horas no valle adormecido;  
Do arroyo segue a veia mansamente;  
Corta a noite n'um languido gemido!...

## II

Qual voz é essa, ignota e semiviva,  
Tão meiga, tão sentida, tão canora,  
Que te enleva, te absorve, e te captiva,  
Segredando-te affectos hora a hora?

Qual voz é essa, irresistivel maga,  
Que onde a sanha respira acorda amores?  
Que atrozes maldições com benções paga?  
E faz em prantos converter furores?

## III

Poeta, desterrou-te Deus no mundo  
Para só descrever sua feitura?  
Deu-te, parte de si, pensar profundo,  
Para entoar só cantos de ternura?

Não : eterno, e potente, e grande, e forte,  
Creador do universo e seus portentos,  
O sceptro, que avassalla vida e morte,  
Deu-t'o, a ti, creador de pensamentos.

Deu-te o engenho; e, com esse dom primeiro,  
Deu-te a c'roa de flores e a de espinhos :  
Póz-te entre o ceo e a terra, medianeiro,  
Para os homens guiar em seus caminhos.

Deu-te o futuro, repartiu-te os dias,  
Para os gastaes, sobranceiro á lucta,  
Em carpir fundo, novo Jeremias,  
Sobre as ruinas da Syão corrupta.

Se ermando vaes, augusto solitario,  
Por qué ao duro supplicio te condemnas?  
Para fazer, oblato do Calvario,  
Do teu martyrio um lenitivo ás penas?

Sim; é. Conduze o amor, manda a piedade  
Ao desconforto, que padece ao longe :  
Na prece abraça inteira a humanidade,  
Qual no cenobio o macerado monge !

Não vives para ti. Entre profanos  
O verbo fallas de augural sciencia.  
Tens, ó victima, do holocausto os annos  
Contados pelos annos da existencia.

Quem d'illusões te faz vulgar escravo  
Mente a si, mente a Deus, aos homens mente :  
Canta o medroso a simular-se bravo ;  
Tal esse inverte quanto em si não sente.

## IV

Doe na terra uma dôr? Vae tu, poeta,  
 Levar-lhe logo o balsamo celeste;  
 Uma vida tocou da vida a meta?  
 Vae plantar sobre o tumulo um cypreste.

Alguem pranto correu? Acolhe-o n'alma!  
 Alguma flor murchou? Por elle chora!  
 Algum ente soffreu? Dá-lhe uma palma!  
 Algum ai se exhalou? O mal minoras!

Crava os olhos no ceo: fervido o creio,  
 Essa augusta missão lá foi talhada,  
 Tens Deus na mente, e a compaixão no seio?  
 Ergue, ó poeta, a fronte laureada!

## V

E eu fui sentar-me á sombra do arvoredor  
 Do valle no mais fundo.  
 Da tarde a vinção, como em segredo,  
 Cantava um hymno ao mundo.  
 Ido era o sol. No cimo da montanha  
 Um raio só ficara  
 Quebrado e rôxo. Em solidão tamanha  
 Que voz erguer-se ousara?

No loireiro do bosque ave canora  
 Erma nota soltou.  
 Chalraram eccos. Era triste a hora  
 Triste a nota soou.  
 Porém de fraga em fraga, repetida,  
 Longe, longe, ascendeu,  
 E da aragem nas azas conduzida  
 Se parou, foi no ceo!...

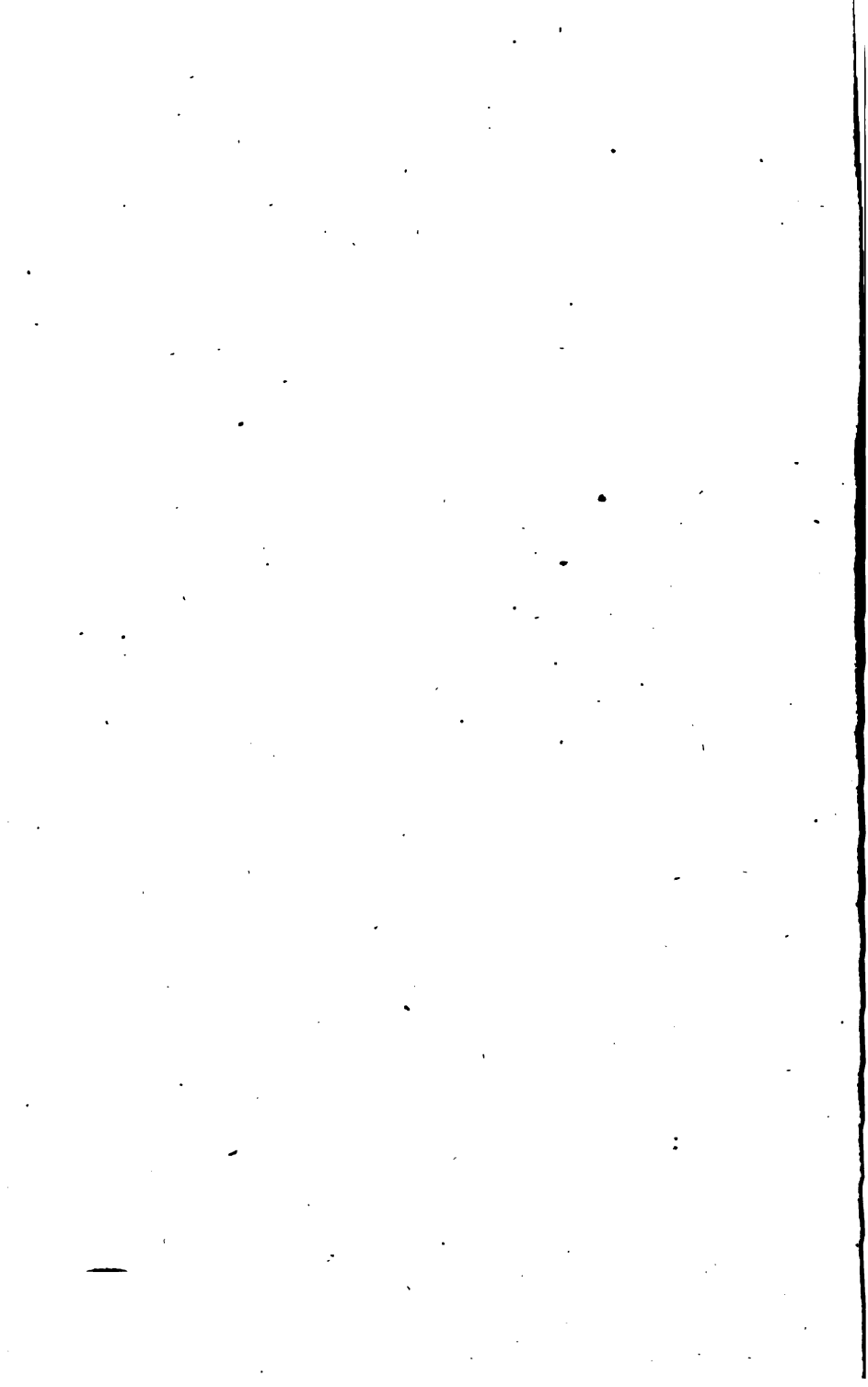
## VI

Assim corre, ó poeta, incerto o dia!  
Aqui triste canção;  
A cruz além; mais longe a pedra fria  
Em raso, humilde chão!

Mas não cesses, não cales, rei dos hymnos;  
És sempre grande e nobre,  
Tu que lês a palavra dos destinos  
N'este ceo que nos cobre.

Vinga-te o tempo. Eterno monumento  
Na gloria principia;  
Emquanto esquece o inutil opulento  
Que passa, e dura um dia.

134...



## XXXI

### O ALMANZOR.

**Moiro ás armas que as armas dão brado !  
Já, nos campos do claro Xenil,  
Todo o crente Islamita esforçado  
Chama á gloria o guerreiro anafil.**

**Moiro parte. O doirado crescente  
Vejo, ao longe, no oiteiro a tremer :  
O guerreiro anafil estridente  
Chama á gloria, arrebatá ao prazer.**

**— « Em paz fica, ó cidade das fontes,  
« Ó Granada, princeza entre mil;  
« Adeus torres de rubidas fontes  
« Fica em paz, minha Alhambra gentil !**

«Nos teus gratos jardins, que tamanhas  
 «Em si contam delicias de amor,  
 «Guarda, guarda-me, ó flor das Hespanhas,  
 «Dos teus prados a mais gentil flor.

«Adeus, Zhara, por quem minha lança  
 «Vou, contente, na guerra hastear:  
 «Deixa ao menos que eu leve a esperança,  
 «Já que esta alma não posso levar.

«Vês o alfange do moiro atrevido?  
 «Vencedor a teus pés o trarei,  
 «Ou prostrado, mas nunca vencido,  
 «Pela gloria e por ti morrerei.

«Dá-lhe, ó Zhara, dá-lhe uma lembrança,  
 «Se não vires o moiro voltar!  
 «Levar quero uma luz de esperança  
 «Pois que mais não me é dado levar.

«Zhara, adeus! Que a traição te não tente!  
 «Ai! se o moiro trahido voltar,  
 «Do Almanzor a vingança potente  
 «Ha-de a todos no mundo espantar.

«Já me acena o agareno estandarte...  
 «Zhara, adeus! Se o teu peito é traidor,  
 «A ti mesma ha-de ó Zhara espantar-te  
 «A vingança do moiro Almanzor!»

.....  
 Gentil moiro, o Almanzor destemido  
 Do combate infeliz não voltou:  
 Foi no campo o seu voto cumprido...  
 Mas a moira á promessa saltou!



## XXXII

Ecoutez, bonnes mères... Je viens vous demander  
d'être mères suivant les lois de notre nature divine,  
avec tout l'amour d'une âme appelée à former des âmes.

AIMÉ MARTIN.

Nobres mães, que mostraes orgulhosas  
Os filhinhos n'um gesto sem par,  
Alto erguei essas fronte formosas !

Com Deus mesmo heis-de vós preparar  
O porvir que em silencio germina !

Velaes, mães, pela flor pequenina,  
Pois á gloria que a patria illumina  
Daes a chamma no canto do lar !



### **XXXIII**

**À MEMORIA DE BOSSUET.**

**ODE**

**(VERTIDA DOS ESTUDOS PORTUGUEZES DE CHENEDOLLÉ.)**

Quel Demosthenes, tendo  
Athenas por cliente,  
Livre e audaz, ao mais cruel monarcha  
Vibrou, relampeando, o verbo ardente ;  
E depois, da vingança  
Tirando mais pujança,  
D'oiro a c'roa, seu premio, revocava,  
E, opprimindo o rival, dobrada a furia,  
Vencedor n'outra arena,  
Impavido o prostrava ;

Qual, fervendo-lhe a veia  
 No vigor da expressão,  
 O orador, entre a turba circumdante,  
 Ateava a sabor qualquer paixão ;  
 E á Grecia congregada,  
 Attonita e calada,  
 Lançava o raio, fúlgido e troante,  
 Alargando os prodigios da sua arte,  
 Domando quem se oppunha,  
 Das almas triumphante ;

Tal Bossuet vereis,  
 Em phrases, menos parcas,  
 Curvar, nuncio do Deus a quem adora,  
 Co'a palavra sensível os monarchas !  
 Mal á sacra cadeira,  
 Mais pura e verdadeira,  
 Sobe, esplendente de inspirado ardor,  
 Cingem-lhe a fronte os loiros da sapiencia,  
 E o verbo, que domina,  
 Luz com mais esplendor !

Magnifico e sublime,  
 Ora, das nobres dores  
 Mostra o abysmo, onde esteve um throno augusto,  
 E da Rainha expõe altos terrores ;  
 Ora, os ceos entre abrindo,  
 Pinta o Sob'rano Infundo  
 Impondo aos povos immutaveis leis,  
 Co'a mão terrível sacudindo as c'roas,  
 Espedacando os thronos,  
 E lições dando aos reis !

Mas qual melancolia  
 Não verte sobre as almas,  
 Quando, d'ellas tirando amargos prantos,  
 Orvalha d'Henriqueta (1) as tristes palmas!  
 Como pinta a princeza,  
 Na aurora da belleza,  
 Cortado o fio á mais grandiosa sorte,  
 Des-pincaros da gloria, que sorria,  
 Tombando, flurescente,  
 Entre os braços da morte!

Ouvide em seu tranção (2)  
 Como apouca o poder,  
 Do que pompa julgamos sobre a terra!  
 Como a luz tenue, o faz compadecer  
 Que ascende ao firmamento!...  
 Seu vasto pensamento  
 Desce, e assenta-se ao pé das sepulturas,  
 E ali, no mudo pó, commum sudario,  
 Com voz terrivel prostra  
 As soberbas venturas!

Altivo Castelhana,  
 Fugiste combatendo  
 Nos campos de Rocroi! Rem que valente,  
 O susto ali ficaste conhecendo!  
 Que heroe, precioso á gloria,  
 No olhar tendo a victoria,  
 Te rompes os tercos... d'armas peregrinas,  
 E, de tantos guerreiros na batalha,  
 Apenas deixa um resto  
 De Lens para as campinas?

(1) *Oração funebre da princeza Henriqueta de França.*

(2) Expressão propria do proprio Boissuet.

É Condé, que na liça  
 Enceta taes empresas :  
 Bossuet lhê descreve o ardor guerreiro  
 Aos vinte annos c'roado de proezas! (3)  
 Grave o ardor se inflamma ;  
 D'Enghien ao genio em chamma  
 Segue o passo mortifero e cruento ;  
 É mais que um quadro, encara-se a peleja,  
 Da qual, supremo o verbo  
 Repete o movimento.

Como aguia d'aza immensa,  
 Os ceos quasi roçando,  
 Galga de xofre o mais vasto espaço,  
 Tudo vê, tudo corre, e vae voando ;  
 Tal Bossuet, potente,  
 Passa e desenha á mente  
 Memphis, Esparta, Athenas ; guia apoz  
 De seus altos destinos alta a imagem,  
 Solemne, como os évos,  
 Como o tempo, veloz.

Se jámais é sublime  
 É quando, illuminando,  
 Interprete dos seculos que acorda,  
 Dos povos o sepulchro vae sondando ;  
 Quando cerra, profundo,  
 Os funeraes do mundo  
 Sellando a campa na romana idade ;  
 Quando o clamor prophetico levanta  
 Atravez das ruinas  
 E o pó da humanidade !

1853

(3) *Oração fúnebre do Grande Condé,*

## XXXIV

LASCIATE OGNI SPERANZA...

(VERSÃO DO ITALIANO DE DANTE.)

Por mim se desce á estancia dolorosa,  
E dos prantos á tétrica cidade;  
E dos proscriptos á mansão penosa;

Dos fundamentos meus a immensidade  
Poz-m'a um Deus, implacavel na vingança:  
Precedeu-me sómente a Eternidade.

Como ella a mão do tempo não me alcança;  
E tenho escripto: «ó filhos da maldade,  
Entrae; aqui findou toda a esperança!»

## II

Vendo estaes um valle, aberto  
Entre rochas a tombar ;  
Secco e nú, triste e deserto,  
Da montanha até ao mar.  
E o mar levanta-se afficto ;  
Corre-lhe o funebre grito  
Pelos eccos do infinito,  
Longe, mais longe, a soar.

E o raio fulge e rebenta ;  
E o despedido vulcão  
Sobre as azas da tormenta  
Tinge de fulvo clarão  
A espuma da vaga alçada ;  
Qual, de chammas ouriçada,  
Ignea juba afogueada  
D'um phantastico leão.

E o propheta entre as agruras  
Para, sente, ouve, a tremer,  
Os ossos e as sepulturas  
Debaixo dos pés ranger.  
E as ossadas alvejantes,  
Passados poucos instantes,  
Alevantam-se oscillantes ! . . .  
E o Senhor diz-lhe: «Vem ver!»

E o propheta, no transporte  
D'um santo e mudo terror,  
Viu aquelle pó da morte  
Tomar vulto, e forma, e côr.  
E o passado que jazia,  
Que ha mil seculos dormia,  
Viu-o elle, que se erguia  
Ao aceno do Senhor.



E viu purpuras e sceptros,  
Ornando o orgulho mortal;  
E viu um povo de spectros  
Tornar-se um povo real.  
E ousou calcar temerario;  
Em passo convulso e vario,  
O tenebroso sudario  
D'este imperio sepulchral.

E, curvado e penitente,  
Elevou sua alma a Deus;  
E ás trevas da propria mente  
Sentiu correrem-se os veos;  
E arrancou brados profundos,  
Que troaram, gemebundos,  
Pelos contornos dos mundos;  
Pelos espaços dos ceos!

—«Eu vi-te na tua gloria,  
«Ó Deus do povo fiel;  
«O Senhor és da victoria,  
«És o Senhor de Israel.  
«Não mentem as prophcias:  
«Salvarás humanos dias,  
«Como já salvaste Elias  
«D'impías mãos de Jezabel.»

## III.

Não mente, não, não mente a prophcia:  
A visão do propheta foi cumprida!

Agonisava o mundo. O filho do homem,  
Condemnado ao nascer, nascia á culpa  
Era a terra um exilio sem esp'rança,  
Que as esp'ranças mirravam-se no berço.

Era a vida um supplicio. Além da vida,  
 Incerteza, negrume, o nada, o cahos;  
 Outro cahos peor! Além da morte,  
 Para sempre: dizia a Eternidade!  
 E o abysmo repetia: para sempre!

Tal como Ezechiel erectos viru,  
 Rotas as campas, os mirrados ossos,  
 E outra vida viverem; tal de Christo  
 O duplo sacrificio, Dupla vida  
 Aos homens restitue. A Eternidade  
 Cinge-os nos braços amorosa e leda;  
 Viviam para a morte: mortos, vivem!

O martyrio do Golgotha sublime  
 Propaga os fructos seus. Roma apoz Roma,  
 Roma christan em-poz da Roma extincta,  
 O mundo apoz o mundo a cruz adoram:  
 E, pendente da cruz, um corpo exangue  
 N'um gemido, n'um ai, n'uma palavra  
 Quebra á terra os grilhões, ao mundo o encerro.  
 Abre a vida, abre o ceo, franquea as portas  
 Do fulgido, eternal oriente d'almas!

O Deus que evoca, anima os esqueletos,  
 Dormentes na mortalha dos sepulchros,  
 Outra vida chamou dos ceos á terra,  
 E da terra nos ceos a fez eterna.

Ó Christo-Deus, cumpriu-se a propheta  
 A mão que ao servo seu rasga os mysterios  
 Do cahos tira a luz, da morte a vida.

Não cessa o Homem-Deus. Pendente o braço  
 Da cruz do soffrimento, ergue d'um golpe.  
 O filho do peccado, que no fundo,

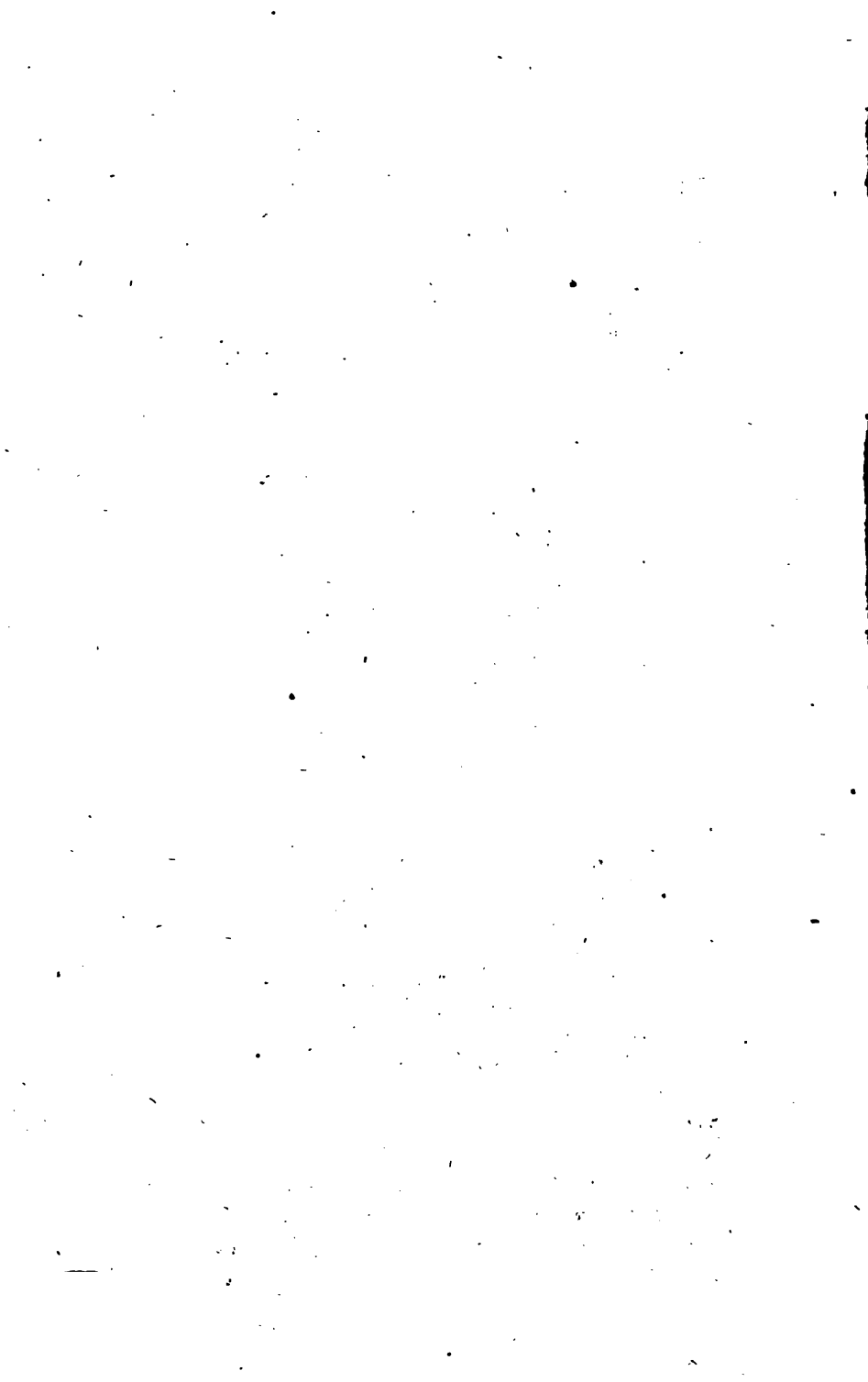
No mais fundo do abysmo blasphemava :  
Ergue-o apar de si mesmo, e aos ceos com Elle  
Resgatado o conduz, e puro, e livre !

Restitue-lhe a esperanza e a eternidade ;  
E dá-lhe, fructo da immortal victoria,  
N'um verbo o mundo, n'um suspiro a gloria.

## IV

Duas vidas se consomem,  
Uma pó, outra dos ceos :  
Morre no berço o Deus-Homem ;  
Na cruz morre o Homem-Deus.  
No monte, que fez divino,  
Já cansado peregrino,  
Exhala o sopro mortal ;  
Adoptando a humanidade,  
Despe a sua eternidade  
Na sepultura carnal.

Adorar o lenho vamos ;  
O berço vamos saudar :  
N'um d'elles a morte achamos,  
Para n'outro a vida achar.  
O Christo, que nos soccorre,  
Se nasce n'um, n'outro morre :  
Morre e vive d'uma vez ! . . .  
Para ser unico exemplo,  
D'um tugurio fez um templo,  
D'um madeiro um mundo fez !



## XXXVI

### O SONHO DE ENÉAS.

#### EPISODIO

(VERTIDO DO LATIM, DE VIRGILIO.)

«Era a hora do dia, em que ás fadigas  
Manda o somno o repouso, dom dos Numes.  
Eis surge Heitor diante do meu leito,  
Pallida a fronte sob a dôr vergada,  
E tal como a victoria deshumana  
Apoz o carro seu, na crua arena,  
Negro de sangue e pó rojou seu corpo!  
Os pés inda lhe vejo macerados,  
Do indigno laço, que os deixou fendidos!

Ai! como elle differe de si mesmo!...  
Não é já esse Heitor, chefe indomavel,  
Que audaz as armas rouba ao proprio Achilles,  
E aos muros paternaes volve em triumpho;  
Ou, pondo em cerco os vinte reis da Grecia,  
Lhes arroja aos baixéis o dardo e a chamma.

Quão mudado está hoje! O sangue em flocos  
 Lhe mancha a barba espessa e a coma inculta.  
 Contavam-lhe os meus olhos sobre o peito  
 Os golpes furibundos, que o prostraram  
 Em redor da cidade, patria sua!  
 Eu mesmo ao proprio heroe julgar fallava,  
 Em prantos afogado, por tal arte:

— «Ó dos filhos d'Ilion esp'rança e gloria!  
 «Onde estiveste? Que magoada ausencia!  
 «Todos te anseiam para soccorrer-nos,  
 «E assim vens, e assim nos appareces,  
 «Quando Troya succumbe aos seus trabalhos,  
 «Quando tantos dos teus jazem na campa!  
 «Porque tens esse aspecto annueado,  
 «Mudadas as feições, sem conta os golpes,  
 «E o rôto lado o coração mostrando?»

Heitor instantes cala; apoz instantes,  
 Diz, e um longo suspiro arranca d'alma:

— «Foge aos gregos e á chamma! Vae depressa!  
 «Filha de Venaus, vence-te o destino!  
 «Foge: Priamo e Pérgamo viveram!  
 «Nossas muralhas, desabando, estalão!  
 «Se houvera salvação, dava-a tal braço.  
 «Caro Enéas, no meu adeus extremo  
 «Pérgamo os numes seus te recommenda.  
 «Conduz'-lhe além do mar os simulachros;  
 «E funda, em torno d'elles, patria nova.»

Termina; e logo aos olhos me arrebatava,  
 Broquel dos rauros, a potente Vesta,  
 E o seu sagrado emblema, e a luz perenne,  
 Que eterna ardendo lhe guardava o templo.

## XXXVII

AO SR. A. F. DE CASTILHO.

(POR OCCASIÃO DAS SUAS DESPEDIDAS SAINDO PARA O BRASIL.)

### I

Vaes demandar, poeta, outro hemispherio?  
Vae, que braços e palmas te aguardavam!...  
Dás santas quinas o perdido imperio.  
Os filhos perde que o seu berço honravam!

Este mal d'onde vem? Morta a memoria,  
Acaso adormecemos, sem cuidado,  
Nos secços loiros da murchada gloria,  
Mendigos sobre andrajos de brocado?

Não se indague; deplore-se. É destino!...  
O poeta desdenha por hymnos troca:  
Mesmo curvo ao bordão do peregrino,  
Tem n'alma affectos e perdões na bocca.

Tal deves ser, cantor da primavera,  
De tristezas e amor, da antiga idade,  
Da fé que ensina, da razão que espera,  
E, hoje, inda mais, cantor da humanidade!

## II

Entre o povo de Deus foi uso outr'ora  
Em sacrificio áquelles que partiam  
Plantas queimar da despedida á hora,  
Que, tornadas perfume, aos ceos subiam.

Sigo o exemplo. Ao meu estro, humilde planta,  
Corto uma folha que pendia inerte;  
Se, ardendo, tenue aroma inda levanta,  
Foste d'ella cultor: a ti reverte.

Ante o protesto a ingratidão refoge!..  
Por honra d'esta terra, que foi nobre,  
No opulento regaço acolhe-me hoje,  
Modesta off'renda, o óbolo do pobre.

## III

Vae, poeta. Desfralda em torrão novo  
Da nova era o esplendido estandarte:  
É patria o mundo; a humanidade é povo;  
Alma aqui deixa, e o nome em toda a parte!

A flamma que o nascente purpurêa,  
Nuncia de luz, nem só aclara um solo;  
Tal, raio creador, despona a idéa,  
Surge, brilha, d'um polo a outro polo.

Como um astro, que alterna a luz da gloria,  
Vae, poeta, preenche os teus destinos;  
Fica, para guardar-te alta memoria,  
Côro celeste, a voz dos pequeninos.



Semeaste o porvir. Virás um dia  
Rever-te da colheita nos thesouros :  
Das gerações a grata sympathia  
Será teu premio, avivará teus louros.

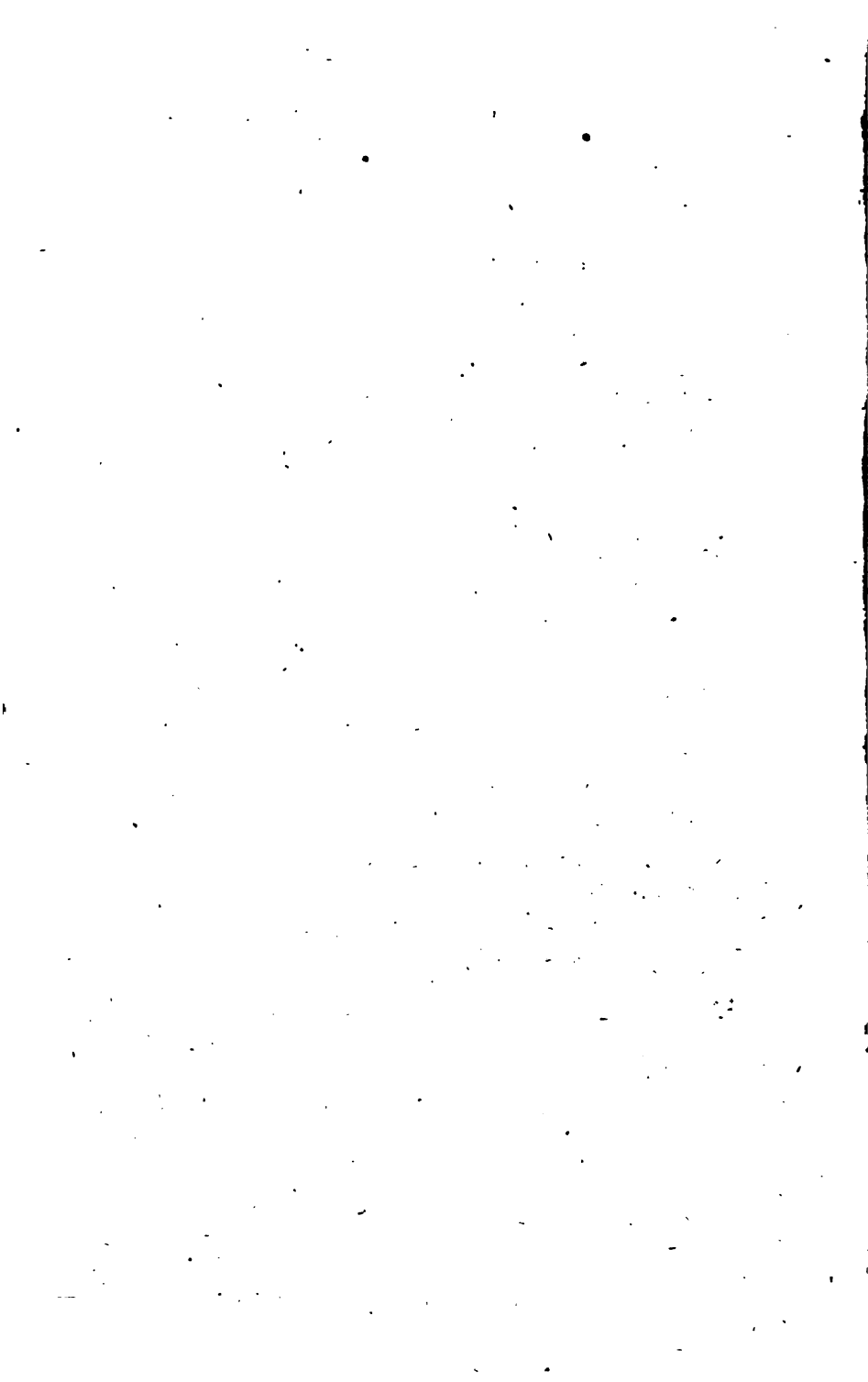
Deixas apoz, n'um rasto de abundancia,  
Vertendo esp'rança, os fructos opulentos,  
Que, das flores nascidos na fragancia,  
Da farta c'róa sacudiste aos centos.

Chamam-te irmãos! Esperam-te cidades !  
Outra patria acharás alvoroçada !  
Mestre, vendo-a florida de saudades,  
Tua cruz sentirás meno: pesada.

Propic'iem-te os ceos incertos mares,  
Vae, poeta, procura outro hemispherio ;  
E os orphãos, que deixaste n'estes lares,  
Recorda-os ao saudar teu novo imperio !.

Em justo preito, ao estro, pobre planta,  
O ramo corto de saudades cheio :  
Não perde o leve aroma que levanta,  
Se o cultor o quizer guardar no seio.

Ante o protesto a ingratidão refoge !...  
Em nome d'esta terra, qu'inda é nobre,  
No já pleno regaço acolhe-me hoje,  
Modesta off'renda, o óbolo do pobre !



## XXXVIII

### A NARRAÇÃO DO ESCRAVO,

(IMITAÇÃO DO HESPAÑHOL.)

— «A côr d'este meu rosto  
Vos fará conhecer que foi, outr'ora,  
D'Africa o solo meu primeiro encosto;  
E, do deserto na torrada areia,  
Me prendeu má fortuna  
De escravo miserando, á vil cadeia.

Um filho, que eu amava como o dia,  
De dez annos, não mais, também captivo,  
Meu destino seguia.

Atravessando o mar baixel negreiro,  
Vanderam-nos o braco, o sangue, e a vida  
A vinda apança d'um mau roqueiro.

O valle, a selva, o monte  
Da adusta America, em servis labores  
Regámos do suor da nossa frente;  
E, os pulsos alquebrando sem esp'rança,  
Do látigo ao flagello aborrecido,  
O espirito almejava só vingança,  
Qual trêda a sonha o misero vendido!

Framos todos no trabalho um dia.  
Correndo atraz da leve mariposa,  
Alegre o filho meu se distrahia.  
Um branco olheiro, então, cruento e irado,  
Com o açoite cruel lhe avinca as faces!...

Ferve o sangue irritado  
Ao ver esse outro sangue que escorria!  
Com mão, que em raiva ardia,  
O machado arrojou do branco ao peito:  
Se lhe acerto, deixava-lhe de um golpe  
O coração perverso ali desfeito.

Frustrado fôra o intento;  
Fugindo aos tratos, ébrio de amargura,  
De meu filho travei, corri sem tino,  
Procurando das mattas a espessura,  
Sem mais guia que Deus, e o meu destino.

Prostrava-me o cansaço,  
Que eu sem parar corra  
Ouvindo apoz, no solitario espaço,  
O rugido selvagem da panthera.

Emfim amanhecia,  
E o rugido fatal se aproximava.  
Meu peito de terror estremecia,  
E d'escutal-o o sangue me gelava.  
Vi então que a panthera me seguia,

E que eu, rendido, apenas me arrastava!  
O peso de meu filho me impedia;  
Armas não tinha para combatel-a:  
Ceder enfim cuidei á minha estrella,  
E, victima da sorte,  
Minhas angustias acabar co'a morte.

Presinto a fera já sobre a folhagem,  
E o susto cresce n'alma que se aterra,  
Quando a voz d'um mancebo clama:  
—«Em terra  
«Não vês defronte esse animal selvagem?»

Prostrámo-nos, os dois; volvo a cabeça;  
Vejo-o apontar, sorrindo, como em sala:  
A fera salta, parte o tiro, e a bala  
Entre os olhos o craneo lhe atravessa.

—«Negro (diz-me com gesto magestoso)  
«Traz'-me o cadaver, por favor t'ó rogo.»

Calado e attonito obedeço logo,  
Porque, á fé vos direi, só em tal homem  
Sorrisos vi diante de tal fera!  
Nem achei n'outro a altiva heroicidade  
Que nem o risco, nem o susto altera.

Olhando-me depois, diz com piedade:

—«Pois, sem armas, da selva mal segura  
«Te aventuraste ao solitario trilho,  
«Expondo-te, infeliz, á atroz tortura  
«De ver um tygre devorar-te um filho?»

Contei-lhe então a minha desventura.  
Ouvindo attento a dolorosa historia,  
Mais de uma vez ao rosto lhe assomava  
Da nobre indignação a côr briosa,

E embalde se esforçava  
 Por, a furto, enxugar, co'a mão nervosa,  
 A lagrima piedada,  
 Que dós olhos brilhantes resvalando,  
 Queria envergonhada  
 Ir-lhe fugaz nas faces deslisando.

— «Ai! triste, prosequin, teus males vejo;  
 «Descança, vaes por mim ser resgatado:  
 «Será meu filho o filho teu presado,  
 «Se de a patria volver não tens desejo:  
 «Se preferes voltar, dize, és liberto.»

Perdi no mesmo instante  
 As saudades do patrio meu deserto;  
 E, a seus pés, supplicante,  
 Pedi que me acceitasse o sacrificio  
 Da minha vida inteira, sua agora,  
 Em troca de tamanho beneficio!

Eis aqui o motivo  
 Porque não aproveito  
 Das cultas leis o salutar effeito;  
 E, na Europa, inda vivo  
 Reputando-me escravo!...

De um grato affecto sou porém captivo.  
 E a tal escravidão não acho eu travo.»

## XXXIX

### O HYMNO DE VIRIATÓ.

Das armas no rijo embate  
A Lusitânia campêa ;  
E no frágor do combate  
A fronte se lhê incendêa.  
Pula, ardente coração,  
Dentro em peito de leão !

De contrarios e traidores  
As nuas, alvas ossadas  
Enfeitam, em vez de flores,  
D'estes cerros as quebradas.  
Pula, ardente coração,  
Dentro em peito de leão !

Accorrei-me, a cento e cento,  
Guerreiros da Herminia (1) serra,  
Sôlta a cóma, dada ao vento,  
Ao vento bravo da guerra.  
Pula, ardente coração  
Dentro em peito de leão!

Guerra, guerra! Em guerra armadas,  
Bradam: «guerra» as fundas brenhas;  
Armas são, arremeçadas,  
As pontas das nossas penhas.  
Pula, ardente coração,  
Dentro em peito de leão!

Que stridente som rebôa,  
E recresce, e forças ganha?  
D'ecco em ecco o *pæan* (2) trôa  
Pelas fragas da montanha.  
Pula, ardente coração,  
Dentro em peito de leão!

Nos ramos do roble velho  
Oscilla o *clypeo* (3) sagrado:  
Dos anciãos o conselho,  
Eil-o em torno congregado.  
Pula, ardente coração,  
Dentro em peito de leão!

Guerra, guerra! Livres somos!  
D'um lado do escravo a sorte,  
E d'outro acabar quaes fomos...  
Não se hesita: antes a morte.  
Pula, ardente coração,  
Dentro em peito de leão!

(1) Serra da Estrella.

(2) Grito de guerra.

(3) Escudo orbicular.



Antes a morte do ferro  
 De que a paz envilecida :  
 Tornar a patria em desterro  
 Não é paz, e menos vida.  
     Pula, ardente coração,  
     Dentro em peito de leão !

Vêdes em sangue escorrendo  
 Esta mão que as feras doma ?  
 É do holocausto tremendo (4)  
 D'ess'outras feras de Roma.  
     Pula, ardente coração,  
     Dentro em peito de leão !

A paz do Pretor é laço  
 Que um povo inteiro soffoca :  
 Fere mais que o forte braço  
 A traição da astuta bocca.  
     Pula, ardente coração,  
     Dentro em peito de leão !

Não vos diz tudo : « vingança ? »  
 Crime fôra, e fôra insania,  
 Á perfidia mais que á lança  
 Daí a flor da Lusitania.  
     Pula, ardente coração,  
     Dentro em peito de leão !

(4) A mortifera e eternamente odiosa cilada de Servio Galba nos valles da Turdetania. Attrahiu ali Galba os Lusitanos, seduzindo-os com a promessa de repartir-lhes novas terras, e de tal forma os soube illudir que os persuadiu a entregarem-lhe as armas. Tanto porém que os viu desarmados, faltando á fé jurada, deu sobre elles com as legiões, antecipadamente aperechidas para a geral matança, ficando nove mil cadaveres, varões, anciãos, mulheres e crianças, juncando o campo. Viriato, á frente dos raros que escaparam, no proprio logar da carnificina juramentou pava a vingança os seus companheiros, mettendo todos as mãos, por maior solemniidade, nas feridas ainda quentes dos que jaziam.

Guerra! Façamos, guerreiros,  
 Tredobrando a fúria aos vortos,  
 Dos anéis dos cavalleiros  
 Um grilhão para as cohortes.  
 Pula, ardente coração,  
 Dentro em peito de leão!

Rompam as águias, e o dia,  
 D'esses claros horisontes:  
 Na rocha as garras afia  
 O abutre dos nossos montes.  
 Pula, ardente coração,  
 Dentro em peito de leão!

Calça a ócrea (5) ó Turdetano, (6)  
 Celtibero (7) empunha a clava:  
 Quem ha-de atalhar-te o dano,  
 Sendo a Lusitania escrava?  
 Pula, ardente coração,  
 Dentro em peito de leão!

Guerra pois, que é certa a gloria!  
 Bem vistes: ha pouco li-vos  
 Os augurios da victoria  
 Nas entranhas dos captivos.  
 Pula, ardente coração,  
 Dentro em peito de leão!

(5) Arma defensiva, que subia a meia altura do joelho, e  
 quasi a grossa da meia idade; — de coiro ou de sedas de cravillo  
 fortemente tecidas.

(6) As tribus Turdetanas povoavam o Algarve e parte do  
 Alentejo, e formavam um dos povos mais consideraveis da Hespanha.

(7) Estendiam-se os Celtiberos pelas margens do Ebro, e  
 ramificando-se pelas Asturias e Galliza.

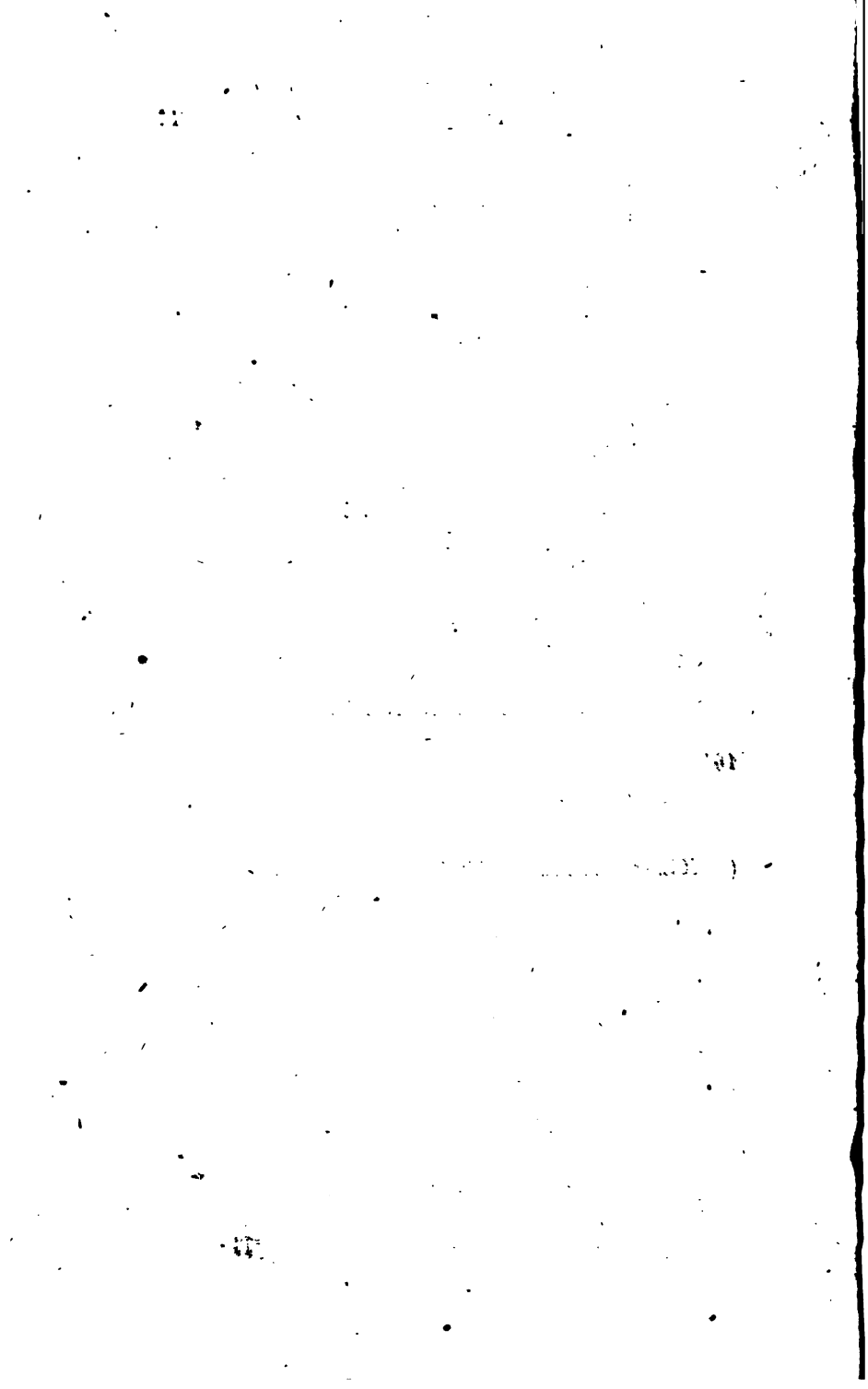
Venus, nossa protectora,  
 Nos fará Marte propicio  
 Em breve as aras lhe cora  
 Amplo o humano sacrificio.  
     Pula, ardente coração,  
     Dentro em peito de leão!

Ais de morte as vagas gemem  
 E ao som da horrenda harmonia  
 Os rudes pincares tremem  
 Sobre a Cinthia (8) penedia.  
     Pula, ardente coração,  
     Dentro em peito de leão!

Guerra! Ávante! Eil-os! Á guerra!  
 Tremem do susto que as toma,  
 Sob os nossos pés, a terra,  
 Ante os nossos olhos, Roma!  
     Pula, ardente coração,  
     Dentro em peito de leão!

104...

(8) Cintra; promonterio Cinthio.



## **XL**

### **A CARTUXA DE PARIS.**

**(VERSÃO DO FRANCEZ.)**

Ó claustro, onde os discípulos de Bruno  
As orações occultam que ao ceo mandam,  
Os porticos modestos abre, ó claustro !  
Nos agrestes jardins entrar me deixa,  
N'esses que d'antes Catinat buscava  
Para esquecer os reis fugindo á côrte !

Paris conheço. Leve o pensamento  
Discorre á tóa em seu recinto enorme.  
Quero aqui apertar de soltos dias  
A quebradiça, mal formada trança ;  
Venho, só, recolher o scismar vago !

Foge, ó rumor ; pompôsas Tulherias ;  
Louvre, que aos olhos meus guardas intacto,

Apoz com annos, de Luiz o fausto :  
 Prefiro a soledade, em que, liberto,  
 Pode o espirito ermar, mesmo entre as ondas  
 Da capital, que ferve e tumultua.  
 Amo o retiro : consagrei-lhe a musa !

Já, mais tenue o esplendor que o mundo aclara,  
 Setembro foge, desmaia"do o brilho  
 De que o anno momentos fulge ainda.  
 Dobra a paz, que me prende a taes logares,  
 Seu saudoso pallar. Suave aos olhos,  
 Mais sombria a verdura, em grave aspecto,  
 Cala-se ao lucto do cenobio triste.  
 Quero internar-me sob as ramas densas  
 Do bosque amarelento. Reclinado  
 Na relva, que já pallida esmorece,  
 Goso o ar, goso a sombra, amo o silencio !

Esses carros que levam rumorosos  
 A soberba opulencia : esses trabalhos  
 Da multidão, que se levanta em vagas ;  
 E o som confuso, voz da gram-cidade,  
 Nada turba a soidão de Bruno aos filhos :  
 O arruido os circunda, e a paz tem n'alma !  
 Dia a dia, sob inconstante forma,  
 Do seculo o phantasma, em mão do tempo,  
 Junto lhes pissa, alardeando em balde  
 Pompa fallaz. Deixaram vãs chimeras :  
 Afóra a eternidade o mais é sonho !

E ousaes chorar seu destino infausto ?

«Que fatal preconceito a leis tão duras  
 «Ligou (d'zeis) os pios suicidas ?  
 «Lentos morrem de negra dor, comidos :  
 «Altar, de ferro lhes aceita os votos,  
 «E o desespero só mora com elles ! »

Vós, que às victimas credulas daes prantos,  
Comigo penetrae n'este recinto.

Que aspiraes? Ar dos ceos, um ar sereno.  
Fogem pesares, as paixões se calam,  
E o mudo claustro vos seduz co'as trevas!

Mas que lugubre tom do campanario  
Desce e faz susurrar os dormitorios?  
O bronze, a voz do tempo, formidavel,  
Hora apoz hora, ao pobre anachoreta  
Em longos eccos diz: «attende á morte!»  
Pela abobada os sons se escoam tenues  
E, depois de expirar, inda nos fallam.  
Grave a meditação, que, desde a aurora,  
Curva percorre os frios pavimentos,  
Ouvindo pára, e lê sobre uma campa  
O epitaphio, dos annos quasi gasto,  
Que o scôpro gothico entalhou na pedra!

Eloquente painel! Praz á minha alma  
O zimbório, que um sancio horror negreja;  
E as eras abraçando os rotos muros,  
Onde, gemendo, faz ouvir seus pios  
Ave agoireira, que só canta a mortos;  
E da tarde o cair; e os renques d'ólmos,  
Aos quaes descendo o sol um raio vibra,  
E o busto pio, que reveste o musgo;  
E o metalico sino suspiroso;  
E o templo sancto, em que, ao toque d'alva,  
Cada dia um concerto surge austero  
Do silencio profundo, e sobe aos ares;  
E as reliquias do martyr que o altar guarda;  
E a relva densa que atapeta a campa,  
Modesta campa, aonde, sem remorsos  
Passou aventurado o cenobita  
Da mudez da clausura á paz da morte!

Já desce a escuridão sobre as paredes;  
 É seu lucto maior, mais funda a sombra.  
 Os cumes de Meudon o sol me occultam.  
 Morre o dia. O póente, descorando,  
 Do fogo apaga os ultimos reflexos!

Eis subito irradiá naya aurora,  
 Que lenta sobe ás cupulas escuras,  
 Do paço, (1) ao pé, por Médicis erguido;  
 Branqueia o cimo, e, á vista deleitada,  
 Cóa pela vidraça o argenteo disco.  
 Das saudades o astro do ceo véрте  
 Mistica luz aos mausoleos do claustro,  
 Qual se fôra o revérbero suave  
 Que as palpebras afaga ao justo extincto.

Horrida agora não descubro a morte:  
 Seu aspecto enternece e não me espanta.

Engano-me? Escutemos. Sob a arcada  
 Ghega-me o ecco de ineffaveis hymnos.  
 Sacra a religião, velada, desce;  
 Aproxima-se: a paz, que dulcifica,  
 No fundo d'alma já se infiltra occulta,  
 De um Deus a voz incognita, em segredo,  
 Baixo vos diz:

—«Meu filho, aqui te aguardo:  
 «Comtigo sou no fundo do deserto!»

Agora os olhos levântae do enlevo  
 D'esta contemplação. Vêde, no mundo,  
 Nos seus trilhos cansados, os humanos  
 Perseguinto, inconstantes e sem fructo,  
 Esperança tenaz da dita esquiva.  
 Recordae esses seculos selvagens,

(1) O Luxemburgo.



E os seus costumes barbaros e atrozes ;  
N'elles a Europa inteira devastaram  
O duro Vandallo, o feroz Lombardo,  
E a Roma o sceptro disputaram Godos.  
A força era sem freio, o fraco inerme !

Fallae : ousareis vós impor censuras  
Aos Bentos e aos Basílios, que, fugindo  
Ao seculo maldicto, em tempos impios,  
Abriram contra a dôr sanctos refugios ?

Oh ! desertos do Oriente, áridos cerros,  
Antros, mattas, ascéticas thebaidas,  
Que infortunios em vosso escuro seio  
Outr'ora não guardastes de oppressores !  
Escondiam-se ali ; e o christão puro,  
Que pura a crença fêrvido abrigava,  
Vivendo só com Deus n'aquellas brenhas,  
Orava ao menos sem temer verdugos.  
As victimas ali não se atrevia  
O tyranno a seguir ; e muitas vezes,  
Desarmado a seus pés, no logar sancto,  
Buscava indulto para os longos erros.

Virtude impavida habitava o ermo !  
Vêde, nos restos de Carthago e Thebas,  
Nos fundos vãos, nas derrocadas torres,  
Illustres penitentes sepultarem  
As memorias das côrtes e do mundo !

Emmudece a paixão sob o cilício ;  
Mas o austero viver renova encantos :  
Protege Deus aquelle que o procura,  
E, sob os pés, lhe enfiçra o seu deserto.

Palmeira, que dás fresco aos Lybios plainos,  
A' sombra tua repoisaram muitos !

Prophetico Jerdão, quantos vagaram  
 A' orla do teu leito? Altivos cedros  
 Dos alcantis do Lybano famoso,  
 Vós, que um rei saturou, pulsando as cordas,  
 De divina harmonia, annosos cedros,  
 Na copa susurrante bastas vezes  
 Ao ceo mandastes muito orar fremente!

Uma pedra guardava ao monge o sono;  
 E só lh'o interrompia o grito da agua,  
 Cantando o Eterno em solitaria rocha!

Ao fragor da torrente, que o socia,  
 Subito um anjo, desvendando a face,  
 Lhe traz do ceo pacifica mensagem!

Mas não correm seus dias sem tormentas:  
 O eloquente Jeronymo, honra egreja  
 Das primeiras edades, viu de Roma  
 Voluptuario fervor transpôr-lhe o ermo.  
 Sua austera sapiencia, nos combates  
 Mais e mais se exerceu!...

Talvez, como elle,  
 Deplorando a fraqueza a rebeldia,  
 Extremoso mortal trilhou seu piso.

Ai! quanta vez suspiros inflamados  
 Trouxe a noite do fundo dos mosteiros,  
 Debalde repellindo o amor com preces!  
 Ao pé da tumba a penitencia vela:  
 Entra, escondida sob os longos crêpes,  
 E ao benigno Senhor se entrega em chépeo.

A Comminge, a Rancé deu Deus desculpa:  
 A Comminge, a Rancé quem não dá prantos?  
 Quem não lhes sabe o amor, e o malhão-pena?

E tu, que as almas ternas has turbado,  
Vestal do Paraclete, miseranda,  
Tu, que, sem proferir juras vulgares,  
Dotaste o amor de sentimentos novos;  
Tu, que o homem sensível, illudido,  
Rever quizera na mulher que adora;  
Heloisa, ao teu nome o peito arqueja!  
Novo Abailard te amou qual se não ama!...

Quantas vezes busquei, fugindo á turba,  
O asylo onde em Paris viveste joven!  
As venerandas torres, que ao ceo ergue  
A cathedra, onde os avós oraram;  
Essas torres conservam tua história,  
Triste historia de amor, que os eccos sabem.  
Vi ali os vestigios da morada  
Do teu Fulberto!...

Diz-se que, em taes sitios,  
Longo um gemido sôa de anno em anno,  
A' hora em que o hymineu fatal travaste!

A donzella então lê, no fim do dia,  
Essa carta em que o amor arde eloquente.  
Vendo-lhe a turbacão, o amante em ancias  
Co'a chamma escripta mais augmenta o fogo!

Mas que faço, imprudente? Em tal recinto  
Ouso fallar de amor, quando me cercam  
Lições do tumulto e terror supremo!

Do longo corredor nua a parede  
De anathemas se cobre pavorosa:  
São maximas de morte, que ante os olhos  
Anjo exterminador expõe facundo.  
Frequente leio: *Deus, vingança, inferno!*  
Vê-se o rigor, esconde-se a clemencia!

Claustro escuro, onde o ceo amor proscreeve,  
Onde o instincto maior é maior crime,  
Ao teu seio voando, a phantasia  
Buscava a sancta paz, a mudez ampla ;  
Mas outras sensações minh'alma aspira,  
E ante um dever tão rigido esmorece !

Quando o tempo, trazendo o desengano,  
Me houver desfeito das paixões o germen,  
E o rapido prazer que trava a prantos ;  
Quando o meu coração penar segredos,  
N'essas horas, amadas do poeta,  
Em que elle quer, vagando em liberdade,  
De si mesmo fruir, scismar ermando,  
Então virei, ó solidão tranquilla,  
Esquecer no teu cêntro o vão tumulto,  
E procurar, na abobada deserta,  
A casta musa que inspirou taes carmes !

## **XLI**

### **O JUDEU ERRANTE.**

**(LEENDA HEBRAICA.)**

*Flebilis ille. . . .*

**I**

Eis a noite. Da immensa tormenta  
A voz sôa, tremenda e fatal,  
Átra voz, que no abysmo rebenta,  
Qual do espirito negro do mal!

Alvo manto, que a ossada reveste  
Da nevoenta montanha, brillhou;  
Raio lívido o esguio cypreste,  
Sceptro d'ella, n'um facho tornou;

E scintilla, e flammeja, e semeia  
Chispas rubras, palhetas d'Ofir;  
E, grandioso e sublime, na ideia  
Fica o horror sobre o horror a cair!

Ruge o oceano, leão furibundo,  
 Empinado entestando co' o ceo:  
 Afigura-se um cahos o mundo,  
 Se é que o mundo no cahos não deu.

Geme a terra. O ceo chora. São rios  
 Largos prantos do escuro bulcão.  
 Os gemidos trovões. Quasi frios,  
 Desmaiados os povos. . . estão!

Ai! que extremos d'horror excessivos!  
 Mais tremendo pavor não será,  
 Quando aos mortos disser: «descobri-vos!»  
 A voz grande do grão Jehovah.

A montanha, n'um ambito breve,  
 Do universo resume o terror:  
 Fogo a cóma, no pincaro neve,  
 Sangue imita, é sudario no albor.

Junto ao fusco cypreste inflammado  
 Passa um vulto, que é unico ali;  
 Alta a fronte, na fronte marcado,  
 Tristemente dos medos sorri! . . .

## II

Quem, era? d'onde vinha? Grave e lento,  
 A montanha desceu.  
 Fogo e neve galgou. Choveram raios;  
 E o vulto, não tremeu!

As copas, verdeneiras da floresta  
 ; Horrendas ullularam;  
 E, dobrados, os troncos milennarios  
 Gemendo se abraçaram.

E um medonho tair sobre de ferros,  
 E silvaram serpentes,  
 E os tetricos phantasmas, nas clareiras,  
 Alvejaram frementes.

E as trevas a crescer ! Cresceu com ellas  
 Des homens o temor....  
 Mas não temia o vulto, que tranquillo  
 Passava em tanto horror.

E passava, e seguia ; ávante, ávante,  
 Ávante, sempre ávante,  
 Deixando, atraz de si, o proprio medo  
 De medo palpitante.

Sereno caminhava na tormenta,  
 A mil mortés exposto,  
 Bronze os pés, bronze o peito, bronze a fronte,  
 E mais bronze inda o rosto.

Quem era ? D'onde vinha ? Qual seu fito ?  
 Não n'o soube ninguém !  
 Olhou fixo a tormenta ; ficou mudo :  
 Passou, sorrindo, além !

## III

O maldicto da Judéa,  
 Incassante peregrino,  
 Eil-o, que arrasta na terra  
 O seu lugubre destino.

Ávante, ávante ! Não pára,  
 Não respira, não descansa :  
 Debalde foga ao remorso,  
 Segue debalde a esperança.

Desde o dia do seu crime  
É por seu crime impellido ;  
Com elle sempre abraçado,  
E sempre d'elle pungido.

Proximo ás raias da morte  
Não pode á morte chegar :  
Novo Tântalo da campá,  
Só logra a campá avistar.

É-lhe a vida como o abutre  
Do condemnado d'outr'ora ;  
Devora entranhas eternas,  
E a si mesma se devora.

Avante, ávante! Não pára,  
Não respira, não descansa :  
Debalde foge ao remorso,  
Segue debalde a esperança.

São-lhe os olhos os verdugos !  
Se de amor sente a anciedade,  
É seu amor o infinito,  
Seu ciúme a eternidade.

Porque insultaste o Messias,  
Ó desgraçado Ashavero ?  
Foste o teu algoz mais duro,  
Sendo o seu algoz mais fero.

Avante, ávante! Não pára,  
Não respira, não descansa :  
Debalde foge ao remorso,  
Segue debalde a esperança.



Ai! dirão que a morte é pena!  
Maior pena é não morrer:  
O mais cru dos sofrimentos  
É ser eterno, e sofrer!

Eil-o vaga, vaga incerto,  
Sempre em continuo transporte,  
Preso á vida por seu fado,  
E por seu desejo á morte.

Não é do ceo, nem da terra,  
Nem do bem, nem da desgraça;  
E' do espaço, e n'elle immerso,  
Quer, não pode, anheia... e passa.

Que vês no mundo, Ashavero?  
Deserto immenso has-de ver,  
Sem verdor, astros, nem sombras...  
Sem um tumulto sequer!

Avante, ávante! Não pára,  
Não respira, não descansa:  
Debalde foge ao remorso,  
Segue debalde a esperança.

## IV

A' noite, quando a noite se récama  
D'uns astros pelo ceo, d'outros na terra;  
Quando o pallor da lua aos labios chama  
O que n'alma se encerra,  
Se quer a noite olhar  
—«Noite não tens!» occulta voz lhe clama...  
—«Caminhar! Caminhar!

Desdobra a aurora o manto purpurino,  
 As estrellas, quaes perlas, atirando  
 Do firmamento ao mar. Na selva um trino  
     Soa de quando em quando:  
     Se elle o quer escutar,  
 —«Não tens aurora!» a voz lhe vae troando...  
     —«Caminhar! Caminhar!»

Em tarde estia, quando, na deveza,  
 Em turva nuvem d'oiro ao sol fulgura  
 O pó do valle, e quando a natureza  
     Docemente murmura ;  
     Se elle a quer contemplar,  
 —«Tarde não tens» lhe estruge a voz no ouvido...  
     —«Caminhar! Caminhar!»

## V

—«Archanjo do remorso, este martyrio  
     «Quando ao fim chegará?  
 «Acaba-me! Não tens um monte, um raio  
     «Que me esmague aqui já?

«Que pode haver na terra que eu não tenha  
     «Tristemente sentido?  
 «Que sciencia, que mal, que, em dôr crescente,  
     «Não haja visto e ouvido?

«Vi de Roma a loucura; vi, na ârena,  
     «Das fauces dos leões  
 «Sair a nova fé, que a fé devava  
     «A's futuras nações;

«Vi sangue humano a espadanar no dholman  
«E os celticos mysterios;  
«E das quentes entranhas consultadas,  
«Saírem vinte imperios. (1)

«Da sociedade vi aurora e dia;  
«Vi povos transformados;  
«Umas cranças nascer, morrerem outras;  
«Vi do Uiverna os fados.

«Da cruz e do crescente as altas luctas  
«Eu vi sanguinolentas,  
«Modificando o mundo, e pelo mundo  
«Semeando as tormentas.

«Vi meus filhos, meus netos perpassarem  
«Pela terra, acossados;  
«Vi-os, meu sangue, no sangue teu mentindo,  
«Fugirem-me apressados.

«Vi tudo; encarei tudo; sube tudo;  
«E vivo!... Mas tão fado  
«Quem n'ó-pode sonhar? Os outros findam  
«Não cabe este no mundo?

(1) É geralmente sabido como os holocaustos, offerecidos ao deus tremendo dos celtas, o sanguinario Theutates, eram victimas humanas. Precediam os augúrios dos Druidas as resoluções da nação. Consistia o principal destes augúrios na consultação das vísceras palpitantes. Assim foi que a polition do Grão-Druida Atax lhe fez ler a ordem celeste d'onde se derivou aquella guerreira emigração celta, que levou as suas tribus,—principalmente a dos Tectosagas,—a conquistar e povoar as terras de Panônia, da Illyria, e, na maior parte, as margens do Rhén e do Danubio. Assim se fundaram effectivamente as novas raças e imperios. A sciencia ethnographica é muita vez um admiravel poema.

«Archanjo do remorso, este martyrio

«Quando ao fim chegará?

«Acaba-me. Não tens um monte, um raio

«Que me aniquile já?»

Assim pensava o triste, dentro d'alma

Recalcando a afflicção ;

Nos olhos gelo, marmore nas faces,

E no peito um vulcão !

## VI

Onde estás hoje, Ashavero ?

Quem soube o fim ao Judeu ?

Morto-vivo e vivo-morto,

Quem nos diz se já morreu !

Ao mais rijo das batalhas

Desarmado arremetteu ;

Dez espadas lhe cravaram

Pelo peito. . . e não morreu !

Crespo o mar em serras d'agua,

Nas aguas comsigo deu ;

Deu nas penhas e recifes,

Deu no abysmo. . . e não morreu !

Por entre um bosque de chammas,

Na furia d'ellas, rompeu ;

Cruzaram-se as labaredas

Sobre o triste. . . e não morreu !

Onde é pois o desgraçado ?

Quem sabe o fim ao Judeu ?

Doeu-se d'elle o seu anjo ?

Quem nos diz se já morreu !

## VII

Nes gelos altos do Pólo,  
Dos Titães entre as ossadas,  
Onde nunca entraram homens,  
Viram-se humanas pégadas.

Era o eterno peregrino :  
Chorae, mortaes, seu destino !

N'este imperio do silencio,  
Alvo, liso, nú, deserto,  
Um vulto passou, qual sombra,  
De neve. . . e de horror coberto !

Era o eterno peregrino :  
Chorae, mortaes, seu destino !

Depois sumiu-se onde á terra  
Quasi se une pardo o ceu,  
Andou. . . andou. . . Dos seus passos  
Ao longe o ecco morreu ! . . .

Era o eterno peregrino :  
Chorae, mortaes, seu destino !



## **XLII**

### **AVE, REX.**

Ante o berço de um Deus, pae da egualdade,  
Me prostro, grave e mudo.  
Salvè aurora christã da liberdade :  
Bethlem, eu te saúdo !

Rojo a fronte no pó, que ali desponta  
O sol da Redempção ;  
Adoro a Luz, que apaga a eterna affronta  
Do legado grilhão !

Cantae, vozes do mar, vozes da serra,  
Um cantico profundo.  
Eis o Senhor ! Jesus nasce na terra,  
No Ceo renasce o mundo !

Cura aos homens, Jesus, nova ferida  
De nova escravidão;  
Que, em vez da antiga mácula remida,  
Ficou-lhes a ambição!



## **XLIII**

**CHRISTUS REX.**

### **I**

**Eil-o. Ao Golgotha vae, suando em lagas  
O orvalho da agonia :  
Pelos rubidos labios de cem chagas  
Proclama o novo dia.**

**A purpura real leva cingida  
Por derradeira affronta ;  
Sobem-n'o á cruz ; despede-se da vida,  
E a liberdade aponta !**

Partiram-se as algemas n'este empenho  
 A' humanidade inteira ;  
 É o Horto pedestal, é haste o lenho  
 E a purpura bandeira !

É bandeira que, esplendida volteia  
 No pincaro sagrado ;  
 É o symbolo, o mysterio, a sancta ideia  
 Do mundo resgatado !

## II

Avè, Christo, Christo rei,  
 Que, no throno da montanha,  
 A' custa-de dôr tamanha  
 Proclamaste a nova lei.  
 Foi cumprida, até as metas,  
 A palavra dos prophetas.  
 «Pelo mundo penarei»  
 Tinhas dicto ; e, n'esta scena,  
 Te rendeste á dura pena :  
 Avè Christo, Christo rei !

Nobre herdeiro de Judá,  
 Aceitaste como herança  
 Aquella flor d'esperança  
 Que no mundo se não dá.  
 Era apanagio celeste :  
 Nas mãos ao mundo a trouxeste ;  
 E, para colher a já,  
 Deixaste, ao extremo anseio,  
 Bêrger fundo o sacro seio,  
 Nobre herdeiro de Judá.

Das rosas de Jerichó  
 Foste vergonteia florida.  
 Bonfres. Deraste a vida  
 O que era da vida, espó!  
 Nas nuévas do Calvario  
 Dever quinze um estado  
 A piedoso, alheio dó!  
 Para ser da terra a estrella,  
 Murchou-se a rosa mais bella  
 Das rosas de Jerichó.

O signal da Redempção  
 Deste ao transe supremo.  
 Que exemplo! Teu brado extremo  
 Foi um brado de perdão.  
 O ferro que te exaurira,  
 Do ceo as portas abriu  
 No esgotado coração;  
 Dos algózes o delirio  
 Fez do lenho do martyrio  
 O signal da Redempção.

O mundo já livre é;  
 Nem hade mais ser rendido;  
 Porque no sangue vertido  
 Forte se faz toda a fé;  
 E esse sangue, espadanado  
 Do divino, aberto lado,  
 Diz ao mundo: «espera e crê!»  
 São só de amor estes laços:  
 Do martyr nos rotos braços  
 O mundo já livre é!

## III

Que importa, no helocausto venerando,  
Das teitas o clamor ?  
Irá no pó dos séculos medrando  
O verbo do Senher.

A cruz será nas provas da constancia  
Raio d'um novo sol ;  
E brilhará nas trevas da ignorancia  
Como eterno pharol.

Em vão, na tempestade, a vaga irada  
Vae bater-lhe ao sopé :  
Como o fogo da Vesta fabulada,  
Arde o lume da fé.

Multiplica-se a cruz, cobre a cidade,  
O campo, e a serra agreste ;  
Levanta-se onde avulta a humanidade :  
No loiro... e no cypreste !

Sobe do colmo a cupula preclara ;  
No Universo discorre ;  
Peleja e marcha ; marcha e nunca pára ;  
Padece, mas não morre !

## **XLIV**

**SURREXIT !**

**Alleluia ! Alleluia ! Alleluia !**

### **I**

Reinam trevas. Da meia noite as horas  
Gemebundas no bronze susurraram.  
Deserto o templo está. Sancto silencio  
E' este, que domina temeroso  
Na casa do Senhor. Pallida e triste  
A baça luz da lampada soturna,  
No denso ambiente agonizando anciada,  
Em subitos clarões intermittentes  
Quasi finge suspiro derradeiro  
D'homem que vae morrer. Ao brilho rapido  
Phantasticas, enormes se alevantam  
As columnas do templo. Expira a chamma,  
E os gigantes de marmore na sombra,  
Na sombra e no mysterio, novamente

Os capitais symbolicos engolpham.  
 Na funda solidão sómente eu vélo.  
 Dorme tudo em redor. A paz solemne  
 Que me cerca e me envolve é paz de morte.  
 Que paz!...

Acaso um tumulto não vejo  
 Lá no extremo da nave tenebrosa?  
 Não a vejo tambem crescer-me ao longe,  
 E alongar-se, e alongar-se?... Vejo. Ao fundo  
 Os muros emblematicos do templo,  
 Rasgados como um vejo, deixam patente, —  
 Em deserta campina, calva e triste,  
 De informes, cadavericos penedos  
 Toda orlada em redor, — o vulto grave  
 D'um tumulto singelo. Eil-o, que o vejo;  
 Vejo-o d'aqui. A' lisa cabeceira  
 Pendida a fronte, o rosto annuveado,  
 Com ar de quem megeado se lamenta,  
 Um anjo d'azas candidas se assenta.

## II

Quem jaz ali?...

Refulge subitaneo,  
 De viva luz, de immensa claridade  
 O rosto ao cherubim; Celestes côros,  
 Suspensos os septidos, arrebatam  
 O coração. Os angulos do tumulto  
 Raios lançam, que cegam, dealumbrando.  
 A pedra sepulchral partida estala.  
 Lume vivo golphando....

E' elle, o Eterno,  
 O Homem Deus, o Martyr da montanha,  
 O Filho de Judá, o Desmiado,

O Cumpridor das altas prophecias,  
O Rei dos reis, a Magestade summa,  
O Pae, o Redemptor, o Mestre — Christo!

Faces no chão, mundanos! Joelho em terra  
Homens vaidosos! Universo, exulta;  
Humilha-te ao teu Deus!

Vêdel-o? Surge  
Em toda a pompa, em toda a magestade  
Da sua eterna gloria. Ó natureza,  
Então-lhe os teus hymnos mais festivos;  
Murmurae-lhe, ó ribeiros da planície,  
O canto triumphal; aves, trinae-o;  
Susurrae-o, florestas. Vós, sonoras  
Aguas do mar; vós, cedros da montanha;  
Vós, ó gárrulos ecos; vós, profundas  
Tormentas trepidantes; vós, ó selvas;  
E vós também, desertos suspirosos!  
Vós todas, que, na mistica harmonia  
Dos mundos e dos entes, alcançastes  
Uma nota cantar, cantae-a alegres  
Ao meu e vosso Deus. Completo seja  
O gram concerto. Alluminae-o, estrellas.  
Astros do ceo, bordae-lhe o seu caminho.  
Curvae-vos, gerações, e respeitosas  
Sumi no pó as fronte orgulhosas!

### III

A promessa do Eterno foi cumprida,  
E á risca, ponto a ponto, as escripturas!

Já no cimo do Golgotha tremendo  
A palavra «perdão» caiu no mundo,  
Mundo e homens por ella reagitados  
Tem amplo, tem patente, aberto, e livre

O caminho do ceo pela esperança!  
A cruz da infamia é signa de triumphos!  
A cruz tenceu!

Ó nobre lenho, salvê!  
Salvê, lenho da cruz! Lábaro sancto,  
Hasteádo no cume da montanha,  
Salvê, tres vezes salvê! Med:atario  
Entre os homens e o ceo, eis-te explicando  
Os mysterios da vida e os do sepulchro  
Aos seculos e ao mundo; eis-te assellando  
Solemne, triumphal, eterno, o pacto,  
O grão pacto de paz!

Prostrado e humilde  
N'estes do templo marmores antigos,  
As mãos a vós levanto, e ao ceo meus olhos:  
O calix, que o meu Deus tragou submisso,  
O calix doloroso da amargura  
Foi ao mundo remedio e foi ventura!

## IV

Resuscitou o Eterno! A gloria sua  
Enche os mares e o ceo, inunda a terra,  
Cobre todo o universo, e ao proprio abysmo  
Um raio manda a consolar piedoso  
Quantos podem ser inda consolados.  
O Eterno resurgiu! Para acolhel-o  
Abrem-se os ceos, como Elle abriu seus braços  
Nos tratos do Calvario á humanidade!...

E o tumulo onde está? ondê a campina,  
Horto gentil tornado escuro e raso?  
Onde os broncos penedos que a circulam,  
E o cherubim formoso? Onde se escondem?



No mundo das visões estão perdidos.  
Ou foi isto illusão dos meus sentidos?

## V

Tudo é sombra em redor. Som de meus passos  
Acorda nas abobadas profundas  
Os eccos dormitantes. Apagou-se  
A luz do sanctuario. Pelos ares  
Os do templo domesticos espiritos  
Vagueam susurrando brandamente.  
Na casa do Senhor familiares  
Uns com outros conversam. Aos ouvidos  
Confusos sons de externo movimento  
Pouco a pouco me chegam. Rescendentes  
Estes ramos, que o marmore atapetam,  
De fragrante alecrim, de rosmaninho,  
Novos perfumes exhalâr parecem  
Pelo sancto recinto. Vae, lá fora,  
Surgindo, creio, a madrugada ao mundo.  
Os pendentes ornatos luctuosos  
A frôxa luz embaçam. . .

Não: no cimo,  
Aqueella fresta gothica, perdida  
Entre os rendados symbolos de pedra,  
Timido assema um raio; curioso  
Debruça-se depois, e cresce, e alonga-se,  
E vae, lucida fita abrindo as sombras,  
Bater na cruz do altar.

Oh! não foi sonho  
O cherubim, o tumulo, a campina.  
Ai não, não me illudí. Aquelle raio,  
Doirando a cruz, m'o diz; diz-m'o esta nave;  
Estes veos dolorosos, tristes restos,  
Me dizem tristemente a pompa triste;

Essa gala que ao templo se prepara  
Precursora de festa e d'alegrias,  
Tudo, tudo m'o diz.

Mysterio sancto  
Da minha redempção, eu te saúdo!

Ave, Pae, Christo rei, divino Mestre  
Que, de pé sobre o novo monumento,  
O lençol de Joseph de Arimathea  
Em purpura tornaste. Salvê, Christo,  
Eterno vencedor; Sancto dos sanctos,  
Que seccaste do mundo os longos prantos!

## VI

Do templo em breve as sombras tenebrosas  
Vão todas ser desfeitas. O veo negro  
E os crépes que o revestem vão sumir-se.  
Vestindo flores, e palmas, e brocados,  
Aberto ao sol e aos homens, dentro em pouco  
As altas, bronzeas portas descerrando,  
Franquear-se ha-de ás turbas.

Virão ellas?

Sim, que hão-de vir. Eguaes talvez na pratica,  
E talvez deseguaes no pensamento!

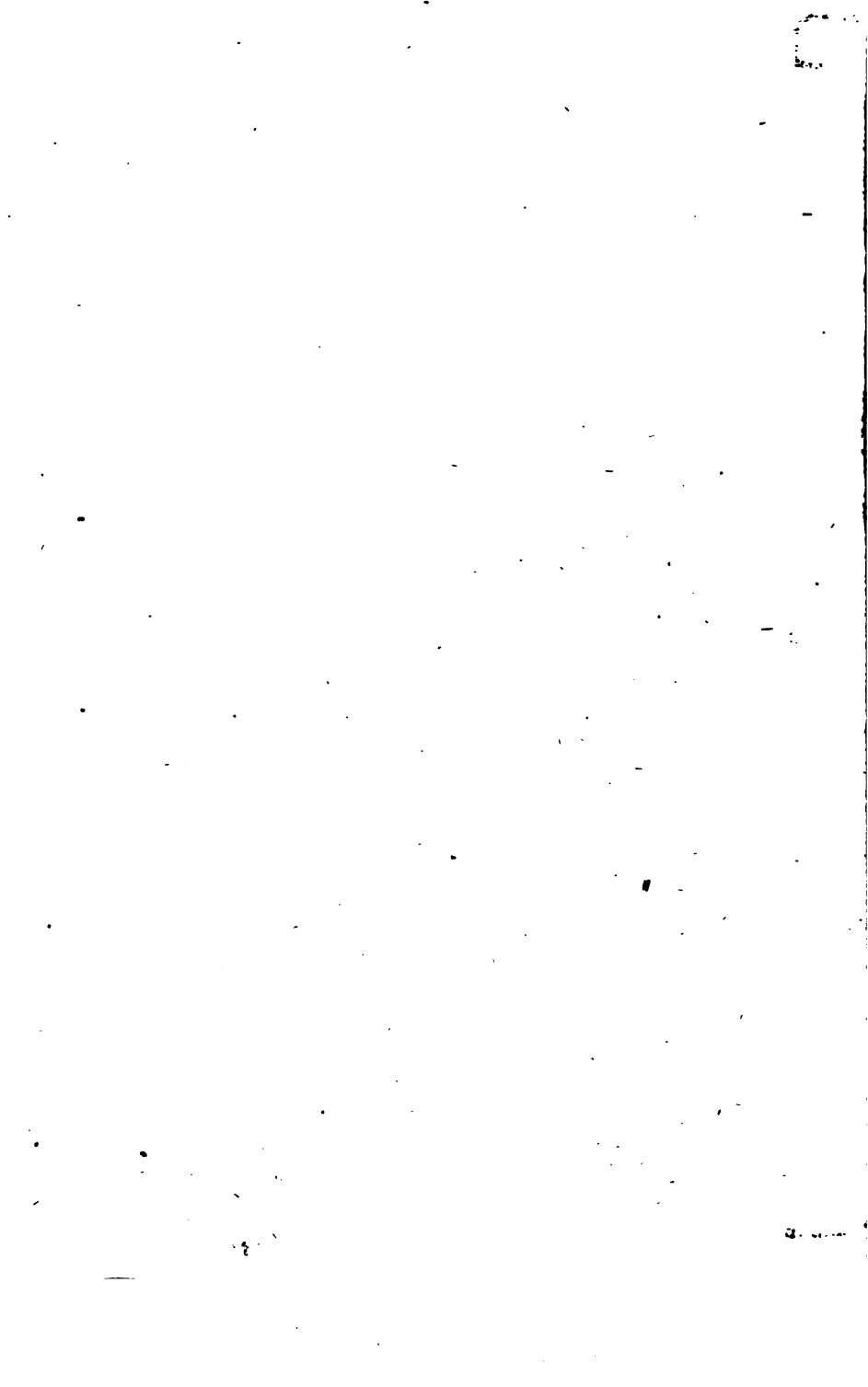
A pompa triumphal succede ao lucto  
E a filha de Syão, a branca virgem  
Da cidade sagrada, troca em risos,  
Em cantos festivaes as lacrimosas  
Doloridas canções. Assim triumpha  
De seculos, de loucos, e de incredulos,—  
E de ingratos também,— a nobre crença,  
A fé pura da cruz! Assim aos tempos  
De atroz perseguição e de desterro,

De dôr chorada em trevas, de mil penas,  
De funda magoa, e tratos, e tormentos,  
Succedeu bonançosa a quadra amena  
Da victoria, da paz e dos seus fructos:  
O protesto dos justos é qual era,  
O Evangelho venceu, a Cruz impera.

## VII

E o cherubim, que o tumulo guardava,  
Permaneceu no mundo á voz do Eterno  
Para o velar sem fim; que n'esse tumulo,  
Vestibulo dos ceos, ficou patente  
De Christo, Martyr-Deus, a extrema herança,  
O thesouro dos homens, a esperança!

184...



## **XLV**

**AO REVERENDO F. R. DA S. MALHÃO (\*)**

**EMINENTE ORADOR E POETA.**

**Ao mavioso cantor, illustre herdeiro  
D'uma esplendida lyra,  
Saúda, curvo e humilde, um forasteiro  
Que respeitoso o admira!**

(\*) O sr. Beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão, ornamento do pulpito portuguez, é sobrinho do celebre poeta Malhão, e tão digno d'este grande nome pela musa como pelas virtudes.

Tu excitas o transporte,  
 Eu sou simples trovador ;  
 Mas fez-nos irmãos a sorte  
 Que nos deu o mesmo amor.  
 Deixa pois que o peregrino,  
 Bemdizendo o seu destino,  
 Teus humbraes logre passar.  
 O rico ao pobre consola :  
 Do teu espirito a esmola  
 Como pobre vou buscar.

Salvè, nobre cultor d'um nome illustre,  
 Que de loiros revestes ;  
 Tu mudas, sobre as glorias do passado,  
 Em palmas os cyprestes.

Além do valle e do monte,  
 Teu canto n'alma senti :  
 Cuidei que era Anacreonte,  
 Julguei que ouvia Parny.  
 Via-te a fronte elevada  
 Tocar nos ceos inspirada :  
 Vi-te explorar, grave e só,  
 Estas ruinas tamanhas,  
 E, como o rei das montanhas  
 Bradar-lhes: «erguei-vos pó!»

Foi teu berço, é teu sonho e teu regalo  
 A veiga florescente ;  
 O monarcha da serra (1) é teu vassallo,  
 E Deus teu confidente !

(1) Allude-se ao castello de Obidos.

Quantas vezes, inclinado  
Nos partidos bastões, -  
Terás tu interrogado  
Segredos das gerações ?  
E quantas mais, escutando  
O sueste susurrando  
Pelos rendados maineis,  
Terás chamado á memoria  
Vinte seculos de gloria,  
Trinta gerações de reis.

Oh ! que bello ha-de ser, em pé, na crista  
Dos muros seculares,  
N'um relance abraçar, cingir co'a vista  
O campo, os ceos, e os mares.

Alvos lyrios do poeta  
Que de coisas não dirão ?  
Que brando affecto a violeta !  
Que negra magoa o chorão !  
Como as nevoas matutinas  
Sobre o calix das boninas,  
Mil diamantes irão pôr,  
Tornando, d'esta maneira,  
Uma flor cada balseira,  
Uma estrella cada flor !

Tu indagas do tumulto os segredos,  
E com elle discorres,  
Quando, ao luar, vacillam nos rochedos  
As arestas das torres !

032

N'essa hora de mysterios  
 E de vago-meditar,  
 Vida e morte dos imperios  
 Vaes na pedra decifrar.  
 E se, farto já de estragos,  
 Ergues o rosto aos afagos  
 Da nocturna viração,  
 Vaes findar, co'a voz que encanta,  
 Nas endeixas d'uma planta  
 A historia d'uma nação.

Vês, desfructas, intendes, e revelas  
 Essas magicas scenas.  
 Nasceste já familiar com ellas;  
 São as tuas camenas!

As magestosas ameias  
 Dos fragosos alcantis,  
 E as planuras todas cheias  
 De topasies e rubis;  
 Ora o colosso da altura;  
 Ora o arroyo que murmura;  
 Aqui, os negros portaes,  
 Negros da mão dos Fronteiros,  
 Ali, os verdes oiteiros  
 Aljofrados de cristaes;

Tudo isto é teu, assim a rocha austera  
 Como o campo esmaltado.  
 Deu-t'o o genio do ermo. É teu, Impera  
 No que o genio te ha dado.



Vasto o espirito domina  
Sobre os rôtos corucheos ;  
E das flores da campina  
Se arremeça livre aos ceos.  
Quem tal gosa e tanto sente,  
No passado e no presente,  
Pode acaso d'um mortal  
Attender ao voto insano ?  
Pode: um vate é sempre humano  
Mesmo n'esse pedestal ! (1)

Quinta do Jardim, nas immediações  
de Obidos. — 1848

(1) O sr. beneficiado Malhão, que hoje o autor se honra de contar no numero dos seus amigos, respondeu immediatamente n'outra poesia, tão bem viçada e florida, que são para sentir os seus quasi extremos de encomiastica benevolencia. Folgara o autor de apresental-a como singular attestação da juvenilidade, frescor e espontaneidade d'aquelle grande engenho, que não verga ao peso dos annos, e a quem são tão familiares as sagradas lettras e a severa palavra dos Fleury e dos Bossuet como as lettras profanas e as delicias harmonias dos Gessner e dos Lamartine; quizera mais offerecel-a como prova de que o parnaso portuguez ainda acha folegos que o subam, e inspirações que perpetuem a gloriosa dynastia dos seus poetas. E de certo o fizera, se, por lhe ser tão lisonjeiro esse formoso trecho, já conhecido do publico, este sincero intuito não pudera passar aqui por ostentoso desvanecimento.



## XLVI

A ANTONIO PEREIRA DA CUNHA. (\*)

*Pulchra stella in mare turbida!*

### I

Que me importa o rugir da tormenta?  
Do monteiro que importa o clamor?  
Que me importa que a areia sedenta  
Queime os ares co'o torrido ardor?

(\*) Uma serie de circumstancias imprevistas collocaram inopinada e temporariamente o autor, ainda verdissimo de annos, no periodo da guerra civil de 1847, á testa do districto administrativo de Vianna, — uma deliciosa terra e uma população excellente, d'onde, e de quem, trouxe memorias para muito e saudades para sempre. Redigiu, e compoz o presente, n'aquelle notavel villa,

Já não sinto o bulção temeroso,  
 Zombo já do tremendo mastim,  
 E o deserto, com ser horroroso,  
 Pode a todos turbar; não a mim!

Não, que vejo, em melhor horizonte,  
 Melhor astro suave a luzir;  
 E nas fragas do rispido monte,  
 Flor d'esp'rança, a bonina a sorrir.

Astro e flor, no cansaço e procella,  
 És-me tu — e tu só — meu irmão:  
 Não ha luz mais gentil, flor mais bella,  
 Do que a luz, do que a flor da affeição.

agora cidade, que é o centro de sua casa e solar, o distincto dramaturgo, mavioso poeta, e nobilissimo orador, Pereira da Cunha, conhecido e presado de quantos amam e estimam as boas lettras d'esta terra. Já então existia entre ambos uma estreita amisado, que nem o tempo nem a distancia tem afrouxado, e que o autor folga de poder aqui altamente testemunhar.

Todos viram ha pouco o sr. Pereira da Cunha na tribuna parlamentar, e puderam apreciar os quilates do seu talento e a elevação do seu character.

Em 1847, o sr. Pereira da Cunha e o autor acharam-se n'uma situação ardua para ambos. Seguiu cada um o partido a que tem constantemente permanecido fiel; e esses partidos encontravam-se no campo, em armas, e como inimigos. Ambos exerciam delegações importantes, e ambos militavam activamente sob contrarias bandeiras. Eram severas as instrucções que o chefe administrativo recebia da corte, e o official do seu general, com relação aos grupos insurreccionados. Não o seriam menos porventura as que os cabos da insurreição communicavam aos seus immediatos. Apesar d'isso, o sr. Pereira da Cunha e o autor nem faltaram á amisade, nem trahiram os seus juramentos.

É-lhe suave recordar agora este lance consolador, deplorando os desvarios d'uma epoca luctuosa, que espera em Deus se não renove.

Seja permittida esta pequena explicação a quem tem sido mais.

## II

Ai! peno também, qual penas,  
Da patria as chagas fataes;  
Qual as choras, choro as scenas,  
Que d'irmãos fazem rivaes.  
Nas rubras veigas, tingidas  
D'uma hecatomba de Atridas,  
Dobro os joelhos com fervor,  
A carpir, de igual gemido,  
As derrotas ao vencido,  
O triumpho ao vencedor.

Mas se a furia tormentosa  
Das soltas, bravas paixões,  
Faz que terra tão mimosa,  
Sulque o ferro das facções;  
Se o rancor, faminto e vario,  
Profanando este sacrario  
D'um solo, benção do ceu,  
Faz que o filho desvairado  
Manche as mãos no sangue herdado.  
Sobre o seio que lh'o deu;

de uma vez injustamente julgado pelas paixões partidarias, e sirva esse poemeto de provar como, já então, no meio dos horrores e da furia da guerra civil, para alguns homens o sentimento da patria estava acima dos delirios das facções, mesmo no meio d'ellas. Releve-se-lhe que elle se compraza tanto em volver os olhos para esta pagina: não é pelo que vale, é pelo que significa.

A poesia é resposta a outra primorosa, que ao autor fôra dirigida pelo seu amigo: as imagens com que abre, e que o leitor porventura não achará sufficientemente preparadas, referem-se ás que adornayam a elegantissima epistola do sr. Pereira da Cunha.

Se um povo, outr'ora d'amigos,  
 Povo de tygres se fez,  
 Se a gloria e os brios antigos  
 Se esqueceram d'uma vez,  
 Choremos ; mas, alto o rosto,  
 Cada qual em bando opposto  
 Siga recto o seu pendão,  
 Sem paixão, sem mutua offensa,  
 Rivaes talvez pela crença,  
 Irmãos pelo coração.

Sim, amigo ; o nosso encargo  
 E' de brandura, é de paz ;  
 Se aos olhos se faz amargo,  
 O coração doce o faz.  
 N'elle juntos nos achamos,  
 Juntos soffremos e oramos ;  
 Que ao peito, que espera e crê,  
 São-lhe os odios negro insulto :  
 Não attende ao vario culto  
 Quem tem n'alma a mesma fé.

Se, pois, á lucta corremos  
 E' para a mão estender  
 Ao que em terra anciado vemos  
 Já sem força a padecer.  
 Para as chagas lhe fecharmos,  
 Para, sequer, lhe atalhamos,  
 Nos roxos lábios mortaes,  
 Blasphemos da campa á beira,  
 A maldição derradeira  
 Entre os derradeiros ais.

Se porventura algum dia,  
As nossas juras fieis,  
Nos toparmos na porfia,  
Nuas as armas crueis,  
Esquecendo a pugna irada.  
Passarei á esquerda a espada,  
E, dando-te a mão leal,  
Bradarei: «os odios calem:  
Paixões do mundo não valem  
O que este abraço só val!»

## III

Como a tua, minh'alma se empega  
N'esse golpho luzente dos ceus;  
Fende o ar, bebe o espaço, e, mal chega,  
Seus suspiros confunde co'os teus.

Enlaçado contigo, a teu lado,  
Do ether corro as mansões de cristal;  
E, enlevado, esquecendo outro fado,  
Deixo o mundo, não sou já mortal.

Mas não só n'esses paíros sublimes  
Eu te hei-de ir, caro irmão, abraçar:  
N'esta terra, manchada de crimes,  
Inda pode a esperança raiar.

11

1. O presente documento é  
 2. uma cópia do original  
 3. e não deve ser usado  
 4. para fins legais.

1991-1992 - 1993



## XLVII

ABD-EL-KADER

OU

O ÚLTIMO CAVALHEIRO ÁRABE.

(Um valle estreito nas gargantas do Atlas. O acampamento de um corpo de regulares de Abd-el-Kader. A tenda do Emir dominando as outras e distinguindo-se d'ellas pelo estandarte, fixado no chão, á entrada. Rompe o sol.)

ABD-EL-KADER

*(escutando os sons longinquos da musica marcial no bivac francez).*

Do christão os frouxos hymnos  
N'este ouvido morrer vem,  
Como os cantos femininos  
Das moles noites do harem:  
Nem de glorias, nem de amores  
Sonha sequer os ardores;

Não lhe accende o coração  
 Este sol, que, se elle inflamma,  
 Faz cada lingua uma chamma,  
 Faz cada peito um vulcão.

De amor fallei? Tal fraqueza  
 Vence o guerreiro do Islam:  
 Foge á perfida belleza,  
 Vê na mulher uma irman.  
 Sente o amor? No amor impera.  
 Almas que o ferro tempera  
 Podem quebrar, não ceder;  
 Não acceitam jugo ou laço,  
 Querem livres ter o braço,  
 E livres querem morrer.

Emquanto a lei odiada  
 Reger em terras de Agar,  
 Nenhum de nós, tem morada  
 Nem chão, nem tribu, nem lar.  
 Traça a longa carabina,  
 E largando na campina  
 O corcel, que ardendo está,  
 Traz sempre, erguido ou por terra,  
 Na mente um só voto: a guerra!  
 Na bocca um só nome: Allah!

A' guerra sancta, Kabylas,  
 Cavalleiros de El-Mondir,  
 Apertae as vossas fitas,  
 Que vos chama a voz do Emir.  
 Eia! á guerra, em campo aberto!  
 Surjam do fundo deserto  
 Esquadrões sobre esquadrões,  
 Qual, nas areias da plaga,  
 Sobre uma vaga outra vaga  
 Rómpe em alvos turbilhões.

O rude facho que queleita  
 Azrael, vas-lhes lançar;  
 Cinge do Franko as ameias  
 De flammes rubra cocar.  
 Cidade sobre cidade  
 Prostre o incendio sem piedade;  
 E este ceo, em que vou dar  
 Meu fatal, sangrento rumo,  
 Tenha por nuvens o fumo  
 Dos seus castellos a andar.

Em terra olivedo e palmas!  
 Minemos os seus covis!  
 Vão cair as negras palmas  
 Nas azas negras d'Eblis!  
 O sole os vomite aos ares!  
 Devolva-os o ceo aos mares!  
 Por campa as vagas! Depois,  
 Só se apague, n'estes luctos,  
 A chamma dos seus reductos  
 No sangue dos seus heroes.

*(Abraçando-se ao estandarte.)*

Eil-o, ainda aos paos erguido  
 O signal da nossa fé,  
 Errante e sempre temido,  
 Proscripto e sempre de pé.  
 N'esta sagrada bandeira,  
 Nossa esp'rança derradeira,  
 Ninguém mais ouse pôr mão;  
 E, se eu cair na batalha,  
 Sirvam-me inda de mortalha  
 As dobras do meu pendão.

Já dominaste, potente  
 Velho inimigo da cruz,  
 Desde as orlas do Oriente  
 Até aos fins de Andaluz,  
 De mil raças triumphante,  
 A' tua sombra gigante  
 Já dormiram cem nações:  
 Se a procella te agitava,  
 Metade da Europa, escrava,  
 Tremia nos seus grilhões!

*(Sobrevem um official francez, ferido, encostando-se ao sabre partido, guiado por um dos arabes de Abd-el-Kader.)*

O ARABE.

Nobre Emir, um prisioneiro.

O OFFICIAL.

Eu era só: elles dez.

ABD-EL-KADER *(voltando-se severamente para o arabe)*.

Contra dez um só guerreiro!

O OFFICIAL.

Era igual: eu sou francez.

ABD-EL-KADER.

Vaidade! Tendo uma espada  
 Rendeste-te!

O OFFICIAL *(atirando-lhe aos pés o sabre partido)*.

Eil-a: quebrada.

**ABD-EL-KADER** (*depois de o encarar longamente*).

Do Atlas sobre os fragedos  
Não nos viste a pelejar?

**O OFFICIAL** (*tranquillamente*).

Inflammados os rochedos  
Vi sobre nós a rolar.

**ABD-EL-KADER.**

Não nos viste em Constantina?

**O OFFICIAL.**

Foi-nos gloria, e a vós ruina.

**ABD-EL-KADER.**

Do cimo as nuvens rasgava  
O mussulmano arcabuz,  
Defendendo a terra escrava  
Contra os assaltos da cruz:  
O triste que succumbia  
Crença e patria defendia.

Vês esse solo coberto  
Pelas ossadas de irmãos,  
Que branqueiam no deserto?  
Morreram ás vossas mãos.  
Como que o morto inda lança  
O rugido da vingança!

Quem vos fez armar? A inveja.  
Quem vos trouxe? Impio fervor.  
O signal inda negreja

Das garras do vencedor  
Nos roubados ninhos d'agua...  
Quem tem a divida, pague-a!

O OFFICIAL.

Percebo: á morte disposto  
Busquei-a sempre na acção;  
Nem lhe volto agora o rosto,  
Nem me treme o coração.  
Se de sangue tens cubiça  
A morte ordena.

ABD-EL-KADER.

E' justiça.

O OFFICIAL.

Vamos: Onde? e quando?

ABD-EL-KADER.

Espera.

Franko, se tens que pedir,  
Falla, diz, não é de fera  
A mão robusta do Emir.  
Seja qual for teu pedido,  
Voto a Allah! será cumprido.

O OFFICIAL.

A ti!... Nada!...

(depois de pensar)

Pêço...

ABD-EL-KADER (cicadamente).

A vida?

O OFFICIAL.

Vingaste sem me insultar!  
(tirando do peito a cruz da Legião de Honra).  
Esta cruz por sangue lavada  
Has-de mandal-a entregar,  
Cumprindo a palavra dada,  
Des meus na guarda avançada.

Diz' que a manda o prisioneiro,  
Pois que elle mesmo não vae.  
E' presente derradeiro...  
Que o remettam a meu pai.  
Do honrado velho a memoria  
Inda se inflamma na gloria.

Tambem d'antes pela França  
Dando o sangue combateu...  
Era eu a sua esp'rança,  
O seu arrimo... era eu!...  
De tudo porém me esqueço.  
Fuzilem-me: eis o que peço.

ABD-EL-KADER

(depois de ouvi-lo attento, fitando-o longamente, e restituindo-lhe a cruz).

Leva-a tu. Estás liberto.  
Filial e sancto amor  
Tambem conhece o deserto.  
Parte, e diz ao vencedor:  
«Se a paz quereis, imitae-o.»

O OFFICIAL.

Direi que és grande!

ABD-EL-KADER (ao arabe).

Guiae-o!

*(O arabe inclina-se e afasta-se com o official).*

**ABD-EL-KADER** *(apoz longa pausa e mo-  
destamente)*

Guerra de morte, guerra de exterminio  
Emquanto a voz do crente fôr ouvida;  
Mas o sello indelevel do assassinio  
Não manche a juba ao leão Numida.

Da vossa sepultura profanada  
Abençoe, kalifas, o guerreiro:  
Mostre o filho de Agar á Europa ousada  
Que inda p'Africa existe um cavalleiro!



## XLVIII

### A. CONVERSÃO. (\*)

(DE POLYEUCTE, DE CORNEILLE.)

POLYEUCTE.

Se morrer por seu rei é sorte illustre,  
Morrer pelo seu Deus inda mais bello.

(\*) O autor juntou ás proprias tentativas estes excerptos dos melhores mestres nos varios generos de poesia, porque, aos seus olhos, não é meoos arduo e difficil o remodelar em diverso idioma a forma e o sentimento poetico das paginas que a admiração dos seculos consagrou como monumentos da arte. Julga, além d'isso, que não será talvez inutil, como estudo, a implantação e nacionalisação de taes paradigmas: pelo menos servirão para indicar em vario traslado como a nossa riquissima lingua tanto se presta a todos os movimentos, affectos, imagens, ornatos, diversidades, e até phantasias da musa, que não ha difficuldades de locução peregrina que ella não possa vencer, devendo egualar-se, senão avançar-se, ao original, quando este der em melhores e mais peritas mãos.

PAULINA.

Qual Deus?

POLYEUCTE.

Baixo, Paulina, que nos ouvem!  
 Um Deus não é, absurdo como os vossos,  
 Sem poder, sem vontade, mutilado,  
 D'um tronco, d'oiro, ou pedra, quaes os tendes.  
 O Deus é dos christãos, o meu e o vosso;  
 E ceos e terra não conhecem outro!

PAULINA.

Adora-o, se te apraz, mas finge e cala.

POLYEUCTE.

Idolatra e christão a um tempo fôra.

PAULINA.

Momentos só. Partir deixa Severo,  
 E de meu pae accêita o benefício.

POLYEUCTE.

Prêso mais o de Deus! Salva-me ao p'riço  
 Que pudera correr; e, sem ter tempo  
 De desviar o rosto, a immortal o'ra  
 Me cinge, n'esta lide entrado apenas.  
 Mal sopra o vendaval, conduz-me ao porto;  
 E, dada a redempção, livre me torna!...  
 Se soubesseis quem pouco importa a vida  
 E que premio sem fim segue esta morte!  
 Senhor sois bom. Fazei que minha seja,  
 Christan de coração, senão de crença,  
 Com virtudes, com meritos e prendas  
 Para vos conhecer e para amar-vos,

Para quebrar o triste jugo ao erro  
E n'elle não morrer como nascera.

PAULINA.

Que dizes, infeliz! quae são teus votos?

POLYEUCTE.

Os que do sangue meu sellar quizera.

PAULINA.

Antes. . .

POLYEUCTE.

Em vão buscaes escudo inutil.  
Quando menos se espera as almas boas  
Toca o meu Deus. Se ainda não veio o instante,  
Ha-de vir; não sei quando; mas de certo.

PAULINA.

Teus delirios esquece, e teus orgulhos,  
Pois que dizes amar-me ainda. . .

POLYEUCTE.

Se amo!

Menos que a Deus e mais do que a mim próprio.

PAULINA.

Em nome d'esse amor ouve os meus rogos.

POLYEUCTE.

Em nome d'esse amor segui meus passos.

PAULINA.

Pouco é deixar-me? Queres seduzir-me?

**CANTOPES, LIVRO II.**

**POLYEUCTE.**

**E' pouco o proprio ceo se vos não levo.**

**PAULINA.**

**Capricho sem razão !**

**POLYEUCTE.**

**Verdade augusta !**

**PAULINA.**

**Cegueira estranha !**

**POLYEUCTE.**

**Eterna claridade !**

**PAULINA.**

**Entre o amor e entre a morte ainda hesitas ?**

**POLYEUCTE.**

**Hesitaes entre o mundo e a eterna patria ?**

## XLIX

### AS RUINAS DOS MONUMENTOS CHRISTÃOS.

(IMITADO DE ALEX. GAUMET E DE BARQUENVILLE.)

Quem não tem percorrido em lentos passos  
 Ermo recinto á cathedral antiga,  
 Em que ao Senhor seus avós oraram?

As ruínas tem falla!

O degrau sancto  
 Onde outr'ora, no pó sumida a fronte,  
 E tanta vez o coração prostrado,  
 Deu prantos o remorso, e a prece allivios;  
 O renque de sepulchros já musgosos;  
 Rôta a cupula, e os vasos mutilados;  
 Tudo attesta o poder do Tempo e Morte!

Ante o nada o mortal pára e medita.  
 Ao disperso conjunto a phantasia  
 Volve o culto solemne, o incenso e as aras.  
 D'um seculo atravez escuta os hymnos  
 Que sob a arcada a multidão cantava.

Timida noiva ali corou de pejo.  
 Aqui, piedoso e ufano, o adolescente,  
 Bello como o seu dom, puro como elle,  
 Ao Senhor consagrou, parco tributo,  
 O fructo e a flor, do sólo seu primicias!

E tudo já lá vae!

Um passo o Tempo  
 Implacavel deu mais; e jaz immovel  
 A Morte onde sorria orando a infancia.  
 Crescem hervas no altar. Ave funérea  
 Com prophetico pio dobra a mágoa.

De tempo em tempo um cenobita em lucto  
 Vem ali visitar o amigo extincto.  
 A saudade o attrahe; conhece a campa;  
 De lousa em lousa sua dôr passeia.  
 Entre espadas e marmores partidos,  
 Que vae dos olhos seus regando triste,  
 Cava sem desmaiar o leite extremo:  
 O nocturno aquilão leva-lhe as rezas,  
 E o claustro fundo lhe repete os acoas.

Aos sanctos restos, ás paredes rôtas  
 Que incognito poder minh alma prende?  
 A crença pura, seductora fada,  
 Praz-se em ligar-nos com secreto enlevo  
 A cada monumento a Deus sagrado.  
 Do martyr o sepulchro, a pouca, o esmo,  
 Onde, em longo do terro, o anacoreta

Largos annos viveu, tudo nos falla  
E falla ao coração!

Supremo emblema  
Que o universo christão prostrado adora,  
Modesta cruz, qual é teu mór imperio?  
E' que em muda lição aos mortaes dizes:  
«Um Deus morreu por vós, cumpri seus votos!»  
Quanta vez imprevisto o seu aspecto  
Deu paz à penitencia, pranto aos males,  
Remorso ao crime, e ao desgraçado esperança?

D'estes restos me afasto, o passo alongo,  
E tomo, sob a copa do arvoredor,  
Por entre as áleas densas e confusas  
Da mat'a do mosteiro. A' sombra vasta  
Do secular carvalho crescem livres  
Os bastos espinhaes e as urzes bravas.  
Mão d'homem já não monda a charca agreste  
No esquecido torrão da cerca antiga  
Das filhas do Senhor!

Além diviso  
Da casa abandonada os arcos rôtos;  
E os fustes entre as vides sem cultura;  
E os partidos humbraes, cobertos de hera;  
E os labores do tecto o chão juncando;  
E a nave aberta, e a crypta profanada!

Eis truncada a capella suspirosa  
Onde a esposa de Christo, a paz buscando,  
Sagrou a Deus seus dias e seus votos.  
Eis a cella, onde, humilde, á eternidade  
Mandava ardendo as orações diarias.  
Aqui seu coração se confessava.  
Este altar muita vez bebeu seu pranto.  
Negras ainda dos sagrados crepes,

Estas paredes, prolongando os eccos,  
Decoraram seus canticos piedosos.  
Ella mesma zelosa suspendia  
As antigas pilastras as reliquias  
D'um martyr, ou d'um sancto, e cultivava  
No vergel reservado as alvas flores,  
Imagens da pureza e da sua alma.

Que saudades me traz ao pensamento  
O sino que açoitava outr'ora o espaço!  
Quantas vezes do bronze os sons terriveis  
Encheram de pavor o atheu e o impio,  
Quando, á noite, essa funebre harmonia  
Dizia que um mortal baixara á terra!

Luzindo a aurora, se o trinar das aves  
Dava o signal do lavor campestre,  
Logo o sino tangia vigilante;  
Corria ao templo a turba impaciente;  
E vinham todos supplicar o Eterno  
Que a nascente seára lhes medrasse.

Mas, longinqua, descubro outra ruina,  
Tal como estas devota e mais solemne,  
A chamar-me entre as nevoas do horisonte.

Corramos para as rochas empinadas,  
Negro berço de indomitas procellas,  
Que se debruça nas fragosas ribas  
D'esse mar infamado de naufragios,  
Cujos heroes, em lenda veneranda,  
O filho de Fingal cantou tremendo!

Lá vejo o velho bosque, e perto d'elle  
Quasi ao cimo a chapada solitaria  
Onde o gamo tosquia vagabundo  
A relva dos sepulchros; espalhados,



Como dispersos por secreto aneio,  
Alguns pinheiros; e a fugaz torrente  
Rolando com fragor por entre abétos;  
E o trovão a rugir em ceo nevoento;  
E o rouco som dos ventos e das vagas;  
E o gothico relevo em claustro e curo  
Vestindo o feto os lugubres ornatos!

Tudo me encanta ali, e em taes logares  
Sublime horror meus olhos apavora.

Rapidas azas bate a phantasia;  
Abraça a neve eterna d'esses montes,  
E de mil tradições os vae povoando.  
Olhando segue os pios solitarios,  
Errantes sob a arcada das clausuras;  
Na aragem vespertina ouve os suspiros,  
E escuta immovel, muda e pensativa,  
D'orgão gemente a queixa harmoniosa;

Como que ao longe accordes invisiveis  
Vagos se elevam na amplidão dos ares,  
E, refazendo o altar espedaçado,  
A Deus offertam novo sacrificio!



## **L**

### **NO NAUFRAGIO DO VAPOR PORTO.**

**Ferve o pégo em cachões! O fraco e o forte  
Ante o golpe supremo igual descora :  
Com medonho stridor ruge traidora  
A onda nos parceiros, na onda a morte.**

**Fatigado o baixel, perdido o norte,  
Sente a vida a fugir-lhe d'hora em hora :  
Debalde o mar e o ceo e a praia implora,  
Debalde a terra lhe lamenta a sorte!**

**Da vista e da memoria não se apaga  
Esta lucta, horrorosa na anciedade,  
Do homem fragil contra o mar que o traga.**

**Recebei-os, Senhor!... Senhor, piedade!...  
Cede o lenho afinal... rebenta a vaga...  
Abre-se a um tempo o abysmo e a eternidade!**



## LI

O ECCO.

FRAGMENTO.

(IMITAÇÃO DO HESPAÑHOL.)

Em Burgôs entrei ovante,  
Ao fero som dos tamboreis,  
Com mais honras, mais louvores  
Do que sonhar nunca ousei.

Ao meu paço já chegava,  
E ao transpor-lhe o atrio mudo,  
Ai! minh'alma, e gloria, e tudo,  
Triste á maldicção votei!

As portas vi descerradas,  
Quaes se aguardado ali fôra;  
Mas nem a dar-me um embora  
Vi de dentro vir ninguém.

E os escudeiros, e as doas,  
Que eu deixara em me apartando,  
Não vinham, como affrontando  
Meus loiros com seu desdem.

Pelas portas adiante  
Debalde entrei pressuroso,  
Chamando com brado iroso  
A familia desleal.

Ecco vão, que das abobadas  
Nos recantos se escondia,  
Aos meus brados respondia  
Com sarcasmo sepulchral.

Raivando disse:—«Esta gente  
Onde ousada se concentra?»  
E o ecco me tornou:—*entra!*  
E entrou-me n'alma o pavor.  
Clamei depois doloroso:  
—«Vem, esposa. vem querida!»  
E o ecco murmurou:—*ida!*  
Pelo immenso corredor.

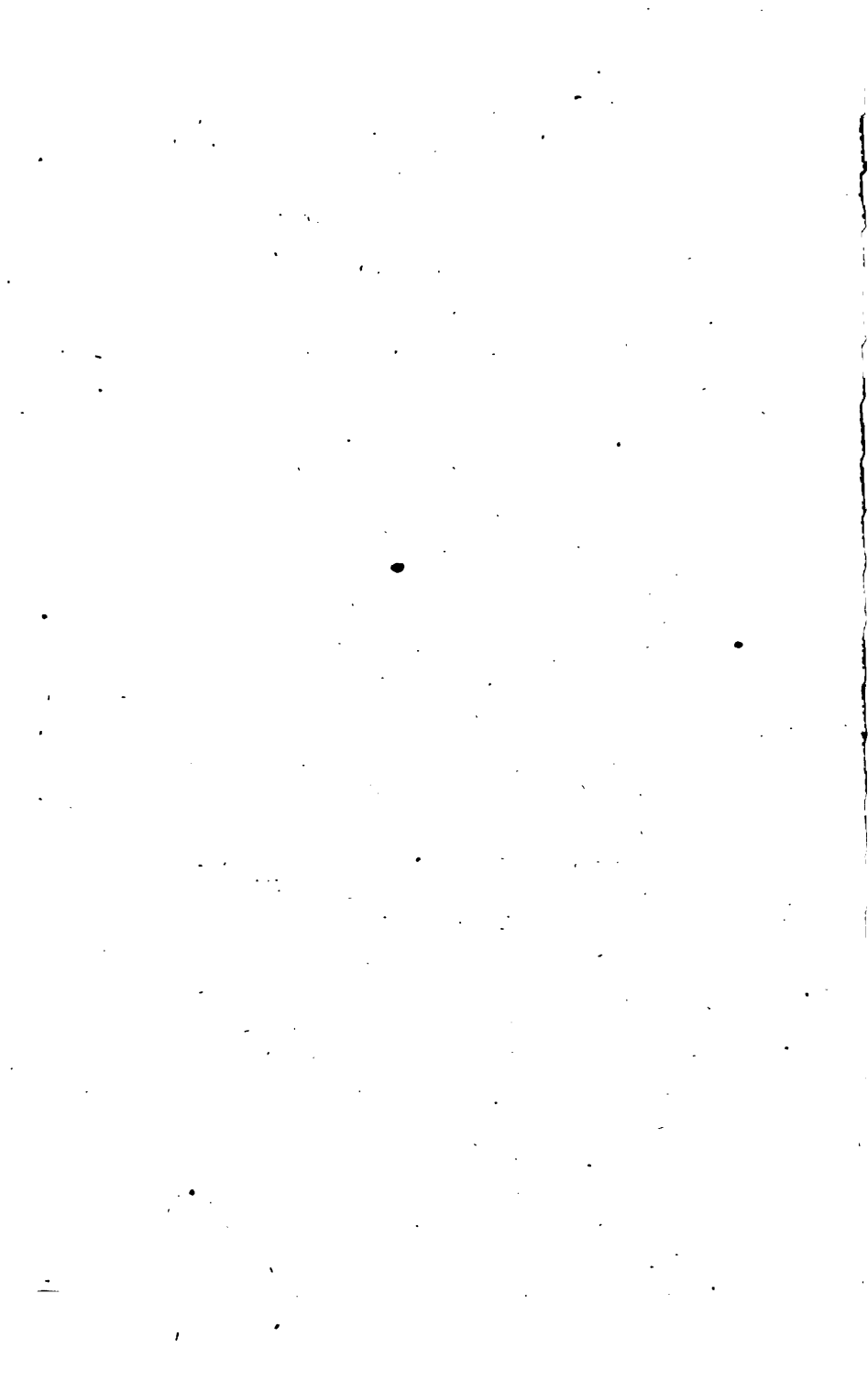
Bradei ao cabo, iracundo:  
—«Nenhuma voz me contesta?»  
Respondeu-me o ecco: *esta*  
E o furor me transportou.  
—«Quem, gritei, mesmo em meus paços  
Moteja a minha esperança?»  
E o ecco retumbou:—*França!*  
E *França* ao longe se ou.

Logo envisto o triste alçar  
D'um vago instincto guiado;  
Meus ~~passos~~ arnebatado,  
A' capella dirigi:  
Chego, e a porta ~~cado~~ ao impeto.  
Cravo os olhos furiosos,  
E, em torno do altar, clameio,  
Os meus ~~olhos~~ todos vi.

—«Que é isto?»—disse com pasmo  
Do que presente ali tinha,—  
«Loucos! Julgaveis que eu vinha  
«Accommetter meu solar?  
«Porque fugis para as aras?  
«Porque tremeis, gente trega...?»  
Mas a turba, muda e queda,  
Nem o resto ousava alçar.

N'isto corri desvairado  
A mansão religiosa;  
E, não vendo a minha esposa,  
Que esperava achar em fim,  
Travei, fremente, do collo  
Ao que topei mais a geito,  
E, pondo-lhe a adaga ao peito,  
Lhe rugi em furia assim:

—«Onde se occulta a condessa?  
«Dize, ou cravo-a banda a banda!»  
E o ecco a re-trugir:—*anda!*  
Porque o pobre emmudeceu.  
—«Fallae por Deus!»—d'sse attonito,—  
«Porque tal dôr mostraes hoje?»  
Minha esposa onde está:—*foge!*  
Funebre o ecco gemeu.





## LII

### EVOCÇÃO.

(AS PROTECTORAS DAS IRMãs DA CARIDADE PORTUGUEZAS.)

Vem dos ceos, ó caridade,  
Vem, ó mimosa dos ceos ;  
Flor que brota a humanidade  
No seio do proprio Deus ;  
Sancta flor tornada em fructo,  
Que onde mais negreja o lucto  
Mais perfume exhala a flor ;  
Flor que nasce onde outras morrem,  
Que onde mais os prantos correm  
Mais tem o fructo sabor,

Gêmea da Fé, da Esperança,  
 Resume Esperança e Fé:  
 Como ellas jámais descança,  
 Como ellas consola e cré.  
 No leito do moribundo,  
 Onde quasi acaba o mundo,  
 Seu mester não acabou:  
 Onde geme a dôr mais forte,  
 Onde as mãos estende a morte,  
 Ella a morte desviou.

Do divino lado aberto,  
 Co'o sangue do Rei dos reis,  
 Correu sobre este deserto,  
 Esta nobre lei das leis;  
 Correu, manou, sacro mixto  
 Do corpo e d'alma de Christo,  
 Do martyrio e redempção;  
 Correu sobre humanas dôres,  
 Flor que aos espinhos dá flores,  
 Flor que é flor do coração.

Mas esta flor é mais pura,  
~~Mas é mais bella esta flor,~~  
 Quando ás mãos da formosura  
 A entrega a mão do Sen'hor:  
 N'essas mãos em zelo ardendo,  
 Phenix christã, renascendo,  
 De si mesma renasceu:  
 Para ás magoas fazer guerra,  
 Chamando as graças da terra,  
 Vem, pois, ó graça do Ceu!

1111

VINTE E QUATRO DE JULHO.

AO MARECHAL DUQUE DA TERCEIRA.

I

Salvê, meu marechal! Só no teu nome  
Um feito se resume glorioso:  
E' titulo que o tempo não consome,  
E a espada que t'o deu t'o fez famoso!

As balas e as bayonetas inimigas  
Nas rochas t'o gravaram de eterna,  
Dando ao braço das gerações antigas  
Os novos leões d'um mortal d'ondeina.

De pé, n'um solo, sobranceiro aos muros,  
Dispões a palma, que ao partir portaste,  
Dos livres o peito soltando os muros...  
E um povo acorda, e surge, e paga, e vence!

Não recordas, ó musa, egregios feitos  
Em nome dos delirios fraticidas ;  
Nem pretendes aqui soprar nos peitos,  
Armados odios que ceifaram vidas.

Choras o sangue, que na lide ingente,  
Correu de irmãos sobre a patria terra ;  
E, ajoelhando christã, levantas crente  
A cruz da dôr sobre os tropheos da guerra !

Cantar do vencedor o esforço e a gloria  
E' gloria dar ao bravo que a disputa :  
Não ha valor, nem ficará memoria,  
Onde o brio não fez custosa a lucta.

Todo o béllico arrojo a mente inflamma,  
Como todo o soffrer piedade inspira :  
Pode a tuba eccoar nas mãos da fama,  
Qual da crença nas mãos gemer a lyra.

## II

Um punhado de valentes  
Sae das muralhas do Porto ;  
E, aos olhos d'um povo absorto,  
Cruza os mares inclementes.  
Cego arrojo lhe chamaram ;  
Mas os bravos avançaram  
Sob o invencivel pendão.  
Quem resistir-lhes, quem ha-de ?  
Tem na bocca a liberdade,  
E a patria no coração.

Tomam terra ! Armas ao hombro !  
Passo dobre ! Marcha á gloria !  
Ante elles brilha a victoria,  
Fica atraz d'elles o assombro.  
Quebram malhas apertadas,  
Rompem as filas cerradas  
Que audaz contrario estendeu.  
É-lhes já, da Europa á vista,  
Cada passo uma conquista,  
Cada combate um tropheu.

D'um só impeto arrojados  
Chegam ás margens do Tejo,  
Vêlozes como o desejo,  
Pelo desejo chamados.  
Chegam ; combatem de novo !  
Como Moysés, todo um povo  
Juncta por elles as mãos.  
Combatem ; vencem ! N'um dia,  
Era livre a monarchia,  
Eram livres seus irmãos !

## III

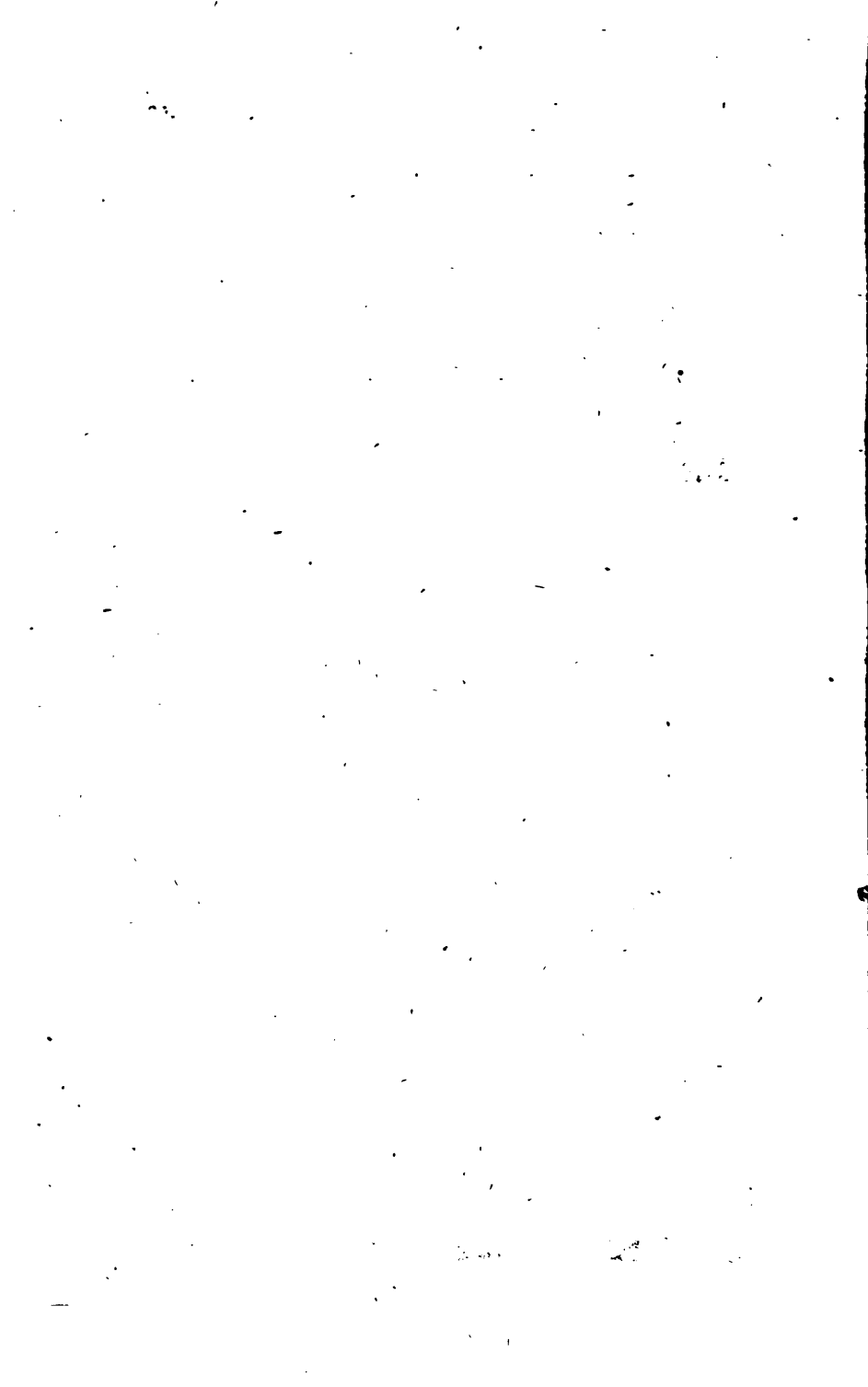
E Terceira á frente vòs  
Da phalange mais que humana,  
Desde os campos do Guadiana  
Té ás portas de Lisboa.  
Quem mais fez á liberdade ?  
Qual acção de heroicidade  
Se lhe conta por egual ?  
Qual teve mais largo effeito ?  
Que valor houve em tal feito  
Diga-o toda a capital.

Applaudida e impulsos ferozes  
 Os enroscos pateram,  
 Como se ali admirarem!  
 Os semi-deuses de Memoro.  
 Todo o bravo, em toda a parte,  
 Ha-de hoje, ó duques sauar-te  
 Em seu coração leal;  
 Dizer ha-de em consciencia,  
 Perfilando a continencia:  
 — «Parabéns, meu manothal!»

E o veterano esforçado,  
 Que ao teu mundo combatis,  
 Em vendo romper o dia  
 Dirá também transportado:  
 «Faz annos que ali defronte  
 «Por uma bala na fronte  
 «O meu habito ganhei!»  
 Só ao merito, em verdade,  
 Ao valor e à lealdade  
 O dava então justa lei.

Teu nome, não, não esquece  
 N'este exercito laivos;  
 Cada um o laurel honra  
 Mais devotamente e mais  
 Lembra o feito da Terceira;  
 Lembra a nobreza Anacimora;  
 Lembra o tempo, ao qual;  
 Lembra o império quando;  
 Lembra que, depois, se achou  
 E que o soldado se achou!

Lembra a intrepidez ardente  
Dos teus bravos camaradas,  
Cujas valentes espadas  
Iam contigo na frente;  
Cujo dictame e efficacia  
Fez que se chamasse a audacia  
Mais que audacia, grande acção;  
E a temeridade á gloria  
Desse novos graus na historia,  
E historia nova á nação!





## LIV

### A PATRIA E A MUSA.

Segues, ó musa, fêrvida e contente,  
O impulso dos destinos,  
Sagrando á patria, que te exalta a mente,  
Os teus épicos hymnos.

Podes livre cantar, á lyra augusta,  
Seu nome e seus louvores :  
Suspeita não serás, que a mão robusta  
Não tange por senhores.

A' grandeza, ao poder não te avassallas  
Em torpes improvisos ;  
Não te hão visto esmolar, por vãos de salas  
Protecções, nem sorrisos.

Já contra a força ergueste sem receio  
Um brado sem pavor :  
Tu só, da turba triumphal no meio,  
Reptaste o vencedor.

Suspeita não serás, tendo por guias  
A justiça, a verdade ;  
Pregando aos povos, n'uns e n'outros dias,  
Razão e liberdade.

Canta, pois te não dobras, nem trovejas  
Funesta imprecação ;  
Nem orgulhos fataes. nem vis invejas  
Te hão dado a inspiração.

## LV

### À RAINHA DE HESPAÑHA,

POR OCCASÃO DE SE DIRIGIR AO TEMPLO EM ACÇÃO DE GRAÇAS PELO SEU  
REESTABELECIMENTO, DEPOIS DA TENTATIVA DE ASSASSINIO  
COMETTIDA CONTRA A SUA REAL PESSOA.

(DO HESPAÑHOL, DE MARTINEZ DE LA ROSA.)

E' ella. Não n'a vêdes? Vinde. E' ella!  
Salvou-a o ceo, e brilha inda mais bella!  
Tal o sol refulgente,  
Apoz o precursor carro da Aurora,  
O mundo alegre no rosado Oriente:  
Opaca nuvem triste  
Levanta-se traidora  
E ante a face gentil passa ligeira;  
Mas o astro do dia  
Em torrentes a luz ao sólo envia,  
E ufano segue a triumphal carreira.

Bemdicto Deus, que nos resguarda a vida  
Da Rainha querida.  
Só Deus, Deus só, lhe foi prestante escudo  
Contra o golpe sanhudo ;  
A cruenta ferida  
Com balsamo do ceo foi logo ungida :  
Do horror no paroxismo  
A séva morte se afundou no abysmo.

Correi, correi, velozes :  
Os brados não ouvis e alegres vozes ?  
Ao templo vae. No rosto igual a um astro  
A dôr não lhe deixou mancha nem rastro.  
Seu porte é sem receio ;  
Tranquillo tem o seio ;  
Dorme-lhe um anjo nos amantes braços,  
E o da guarda sollicito a acompanha  
Para dita da Hespanha.

Corôas, palmas, flores !  
De myrtho verde atapetae-lhe o passo ;  
Os cantos e os louvores  
Repita o ceo, havendo enchido o espaço.  
«Honra e gloria ao Senhor Deus das alturas !»  
Só elle é poderoso  
Tanto quanto piedoso ;  
Os planetas inflamma  
E lhes mostra co'a forte dextra alçada  
Nos ceos a clara estrada ;  
Elle deu brilho ao mar, azas ao vento,  
E luz ao firmamento ;  
Com leis eternas rege  
A mole do Universo ;  
E, rompendo vís tramas ao perverso,  
Elle salva as nações e os reis protege.

## LVI

### O POVO.

#### I

**Amo o povo, detesto os que o pervertem !**

**Não o adulo sem fé. Verdades rudes  
Lhe hei dicto muita vez, e frente a frente.  
Não lhe acato servil sómente a força ;  
O ingenho coração lhe não depravo,  
Nem seu braço possante sollicito.  
Rei lhe não chamo, porque povo o quero.  
As purpuras do escarneo lhe não lanço  
Sobre os hombros robustos ; nem por sceptro,  
Um signal de irrisão lhe encosto ao braço.  
Grande o desejo, é para ter grandeza,  
Dou-lhe por molde a virtude austera ;  
E amigo, não escravo, a mão lhe estendo  
A fim de lhe estancar o pranto acerbo  
Nas horas da agonia. Quando folga  
Folgo com elle. Quando se lamenta  
Lamento-lhe o penar, peno a seu lado.**

Se acaso fero ameaça e ruge em furia  
Aponto-lhe o Evangelho, a paz lhe indico,  
E Christo, mestre seu !

Estimo o povo,  
Não lhe excito as paixões, tampouco exploro  
A mina dos seus (dios. Não divido  
Em parcellas rivaes fraterno todo.  
Não sou tribuno preparando arminhos.  
Aos comicios não vou, mentindo á patria,  
Suffragios mendigar por vís recursos !

O povo ennobrecer é melhoral-o,  
Cultivar-lhe os instinctos generosos,  
Apagar-lhe as invejas e os rancores  
Que sem remorso as facções lhe inspiram !  
Presal-o é dar-lhe a luz, mostrar-lhe os riscos.

Amo o povo, detesto os que o pervertem !

## II

Este povo onde está ?

Compõem-n'o acaso  
Sómente aquelles que se rojam torpes  
No limo das revoltas ? que não surgem  
Senão nos dias das funestas luctas, —  
Social espuma equivoca, sem nome,  
Qual só pode sair á superficie  
Quando a procella desentranha ao pego  
Vagas e vagas que trovejam morte ?

Serão esses o povo ? esses que o ferro  
Sem dó, sem pejo, ao coração lhe apontam ?  
E o lar lhe invadem ? e o suor lhe usurpam ?  
E, n'um throno breade, lhe alevantam

Um simulacro vão? esses que á praça  
Os nobres instrumentos do trabalho,  
Em fogueira voraz, vão consumir-lhe,  
Tripudiando em redor, — ou recostados  
Nos braços da indolencia, apoz a orgia,  
Sonhando orgias novas?

O povo é outro;  
Sicarios não são povo! E' procural-o.  
Não heis-de vêl-o assoldado aos Syllas  
Em secretas phalanges. Heis-de achal-o  
No por'co, na seara, na officina,  
Pendido sobre o sulco, pressuroso  
A patria enriquecendo, que, n'um dia,  
Os horribeis combat-s fraticidas  
Estancam novamente!

E' este o povo. E' este o que alguns impios  
Saudam por monarcha, e o dilaceram  
Co'as varas do lictor; este o que exaltam  
Quando querem degrau; este o que espremem  
Depois de ter subido; este o que expulsam  
Quando, ás portas das salas, atulhadas  
D'um sequito a fulgir, lhes vem saminto  
Pedir pão e trabalho!

Eis o povo, pretexto muitas vezes,  
E victima outras muitas!

Pobre povo!  
Coitado d'elle — o povo! — que se illude,  
Que illudem tantos, de quem tantos zombam,  
Jurando, qual de Deus, em vão seu nome!

Ai! povo, quem me dera abrir-te os olhos,  
E, bem diante d'elles, pôr-te em alvo  
De alguns teus serviços as almas nuas!...

Eu amo-te por ti ; amo-te, e creio  
Nos destinos do mundo e do Evangelho.  
Por isso nem te adulo nem te exploro.  
Adulam-te os que o braço te requestam ;  
Exploram-te os que vivem da cegueira.

Tenho fé! — Povo, povo,  
Tem fé também. Accorda, accorda um dia, —  
Não co'as armas na mão, turbado e em furia,  
Mas desperta a vontade e a intelligencia, —  
Povo, accorda ; no desengano estuda ;

E se depois conservas  
Motivos de queixar-te,  
De ti mesmo te queixa : és digno d'isso !

185...



## LVII

### DIOMÉDES E HEITOR. (\*)

#### EPISODIO DO LIVRO VIII DA ILIADA.

(VERTIDO DO GREGO DE HOMERO.)

Homerus musarum pater, et poetarum rex.  
HEURNIUS.

Diomédes o fero, transportado  
Pelo sabio Nestor que o carro guia,  
Avança, ao proprio Marte comparado;  
E no mesmo momento se veria,  
Qual timido rebanho amedrontado,  
Fugirem os Troyanos á porfia,  
Se o rei dos deuses, pae da humana gente  
Lhes não volvesse os olhos indulgente.

(\*) Sabe o auctor que em conta de temeridade se lhe pode lançar este commettimento de traduzir o maior poeta antigo na forma glorificada pelo maior poeta nacional.

Allegará porém em sua defesa que não desconhece as difficu-

Recresce logo o estrépito assombroso  
 Do horrisono trovão; o estrondo augmenta  
 Do curvo monte o ecco sonoro;  
 Um apoz outro livide rebenta  
 Relampago fugace; temeroso  
 Fulge o raio, que estala na tormenta,  
 E, ardendo, aos pés da cèlere quadriga  
 Cae, diante do heroe, que vò a briga.

dades nem o perigo; e que, se a elle se arrojou, não foi por cegueiras de confiança presumida, senão por cabal persuasão e convencimento de que a oitava rimada, pela sua anchura e magestade, é a mais accommodada para dar idéa das imagens épicas em poemas de tal ordem.

O episodio, aqui vertido, toma no original desde o verso 130 do canto, ou rhapsodia, VIII (Ἐνθά κε λοιγὸς ἔην, καὶ ἀμήχανα ἔργα γέγοντο etc.) até ao verso 171 da mesma rhapsodia, (Σῆμα τιθεῖς Τρῶεσσι etc.) inclusivè.

A traducção comprehende apenas 12 estancias ou 96 versos.

Quem conhece a structura do verso grego, a opulencia e numerosidade de tal idioma, a latitude que aos seus poetas dava o uso de cinco dialectos, a elasticidade e variedade que d'ahi resulta, a difficuldade de trasladar o sentido exacto de *tempos* e *modos* que não tem correspondentes nas linguas modernas; finalmente, quem sabe as complicações que traz consigo a versificação rimada, quando na rima se observam os escrupulosos preceitos que a arte ensina, poderá convencer-se de que não seria talvez muito possível reduzir a menos as estancias e o numero de versos na traducção, nem, portanto, interpretar mais concisamente o texto.

E tal reflexão occorre ao auctor lembrando-se da versão da *Enéida* de Virgilio, por João Franco Barreto, tambem em oitava rima; pacientissimo trabalho, ás vezes admiravel como poesia, muitas mais infel como decifração. Não podia deixar de vir á memoria uma obra d'estas em caso tão analogo, e em que ha tão poucos exemplares; nem deviam esquecer os riscos da diffusão, em que naufragou aquelle prestantissimo engenho, para os advertir e acautelar.

D'aqui se vê que, dando-se por avisado o auctor, lhe incumbia fugir do escolho: fôra pois inutil dizer que assim o tentou.

E' Homérô o primeiro e o mais famoso entre os epicos. Compara-o Pope, no *Ensaio sobre a sua vida e escriptos* a um abundantissimo viveiro em que se contém (diz elle) as sementes e primêi-

Em sulphur vivo os ares inflammando,  
 Horrida a flamma azul turba os sentidos ;  
 Empinam-se os cavallos recuando,  
 Quasi o carro a tombar espavoridos ;  
 Nestor, sem já poder impôr-lhes mendo,  
 Que os alentos aos annos traz rendidos,  
 Deixa as guias cair, de horror tomado,  
 E assim falla ao guerreiro denodado :

ras produções de cada especie.» A estimação dos antigos ficou attestada em numerosos documentos. Lycurgo, o Legislador, fez reunir, em Lacedemonia, os seus poemas completos. Pisistrato, rei de Athenas, serviu-lhes de collecter illustrado. Alexandre, o Grande, considerou-os tão importantes que se applicou em pessoa a rever, coordenar, e expurgar dos erros e falsificações dos copistas, estas obras preciosas, com o auxilio de Anaxarchas e de Calistênes. Na corte sapiente dos Ptolomeos do Egypto era tão vanerado o poeta que se pagavam expressamente, e por altos salarios, escripturas letradas que fossem á Grecia transcrever e depurar a *Odyssea* e a *Iliada*. Antiocho, rei da Syria, incumbiu especialmente ao poeta Arato o cuidado de superintender na *Iliada*. Confirmam todos estes factos Cleomenes nos *Apophthegmas*, Plutarcho nas *Vidas dos Homens illustres*, Strabão e Suidas, Diodoro de Sicilia e Velleio Paterculo que a seu respeito se exprime n'estes termos: «Clarissimum deinde Homeri illuxit ingenium, sine exemplo maximum, qui magnitudo operum et fulgore carminum solus appellari poeta meruit; in quo hoc maximum est, quod neque ante illum, quem ille imitaretur, neque post illum, qui eum imitari possit, inventus est.»

Os povos bellicosos de Sparta e Macedonia divinisaram o cantor das primeiras batalhas hellenicis na Asia.

O pobre poeta, que vivera despresado, obscuro, e espoliado, foi, depois de morto, elevado ás honras immortaes!

Triste e sempre repetido sarcasmo da incuravel obcecação humana!

E essa ingratidão funesta, não a podem aos antigos reprehender os modernos, que deixaram morrer desesperados Camões, Chaterton, Gilbert, e ainda hontem Nerval, á falta de um pouco d'aquelle oiro, que só tarde lhes prodigalisam em ociosos monumentos, simulacros de gloria e attestações de irrisão.

Elevaram-se estatuas, instituiram-se jogos, gravaram-se medallhas, e esculpiram-se apotheoses em memoria do vate; e o que peregrinara, na Grecia culta, alugando por alguns óbolos o genio, a

— «Ó filho de Tydeo, n'essa campina  
 «Aos ligeiros corseis abre a carreira,  
 «E fujamos á colera divina.  
 «Não vês que Jove ameaça, e a palma inteira  
 «D'esta batalha ao duro Heitor destina?  
 «Façamol-o propicio, e talvez queira,  
 «Mais benigno attendendo á nossa gloria,  
 «N'outro dia entregar-nos a victoria.

dignidade, e o saber, — quasi esmolando da indiferença os incertos subsidios de uma existencia amargurada, — veio a ter templos sumptuosos em Chio, Alexandria e Smyrna, e foi egualado a Apollo, o deus da sciencia e da poesia, nas invocações familiares dos de Argos.

A profusão das glorias posthumas tornou-se pelo menos igual ao abandono vergonhoso dos coetaneos. Conta Eliano que os Indios e os Persas cantavam os seus versos no proprio idioma de cada povo.

Nos primeiros seculos da Egreja, a reacção contra o paganismo, incitada da tendencia para as doutrinas de Platão que prohibia a leitura d'aquelles poemas, condemnou temporariamente a um ostracismo absurdo as prodigiosas paginas do bardo hellenico. Vê-se porém que, em despeito d'esta proscripção supersticiosa, os espiritos superiores ficaram apreciando como d'antes as incontestaveis bellezas e as vigorosas concepções do grande poeta, pois que Rufino reprehende a S. Jeronymo a leitura dos poemas de Homero, e Santo Agostinho, apesar do espirito do iv seculo, não duvida chamar-lhe: *DULCISSIMÆ vanus!*

Para o rehabilitarem, as suas ficções foram explicadas como allegorias, e d'ahi nasceu uma infinidade de systemas, mais ou menos engenhosos. Attribuiram-lhe idéas, em que provavelmente elle nunca pensou; e estas, segundo todas as apparencias, deram ultteriormente origem aos trabalhos do abbade Dupuis, ás Theogonias comparadas, e ás Analyses mysticas da nova Germania.

A poesia, como instincto lyrico, era de certo já conhecida antes de Homero. Sem retrocedermos ao mytho de Orpheo, nem recorreremos á *Bibliotheca greca* de Fabricio, que pretendeu contar setenta poetas predecessores, — nenhum dos quaes teve a fortuna de passar á posteridade, — no mesmo Homero achamos as provas da existencia de uma especie de menestreis, semelhantes aos da meia idade, como se vê do viii livro da Odysea e do que elle mesmo refere dos dois cantores Phémio e Demódoco.

Se a poesia porém existia, — nem podia deixar de existir, —

«Qual pujança mortal, ou qual humano,  
 «Por afoito que seja e temerario,  
 «Aos decretos do Nume soberano  
 «Ha-de oppôr o seu animo precario?  
 «E' cega presumpção, é voto insano  
 «Armas tentar com Jupiter contrario:  
 «Tudo vence um esforço peregrino,  
 «Menos domar o indomito destino.»

como necessidade do espirito e expressão do genio popular, é todavia innegavel que Homero foi o primeiro que a fez arte. Conquistou, mereceu e consagrou elle o titulo de poeta, que antes não achamos, porque nenhum antes d'elle assim engrandecera e nobilitara tal exercicio, deixando-o perpetuado em verdadeiros monumentos, e iniciando com tal superioridade o modo de tratar os assumptos heroicos que as suas praxes ficaram constituindo regras. Testemunha-o Horacio quando affirma:

«Res gestæ Regumque Ducumque, et fortia bellâ,  
 «Quo scribent possent numero, monstravit Homerus.»

Além de poeta, Homero,—como, depois d'elle, o Dante em Italia, Shakspeare em Inglaterra, e entre nós Camões,—foi um dos raros genios impulsores que, nas obras que legam ao futuro, imprimem um andamento de seculos á humanidade.

Glorificam-lhe os criticos e commentadores as leucanias da locução e o artificio instinctivo das disposições; mas não menos lhe admiram a sciencia, prodigiosa para a sua epoca, e tal que ficou por muito tempo como codigo de sabedoria entre as familias, e monumento de educação entre os povos.

Vencidas as obscuridades do texto e as difficuldades de uma interpretação laboriosa, o que para logo maravilha é a lucidez com que diante dos olhos se levanta a imagem, já profunda, já pathetica, já scintillante, já vehemente, já arrebatada, já terrivel, passando á graça suavissima por entre os raptos do enthusiasmo. Tal é, por exemplo, o episodio de Venus ferida, no regaço de Dionéa; tal é a oração de Heitor pelo pequenino Astyanax; taes são as despedidas de Andromacha no vi canto.

Não captiva, nem encanta menos a fidelidade descriptiva, a opulencia das expressões, a energia dos contrastes, e a variedade dos quadros, entre os quaes se contam alguns tidos em conta de auctorisados repositórios de boa historia: n'este ultimo caso tem sido consideradas as acções de Tydeo em Thebas, a fundação de Rhodes,

O grão Diomêdes, sem que a tal se dome,  
 Tórvo responde:—«Adverso o deus bem vejo.  
 «Mas fugir! Faz-me horror da fuga o nome,  
 «E nem posso vencer o meu desejo.  
 «Que Diomêdes temendo-o se lhe some  
 «Irá contar Heitor em tal ensejo!  
 «Não, as costas não dou aonde ha guerra:  
 «Antes se rasgue e me devore a terra!»

a guerra dos Etólios com os Curétes, a genealogia dos reis de Mycena, e as particularidades do cerco de Troya, narradas com tal conhecimento da arte da guerra contemporanea, que Hermias e Stratócles d'ali extrahiram em parte os seus tractados e escriptos technicos.

A moral e a philosophia tanto devem tambem aos seus preceitos, sentenças, maximas e aphorismos, que os gregos reconhecidos deram ao poeta por cognome *o pae da virtude*; e, ainda n'este ponto, Horacio, bom apreciador, torna a assegurar que ninguem como elle conseguira inspirar o amor do agradável, do util, e do bom:

«Qui quid sit pulchrum, quid turpe, quid utile, quid non,  
 «Pleniùs, et meliùs Chrysippo et Crantore dicit.»

Quintiliano, outro mestre, descreve com singular elegância e concisão o admiravel conjunto dos raros dotes que o distinguem: «*lætus ac pressus, jucundus et gravis, tum copia tum brevitate mirabilis, nec poetica modò sed oratoria virtute eminentissimus.*»

Homero é ainda hoje frequentemente citado; e a veneração, que em todos os seculos lhe ajoelhou aos pés, tem-se-lhe conservado fiel ao culto tradicional. Diga-se porém a verdade: se o nome é ainda a miude invocado, os meritos são já menos conhecidos. A admiração vulgar, repetida sem consciencia, tem-se pouco a pouco tornado um como ecco automatico. Diz-se porque se ouviu,—como outras muitas coisas. Se porventura se pedisse a razão justificativa, o maior numero não a dava.

O defunto professor, o senhor Couto, tentou verter a *Iliada* em verso solto portuguez; mas, que o auctor saiba, não appareceu mais que o primeiro canto. O senhor Couto conhecia bem o mechanismo da lingua: para vencer porém todos os obstaculos de tamanha empresa era preciso maior pulso e esforço.

Estes possui-os incontestavelmente o sabio hellenista e philologo o senhor Antonio José Viale, distincto sócio da Real Academia das Sciencias, que já tem consagrado ao progenitor dos épicos

— «Que dizes, filho de Tydeo valente!  
 «Que dizes tu!» — Nestor, o ancião, replica —  
 «Qual Troyano crerá que Heitor não mente  
 «Se Heitor por modo tal seu feito explica?  
 «E que o creiam! Unanime, eloquente,  
 «Funesta prova, a convencel-os fica  
 «A orphandade, chorando em vão transporte  
 «Tantos guerreiros que votaste á morte.»

uma parte dos seus valiosissimos cuidados e estudos; que melhor do que ninguem lhe pode fazer avaliar as bellezas; e com quem o auctor, que o respeita como a mestre, não quiz, por nenhuma forma, pleitear competencias n'este excerpto, cujas modestas dimensões attestam quão pouco lhe sobe a ambição.

A sua idéa foi sómente vulgarisar, — como tem já feito com outros modelos, e para estudo proprio, — um pequeno quadro, tirado da primorosa e vastissima galeria d'este preclaro e incomparavel pintor. Os que não podem compulsar os severos trabalhos dos hellenistas, nem são versados na lição da antiguidade, poderão ao menos, por esse trecho, bem que succinto, fazer uma idéa approximada do que, em geral, quasi só de nome é conhecido dos proprios a quem mais importaria avalial-o.

Pensou o auctor, por vezes, que tinha o direito de ensanchar o verso, corroborando o sentido e fortalecendo o pensamento; intentou outras que poderia supprir alguns epithetos dos que profusamente abundam no poema, sem serem indispensaveis á sua percepção. Tal é o de «armado de elmo terrifico» (κερυθαίολος) dado, quasi como sobrenome a Heitor, sem fallar n'outros, que o poeta repete constantemente quando se refere, não só a determinados individuos, senão a certos objectos e animaes, como os cavallos de Enéas, as guias do carro de Diomédes etc. A versão exacta d'estes epithetos, além de obrigar a periphrases frequentes que attenuariam o verso, traria consigo repetições e redundancias, desnecessarias á intelligencia do essencial do texto. Em verdade são aquelles epithetos característicos, assim do idioma, como dos costumes gregos; e haveria ali assumpto para curiosas aproximações e comparações phylologicas e ethnographicas. Mas, posto que n'um trabalho mais vasto e completo se não devesse por estas razões prescindir d'elles, n'um quadro resumido, com tão limitado fito, julgou o autor que lhe era licita a suppressão de alguns para maior concisão e perspicuidade: os seus esforços foram principalmente applicados a dar, com clareza e exactidão, a idéa e a imagem,

Sem se aproveitar das facilidades e licenças mais permittidas

Findou ; não mais escuta ; os corseis volta,  
 E, por entre os dispersos fugitivos,  
 Os fustiga e os impelle á redea solta.  
 Heitor e os seus com estes incentivos  
 Arrojam-se, e c'os gregos já d'involta,  
 Os golpes dobram cada vez mais vivos.  
 De frechas bustas todo o ar toldando,  
 De Ilion o heroe assim lhes vae bradando :

já auctorisadas, o auctor não duvidou todavia modificar a expressão, quando tal modificação implicitamente se continha na idéa primordial, ou não contrariava o texto. Assim, na estancia VII, formulou d'este modo o pensamento :

«E que o creiam ! unanime, eloquente  
 «Funesta prova, a convencei-os fica  
 «A orphandade, chorando em vão transporte etc.»

A traducção mais litteral seria : «Nem hão-de acreditar-o os gregos, nem tal deixariam acreditar as lastimadas viúvas dos guerreiros magnanimos, bem armados, e no vigor da vida, a quem fizesse morder a terra.»

Acaso porém não se comprehenderá implicitamente na idéa da viuvez a da orphandade ? e ficará menos verdadeiro e vigoroso o sentimento do poeta, que vê nos lamentos das familias chorando os Trojanos, mortos por mão de Diomédés, o melhor desmentimento ás jactancias de Heitor ? A modificação da palavra respeita portanto escrupulosamente o espirito do texto.

Na estancia II o autor escreveu :

« . . . . . temeroso  
 «Fulge o raio, que estala na tormenta,  
 «E, ardendo, aos pés da célere quadriga  
 «Cae, diante do heroe, que vóá á briga.»

O seu empenho foi dar, com a propriedade e energia de original, esta imagem, em que para logo se revela o caracter de Diomédés. É preciso atirar-lhe o raio aos pés para o deter na investida.

Suscitaria aqui talvez o reparo dos eruditos a palavra «quadriga» applicada aos cavallos do chefe grego. Foi muito tempo objecto das discussões dos commentadores o averiguar se o carro de Heitor era tirado por quatro, se por dois cavallos, apesar dos quatro epithetos differentes com que, n'este mesmo canto, o heroe os distingue (Xantho, Podargo, Ethonte, e Lampo).



— «O filho de Tydeo, em qual conceito,  
 «Desenganados, te hão-de ter agora  
 «Os gregos, que, tomados de respeito,  
 «Louvavam teu valor a toda a hora!  
 «E te cingiram, por signal de preito,  
 «Laurel que os mais insignes raro enflora!  
 «E nos festins te davam, para honrar-te,  
 «A taça mais possante e a melhor parte!

.. Seria ocioso renovar, em relação a Diomédés, o letigio inutil que portanto tempo atediou os aporifiosos com referencia a Heitor. No canto v refere o poeta como Diomédés conquistara a Eneas os cavallos d'este, afamados por serem da celebre raça dos do rei Laomedonte; e, pouco antes do episodio vertido, no mesmo canto VIII, Diomédés declara a Nestor que se serve já d'elles na batalha. Importa pouco saber se eram dois ou quatro, *quadriga* ou *biga*. Para auctorisar o emprego da palavra, basta saber se os gregos já usavam, ou não, da quadriga. Que d'ella usavam achamol-o confirmado no proprio Homero, e ainda no canto VIII, quando descreve o perigo de Nestor, impedido na retirada pela queda de um dos quatro cavallos.

Na Odyssæa o poeta torna a fallar nos tiros de quatro cavallos (*τετραορες ιπποι*). Este costume é a cada passo indicado nos livros santos, como usança dos povos orientaes, desde os mais remotos tempos. Em Isaias, prophetisando Deus a Jerusalem a invasão dos Assyrios exprime-se n'estes termos: «*et erunt electæ valles tuæ plenæ quadrîgarum etc.*» Nahum brada a Ninive, em vespæras de ser assolada pelos Chaldeos: «*vox flagelli, et vox impetus rotæ, et equis frementis, et quadrigæ ferventis etc.*»

Para consultar e colligir as diversas traducções e commentarios, criticas, analyses, e annotações, seria pouco uma vida, dado que fosse possivel tomar conhecimento das repetidas versões e imitações feitas em todas as linguas,—imitações e versões, tão numerosas já no tempo de Pope, que este não as computava em menos de mil, applicando ao poeta uma ampliação vulgar da moderna linguagem como feliz expressão de legitimo encomio.

N'uma versão acabada seria de certo indispensavel comparar e acercar a maior semper possivel de explanadores e scholiastas, e os mais auctorisados traslados, para melhor entrar no verdadeiro espirito e sentido do texto, e poder nacionalisal-o com fidelidade incontraversa. N'este caso porém, tratando-se apenas d'um extracto, o auctor, instado das estreitezas do tempo, e obrigado a reparar continuamente a attenção por variados deveres, diferentes es-

«Quão diverso no modo e no sentido  
 «Acharás seu fallar ! e quão mudado  
 «O respeito em desprezo convertido !  
 «Não, guerreiro não és em pugna armado !  
 «Como inerte mulher eis-te transido !  
 «Vae, não pares, esconde-te apressado,  
 «Qual virgem tremula, a quem tudo assombra,  
 «E foge com terror da propria sombra.

tudos, e oppostos generos de composição, pensou que lhe era lícito limitar-se ao mais essencial, e pôde apenas soccorrer-se á *Clavis homérica*, da edição de Londres, de Samuel Patrick ; á versão latina de H. Stephano, *Ed. Patavii*, de Lederlino e Berglero ; á de Paris, de 1740 ; a Spondano ; á traducção franceza de madame Dacier, *Ed. de Leide*, que vale um pouco mais pelas notas do que pelo texto, raso, secco, e descolorido ; e accessoriamente ás memorias de mr. Fourmont e do abbade Banier.

Do exame das traducções em prosa, e especialmente da de madame Dacier, concluiu o auctor que debalde se procurará fazer apreciar verdadeiramente um poeta, trasladando-o para esta forma. A idéa pode ser fielmente interpretada ; mas falta-lhe a pompa que a reveste, o fogo que a anima, o sentimento que a recommenda, o movimento que a exalta : é a mesma, ella ; mas não é o mesmo o seu effeito.

Os tres vultos que apparecem no episodio escolhido são dos principaes em toda a *Iliada*. Nestor é a personificação humana da sabedoria e da prudencia ; Diomêdes talvez o mais irreprehensivel e vigoroso character, entre aquella pleiada de heroes, pelo arrojo dos traços e logica nunca desmentida das acções : Heitor, o orgulho e melhor baluarte da cidade de Priamo, serve, com arte infinita, de realçar pela propria grandeza a gloria dos gregos.

O quadro é resumido, mas sufficiente para entrar na intimidade das bellezas do poeta.

Como é canto o conselho de Nestor ! Como contrasta a venerabilidade do ancião com o tumulto da lucta a que o levam os deveres do cargo e os costumes de um povo guerreiro ! Como é grande esta figura, tão acatada pela auctoridade da palavra, acceitando de Diomêdes o logar secundario de auriga, para dar inteiro ao combate o braço valido do guerreiro vigoroso ! Com que fera hombridade Diomêdes, que ousa pelejar com os deuses, affronta a colera celeste e hesita em voltar o rosto ! Com que arte sapiente o poeta o faz sair mau grado seu do combate, symbolisando a prudencia a salvar a temeridade ! Como a arrogancia de Heitor, na ephemera vi-

«Não és tu, não, que escalarás de assalto  
«Nossas torres, prostrando-me os teus côrtes;  
«Nem has-de ir atear, galgando ao alto,  
«A rubra chamma nas muralhas fortes;  
«Nem tampouco aos baixéis, de espolios falto,  
«Nos levarás captivas as consôrtes:  
«Primeiro encontrarás, em liça aberta,  
«N'esta mão que te busca a morte certa.»

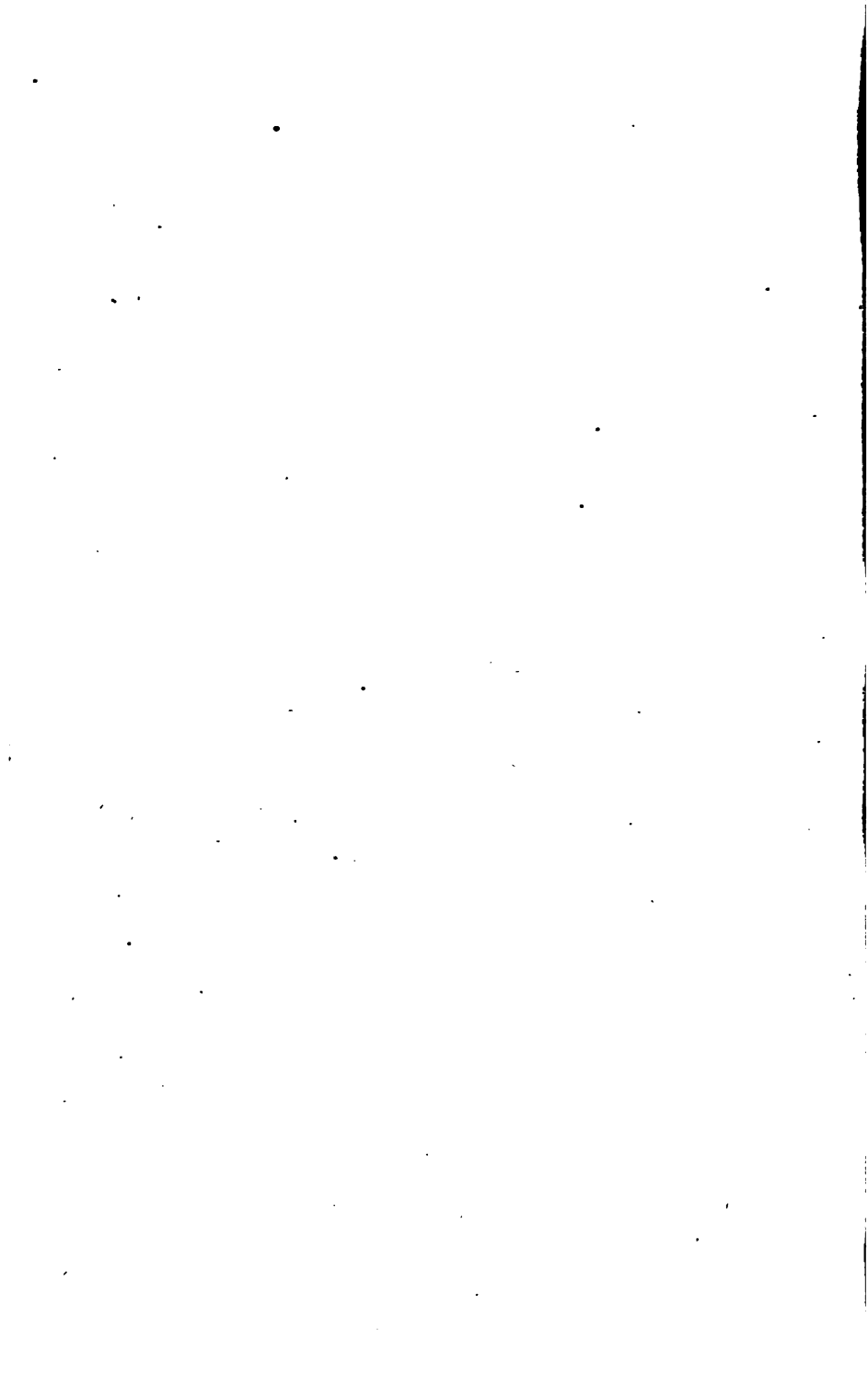
Diz; e o bravo Diomédes movamente  
Nuta, de taes ultrajes incitado:  
Por tres vezes, volvendo a face ardente,  
Quiz á pugna tornar mais irritado.  
Mas outras tantas Jupiter potente  
Dos pincaros do Ida trôa irado,  
Dando aos Troyanos, de quem zela a gloria,  
Previdente o presagio da victoria.

ctoria, justifica a vindicta e attenua a piedade da catastrophe que já lhe anda imminente! Emfim, como o poderoso epico sabe glorificar os seus heroes até nas derrotas, pintando-os vencidos, não por homens, senão por numes!

Não serão estes os grandes elementos da arte, os modelos admiraveis de que não deviam arredar olhos quantos ingenuamente pensam que a poesia consiste apenas na sonoridade das rimas e na symetria do metro?

Comprehendidas as tres figuras do quadro, será facil entender claramente o pensamento do poeta n'esta pequena acção, em que intervem os deuses, como no resto do poema,—gigantesca alliança do ceo com a terra, tão bella e tamanha, que seduziu os mais afamados epicos a imital-a depois servil e escusadamente.

Se para alguns leitores são superfluas estas reflexões, mesmo assim resumidas, para um grande numero não serão porventura totalmente inuteis.



**LVIII**  
**INDIANNAS.**

**I**

**VASCO DA GAMA.**

Gentes vereis, e terras escondidas,  
Onde, se um raio da verdade assoma,  
Amanecendo-as tereis na turba immensa  
Outro reino maior que a Europa extensa.

Dunão, Caramurá.

Foi-se a tempera dos peitos  
Dos portuguezes leões !  
Quem sabe de que eram feitos  
Seus robustos corações ?  
No turbilhão da matança  
A ponta da adversa lança  
Lhes gravava eterna a herança,  
Dos gigantescos brazões,

Foi-lhes nas faces graval-os  
A cimitarra sem dó ;  
E tão fundo, que apagal-os  
Nunca pôde o sangue e o pó !  
E eram todos pela frente ;  
E cada um d'elles, ingente,  
D'estes heroes do Occidente  
Ao mundo fallava, só !

Se algum caía por terra,  
Sob a turba, ou pelo ardil,  
Dava-lhe as honras da guerra  
O proprio moiro anafil.  
Eram-lhes feras mortalias  
D'Ormuz e Diu as muralhas,  
Nas homéricas batalhas  
De quarenta contra mil. (1)

Dae logar, nações absortas,  
Dae-nos o nosso logar :  
Vae abrir do Oriente as portas  
O capitão d'Além-mar !  
Tal feito, que a mente inflamma,  
Foi preciso á nossa fama,  
Para commettel-o um Gama,  
Um Camões para o cantar.

D'esse Gama o vulto infindo  
Quem o pode ir hoje erguer ?  
Era um Nestor reflectindo,  
Um Ajax a combater.  
Não cansa o braço possante :  
Ganha um mundo ; segue ávante ;  
E vae depois, como Atlante,  
O mesmo mundo suster.

(1) Veja-se, para exemplo, a descripção do combate de Duarte Pacheco na India.

Inda todo salpicado  
Do sanguinoso matiz,  
Leva o saio arregaçado  
Trasbordando de rubis.  
Ao seu rei'sagra contente  
As novas joias do Oriente,  
Arrancadas ao crescente  
Da c'rôa dos Çamorís.

Quando a juba sacudia  
O leão occidental,  
Goa arfava, Adhem tremia  
No seu leito de cristal!  
N'um gesto, heroe generoso,  
Do teu braço glorioso  
Chamaste um rei venturoso,  
Fizeste um povo immortal.

Erecto, na pôpa altiva  
Do teu nobre galeão,  
Sóltas á brisa lasciva  
O portuguez pavilhão.  
Ês monarcha d'esses mares;  
E, senhor dos indios lares,  
Tomas posse dos palmares  
Do Sabayo e do Hyd-al-kão.

Entre as dobras da bandeira  
Pendente do mastareo  
Involta a figura inteira,  
Qual em novo, regio veo,  
Os castellos constellados  
Revistas, como soldados  
Pela costa perfilados,  
Pés no mar, fronte no ceo,

Cae o Malaio transido,  
Com assombro dos rivaes,  
A vez primeira vencido  
Sobre a terra de seus paes.  
Não te impede força ou traça:  
Pões o pé na astuta raça  
Sobre as pedras de Mombaça,  
Entre os ferros dos Çaimaes.

Emtanto o reino, de ovante  
Fita o olhar no espaço azul,  
Quando lhe mostra o almirante  
As primicias do Cabul.  
É elle que, em nova empresa,  
Lhe abre a estrada da riqueza,  
E as galeras de Veneza  
Deixa ás portas de Stambul.

No elephante inda sentado  
Sobre um throno de marfim,  
Manda á côrte o aprisionado  
Rume, ou Naire, ou Abexim.  
De Cambaya nos pavezes  
Crava a lança; e, bastas vezes,  
De Calecut nos arnezes  
Mede as páreas de Cochim.

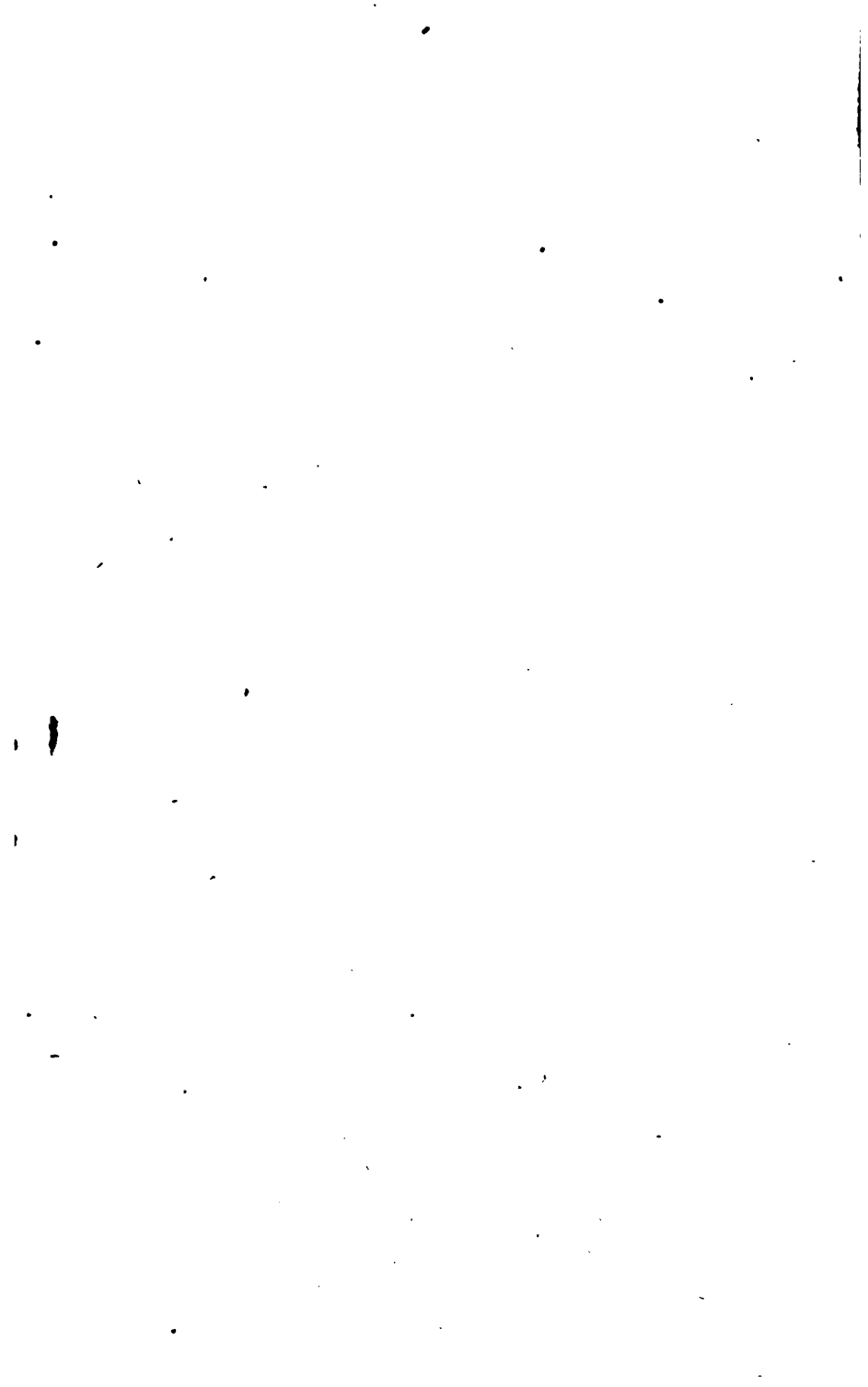
Vaes aos cryptos monstruosos  
Dos Brahmanes e dos reis,  
Em-poz dias tormentosos,  
Aos teus guerreiros fieis  
Escolher as sepulturas:  
Não achas, em vão procuras...  
Não davam taes estaturas  
Nem as indicas Babeis.



Para terem, Titães novos,  
Sepulchro digno de ti  
Vences povos sobre povos  
Até dizeres : « aqui ! »  
No espaço não te constranges ;  
Dás ás prostradas phalanges  
Por campa, o leito do Ganges  
Por loisa, os serros d'Elhi.

E dás por Deus aos domados  
Do teu gládio a ferrea cruz !  
Se elles indagam pasmados :  
— « D'onde vens ? quem te conduz ? »  
Logo a replica te occorre :  
— « O sol só meu berço corre ;  
« Minha patria nasce e morre  
« Onde morre e nasce a luz ! »

D'esses oceanos athleta,  
Venceste até no louvor :  
Póde a penna do poeta  
Mais que o ferro do esculptor.  
Em vão, porque o Athos dome,  
Alexandre se consome ;  
Mas Camões gravou teu nome  
Na face do Adamastor.



**LIX**  
**INDIANNAS.**

**II**

**DIU.**

**(AO SR. MARQUEZ DE FRONTEIRA E DE ALORNA.)**

Basiliscos medenhos e licens,  
Trabuces feros, minas encobertas,  
Sustenta Mascarenhas c'os baroens,  
Que tão ledos as mortes tem por certas.

**CANÕES, *Lusiadas*.**

**I**

Nos tempos venturosos de algum dia,  
N'esses tempos de crença e de esperança  
Em que a chamma da patria n'alma ardia,  
Praticámos acções de tal pujança,  
Que não podem cobrir-lhes a valia  
Nem as façanhas da moderna França,  
Que tanta gloria pelas armas toma,  
Nem os velhos annaes de Grecia e Roma.

Que o diga o poder todo de Cambaya  
Em torno a Diu unido em cerco estreito ;  
E, entre as hostes sem fim que ao longe espraia,  
O Rume-Kão feroz, á guerra afeito ,  
Contando que a postrema pedra caia  
Só por dizer, ufano de tal feito,  
— «É meu, e assim vinguei tantos reveses,  
«Este pó que foi já dos portuguezes !»

Dos defensores são apenas centos,  
São dos contrarios muitos os milhares ;  
Crescem, estes, a todos os momentos ;  
Tem contra, aquelles, os tufões e os mares ;  
Combate com propicios elementos  
O moiro e o persa á porta de seus lares ;  
Longe dos seus o luso, em tal desterro,  
A um tempo a mingua affronta e empunha o ferro.

Mas debalde o sultão embravecido  
Seus thesouros empenha e seus estados ;  
Duro o turco e o janizaro aguerrido  
Debalde envia em batalhões cerrados.  
Coge-Çofar, o capitão temido,  
Blasphemo expira aos pés dos seus soldados :  
Rebenta o bronze, que as trincheiras fende,  
Cae tudo ; mas a praça não se rende.

Diu ! Eterno padrão ! Que acções honradas  
Dos egregios avós ao mundo contas !  
Mostra as tuas ameias mutiladas,  
E os tropheos com que a injuria desaffrontas !  
Mostra o que foste ás gerações prostradas,  
Alerta, prompto o braço, as armas promptas,  
Desvelada em continuos sobresaltos,  
E mais firme depois de vinte assaltos.

É pequena esta voz da debil ode,  
 Frouxo o hymno de humilde *engenho e arte*!  
 O sudario dos seculos sacode,  
 Falla tu mesma, ó Diu! Em toda a parte  
 Attesta quanto o humano esforço pode;  
 E basta, e sobra, para eternisar-te,  
 Ante o povo, e ante a fé, por quem te empenhas,  
 O nome e o coração de um Mascarenhas!

## II

As bombardas retroam fulminantes,  
 Com rouco estrondo que o pavor espalha;  
 Abrasão das chammas crepitantes,  
 Ferve o sangue no fogo da batalha;  
 Treme de horror nas pedras vacillantes  
 O roto spectro do que foi muralha;  
 Mas ovantes pompelam nas ruinas,  
 Nas mãos da fama fusilando as quinas.

Tufa o vento do golpho, mais tremendas,  
 As largas pregas, confusão dos moiros.  
 Festejando estas inclitas contendias,  
 Prognostico feliz de novos loiros,  
 Sorri-lhe o ceo azul por entre as fendas  
 Abertas pela furia dos peloiros:  
 Cravado em cinzas, o estandarte ingente  
 O imperio portuguez firmou no Oriente.

Mas quantos, quantos jazem moribundos  
 Á sonbria tua, triumphal bandeira!  
 Quantos d'elles, terrixeis em dois mundos,  
 Te dão, tombando, a saudação guerreira!  
 Mais d'um, tirando ao peito os sons profundos,  
 Murmura na agonia derradeira:

— «Minha alma entrego a Deus, meu nome á gloria!»  
 E cae morto nos braços da victoria.

Outros, revendo em ti, por seu tormento,  
A patria ausente, e os prantos da consorte,  
Vão abraçar-te, recolhendo o alento,  
Para acabarem como acaba o forte;  
E, enviando-te o adeus do passamento,  
Dobram, calando a dor, saudando a morte,  
No chão rubro o joelho espedaçado,  
Que a Deus sómente,— e ao rei,— tinham dobrado.

Qual das veias arranca a frecha hervada,  
E vae sacrar-t'a aos pés, fero holocausto  
Que prova como, proximo do nada,  
Inda sobra o valor no peito exausto!  
Qual a charpa beijando ensanguentada,  
Prenda saudosa d'um amor infausto,  
Suspira um nome, incognito gemido,  
Que só dos anjos pôde ser ouvido!...

## III

Do bravo sitiador a sanha ardente,  
Crescendo co'as derrotas repetidas,  
Porfia astuta, lavra cautamente  
Com traça nova occultas investidas;  
E rasga, por tal arte que a não sente  
A prudencia que zela tantas vidas,  
Nas entranhas da propria fortaleza  
A cratéra que em breve estala acesa.

Renova o moiro infido os seus furores,  
Como que em franco assalto combatendo;  
Mas, pondo a mira nos ardis traidores,  
Larga o campo, sagaz retrocedendo,  
Porque já, sob os pés dos vencedores,  
A serpente de fogo vae correndo...  
Rompe a chamma, o ar foge, a terra parte;  
E, feito um cahos, vò a baluarte.

Os barbaros com feros alaridos  
Tornam de golpe aos bastiões desfeitos,  
Mas encontram, reparos não rendidos,  
Sobre os escombros invencíveis peitos;  
Assombram-se; e, volvendo espavoridos,  
Nem sequer, mais crueis que satisfeitos,  
Quando o vacuo medonho surge á vista,  
O inflammado vulcão tem por conquista.

Cinco, — só cinco! — impavidos ousaram  
Suster o impulso aos bastos assaltantes;  
O braço ao braço oppondo, a turba encaram,  
Mais que heroes n'uma lucta de gigantes;  
Entre um bosque de lanças sustentaram  
A brecha horrenda, firmes como d'antes;  
E viu-se, com braveza desusada,  
No mesmo golpe entrar mais d'uma espada.

Ai! cara gloria, feito doloroso,  
Que ao crestado laurel murcha a verdura  
Com tanto sangue, e sangue tão precioso!  
Ali acharam morte e sepultura  
Continho, Sousa, Almeida, e o Grão-Reynoso,  
O temerario Ajax, — audaz figura,  
Que nem ao raio quer voltar o rosto,  
E deixa a vida, mas não deixa o posto.

Tambem lá fosta, ó Castro (1) denodado,  
Gentil mancebo, digno, por tua alma,  
De tal pae, de tal nome, e de tal fado.  
Do leito mórbido em que a dôr se acalma  
Saes a buscar a campa do soldado,  
E do soldado achaste a heroica palma,  
Antepondo com brios sobre-humanos  
A flor da heroicidade á flor dos annos.

(1) D. Fernando de Castro, filho mais novo do Viso-Rey D. João de Castro.

Mas ficam outros, a quem move a lança  
Irresistivel furia ao ver tal scena.  
A' frente d'elles, a bradar vingança,  
Esforça a todos, e por todos pena,  
O grande Mascarenhas que não cança:  
Soldado e capitão, combate e ordena;  
Mais que um pae nos desvelos que o consomem,  
Nas acções de guerreiro mais que um homem.

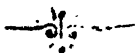
Um ataque apoz outro é repellido,  
O exemplo e a voz animam a peleja.  
Onde o risco é maior, mais atrevido  
De Mascarenhas o guião flammeja.  
O proprio sexo fragil, destemido,  
Acc mais fortes varões causando inveja,  
Com desprezo da morte á lucta accorre,  
Auxilia, combate, incita... e morre!

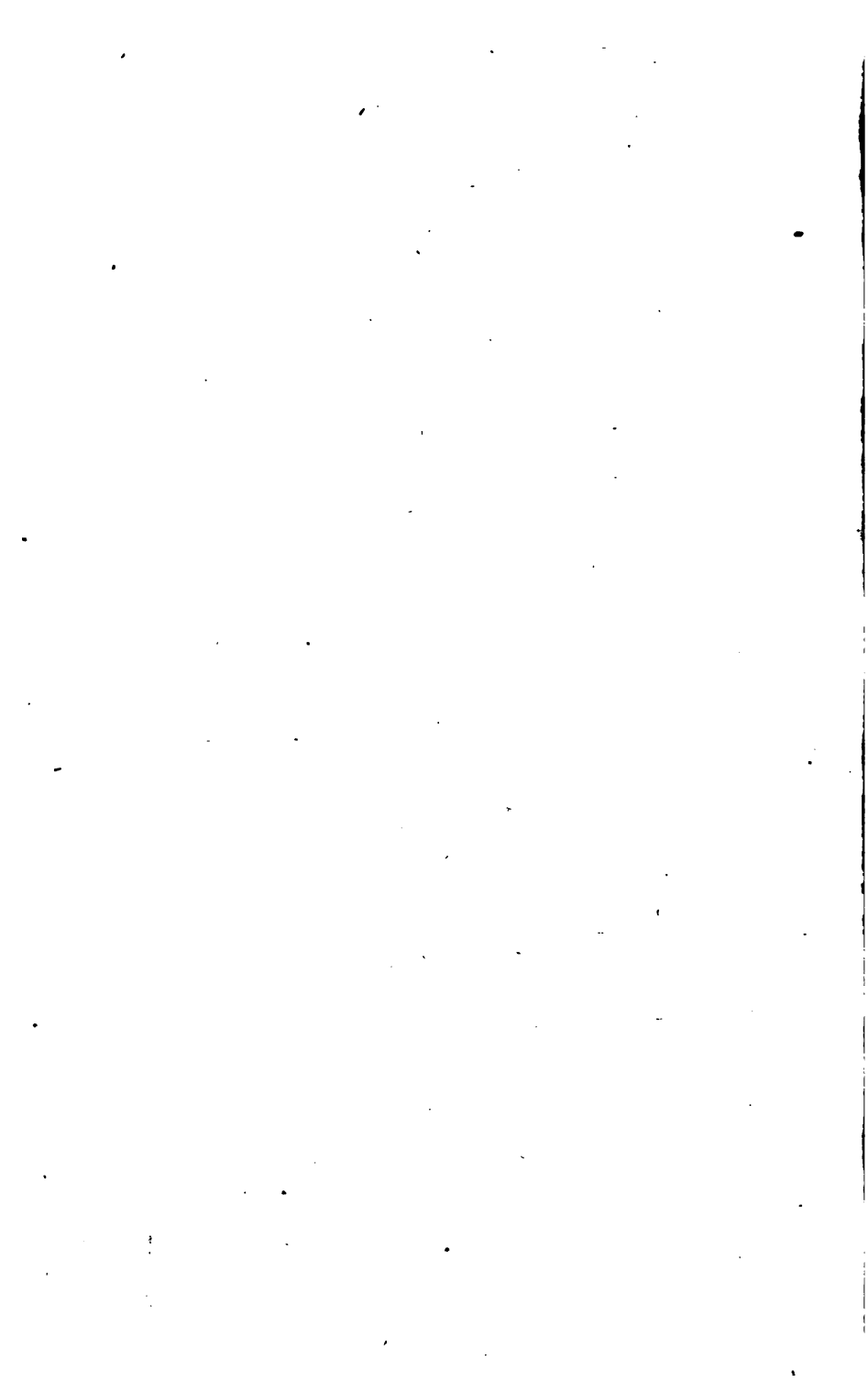
## IV

Uma vela! outra! e outra! — Grato instante!  
São as galés do vice rei que chegam.  
Cada qual mais intrepida e arrogante,  
Empavezando as flammulas navegam.—  
São Jorge, e a elles! Pela brecha! Avante!  
Largas ondas de sangue as praias regam,  
E o ecco d'este embate furibundo  
Vae d'Asia á Europa, sae da Europa ao mundo!



**LIVRO III**  
**ALAÚDE**





# LIVRO III

## ALAUDE

### LX

#### A ROSA BRANCA.

A que mal houve medo  
Quem os monstros no mar, que vão nadando,  
Com elhos seccos vio? quem o ceo cuberto  
De triste noite, e queda  
Sem deffensam, c'o corpo só esperando  
Está a morte cruel, que tem tam perto?

A. FERREIRA, Odes.

### I

Negra era a noite, e a praia solitaria,  
E pesados os ares,  
E tremendo o tufão que Deus mandara  
Varrer os largos mares.

Em serras altas levantado o pégo  
Ia os ceos insultar;  
Em abysmos cavado ameaçava  
A terra devorar.

E as liquidas montanhas alvacentas  
Co'as nuvens entestavam ;  
E raivando bramiam furibundas,  
E quasi as salpicavam.

Nem sequer uma estrella, — uma promessa ! —  
Ao viajante perdido !  
Nem clarão de esperanças reluzindo  
Em ceo de dó vestido !

Nem astro, nem pharol, nem luz, nem facho !  
Nada. Rochas escuras,  
A praia solitaria, o mar immenso...  
E Deus lá nas alturas.

Livido o raio atravessando as nuvens  
Veloze fendia o ar,  
E com fita de fogo immensuravel  
Ao ceo prendia o mar ;

E a chamma fugacissima, rompendo  
As trevas carregadas,  
Mostrava as rochas nuas, quaes se fossem  
Gigantescas ossadas.

Enxofrados clarões, correndo ao largo,  
Os campos inundavam ;  
E mil estranhas formas despertando  
Incertas vacillavam.

Ruge, ruge, tormenta desvairada,  
Ó filha do deserto ;  
Na selva ruge, ruge nos rochedos,  
Ao longe ruge e ao perto.

Da antiga serra o tronco mais antigo  
A scentelha inflammava ;  
Ardendo d'alto a baixo, ignea serpente,  
Silvando colleava.

Pallida e triste, a flor medrada a custo  
Na fenda de um rochedo,  
Pendido o calix, tremula vertia  
Como um pranto em segredo.

Do vendaval cortada, foi seu fado  
Nascer, sorrir, findar :  
Teve por salva o estrondo da tormenta,  
E por sepulchro o mar.

Mais longe, sob as arvores da encosta,  
D'ellas filha, outra flor,  
Sôlta do ramo, o chão beijava arfando,  
Como um perdido amor.

Na densa matta o secular carvalho,  
Da força imagem fera,  
Possante contrastava até na morte  
A flor da primavera.

Não vergou, nem cedeu curvando a fronte  
Ao braço impetuoso  
Do bulcão furibundo : o tronco duro  
Lhe oppoz, de si vaidoso.

Não vergou, mas quebrando nas raizes,  
Revolto e destroncado,  
Foi ludibrio do vento, e do combate  
Despojo malfadado.

.....

E o rijo turbilhão corria ao largo,  
 Sem fim, sem rumo certo:  
 Ruge, ruge, tormenta desvairada,  
 Ó filha do deserto.

## II

Na angustia d'alma em que o pavor murmura  
 Orava tudo ao Deus, que tal mandara,  
 E invocando o seu nome na amargura,  
 Ia a cruz abraçar.  
 Selvas, praias, e mar  
 As iras do Senhor repercutiam  
 Erguendo vozes mil e mil clamores;  
 Mas, terra a dentro, ao longe reluziam  
 Palacios de senhores.

Um d'elles, mais que os outros fulgurante,  
 Por cem vermelhas boccas trasbordando,  
 Derramava no campo circundante  
 Torrentes de harmonia  
 E de luz, que fingia,  
 Ao largo, na campina desolada,  
 Vista da praia concava e deserta,  
 Chamma pequena em selva emaranhada  
 A vislumbrar incerta

Como a rôla amorosa ia, plangente,  
 Uma nota perdida e gemebunda  
 Afagar os rochedos mansamente,  
 Suspiro similhando, —  
 Que o mudo horror quebrando  
 Atravez do rugir da tempestade, —  
 Humilde prece, arfar de seio terno,  
 Do mundo se elevava á immensidade,  
 Buscando os pés do Eterno.

E além, nas vastas salas, reflectindo  
Mil astros no cristal, mil fogos n'alma,  
E dois brilhantes soes no rosto lindo

De cada formosura,

Havia só ventura? . . .

Ai! qual e quanta dôr por entre flores  
O veneno fatal occultaria!

Quantas penas, remorsos e terrores!  
Quanta lenta agonia!

Como a lucta cruel dos elementos,  
Na convulsa voragem revolvidos,  
Mais branda talvez fôra que os tormentos

Com que um peito sincero

Minara fado austero!

E como a funda sombra da procella

Seria luz amena, comparada

A' noite d'alma em que não fulge estrella,

A' noite irmã do nada!

.....

O festivo palacio illuminado,  
Figurava, com olhos reluzentes,  
Vedeta no pavor do descampado,

A procella espreitar. . .

E tudo a negrejar!

E a montanha tremendo de assombrada!

E a tormenta a rugir ao longe e ao perto!...

Ruge, ruge, tormenta desvairada,

Ó filha do deserto.

## III

Pelo oiteiro da ermida a virgem triste  
Descia lastimada :  
Alvas roupas diaphanas e leves ;  
Madeixa ao vento dada.

Sobre os negros cabellos lhe alvejava,  
Entre nuvens estrella,  
Uma rosa, como ella amortecida,  
E pallida como ella,

O curto pé, que as sedas molestavam,  
Descendo a penedia,  
Nos urzes da charneca não trilhada,  
De rubro se tingia.

Era o corpo gentil como a palmeira  
Que morre em chão contrario:  
Sobre faces sem côr olhos sem vida ;  
O passo lento e vario.

E era ainda formosa ! Linda e triste  
Como o lyrio abatido,  
Estatua amada de esculptor poeta,  
Ou seraphim perdido !

Julgàreis ser um sonho dos sentidos,  
Visão da madrugada,  
Virgem d'Ossian, vestida de vapores,  
De nevoas coroadas.

Rijo o vento do sul co'a trança negra  
O rosto lhe açoitava ;  
E a donzella, insensível á tormenta,  
Inerte caminhava.



Mais d'uma vez, lascado pelo raio,  
O tronco da espessura,  
Lacerando-lhe o collo, lhe manchara  
Ao jaspe a neve pura.

Quem era? D'onde vinha assim vestida?  
Quem a rosa lhe dera?  
Quem dôr tão muda e tão desesperada  
No rosto lhe puzera?

Porque, trajando dos saraus as galas,  
Todo este horror buscara?  
Porque a tepida sala, e o baile, e a festa,  
Pelo bulcão trocara?

Anticipado hynverno  
Murchara-lhe o porvir?  
Ou vira a flor da vida  
Cortada aos pés cair?

Contente e alegre as portas  
Do mundo tendo entrado,  
Cerrara-lh'as com penas,  
Depois avesso fado?

Ouvira pouco a pouco  
Morrer-lhe a melodia,  
Que n'alma recolhera,  
E d'alma a Deus subia?

Sentira que o thurybulo  
D'incenso perfumado,  
Que ardera no seu peito,  
De todo era quebrado?

Vivera sem ter fito ?  
Amara sem ter crença ?  
Com prantos apagara  
A occulta chamma intensa ?

Morrera-lhe a ventura ?  
Fugira-lhe a esperança ?  
Turbara-se do peito  
A placida bonança ?

Na primavera d'alma  
Que engano, ou que paixão  
Sem dó lhe consumira  
O ardido coração ?...

## IV

Na vida caminhava alegremente  
Em liso chão, por sendas mais que amenas,  
Debaixo de seus pés brotando amores,  
E á tristeza sabendo o nome apenas.  
Orava a Deus no ceo, na terra amava  
A quanto em torno d'ella lhe sorria.  
Estrella da manhã, no ceo da aurora  
Sem mancha reluzia.

Como orvalho mimoso da alvorada,  
Da terna mãe os prantos amorosos,  
Por vê-la tão perfeita, lhe corriam  
Dos olhos, no futuro já cuidados.  
Preparavam-lhe o leito regalado  
Brandura, amor, caricias e desvelos :  
Tinha n'alma o prazer, no rosto as graças,  
E o ceo nos olhos bellos.

Se entrava pelas salas perfumadas,  
Da festa fulgurante e buliçosa,  
Por mais que as outras encantar buscassem,  
Ella só parecia ser formosa.  
E nem tinha a cecem maior candura,  
Nem um anjo do ceo mais innocencia :  
Dissereis ser incognito reflexo  
De sobre-humana essencia.

Nunca a mente mais férvida sonhara  
Donzella assim. Dos olhos lhe manava  
Uma fonte de amor, que entrava n'alma,  
E, n'alma não cabendo, trasbordava.  
Astros do coração seus olhos eram,  
Seus olhos em que o Empyreo se revia...  
Matava de ternura se os baixava,  
Matava se os erguia.

Rubra flor em botão maravilhoso  
Cortado nos jardins do Paraíso,  
Se os labios purpurinos descerrava  
Era para exhalar meigo sorriso.  
A doce voz, que os ares perfumava,  
Tormentas d'alma em doce paz fundindo,  
Era um hymno de affectos, incessante  
Da terra ao ceo subindo.

Amara ! Fôra seu amor incendio,  
Fôra oceano de incognitas delicias,  
Fôra a mente sonhando mil extremos,  
O coração desfeito em mil caricias.  
Um homem d'alma nobre e vivo engenho,  
Capaz de grande esforço e paixão rara,  
De santa inspiração na fronte escripta,  
A isempção lhe quebrara.

Dois anjos d'azas candidas, nascidos  
 Ao sopro do Senhor em mundo estranho,  
 Unidos peito a peito aos pés do Eterno,  
 Não tinham, não, de certo, amor tamanho,  
 O sol, e o ceo, e a natureza inteira,  
 Em si mesmos andavam contemplando;  
 E o duplo olhar dizia uma só alma  
     Dois corpos inflammando.

Não lhes turbava a limpida existencia  
 Dos homens vãos tumultuar profundo:  
 No meio do revolto mundo ignaro  
 Viviam d'outra vida e n'outro mundo.  
 De sonhos, de illusões, de paz, de encantos  
 Em golfo illimitado se empégavam;  
 E os olhos, já da terra desviados,  
     Nos puros ceos cravavam...

## V

Eta a noite fatal da tempestade.  
 Refulgiam do baile os esplendores;  
 E a donzella folgava-se, guardando  
 Riso nos labios e no peito amores.  
 Nos braços da ternura e da esperanza  
 Aspirava os prazeres sem cuidado,  
 Sem ver sumir-se ao longe a sua estrella  
     No horisonte cerrado.

Ramos e lustres, musicas suaves!  
 E a delirante embriaguez das festas!  
 E os perfumes, e as joias,— e outras joias,  
 Mais bellas, mais esplendidas do que estas!  
 Vago rumor, secretas confidencias,  
 Confuso gorgear de mil gorgeios,  
 E a walsa reflectindo o gyro e as ondas  
     Nos palpitantes seios!

E tudo a rescender! a viver tudo!...  
 Ella, inquieta, aspirando outra doçura,  
 Aguardava impaciente quem podia  
 Tornar-lhe este prazer uma ventura!  
 Oh Deus! não vem.— Não vem! Porque?— Silencio!  
 Quando corria ao baile alvoroçado,  
 Em fundo precipicio o derribara  
 O corseil empinado!

— Morreu?— Morreu.— É certa a nova?— É certa.  
 A triste, ao saber tal, não verteu prantos,  
 Nem queixumes, nem gritos, nem desmaios,  
 Nem ais, nem preces, nem mortaes espantos.  
 Nada. Pallida, immovel, insensivel,  
 Sorriu, parece. Ouviu-se-lhe um gemido;  
 E de jaspe ficou,— truncada imagem  
 D'um sonho interrompido.

.....

## VI

E o baile proseguira, recrescendo  
 Em bulicio, em fulgor, em doidas fallas;  
 E a pobre afflicta, que a razão perdera,  
 Vagava á tôa nas festivas salas;  
 E todos se illudiam vendo o riso  
 Que em seus labios parados se fixara;  
 E a solícita mãe, já brando o susto,  
 Como os mais se enganara.

Notando mal o gelo de seus olhos,  
 E o peito a arfar, e o mudo gesto absorto,  
 Uns pensavam comsigo: «que impiedade!»  
 Outros diziam: «pobre do que é morto!»  
 E as fundas magoas, n'alma accumuladas,  
 Que a vida, a vida inteira, lhe partiam,  
 Dôr que d'um golpe tudo lhe levaria,  
 Ai! que não lh'a intendiam.

Que insolito penar! que acerba magoa!  
Que tormento cruel! que sorte crua!  
Fôra esplendida flor, do prado orgulho,  
Erma perla ficou em rocha nua.  
Com as rosas do rosto lhe fugira  
Dos mesmos que encantava o bando vario:  
Assim, ó mundo ingrato desamparas  
Martyrio solitario!

Volvera um' hora apenas, e de tantos  
Nem um sequer na misera pensava...  
E ella, tomando o trêvo á propria angustia,  
Sombra estranha, entre todos vagueava.  
As janellas chegou. Ali seus olhos,  
Cansados já da festa, e da agonia,  
Saudaram rindo a tempestade horrenda  
Que lá fora rugia.

Dobrar-se-lhe a dôr no peito anciado,  
E até com isso a pobre se alegrara!  
Se triplices horrores vomitasse  
A procella cruenta, mais folgara.  
E fôra quanto lhe alterara o rosto,  
Que se ia em quedo marmore tornando:  
Se algum este folgar lhe percebera  
Passara gracejando!...

Chegara ao grau mais alto o baile ardente.  
Torrentes de prazeres delirantes  
Corriam pela turba, que embatida  
Em vagas ondulava susurrantes.  
Sem frémitos, sem voz, e sem suspiros,  
Qual de bardo infeliz quebrada lyra,  
Os grupos distrahidos transpozera,  
E das salas saíra.

Em convulso stertor, em ancia muda,  
Arrancando os adornos preciosos,  
Ao solo os arrojara; quacs se fossem  
Vís emblemas de tratos tenebrosos.  
Branca rosa, que o noivo desvelado  
Na vespera lhe dera, só guardara ;  
E, sem olhos volver, saíra ao campo,  
E nunca mais tornara ! . . .

## V .

Nas agruras solitarias,  
Pela fraga bronca e dura,  
Exposta ao vento da noite,  
E aos terrores da espessura ;  
Sem mãe para te cobrir,  
Aonde irás tu dormir ?

Sem o teu Christo doirado,  
Com quem tanto te apegavas,  
Sem a tua linda imagem  
Da Virgem, por quem chamavas ;  
Sem mãe para te abraçar,  
Aonde irás tu parar ?

A chuva, que alaga a jorros,  
Te ensopa os raros vestidos ;  
Os teus membros delicados  
Em breve serão transidos ;  
Sem mãe para te aquecer,  
Aonde irás tu fazer ?

Longe do mudo piano  
E das tenras avesinhas,  
Que por tua mão creaste  
E a quem tanta afeição tinhas,  
Sem mãe para te beijar  
Aonde irás tu findar ?

## VI

Pelo campo vagara a desgraçada  
Com seu constante rir,  
Dos espinhos do matto retalhada  
E sem nada sentir ;  
E depois de fartar-se de tormentos  
Com tanta crueldade,  
Sobre a rocha mais alta se assentara  
Sorrindo á tempestade.

E a tormenta passava  
Na rocha e sobre o mar ;  
E a misera sorria,  
Sorria sem parar.

Figurava, ali posta solitaria,  
Como nevoa delgada,  
C'roando a negra rocha, ha tantos tempos  
Sobre o mar empinada :  
Perdida assim no espaço a forma incerta  
Cuidàreis suspeitar  
Anjo ou nympha, que a mente mal podia  
Confusa imaginar ;  
Só quem no rosto oppresso lhe attentasse  
Veria com espanto  
Pelas faces correrem-lhe dois rios  
De acerbo e mudo pranto.



E as lagrimas continuas distilavam  
Sobre os labios ridentes ;  
Elles sem vida, gelidos, marmóreos,  
Ellas acres e ardentes !

E a tormenta passava  
Na rocha e sobre o mar ;  
E a misera chorava,  
Chorava sem parar.

## VII

Já da noite funesta as grossas trevas  
Delgadas se tornavam ;  
Já das serras d'além, titães prostrados,  
Os cimos alvejavam.  
No horisonte fugia a tempestade  
Negro manto arrastando,  
Inda a rugir, qual fera insaciada  
De longe ameaçando.

Vinha, apoz o tufão, toda caricias  
A matutina aragem ;  
E, afagando o arvored, suspirava  
Pela fresca ramagem.  
A natureza sofrega bebia  
O renascente goso,  
Sacudindo o seu manto de vapores  
Sobre o prado amoroso,  
E o mar, soltando a espaços um gemido,  
Na vaga inda fremente,  
Pouco a pouco alisava os rolos crespos  
Cedendo obediente.  
Depondo as iras abraçava a penha,  
Que entre as coleras medra,  
Um osculo de paz levando a custo  
Aos seus labios de pedra.

O veo de horror da tétrica procella  
Caira já desfeito ;  
Cessara o pelejar dos elementos  
Luctando peito a peito.  
Já, por fim, sobre o oiteiro da ermidinha,  
De parras coroado,  
Desciam como uns raios de sol novo  
Do horisonte doirado.  
E toda a creatura começava  
Um hymno ao Creador. . .  
Dera a hora suave em que no mundo  
Respira tudo amor !

## VIII

No vallado a flor abria  
O seio púdico ao beijar do orvalho ;  
A vida resurgia :  
Era o principio do geral trabalho.  
Na selva e no penedo  
Murmurios de existencia começavam ;  
Da noite os olhos tristes  
Do ceo nas solidões já se apagavam ;  
E as sombras rareando  
O campo á fresca luz iam largando.

A' voz da criação  
Desperto o mundo ao somno refugia ;  
Reflexo purpurino  
Dos ceos altos a face lhe accendia :  
Em rosto de donzella  
Não fôra, não, tão viva a côr do pojo  
Quando o noivo anhelante,  
Luctando entre os melindres e o desejo,  
Ensaiasse as primicias  
Das primeiras e tremulas caricias.

Nem fôra tão mimosa  
Como a facha de rosas estendida  
Sobre o largo horisonte,  
Iris de amor, esp'rança d'outra vida!  
Do valle pelo arroio  
Os contornos louços da selva umbrosa  
Alongados tremiam  
Pelo remanso d'agua prigueirosa,  
Fugindo, ali pintadas,  
Outra selva e outras arvores sonhadas.

## IX

Da vida os mil rumores  
Incertos acordavam,  
E ao campo, morto ha pouco,  
Alentos já tornavam.

De canticos recentes,  
De canticos extinctos,  
Variavam-se os acordes,  
Já vagos, já distinctos,

Confusas melodias,  
Apenas esboçadas,  
Cortando os mansos ares  
Aos ceos eram levadas.

De quanto Deus creara  
De quanto a Deus sorria,  
No espaço o aroma puro  
Nadando rescendia.

Festiva a natureza  
De galas se adornava:  
Trajava alegres côres  
Perdendo a côr de escrava,

Na frente verdes c'róas,  
Nas quaes o sol folgava,  
No seio joias limpidas  
Onde outro sol brincava.

E pelo oiteiro abaixo  
Descendo vinha o dia:  
Tapete d'alvas flores  
A terra lhe cobria.

Ao chão as arrojara  
D'a tempestade o vento,  
Extrema despedida,  
Ou candido lamento.

E a cada flor, caida  
No solo abandonado,  
Aos raios do sol novo  
Brilhar inda era dado.

## X

Brilhae, brilhae, ó flores,  
Que rides entre os ais;  
Brilhae; passado um dia,  
Não brilhareis jámais.

Quando outra vez a noite  
Volver a visitar-vos,  
Quando outra vez o sol  
Vier para afagar-vos,

Achar-vos-hão já seccas,  
O' flores sem abrigo,  
Achar-vos-hão sem vida  
Ao pé do tronco amigo.

E quando o pastor lerdo  
Da alpestre serraania,  
Buscar da matta as sombras  
Em vindo o Meio-dia,

Os tristes restos vossos  
Sem dó vos calcará,  
E nem que ali vivestes  
Passando lembrará.

E avante hade ir, scismando  
Nos rudes seus amores,  
Sem dar-vos um suspiro,  
O' minhas pobres flores,

E nem dirá comsigo,  
Turbado n'alma dura :  
— « Aqui vos deixo um pranto,  
O' flores sem ventura ! »

Se alguém alheios males  
Regar dos prantos seus ;  
Se alguém, do mundo longe,  
Viver comsigo e Deus ;

Nas horas solitarias  
Ess'hade recordar-vos,  
E breve campasinha  
No peito levantar-vos.

Hade ir, carpindo triste  
As furias do bulcão,  
Já quando nem lembrardes  
Chorar sobre esse chão,

Tambem vós, pobresinhas  
Tereis vosso cantor ;  
Tambem chorada morte  
Terá d'um dia a flor.

XI

E *ella* estava no cimo do rochedo,  
Estatua como d'antes ;  
A bocca descerrada, as mãos pendidas,  
Os olhos gotejantes.

Da palpebra mortal na face immovel  
O pranto inda pendia,  
Gelada pela nevoa da alvorada,  
Que a misera encobria.

Ne templo do Senhor como que orava  
Em rpto divinal :  
Era-lhe o ceo docel, o mar concerto,  
E a rocha pedestal.

Chorae, anjos de Deus, almas da terra,  
Chorae-lhe a infausta sorte :  
Amor lhe dera o ser, de amor vivera,  
Por amor teve a morte.

Triste, triste da mãe que a busca anciosa !  
A que o leite lhe deu,  
E contra o seio, infante e pequenina,  
O rosto lhe aqueceu,

Não pode, já não pode hoje aquental-a,  
Nem os beijos maternos  
Lhe farão mais viçar aquellas faces  
Feitas lyrios eternos !

Golpe fatal! Volvendo a madrugada,  
Volvera a dôr e o sizo;  
E, sem um ai soltar, soltara um nome  
Por entre o pranto e o sizo!...

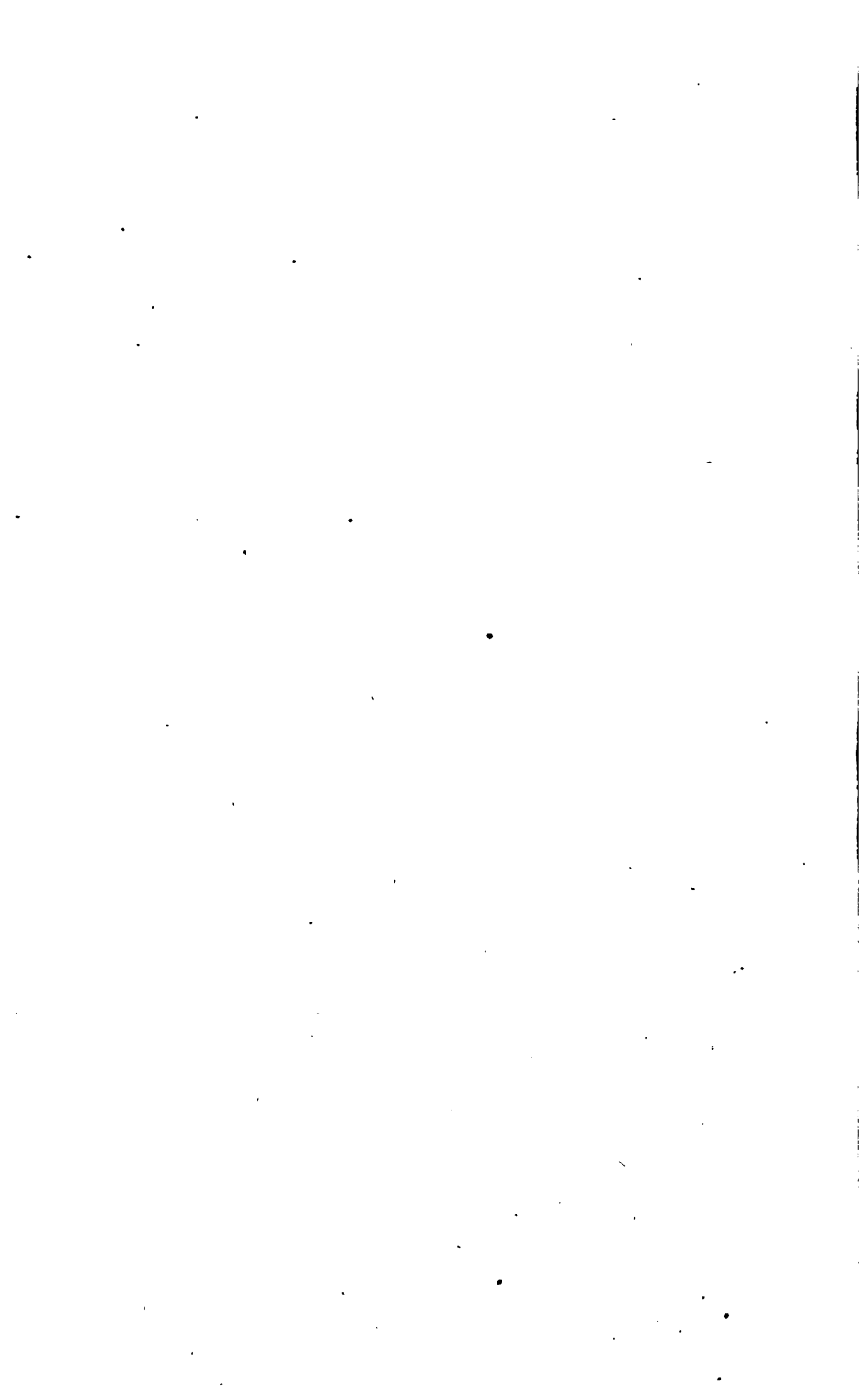
## XII

Que nome foi, qual é, o que, invocado  
Por alma que encerrara tanto fogo  
Em centro limitado,  
Mal do peito lhe sobe á flor dos labios  
Da existencia lhe leva os restos logo?  
Que nome, e que paixão tão desmedida,  
Que, ao dar-lhe o desafoço,  
Com tornar-lhe a razão lhe acaba a vida?

## XIII

Vibraudo-lhe o mais puro de seus raios  
As faces de alabastro  
Deu-lhe um osculo, o sol. Era o primeiro.  
Só pôde dar-lh'o um astro!

Sem ancia, nem turpor, sem brado extremo,  
Fugira-lhe a alma assim...  
Aos cherubins do throno do Deus vivo  
Crescera um cherubim!





## LXI

### À MEMORIA DO CORONEL CARDOSO. (\*)

(MORTO NA REVOLUÇÃO DE 1851, ABRACADO ÀS BANDEIRAS  
DO SEU REGIMENTO.)

#### I

Musa da patria, que o dever inspira.

Vibra o canto indignado ;

Toma o laudè a Ossian, em vez da lyra,

E deplora o soldado.

(\*) Todos conhecem, e todos lamentam de certo, o desgraçado e heroico fim do bravo coronel nos quarteis do campo de Santo Ovidio. O auctor modificou expressamente as expressões, que podiam importar aggressão a caracteres publicos, porque, hoje, ao cabo de annos, a paixão, mesmo justa, seria inopportuna. Deseja elle sinceramente contribuir, quanto em suas forças caiba, para a extincção dos rancores e para a conciliação do paiz. Com tal intuito desterrou d'este livro todas as composições de character exclusivamente politico. Nas nossas funestas dissensões civis todos os partidos tem culpas

Não vês inanimada, em terra e exangue,  
A victima primeira ?  
Não vês as manchas do mais nobre sangue  
Sobre a lusa bandeira ?

Não vês as provas dadas tantas vezes  
Em campos de batalha,  
E a honra, que aos guerreiros portuguezes  
Servia de mortalha,

E a voz dos feitos, e as memorias santas,  
E a antiga lealdade,  
Calcado tudo das paixões ás plantas  
Em noite de ebriedade ?

Não vês pôr a divisa ensanguentada  
No braço audaz do crime ?  
Não-vês assim no tumulto ultrajada  
A devoção sublime ?

graves; e, se quizermos sinceramente reconquistar, como elle tem fé que podemos, o nosso lugar na Europa, a primeira virtude do presente deve ser o esquecimento do passado.

Sejam porém quaes foram as situações, os interesses convulsionados, as idéas em ebulição, e as tempestades sediciosas, para a ordem social e ante as leis salutaes da disciplina, a catastrophe, em que succumbiu o honrado coronel, é um acontecimento deploravel; o seu procedimento uma lição de dever e um exemplo venerando; a violencia que o privou da vida um crime nefando, que, se tivesse muitos imitadores, em breve abalaria pelos fundamentos a sociedade.

Tal é o pensamento capital que se conservá n'este pequeno poema, inspirado, logo em-poz do conflicto, por um enthusiasmo cheio de irritações, então naturaes, agora excessivas. D'essas expurgou cuidadosamente o auctor esta composição ao revê-la, sustentando porém a penalidade moral do acto, na qual persiste, e em que não transige.

## II

Foi acaso o perjurio, embora tome  
Um titulo mais serio,  
Que fez tão respeitado o nosso nome  
N'um e n'outro hemispherio?

Foi elle que rasgou do vasto Oriente  
Os segredos profundos,  
Pondo ao povo nos braços, por presente,  
A c'rôa de dois mundos?

Foi co'o perjurio que os heroes do Tejo  
O Ganges dominaram,  
E o nome de *feis* em tanto ensejo  
A' patria e ao rei provaram?

Era em perjurios que o valor brilhava  
Sobre os padrões da gloria?...  
Não. Passa a febre; fica a dôr, e trava  
O amargo fructo na historia!

## III

Salvè, misero Cardoso,  
Nobre martyr do dever:  
Teu exemplo generoso  
Modelo eterno hade ser!  
Tu, portuguez e guerreiro,  
Tu és magnanimo herdeiro  
Das antigas tradições;  
Quando dava a luz da crença  
Ao denodo a recompensa,  
A' lealdade os braços.

E essa invicta, augusta herança  
Não se perde, ó martyr, não :  
Findar não pode a esperança  
Onde a fé tem tal acção.  
Que homem d'alma e de coragem,  
Aos manés teus a homenagem  
Do seu culto negará ?  
Quem, na vida honrada e pura,  
Quem, na heroica sepultura,  
Seguir-te não quererá ?

Ai ! dorme em paz, ó soldado,  
A' sombra dos teus trophcos :  
Dorme ! na terra invejado !  
Dorme ! bendito nos ceos !  
Por esse caro ataúde,  
Que encerra tanta virtude,  
Não passarão teus irmãos  
Sem os joelhos dobrarem,  
Sem as armas inclinarem,  
E sem erguerem as mãos.

E não passa o veterano, .  
Que aprendeu a não faltar,  
Sem fazer, magoado e ufano,  
A saudação militar !  
Osculando a cruz guerreira  
Do gladio, que á cabeceira  
Vela, funebre, por ti,  
Diz ao moço camarada :  
—«Era d'um bravo essa espada.  
«Eil-o ! Vês ? Aprende ali !»

E na rude face austera,  
Que o pó cobre e o sol queimou,  
Uma lagrima sincera  
Quasi a furto deslizou.  
Não lh'a arrancaram feridas,  
Em cem pelejas renhidas,  
Ao trovejar do canhão:  
A dôr funda da saudade,  
O respeito á heroicidade  
Chamou-lh'a do coração.

Dorme em paz! Essas bandeiras  
Em que o sangue teu jorrou,  
São divisas das fleiras  
Que a traição não maculou!  
Dorme em paz! O teu martyrio  
Fez ver o horror do delirio  
Aos que um delirio perdeu;  
E, ao funeral glorioso,  
Um exercito brioso  
Pôr guarda d'honra te deu.

## IV

E o vulto do que jaz com fera ameaça  
No festim das facções, á morte acceito,  
Torvo surge, e lhes serve a rubra taça  
Que enche no golpe que lhe rasga o peito;

Quem ousará beber do fluido ardente,  
Na presença do spectro lacerado?  
Se ha tal impio, que trague juntamente  
Co'o delicto o remorso misturado.

E, para mais horror e mais tormento,  
Se ousar inda encara-l-o, veja logo  
Na frente ao martyr, por fatal portento,  
O protesto do sangue escripto em fogo.

E a voz do heroe, por quem o pranto corre,  
No tom da maldição, que os reos opprime,  
Brade austera: «sabei como se morre  
Quando a morte é dever, e a vida é crime.»

## LXII

### DOR SYMPATHICA.

▲ CIDADE DO PORTO, CONSTANDO O NAUFRAGIO DO VAPOR  
DO MESMO NOME.

Luctantes ventos, tempestatesque sonoras.  
VIRGILIO, *Encida*.

#### I

Eil-o vem. Nova esperança  
Pallidas faces corou.  
Já risonha a vista alcança  
A patria, o lar que deixou.  
Os riscos do pego incerto  
Esquecem quasi. Está perto,  
Contra os impetos do mar,  
Suspirado o porto amigo!  
Vão no porto achar abrigo,  
E no abrigo a vida achar.

Eil-o... Não quiz o destino!  
 Eil-os... Que scena fatal!  
 Perdão, Arbitro divino,  
 Se afrouxa o peito mortal.  
 Tantas familias feridas!  
 Tanto affecto e tantas vidas,  
 Que leva o horrendo cachão!...  
 Basta, que a musa delira:  
 Lance-se um veo sobre a lyra,  
 E outro sobre o coração!

## II

Alaúde dos funebres gemidos,  
 Harpa dos longos crepes, eu te empunho,  
 Oppresso de terror.  
 Trocando o fero carme em ais sentidos,  
 Anjo da morte, imprime o negro cunho  
 Nos lamentos da dôr!

Ai! raro os sons te peço, e raro ouviste  
 Os hymnos meus, no mundo das grandezas,  
 Festivos eccoar.  
 Desprego-te nos lutos. Harpa triste,  
 Roubo-te ao pó para cantar tristezas  
 E os tristes consolar.

Amo o canto á desgraça consagrado!  
 Canto a dôr, canto a patria quando chora,  
 A gloria, e o meu paiz;  
 Canto a gloria do heroe abandonado,  
 E a do genio sem pão que o pão implora;  
 Canto a gloria infeliz.

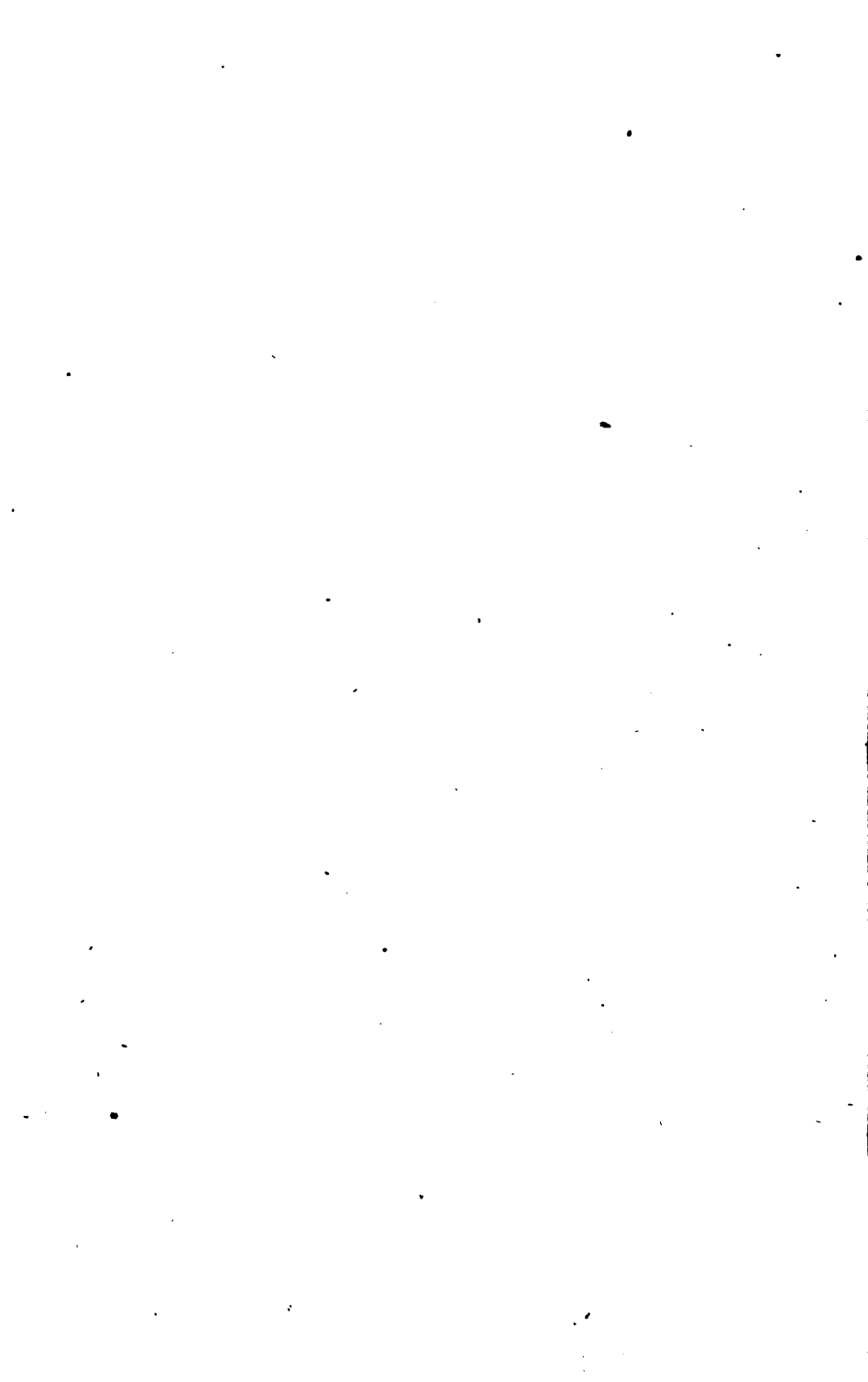


## III

A ti, cidade eterna, este meu canto!  
Da angustia acer! a nos funestos dias;  
A ti o canto meu!  
Não tenho mais que dar-te, e dou-te o pranto;  
Nem mais podem humanas sympathias,  
Que mais só pode o ceo.

Homem, presava as largas cicatrizes,  
Que na face viril a mão da guerra  
Te estampou immortaes;  
Portuguez, se és provada n'estas crises  
Dobro a fronte no peito, ó nobre terra...  
E pre-o-te inda mais!

185...



## LXIII

### O CEDRO DA MONTANHA.

..... il cachait dans les cieux  
Son front audacieux.

RACINE.

Folha a folha cae por terra  
Do bosque o manto virente:  
Tambem o cedro alteroso  
O rigor do hyverno sente.

Fôra o cedro dos mais troncos  
Invejado em toda a idade,  
Por ser só e por ser grande,  
Por ter gloria e magestade.

Já longo tempo brilhara  
Em pompa, gala, e verdor,  
A's debeis mattas do valle  
Causando assombro e terror.

Mas eis que o vento do sul  
Leva as ramas invejadas,  
E alastra o dorso da serra  
De seccas folhas mirradas.

Adeus brilho, adeus grandeza !  
Triste o cedro lastimoso  
Ergue os braços descarnados,  
E inclina o cimo choroso.

Nem mysterios annuncia,  
Nem dá sombras a quem passa,  
Nem causa invejá aos mais troncos...  
Fel-os eguaes a desgraça !

Folha a folha cae por terra  
Do bosque o manto virente :  
O cedro, bem que alteroso,  
O rigor do hyverno sente.

184...

## LXIV

### O HYNVERNO.

Viderunt te aquæ, Deus, viderunt te aquæ  
Submersi sunt... in aquis vehementibus.

EXOD. 15, *Canticum Moysi.*

Apraz-me, á noite e só, no cimo agreste  
Do pincaro mais alto da montanha,  
Junto ao funebre tronco d'um cypreste,  
Erecto e firme em solidão tamanha,  
    Apraz-me contemplar  
O ceo negro, a terra escura e triste,  
A lugubre mudez de quanto existe,  
    E os desertos do mar.

Contemplo; e meço então co'o pensamento  
A pequenez de um animo apoucado,  
Que treme quando ás portas bate o vento,  
No silencio e nas trevas encerrado;  
Que nos dias formosos  
Passa incuidoso orgulhos ostentando,  
E que apenas, se as sombras vem chegando,  
Tem prantos vergonhosos.

Eu, que fujo do mundo, á tempestade  
Venho pedir os temerosos brados,  
O trovão que rebomba, e a magestade  
D'um déda'o de fogos encrusados.  
No meio d'esse horror,  
Quando tudo ou combate ou se lamenta,  
Eu só, de pé, no seio da tormenta,  
Canto um hymno ao Senhor!

Deleita-me escutar a penedia,  
Sobre as ondas convulsa debruçada,  
A gemer os queixumes da agonia  
Se é do raio do Eterno visitada.  
Arrebata-me ouvir  
No concavo da praia o mar que anela,  
E d'entre as rôtas nuvens da procella  
Ver a lua surgir.

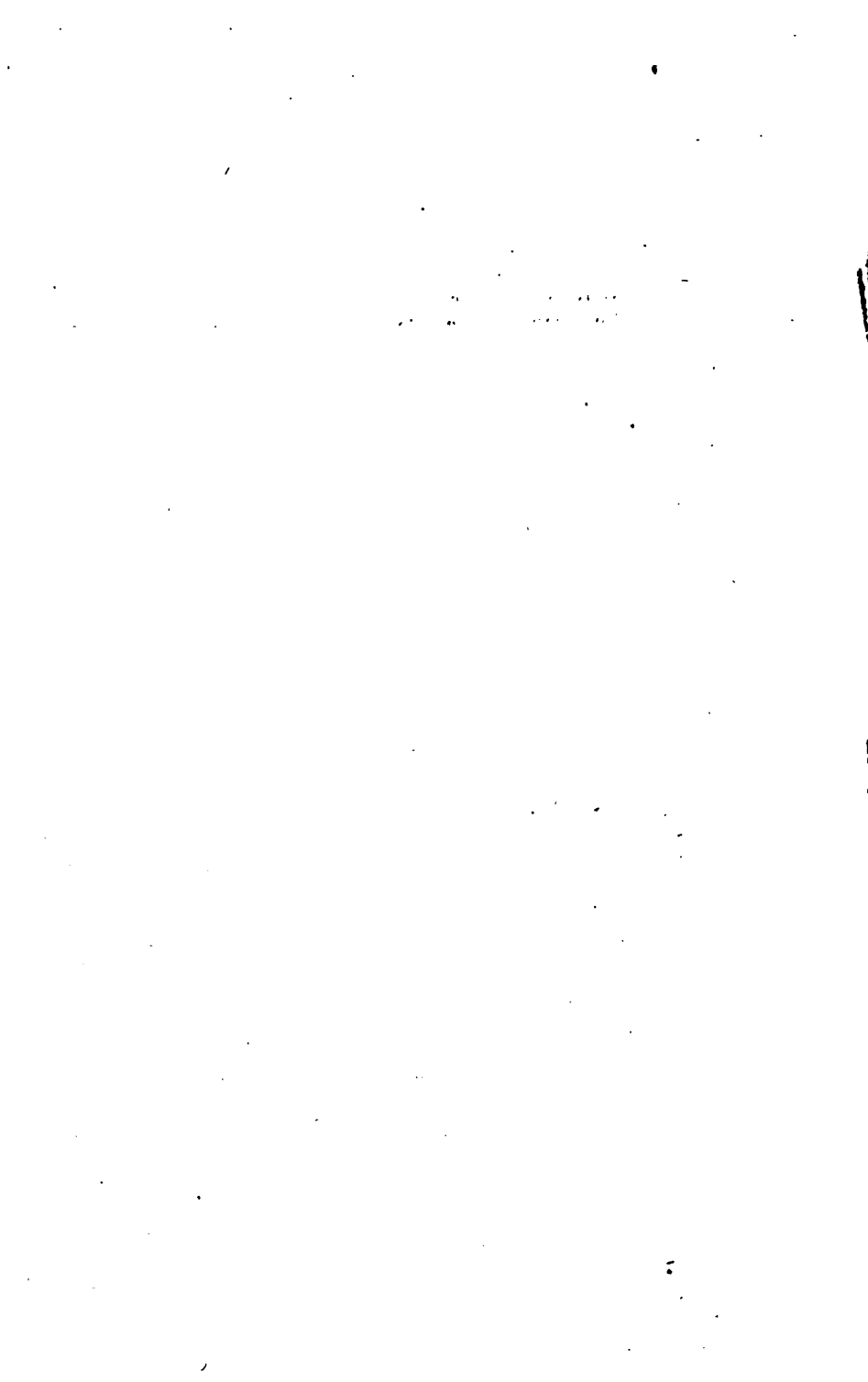
Pelas quebradas das serras  
Mugem as aguas ferventes;  
Crescem, pulam, incham, descem,  
Precipitam-se em torrentes,  
E o dorso vestem das rochas  
Alvos mantos transparentes.

Cada fenda, cada pedra,  
De negro musgo coberta,  
Chora em fio, transformada  
Em fonte perenne e aberta :  
Solta discorre a tormenta  
Pela campina deserta.

E o valle é todo engolido  
Por estas aguas caudaes ;  
A' rouca voz das torrentes  
Eccos respondem com ais ;  
E as ondas que vem da serra  
Cada vez crescendo mais !

Em turvo pego revoltio  
O valle se converteu,  
E a rasa chã da campina  
Co'a côr o nome perdeu :  
E' ilha a serra orgulhosa,  
Mar o campo, e fonte o ceo.

Apraz-me, á noite e só, no cimo agreste  
Do pincaro mais alto da montanha,  
Junto ao funebre tronco d'um cypreste,  
Erecto e firme em solidão tamanha ;  
Apraz-me contemplar  
O ceo negro, a terra escura e triste,  
A lugubre mudez de quanto existe,  
E os desertos do mar !





## **XLIII**

### **GLORIA E MARTYRIO.**

**(NO ANNIVERSARIO DA MORTE DO DUQUE-IMPERADOR.)**

*« Quelque part qu'il étende ses mains dans l'ombre,  
« il touche les cendres de ses pères. »*

**CHATEAUBRIAND:**

#### **I**

**Armas em funeral ! Rolae tambores,  
Rufae lugubrementemente !  
Soltae da guerra, ó bronzes troadores,  
O gemido fremente !**

**Dos olhos dos valentes do Mindello  
Corre o pranto calado !  
Guerreiros, não córeis : o pranto é bello  
Nas faces d'um soldado !**

**Em quanto nas ameias consagradas  
Vibra o dobre saudoso,  
O crepe das bandeiras inclinadas  
Varre o chão luctuoso.**

Um vulto, grande em feitos e ascendentes,  
Passou da gloria ao Horto.  
Filhos da liberdade, as nobres frentes  
Curvae. O Heroe é morto.

Armas em funeral ! Rolae tambores,  
Rufae lugubrememente !  
Soltae da guerra, ó bronzes troadores,  
O gemido fremente !

Inteira uma nação aos pés da loisa  
Ajoelha na amargura ;  
Co'o regio bemfeitor, que ali repouisa,  
Repoisa-lhe a ventura.

Aquella mão robusta, ora tombada,  
Deixou-nos na orphandade :  
Já não leva, apertando a nobre espada,  
A' gloria e á liberdade !

O ferro vencedor, pendente ao lado,  
Pelo Heroe vela, só !  
Guarda do nome seu o nosso fado,  
Eil-o : foi sceptro ; é pó !

---

Armas em funeral ! Rolae tambores,  
Rufae lugubrememente !  
Soltae da guerra, ó bronzes troadores  
O gemido fremente !

## II

Ao recinto funerario  
Levae-lhe, vós, filhos seus,  
Cem bandeiras por sudario,  
Trinta canhões por tropheos ;  
Ponde-lhe ás plantas mirradas  
As bayonetas enfeixadas ;  
Vossos tumulos quebrae,  
Heroes das nossas batalhas,  
Surgi, despindo as mortalhas,  
E em torno d'elle formae.

Tomae logar na fileira,  
Tomae o vosso logar,  
Vós, soldados da Açseiceira,  
Vós, ó bravos do Pilar ;  
Formae a vossa cohorte,  
Qual nos dias em que a morte,  
Ceifando co'as negras mãos  
Muita vida e muita gloria,  
Ou na campa, ou na victoria,  
Tornava todos irmãos !

Mostrae nas faces austeras,  
Que o sol dos campos tisonou,  
A idéa das novas eras  
Por que preço triumphou ;  
E, em torno do sarcophago,  
Maxima prova do estrago,  
No cortejo funeral  
Dizei aos povos absortos  
Porque os guerreiros são mortos,  
Porque é morto o general !

N'esse estadio, todo sangue,  
Quanto sangue se verteu !  
E quanto martyr exangue  
Cae ; surgiu ; recae . . . morreu !  
Conta-lh'o vós, ó soldados ;  
Mostrae-lhe nos rotos lados  
Os abertos corações,  
E bradae : — « Vinde, illudidos,  
« Ousae dar agora ouvidos  
« Ao grito das sedições !

« Mocidade, vinde ao templo,  
« Seus portaes francos estão ;  
« Vinde estudar n'este exemplo,  
« E aprender n'esta lição  
« Vós, que ostentando ferezas,  
« Jogaes por vãs subtilezas  
« Coisas de tanto valor,  
« Podeis ver, entre taes lidas,  
« Sem vergonha estas feridas ?  
« Este féretro sem dôr ?

« Olhae quanto nos custaram  
« Os dons que vós desprezaes !  
« Livres estes vos tornaram ;  
« Vós tornastes-vos rivaes !  
« Sois porém da mesma raça :  
« Se hoje o irmão ao irmão se abraça,  
« Pode negal-o amanhã ?  
« Pode, nega ! . . . E amar-vos hade  
« Vossa mãe, a liberdade,  
« Mais a gloria, vossa irmã ?

« Nós demol-as ; foi a herança  
« Que vos deixámos apoz :  
« E' dos netos a esperança  
« Legada pelos avós !  
« O testamento paterno  
« Não se engeita, rege eterno :  
« Nem vós esquecer podeis  
« Que não separa a memoria  
« O astro da vossa gloria  
« Da estrella dos vossos reis ! »

---

Armas em funeral ! Rolae tambores  
Rufae lugubrementel  
Soltae da guerra, ó bronzes troadores,  
O, gemido fremente !

## III

Caiste ! Foi teu prazer  
Luctar, intrepido athleta,  
Sem jámais desfallecer :  
Ao tocar porém na meta  
Paraste... para morrer !

Indomavel luctador  
Ao chão foste mal seguro,  
Saudando aurora melhor ;  
E a palavra do futuro  
Nos labios sumiu-t'a a dôr !

Não tinhas inda cumprido  
Inteira a tua missão;  
Foi-te o fio interrompido:  
No teu grande coração  
O resto ficou perdido!

---

Armas em funeral! Rolae tambores  
Rufae lugubrememente!  
Soltae da guerra, ó bronzes troadores,  
O gemido fremente!

## IV

Quem soube aos teus designios generosos  
A audaz profundidade?  
Deixaste-nos! a nós, orphãos saudosos,  
Viuva a liberdade!

Egual na sorte ao vencedor do Egypto  
Caiste muito cedo!  
Tropeçaste na campa, — estava escripto! —  
Como elle n'um rochedo.

Escala de Titães, o teu projecto  
Derribaram-t'ó os fados:  
Na base do edificio não completo,  
Ficamos nós... pasmados!

Oh! Deus! como esse vulto magestoso,  
Reclinado na espada,  
Hade encarar, sorrindo lacrimoso,  
Este vaidoso nada!

Perdão, meu general ! Olhos afasta  
D'esta misera scena !  
Perdoa, Imperador, ó sombra vasta  
D'estr'outra Santa Helena ! . . .

---

Armas em funeral ! Rolae tambores  
Rufae lugubrementemente !  
Soltas da guerra, ó bronzes troadores  
O gemido fremente !

185..





## LXIV

### ANJO-PRINCEZA.

(NO OBITO DA SERENÍSSIMA SENHORA D. ANELIA DE BRAGANÇA.)

O esp'rito deu a quem lh'o tinha dado.  
CANÇÕES.

O sepulchro dos Reis, eil-o negreja  
Vestindo crepes novos !  
O cypreste curvado lhe goteja  
O pranto de dois povos !

#### I

Radiante as azas bateu  
Sôlta já do humano encerro :  
Era a terra o seu desterro ;  
A sua patria era o ceo !  
— « Minha Mãe, a dôr modera »  
Diz sorrindo-se : « Elle espera ! . . . »  
Filha dos Cezares, vae ;  
Desce ao Paço derradeiro  
A consolar o guerreiro,  
Matar saudades de Pae !

E, livre o espirito, foi !  
Foi juntar-se pressurosa,  
Sombra adorada e formosa,  
A' grande sombra do heroe !  
Como em longo abraço estreito  
Elle a cinge ao forte peito !  
Como em seus labios fartou  
Paixão dos que tanto amara !...  
No mundo a filha deixara,  
No empyreo um anjo encontrou !

Outros anjos, seus irmãos,  
Vem saudal-a triumphante ;  
Na bocca um hymno incessante,  
As palmas d'ouro nas mãos.  
Em vez do fragil diadema,  
Que a potestade suprema  
Lhe fez na campa tombar,  
Sobre a fronte de alabastro  
Põe-lhe Deus por c'róa um astro  
Que ninguém pode apagar.

E o guerreiro, que a reviu  
Atravez de lucto e gloria,  
Qual vira outr'ora a victoria,  
Da terra as dôres sentiu :  
Desvelado em seus extremos,  
— «Filha minha » diz « oremos.  
«Ouves ? Pedem-te a oração.  
«Anjo novo, ajoelha e óra,  
«Por um povo que nos chora,  
«Pelos teus que chorarão !

Radiante as azas bateu  
Sôlta já do humano encerro:  
Era a terra o seu desterro,  
A sua patria era o ceo!  
— «Minha Mãe, a dôr modera»  
Diz sorrindo-se: «Elle espera!...»  
Filha dos Cezares, vae,  
Desce ao Paço derradeiro  
A consolar o guerreiro,  
Matar saudades de Pae.

## II

Musa, que o ceo contemplavas,  
Baixa os olhos sobre a terra:  
Não vês tu que o espinho cravas  
Na Augusta dôr que se encerra?  
Não. E' doce na amargura  
O ausente bem recordar:  
Alma que ás almas murmura  
Que outra causa hade escutar?

Ouvi pois, ó Magestade!  
A musa só vos repete  
A sympathica saudade  
Que em dois mundos se reflecte.  
Ai! nem outra encher podia  
O ermo, o vacuo, a solidão  
Que n'essa santa agonia  
Vos circunda o coração.

A vossa noite, Senhora,  
 Só tem agora uma estrella!  
 E o seu pallor vos namora,  
 E vós namoraes-vos n'ella!  
 Cedeu da morte aos impulsos.  
 Casto lyrio murcho em flor,  
 Sob os osculos convulsos  
 Do materno immenso amor!

Dois anjos pela existencia  
 Vos guiavam, Magestade:  
 Era o anjo da innocencia?  
 E o anjo da caridade.  
 Hoje, nos rudes caminhos,  
 Um só ficou!... Honra egual  
 A' vossa c'roa de espinhos,  
 E á vossa c'rôa ducal!

---

Radiante as azas bateu  
 Sôlta já do humano encerro:  
 Era a terra o seu desterro,  
 A sua patria era o ceo.  
 —«Minha Mãe, a dôr modera»  
 Diz sorrindo-se: — «Elle espera...»  
 Filha dos Cezares, vae  
 Desce ao Paço derradeiro  
 A consolar o guerreiro,  
 Matar saudades de Pae.

### III

Soldados não volteis a face adusta;  
 Não fica o pranto mal!  
 Soldados, vae passar a Filha Augusta  
 De vosso general.

Não vêdes sobre o feretro estendida  
Essa rota bandeira?  
Ai! é o manto da gloria que, sem vida,  
Cobre da gloria a herdeira.

---

No rosto dos guerreiros do Mindello  
Corre o pranto calado!  
Ha pouco vol-o disse: o pranto é bello  
Nas faces de um soldado.

## IV

Se impavidos já cruzastes  
Vossos ferros na batalha,  
E a tormenta da metralha  
D'olhos fitos affrontastes,  
Essas armas denodadas  
Voltæ ao chão, camaradas;  
Aspergi c'os vossos louros,  
Em sycómoros tornados,  
Estes restos malfadados,  
Hontem de graça thesouros.

Plantæ os tristes cyprestes  
Em torno á fria morada:  
Sorrir-vos-ha, penhorada,  
A irmã das virgens celestes!  
Cultivæ co'as mãos callosas  
A roseira d'alvas rosas,  
Que, velando a toda a hora  
Outra flor que ali repouisa,  
Lhe hade chorar sobre a loisa  
O orvalho de cada aurora!

Radiante as azas bateu  
Sôlta já do humano encerro :  
Era a terra o seu desterro,  
A sua patria era o ceo !  
—«Minha Mãe. a dôr modera »  
Diz sorrindo-se : « Elle espera !... »  
Filha dos Cezares, vae,  
Desce ao Paço derradeiro  
A consolar o guerreiro,  
Matar saudades de Pae !

## XLV

### AVE, CÆSAR!

(A MORTE DE CARLOS ALBERTO, REI DO PIEMONTE.)

J'ai vu mes tristes journées  
Decliner vers leur penchant :  
Au midi de mes années  
Je touchais à mon couchant.

J. B. ROUSSEAU.

#### I

Eil-o, o teu defensor, ó liberdade ;  
Eil-o no extremo leito ! A' humanidade  
O tributo pagou !  
Da nobre espada á lamina abraçado,  
Viveu soldado-rei, e, rei-soldado,  
Sobre a espada expirou !

Rasgou-lhe ovante as margens do destino,  
Foi-lhe rota bordão de peregrino

Essa espada leal !

Hoje é cruz ! Do aço puro a cruz só resta.  
Sentinella da campa, ao mundo attesta  
Que o heroe era mortal !

Os OEdipos de um drama incerto e vario  
Talharam-te na purpura o sudario  
Deixaram-te ermo e só!  
Salve, ó rei ! Rei no solio e no abandono ;  
Mais rei no exilio, do que os reis no throno :  
Rei até sobre o pó!

## II

Salve, ó martyr, coroadado  
Dos espinhos da paixão ;  
N'uma nova cruz pregado  
D'uma nova redempção !  
O teu Gólgotha foi este.  
Aqui te cobre um cypreste  
Muita gloria e muita dôr ;  
Aqui teu marco plantaste ;  
Vencido, aqui triumphaste  
De ti mesmo vencedor !

O calix já trasbordava :  
Bebeste-o. Foi Deus que o quiz !...  
Deu a vida á Italia escrava,  
E a sua alma ao seu paiz.  
Não dobra a fronte suprema :  
Impondo o pé no diadema  
Dos estranhos fuge á lei,  
E, holocausto derradeiro,  
Expia a dôr do guerreiro  
Na sepultura do rei !



Foi longa aquella agonia!  
Foi curta aquella afflicção!  
Desceu rapida n'um dia  
Da cabeça ao coração.  
Entre as balas despedidas,  
Entre as phalanges caidas,  
Ficou, tranquillo e de pé,  
Como o cedro da montanha,  
Que, da tormenta na sanha,  
As selvas prostradas vê!

Pela Italia, Hespanha e França  
Depois, calado, galgou;  
E por momentos descança  
Onde o mundo lhe faltou!  
Chega, observa, scisma e pára.  
O soldado de Novara  
Quer ter por leito final,  
Quer por leito das batalhas  
Este berço de muralhas  
Que fez livre Portugal.

Onde a nossa liberdade  
Martyr, heroica nasceu,  
Pela sua a magestade  
Heroica e martyr morreu,  
Das glorias tuas, ó Douro,  
Accrescentaste o thesouro.  
O que é ligando ao que foi,  
Cingiu teu braço robusto  
D'um heroe ao resto augusto  
A memoria d'outro heroe!

Ambos firmes combateram  
 Para a patria libertar ;  
 Ambos do throno desceram  
 Para a vida á patria dar ;  
 Ambos reis, ambos soldados,  
 Ambos fieis a seus fados,  
 Mostraram que no porvir  
 Podem ambos muitas vezes,  
 No triumpho ou nos revezes.  
 Eguaes da historia surgir.

## III

Ferve o sangue, troveja a batalha!  
 Tine o ferro, rebomba o canhão!  
 Pavorosa sibila a metralha,  
 Varre as filas, dispersa-as no chão.

Lá galopam, se imbebem, se enlaçam  
 Uns nos outros rivaes esquadões ;  
 Corpo a corpo ferventes se abraçam  
 Em sanguentos, cruéis turbilhões.

No lampejo do gladio vermelho  
 Fulge o raio que a morte vibrou!...  
 Sem seu filho a gemer deixa um velho,  
 Sem esposa: uma esposa deixou!

D'essa immensa procella de guerra,  
 D'esse ardente, confuso stridor  
 Que fuzu? Uma c'roa por terra,  
 Uma bella captiva, um senhor!

Pobre Italia, tão bella e tão triste  
No teu vasto, florido jardim!  
Foi-te ingrata a fortuna, caíste;  
Mas a queda d'um povo tem fim!

Infelizes! Da turba guerreira  
Fica um resto, que, prompto a morrer,  
Cobre a face co'a rota bandeira,  
Para ao menos a affronta não ver!

Mudos prantos os rostos consomem  
Dos valentes do Goito... Que adeus!...  
Era a sombra d'um rei e d'um homem,  
Que passava em silencio entre os seus!

E passava. Expirar não lograra  
Sob o golpe que em vão procurou;  
Mas a vida que o ceo lhe deixara  
Entre os braços da patria a deixou.

## IV

Salve, salve, ó magestade  
Moribunda a succumbir!  
Como o espinho da saudade  
Te havia fundo pungir!  
Como o homem soffreria  
Do monarcha na agonia!  
Longe do que era tão seu,  
Da esposa e filhos briçosos,  
E dos campos seus formosos,  
E do seu formoso ceo!

— « Patria, adeus ! Italia minha,  
« Oh ! terra que tanto amei !  
« Se não te fiz ser rainha  
« Não quiz mais também ser rei !  
« Adeus, margens do Tessino,  
« Sentença do meu destino !  
« Adeus, povo que escolhi ;  
« Sê tu justo, e livre e forte,  
« Possa dar-te a minha morte  
« O que em vida não venci !

Assim diria ; e, lançando  
Os olhos em de-redor,  
E vendo afflicto e chorando  
Outro povo aquella dôr,  
Resoluto accrescentara :  
— « O soldado de Novara  
« Morre contente afinal,  
« Morre ao ecco das batalhas  
« N'este berço de muralhas  
« Que fez livre Portugal ! »

## LXVI

### ● DIA DE FINADOS NO CAMPO.

(IMITAÇÃO.)

Vale, vale, vale. Nos te ordine quo  
natura premiserit sequemur!

#### I

Novembro contou já  
O dia seu primeiro,  
Iniciando ao anno  
O epithome agoireiro.

Ai! como co'a saudade  
A pensativa dôr  
Percorre lenta, á noite,  
Estes valles sem côr!

Da matta os ermos busca,  
E praz-se ao susurrar  
Do vento gemebundo  
Que as folhas faz voar.

Esse rumor solurno  
Tambem minha alma encanta,  
Que os restos do passado  
O escuro veo levanta.

## II

Na quadra fria e triste,  
Que despe o bosque e a terra,  
Grave a religião  
No seio os crepes cerra.

Seguindo antigos usos  
Vem hoje a sua voz  
Abrir o asylo funebre,  
Morada dos avós.

Por entre as densas nevoas  
A aurora já raiava,  
E o bronze da campana  
Os eccos acordava.

Mesclando os sons funéreos  
Ao sibilar do norte,  
Eil-a annuncia ao mundo  
O festejar da morte.

O povo do Logar  
Inteiro corre ao templo,  
Onde preside o cura  
Que a todos dá o exemplo.

Lê só do Deus de amor  
As phrases mais tocantes,  
Sem despertar as pugnas  
D'escolas militantes;

Ignora as subtilezas  
E os reptos ao divino  
D'um Próspero, um Thomaz,  
Um Pelagio, um Calvinio.

E' pobre, nutre o pobre,  
Reparte-lhe o seu pão,  
E diz, á cabeceira  
Do moribundo ancião :

— « Irmão meu, não temaes  
« Da morte os negros veos :  
« Deus desce para vós ;  
« Vós subis para Deus.

E' este quem prepara  
O augusto sacrificio,  
E, alçando as mãos, implora  
Dos ceos o beneficio.

## III

E' bello ver os porticos  
Que o musgo vae toucando ;  
E a gothica vidraça  
Frouxos raios coando ;

E o lampadario augusto,  
Que, já na antiguidade,  
Symbolisava o sol,  
E o sol a eternidade ;

E o pranto, o incenso e os votos  
Que sobem ao Senhor ;  
E as pudicas donzellas  
Orando com fervor !

E' bello ouvir do orgão  
O frémito lethal  
No cultq augusto e pio  
Da pompa funeral.

## IV

Os grupos que pranteam  
Já se vão alongando :  
Dos mortos á mansão  
Caminham soluçando.

A santa cruz precede  
Os passos contristados,  
Com magestosos psalmos  
A' morte consagrados :

O ruido os acompanha  
Precursor das tormentas,  
Toldando todo o ceo  
Tristes nuvens cinzentas.

As fronte incliadas  
E os lùgubres cantares  
Conformes são ao lucto  
Dos campos e dos ares.

## V

Eis todos vem chegando  
Da aldêa ao cemiterio,  
De tilia, murta, e heras,  
Abandonado imperio.



As silvas em redor  
Lhe crescem tristemente;  
Debruça-se, orvalhado,  
Curvo chorão pendente;

Susurra-lhe o sueste  
Na copa amarellenta,  
E ao pé se espraia um rio  
Que aos devaneios tenta.

Indica o duplo aspecto  
Das aguas e da loisa  
Quanto se move eterno,  
Quanto eterno repóisa.

Cada qual pressuroso  
Reconhecer buscava  
Ora a pedra, ora a relva  
Que os seus já lhe occultava.

## VI

Que afflicto quadro vejo! ...  
Largo um gemido sôa,  
E no recinto agreste  
Confusamente eccôa.

Logo as preces e os gritos  
E os soluços refremem:  
Todos os olhos choram,  
Todas as vozes gemem..

Só, entre as mais, é muda  
Uma linda donzella,  
Cuja dôr, mais profunda,  
E' tacita como ella.

Seu pranto todavia  
Lhe desce ardente ao seio ;  
Os olhos já divagam,  
E os pés vacillam, creio.

Ai ! misera perdera  
O noivo que adorava,  
A quem seu coração  
Esposo já chamava.

Beijando a terra fresca  
Da nova sepultura,  
Ao morto inda promette  
Que não será perjura.

Mais longe uma viuva  
Por seu marido implora ;  
E com ella, a seu lado,  
Um innocente chora :

Tres annos conta apenas,  
Ignora este penar ;  
Não chora por ser orphão,  
Chora de a ver chorar.

Outra mãe dolorosa  
Lamenta ao filho a morte,  
E quer a pedra estreita  
Cingir em vão transporte.

Além, da aldêa os velhos,  
De fronte enrugadas,  
Os joelhos dobram tremulos  
Nas folhas já crestadas.

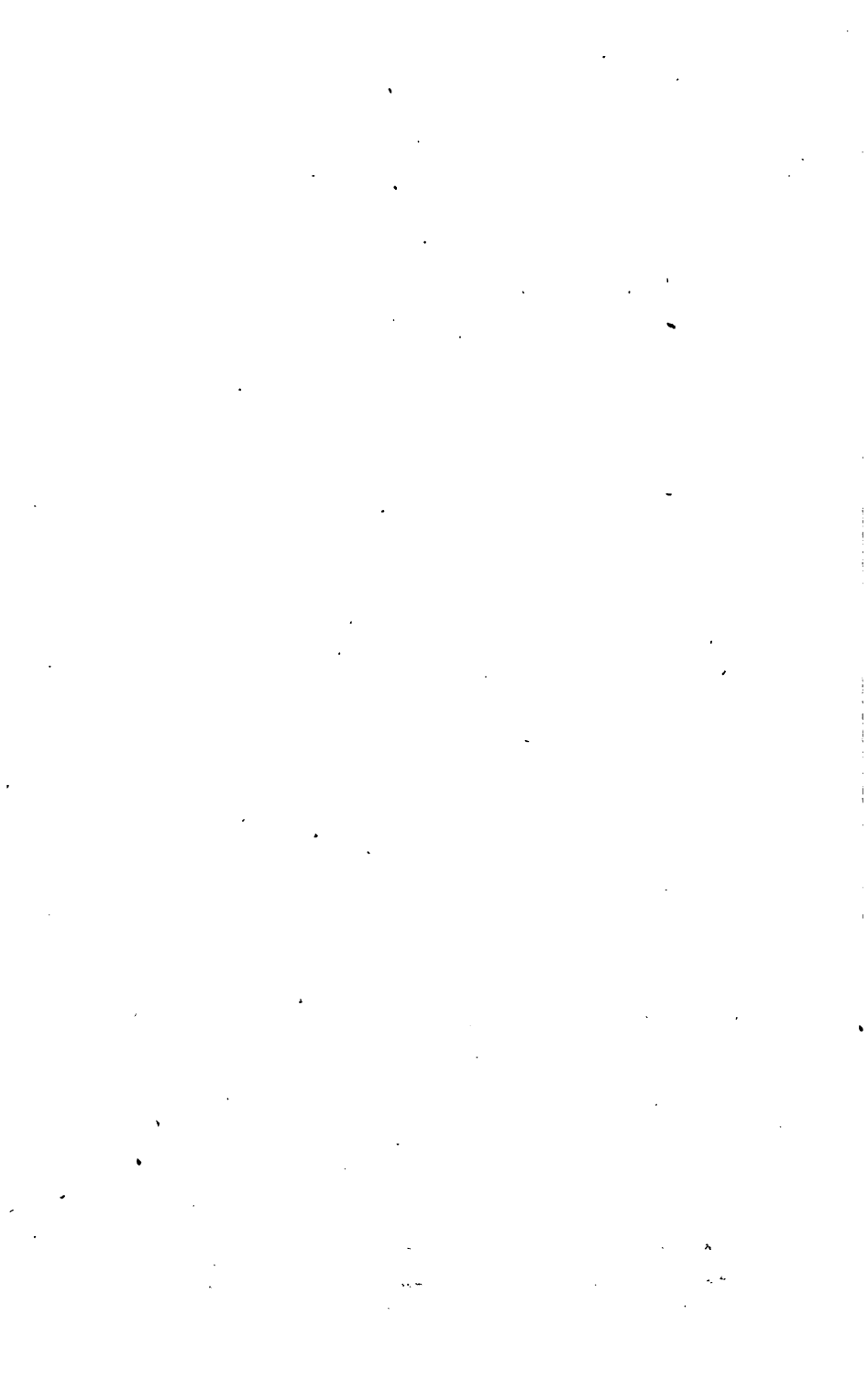
As mãos levantam sùpplices  
Como escutando a voz  
Com que da terra os chamam  
Sepultos os avós.

## VII

Tres vezes corre a turba  
O espaço sepulchral,  
E o cura por tres vezes  
Lhe lança a agua lustral.

Os eccos do sepulchro  
Ao povo que ali jaz  
Saudosos repetiram :  
— « *Irmãos, repouso e paz !*

185...



## LXVII

### E DO HORTO AO SEPULCHRO.

Via dolorosa,  
Via redemptionis!

A' sepultura vae, mortal encerro  
De grandeza divina:  
Fugindo d'este ephemero de terro,  
A humanidade ensina.

Preside o pranto ao pobre saímento,  
Levando-o, doloroso,  
De entre os braços da cruz aos do moiramento,  
Os sequazes piedosos.

Na face, que resgata a humana sorte,  
Brilha a serenidade;  
Não tem a loisa horror, nem gelo a morte  
Em tanta magestade.

Do Rei dos Reis o corpo macerado  
Cabe hoje n'um sudario...  
A'manhã o universo libertado  
Ser-lhe-ha breve sacrario!

1857

## LXVIII

### GLORIA E SAUDADE

AO EMINENTE POETA

**VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.**

Bem o vês, o alaude caiu-me  
D'estas mãos que não teem já poder ;  
E o som derradeiro fugiu-me  
Do hymno eterno que ergui ao nascer.

*GARRETT — Flores sem fructo.*

## I

Não morreu ! Volveu só a terra á terra !  
O que era fragil cinza, a sepultura  
No avaro seio para sempre encerra.

Vê-se ali dentro quanto é mal segura  
Essa, que o vulgo cego julga a vida :  
Ficou d'elle outra vida que mais dura.

Uma alma d'estas, nobre foragida,  
N'esse mundo, em que tudo lhe é saudade,  
Vaga attonita, achando-se perdida.

Chega a morte? Sauda a liberdade.  
Rompendo o carcere, a viver começa  
Porque trouxe comsigo a eternidade.

Quem ha que o vôo audaz hoje lhe meça?  
Esvae-se a vista na amplidão do espaço  
A que o espirito ardente se arremeça.

As azas fecha a mente de cansaço,  
E as que ess'alma soltou deixam, fulgindo,  
No ceo da patria um luminoso traço.

N'este é que vive os raios espargindo,  
Que, não cabendo na morada estreita,  
A foram lentamente consumindo.

A argilosa prisão tornou, desfeita,  
Ao pó d'onde saira; e o que era gloria,  
Dom de Deus, a immortalidade acceita.

Perece o que não lega uma memoria:  
Para o que a deixa ás gerações, que ensina,  
A morte é mais esplendida victoria.

Se um seculo, apoz outro, a fronte inclina  
Ante o espirito, que ficou presente,  
É que este brilha e vive: é rei, domina!

Dorme o corpo, e dos males, que não sente,  
Alcança a paz. Depois, o tempo corre,  
Sem achar presa, despota impotente;  
Porque espirito assim, nasce, e não morre.



## II

Que importa ? Esta que tanto  
O grão-Poeta cantou,  
Doce mãe de amargo pranto,  
Eterna, como esse canto,  
Para choral-o ficou.

Ai ! poeta da saudade,  
Quanta saudade aqui vês !  
Rompe a tua immensidade,  
E, luctuosa realidade,  
Hasde encontral-a a teus pés.

A pintura que fizeste,  
Animada pela dôr,  
Toma as côres que lhe deste ;  
E, da sombra do cypreste,  
Surge, viva e triste flôr !

Sobre a lyra, que o ataudé  
Converte em sacra mansão,  
Suspira um pobre alaude :  
Se não vale o canto rude,  
Valha n'elle o coração.

Suspirar ! Elle sabia :  
Nós sabemos só gemer !  
Essa divina harmonia  
Muda está ; e quem lh'a ouvia  
Não mais a pode esquecer !

Quem á magoa e á formosura,  
Quem deu realce melhor ?  
Quem a patria e a desventura  
Levantou com fé mais pura,  
Celebrou com voz maior ?

Ao seu canto, perfumado  
Da casta musa natal,  
Grande, qual foi, venerado,  
Resurgiu todo o passado  
D'este, que era Portugal.

E jaz ! Só lhe vive a gloria  
Que diz : « rival de Camões ! »  
E a musa, que precede a historia,  
Entoa á sua memoria  
O ecco das proprias canções.

A ti, ó povo, a quem fallo,  
O cantor vem de legar  
Um nome para guardal-o :  
Saibamos nós conserval-o  
Como elle o soube ganhar !

### III

Camões, Garrett ! Tres seculos ajoelham  
Ante o abraço fraterno que ora daes,  
No mutuo olhar os mesmos dons se espelham :  
Onde sois, irmãos ha, não ha rivaes !

E dos avós o grupo heroico, — cheias  
De loiro as mãos, as bocas de louvor, —  
Lhes forma em torno festivaes cadeias  
Pasmando cada qual do seu cantor.

Ao recém-vindo, que no rosto estampa  
Jubilo celestial, uma voz diz :  
— « Quem entre os goivos te esfolhou da campã,  
« Ó flor da patria, a quem tão d'alma quiz ! »

Era a voz do poeta, que á tormenta  
As estrophes sem par tanta vez deu.  
Depois, em tom sollicito, accrescenta :  
— « O meu filho, como eu, tambem morreu ? »

## IV

Não morreu ! Tornou só a terra á terra !  
O espirito glorioso está presente :  
Era da campa quanto a campa encerra.

Dorme o corpo, e dos males, que não sente,  
Já logra a paz ; mas vive sempre a idéa,  
E o tempo abate o sceptro de impotente ;  
Porque espirito assim, o tempo enfrêa !

1854.



## XLIX

### GARRETT E CAMÕES.

(NO ANNIVERSARIO DA MORTE DO VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.)

#### I

Entre os nomes d'aquelles que não passam.  
Gravou-se eterno de Garrett o nome!  
Seculos apoz seculos se espaçam,  
E a acção d'elles taes nomes não consome.

Dão-lhes, prostrados, mais augusto vulto,  
Porque a historia os resgata do abandono;  
E as gerações lhes fazem, para culto,  
Do tumulo um altar, da campa um throno.

Do tempo a onda, na voraz procella,  
Não n'os cobre dos rolos fugitivos:  
Cresce, elevando-os para Deus com ella,  
E, mais perto do sol, brilham mais vivos.

E sobem mais nas orlas d'este oceano,  
E o curvo firmamento vão abrindo,  
Té que, engastados no horisonte humano,  
Estrellas novas, ficam refulgindo.

## II

Garrett é d'estes! Vívido suspira  
O espirito nas azas da memoria:  
Não morre o canto onde sôa a lyra,  
Não morre o nome onde vive a gloria.

E vive! A flor d'um povo egregio o acclama,  
Pondo-lhe aos pés o loiro inda virente,  
E a patria ingrata do cantor do Gama,  
Remindo o seu passado, honra o presente.

Não vêdes os dois genios abraçados?  
Um rijo e austero, como o arnez que veste,  
Sizudo o outro, como os seus cuidados,  
E ambos cingindo as c'rôas de cypreste?

## III

Eil-os, Garrett e Camões,  
Filho e pae da mesma raça,  
Bebendo na mesma taça  
As mesmas inspirações.  
Eil-o, o poeta soldado!  
Pelo rosto mutilado  
Deixa, grave, transluzir  
O sorriso, triste e raro,  
Ao ver o filho preclaro,  
Que lhe vae aos pés cair.

Sobre elle a fronte pendendo,  
E co'a fronte o laurel santo  
D'onde goteja inda o pranto  
Que o fez grande, martyr sendo,  
A mão lhe estende possante,  
Que, trabalhando incessante,  
Luctou c'o o mar, sua escola,  
Brandiu na espada a victoria,  
Ergueu um templo de gloria,  
E acabou. . . pedindo esmola !

Diz-lhe depois : — « Vem, meu filho,  
« Vem descansar nos meus braços :  
« Não depl ores terreos laços,  
« Não chores mundano trilho.  
« Eu vivi ! Fui peregrino !  
« Poz-me á boca o meu destino  
« D'um veneno o longo travo.  
« Deu-me essa vida amargosa  
« A miseria por esposas,  
« E por amigo um escravo.

« E que pedia, Senhor,  
« Da vã fadiga quebrado ?  
« O que a ninguem é vedado,  
« Um raio de sol e amor.  
« Nem isso, filho ! Perdido,  
« Sem voz, sem alma, vencido,  
« Implorei,—vergonha immensa !—  
« Rota a lyra, a esp'rança morta,  
« Dos umbraes da minha porta  
« A caridade á indiff'rença.

« Não soubeste ao menos, não,  
« Como dóe esta agonia,  
« Que a alma torna em cinza fria,  
« Cinza de extincto vulcão ;

« Nem como, gasto o desejo,  
« De tanto fogo, o do pejo  
« Sobre o rosto só ficou ;  
« Nem quanto as minguas consomem,  
« Nem como, emfim, chora um homem,  
« Quando chora o que cantou ! »

« Não, pae, não, mestre, » — exclama  
O outro servido poeta, —  
« Caistes, rendido athleta,  
« Mas deixando eterna fama.  
« Tres seculos, inclinados,  
« Ao mundo tem dito, em brados,  
« A vossa gloria e tormento ;  
« E o povo, a quem destes tanto,  
« Repetirá vosso canto  
« Nos degraus d'um monumento.

« Essa c'rôa, que venero,  
« Cobre espinhos, rutilante ;  
« Teve-a o Tasso, teve-a o Dante,  
« E a vós legou-vol-a Homero.  
« Sei que esses amargos louros  
« Custam da vida os thesouros ;  
« Sei-o, mas sei que, afinal,  
« A par dos reis hospedado,  
« Da injuria será vingado  
« O Homero de Portugal. »

« Vingaste-me tu, » — replica  
Do Oriente o grande cantor, —  
« Meu monumento maior  
« No que me ergueste me fica.  
« Entraste nos corações  
« D'um Bernardim, d'um Camões ;  
« Recolheste a nossa herança ;  
« Resurgiste-nos altivos,  
« C'os desejos sempre vivos. . .  
« E sempre morta a esperança !



« Cantaste, e de olvido eximes  
 « Quantos em torno a ti vejo.  
 « Repara; é longo o cortejo  
 « De tantas sombras sublimes.  
 « Eis um Sousa, eis um Pòmbal,  
 « Aben-Afan, e Bernal;  
 « E o Alfageme, que, á batalha  
 « Levando a espada mais dura,  
 « Como o povo, que figura,  
 « Peleja se não trabalha.

« Eis Alda, a pudica rosa,  
 « E Adozinda, e seu condão;  
 « Eis a virgem de Lorrão  
 « Menos feliz que formosa.  
 « Flores do campo ou da serra,  
 « Filhas são da nossa terra.  
 « Eis, toda graça e harmonia,  
 « Como um grupo de Canova,  
 « A imagem, candida e nova,  
 « Da etherea e casta Maria.

## IV

« Estes são, » — segue em voz alti-sonante  
 Do Adamastor o vate sublimado,—  
 « Estes são teus brasões; estes ávante  
 « Teu nome hão-de levar, e o triste fado  
 « Do que a lyra tentou fazer prestante;  
 « D'estes formaste o monumento honrado,  
 « Que as nações saudarão, de toda a parte,  
 « Por que á patria o sagrou *engenho e arte*.

« Mais que os bronzes e os marmores robusto,  
 « Aos vindouros dirá que o luso solo  
 « Virgílios teve, se não teve Augusto;  
 « Mau grado ao esquecimento, inveja, ou dolo,  
 « Dirá que, inerte emfim, vencida a custo,  
 « A gloria a ingratidão subjeita o collo,  
 « E a eternidade extrahe do horror profundo  
 « Quem, como Atlante, já susteve um mundo.

« Marmores ! bronzes ! Tardo e ocioso preito  
 « Que cinzas guarda, que a vaidade cobre !  
 « Tenue porção d'esse metal suspeito,  
 « Co'a voz do affecto, o óbolo do pobre  
 « Util levara ao despresado leito,  
 « Que o mundo fez de dôr, e Deus fez nobre,  
 « E onde o genio, esquecido do universo,  
 « Junto ao sepulchro, amaldiçoa o berço !

« D'estes não foste. Mais do que eu ditoso,  
 « Viste ainda, na extrema despedida,  
 « Alvorecer teu astro, e, luminoso,  
 « Dourar-te a c'rôa que te foi cingida.  
 « A voz dos povos fez-te glorioso,  
 « A mão dos reis agradeceu-te em vida ;  
 « E eu vejo, emfim, aos raios d'essa aurora,  
 « Que avança o mundo, e o seculo melhora !»

## V

Disse, e calou. Dizer-lhe mais quem hade ?  
 Fallem agora, ouvindo-o, as vossas almas :  
 Melhor que a minha voz, a da saudade  
 Lhe viça os loiros, e lhe enflora as palmas.

**Bradae-lhe vós, que ahí seu genio inspira,  
Clamac-lhe vós, que honraes sua memoria :  
« Não morre o canto onde vibra a lyra,  
« Não morre o nome onde vive a gloria ! »**

**1855.**



L

## ANTE O SOLIO E O TUMULO

NA CHORADA MORTE DE SUA MAJESTADE A SENHORA D. MARIA II,  
A VIRTUOSA.

I

« La morte, que tu plains, fut exempte de blâme :

« Et le triste accident qui termina ses jours

« Est le seul déplaisir qu'elle ait mis dans ton âme ! »

LE PRESIDENT MAYNARD.

Cinja os crepes a lyra! A fronte dobre

A musa dolorida!

Dobral-a pode aos Reis, quem, ante o pobre,

Não sabe tel-a erguida.

Das lagrimas ó fio cristalino

Reflecte a côr do lucto:

E, em silencio deplora, que o destino

Levasse a Flôr e o Fructo!

O louvor da que teve um berço augusto  
 Hade a historia contal-o  
 Da que inda é Mãe, gosando o premio justo,  
 Hãode as mães proclamal-o!

Foi-lhe pesada a Cruz! A Magestade  
 Amargou os arminhos!  
 Sentiu, pagando o feudo á humanidade,  
 Sob a c'rôa os espinhos!

Curtiu saudade em terras de desterro!  
 Provou magoas no Throno!  
 Era Rainha! É livre! Rôto o encerro,  
 São prantos seu abono!

Prantos geraes, que sobre o cenotaphio  
 Derrama o pesar novo!...  
 Reis do universo, olhae! Lêde o epitaphio  
 Que, mudo, lavra o povo!

## II

• Orphãos tenros, do bafo teu nutridos,  
 • Sem ti, forçando em vão atroz lamento,  
 • Se lhes tardas, afogam-se em gemidos!

(SANTOS SILVA.—T. A.)

Regios braços vos ensinam  
 Senhora, o templo da gloria;  
 Que, em torno á vossa memória,  
 Sete seculos se inclinam!

Nossa esp'rança nos revezes,  
 Neta dos reis portuguezes,  
 A portugueza nação  
 Culto vos rende completo,  
 Tão cheio d'amor e affecto  
 Como o vosso coração!

Velam a Real Finada,  
Assombrando o egregio estrado,  
A cruz do templo d'um lado,  
D'outro lado a cruz da espada !

Só, Rainha, os dons nos restam  
Que esses symbolos attestam !  
Pois que á patria, e á liberdade  
Faltam já vossos extremos,  
Para nós, que vos perdemos,  
Pedi a força e a piedade !

Do cypreste debruçado  
Goteja em perlas o pranto,  
Tão nobre, tão puro, e tanto,  
Qual nunca um povo ha chorado.

Honra ao sob'rano atade !  
Joelho em terra á virtude !  
« Tudo o que tinha vos dei »  
(Clama o espirito voando) . . .  
Vêde-nos todos orando  
Rei Viuvo, e Orphão Rei !

Dorme em paz, ó Magestade !  
Tanto lucto em tanta vida  
Faz que apenas seja crida  
A funesta realidade !

Final consolo aos que deixas,  
Sirvam-te as nossas endeixas  
No funeral de tropheo,  
Que em cinza a cinza repouisa ! . . .  
Filhos, beijemos a loisa ;  
Christãos, fitemos o Ceo !

## III

« Angeli amaré flebunt. »  
(ISAÍAS.—XXXIII. 7.)

Ao rouco tom de lugubres tambores,  
Da intensa magoa suffocando os gritos,  
Marcham lentos os bravos lidadores :

Olhos, que o ferro e o fogo crusam fitos,  
Rasos d'agua, a palpebra fremente,  
Baixam, co'as armas, para a terra, afflictos !

Impavido, mais d'um, na pugna ardente,  
Contra a morte voara, e não tremera ;  
Mas quanto não sentira agora sente !

Sente uma dôr, que indomita o lacera ;  
E a voz, que dava aos batalhões cerrados,  
Trémula a solta, como nunca a dera !

Succumbe o som nos labios desmaiados ;  
Pela primeira vez hesita e pára ;  
Olha em torno : vê filhos, não soldados.

Vê filhos a chorar a Mãe preclara ;  
Não soldado, que morre erguendo o canto,  
Inda jovial, que a bala lhe truncara !

Timida assoma, de si mesma espanto,  
A lágrima, que oscilla envergonhada ;  
E a arder na face o pejo bebe o pranto !

Mas corre ; e a mão, das armas calejada,  
Busca infructifera estancar-lhe a fonte,  
Rubra de o ver a cicatriz honrada !



Vão bem queimados loiros sobre a fronte  
Adusta e fera ; e é mais bello o fio  
Que a dôr suspende, sem que as magoas q~~u~~ento.

Fio de mudo choro aljófra o brio,  
Qual perla que enriquece a concha rude,  
E em roble annoso o matinal rocio.

Chorae, chorae soldados ! É virtude  
As virtudes honrar ! É grande e é bello  
Prantos verter perante esse ataude.

Não é lisonja. A morte poz-lhe o sello:  
Sumida a luz, não fulge o sol favores  
No reino pávido em que tudo é gelo.

Quando o orvalham assim as grandes dôres,  
Soldados, o laurel é mais virente :  
Deixae correr o pranto livremente  
Ao rúco tom de lugubres tambores.

---

Sentido ! Eis marcha o préstito  
Dos mortos á mansão ;  
E do silencio fúnebre  
Só surge a oração.

Dos lados d'este féretro  
Se crusam mãos rivies ;  
E encontram-se sem colera,  
E apertam-se com ais.

Até, curva, a calumnia,  
Dobrando a audaz cerviz,  
Forçada á penitencia,  
O arrojo vil desdiz.

A morte fez unanime  
A dôr nos peitos sãos ;  
E os que luctaram férvidos  
Saudam-se hoje irmãos.

Alçando os braços tremulos  
Com tremulo fervor,  
Entôa tudo unisono  
Um cantico de amor !

---

Sentido ! Em pé no ádito  
Do lugubre portal,  
Ergue-se o vulto lívido  
Do augusto General.

Estende a mão sorrindo-se  
À que elle, heroe, c'roou ;  
E em voz, que sabe o tumulo,  
Diz : — « vem aonde eu vou.

« Á minha espada encosta-te,  
« Filha, que tanto amei ;  
« E, na funerea abobada,  
« Entra como entra um rei !

« Bem hajas, que, solícita,  
« Trazes o povo teu ,  
« Para que o veja, o rapido  
« Instante que inda é meu !

« Antes que sobre a lápida  
« Sem fim volva a dormir,  
« Ao rei dos reis prostremo-nos. . .  
« Filha, vamos pedir !

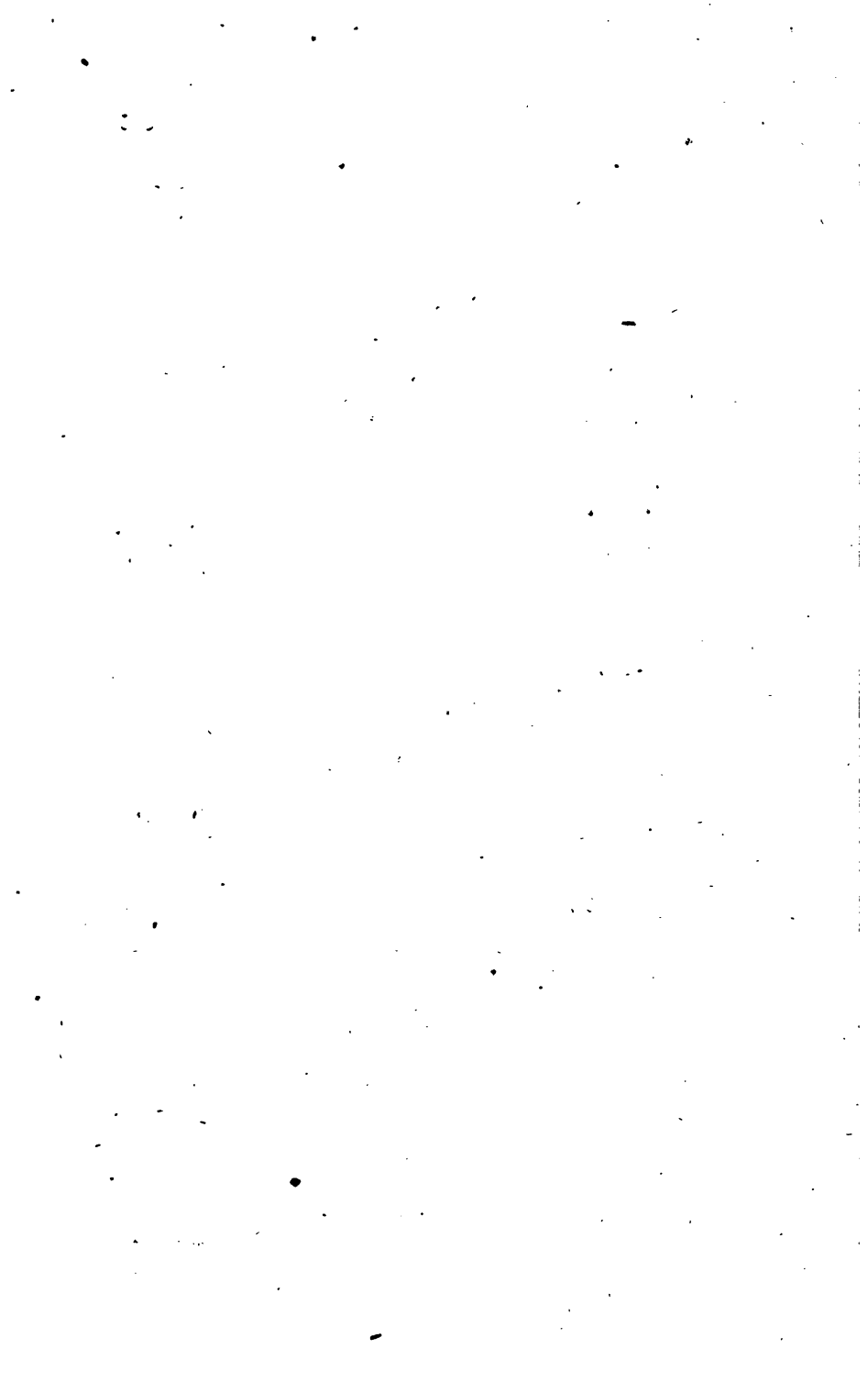
« Camaradas indómitos,  
« Vós, não menos heroes,  
« Graças vos dou equânime...  
« Quaes nossos paes vós sois !

« Um neto deixo : incólume  
« Vós todos m'o guardae,  
« E o Esposo que hoje pródigo  
« Rei, d'outro Rei é Pae !

---

Rei Viuvo, Orphão Rei, perdão, Senhores,  
Se a triste inspiração  
Ouseu chegar-se a Vós ! Mas a taes dôres,  
Não foge o coração !

Sei bem que só n'ellas é conforto  
O aspérrimo pesar !  
E sou ecco d'um povo em magoa absorto  
Que chora... e quer amar !



LI

*FLEBILIS ILLE!*

A MEMORIA DE MEU TIO,

O DESEMBARGADOR FRANCISCO DE NORJA FERREIRA, VICARIO DE SANTA  
MARIA DE LOURES.

Os que na vida merriam por vós,  
na morte morrem convosco.

VIXIRA, *Serm.*

I

Levou-m'o Deus! Emfim quiz dar-lhe a palma  
Que ao justo guarda, e cingir-lhe aprouve!  
Eterna magoa o implora, que não houve  
Em mais chorado corpo maior alma.

A saudade, que o chama e que o procura,  
Mal pode crer que espirito tão recto,  
Tamanho coração, tão vasto affecto,  
Jaz para sempre em muda sepultura!

É fria aquella bocca sem vaidade,  
Que as almas para os ceos alevantava,  
E verdades singelas ensinava  
Na singela cadeira da verdade!

Immoveis são aquellas mãos piedosas,  
Que a caridade e as benções repartiram,  
Tres gerações guiaram, tres uniram,  
E outras tres soccorreram generosas.

E foi-se tudo ao solo derradeiro !...  
De mim mesmo uma parte está sepulta!  
Primeira dôr de tanta dôr occulta,  
Foi-se comvosco o meu amor primeiro.

Longe a morte já vae, mas deixou perto  
Fundo sulco de prantos derramados,  
Que, se uns annos sobre outros são passados,  
Inda lagrimas sangra o golpe aberto.

Mais vos devo que ao mundo e que á sciencia;  
E, se algum fructo dou, vós o plantastes,  
Mestre d'alma, que inteira me formastes  
Com a voz da razão a consciencia.

Raro a vós se acercou chegando a ver-vos  
Sem grato vos ficar por varios modos.  
Cada qual perdeu tudo! E eu, sobre todos,  
Mais que todos perdi só com perder-vos.

Ó sombra, de que é sombra este meu lucto,  
Antes que o extremo dia me desponte,  
Do regaço de Deus pendendo a fronte,  
Ouvi-me attento o funebre tributo.

Feudo saudoso de tristeza infinda,  
A lyra sepulchral do pó levanta,  
Surge, ó musa das campas, surge e canta  
Como pode cantar quem chora ainda!

## II

Ai! sonhos da minha infancia  
Aos raios da minha aurora,  
Sonhos, que me faz, agora,  
Mais sensiveis a distancia!  
Jazeis-me ahi confundidos,  
Sonhos vagos e perdidos  
D'uma quadra passageira,  
Na penumbra escura e fria  
Da cruz relvosa e sombria  
Que lhe vela á cabeceira!

Essas imagens amadas  
D'aquelles annos ditosos  
De puros singelos gosos  
Tenho-as no peito gravadas!  
Era a minha primavera.  
Inda a taça não bebêra  
Da fatal experiencia.  
Sorria quando cantava,  
E a lyra, que eu ensaiava,  
Tinha as cordas da innocencia.

N'este espelho da memoria  
Vejo o sol em aureo ambiente  
Sobre o throno do Occidente  
Deixando a purpura e a gloria.  
O azul cabeça do monte  
Vejo no rubro horisonte,  
E no valle solitario  
Ouço a voz, piedosa e lenta,  
Do bronze, que se lamenta,  
Na ogiva do campanario.

As mornas tardes d'estio  
Quantas vezes, sem cuidado,  
Não as passei reclinado  
Junto aos sinceiraes do rio!  
Correndo os placidos ares  
Vinha a brisa dos pomares  
Da remota e florea estancia,  
A rescender docemente,  
Como escrava do Oriente,  
Trazer-me ao rosto a fragancia.

Como então rompia os veus  
D'essas pallidas visões  
Que ás longas contemplações  
Fallam de amor e de Deus!  
E como suave então  
Me afagava o coração  
A fugaz melancolia,  
Que passa, mysteriosa,  
N'aquella hora saudosa  
Que não é noite nem dia!

## III

E as noites? Noites, aquellas  
Que eram tanto os meus amores!  
A terra um vaso de flores!  
O ceo um crivo de estrellas!  
E o lume, que vinha d'ellas  
Vertendo um terno mysterio  
Do ermo no mudo imperio!  
E as horas, que em doces fallas  
Eu passava a conversal-as  
No cirado do presbyterio!



Pois os serões de leituras,  
Quando a voz do grave ancião  
Claras me abria á razão  
As parábolas escuras  
De um texto das escripturas;  
Em quanto a chuva, aos gemidos  
Dos turbilhões repetidos,  
As vidraças açoitava,  
E o suéste sibillava  
Vergando os chòpos despidos!

Praz-se o espirito enluctado  
Nas longinquas perspectivas,  
Que se alongam redivivas  
Nos contornos do passado.  
Este enlevo amargurado,  
Que d'entre os tumulos vem,  
Não parece que d'além  
Já nos está namorando,  
E os olhos nos vae levando,  
Olhos e almas tambem?

Vão-se os meus atraz do encanto  
Da sua propria saudade;  
Vão-se, que fazem piedade,  
De chorarem tanto e tanto!  
Cresce a vida, cresce o pranto,  
Porque é sentença da sorte  
Que siga o homem seu norte,  
Plantando com mão sentida  
Pelos caminhos da vida  
Os tristes marcos da morte!

## IV

Muita tarde de estio, e noite amena ;  
Em verde oiteiro muita branca herdade ;  
Muita paysagem varia á luz serena ;

Muito mais d'isto vi. Mas, em verdade,  
Nunca mais sem toldar-lhe a formosura  
Com triste veo de prantos a saudade.

Nos meus dias de jubilo e ventura  
Falta-me sempre ao espirito esse affecto,  
Sempre aos olhos me falta essa figura.

Falta do nobre ancião o grave aspecto,  
E a austera voz, que, branda, me ensinava  
A ler a obra de Deus em cada objecto.

Falta-me ver um povo que o adorava,  
Beijar-lhe a mão curvada a juventude,  
Descobrirem-se as cans quando passava.

Qual lhe exaltava a pròvida virtude !  
Qual bemdizia o pão, que o soccorrera  
Na longa enfermidade e inverno rude !

Do pedido segredo a lei severa  
Outro quebrava, a cauta acção contando  
Que ao ermo lar nova abundancia dera.

Ouvia-os elle, o homem venerando,  
E aquella humilde grey, pastor sizudo,  
Nos trilhos do Senhor ia guiando.

Tudo vejo, recordo-me de tudo,  
E tem-me sido o nobre e santo exemplo  
Da vida incerta o mais proficuo estudo.

Sereno olhando ao ceo inda o contemplo  
Orando, no degrau da longa arcada,  
Sob as vastas abobadas do templo.

Ali deixou a vida, consagrada  
Ao piedoso dever que amava tanto ;  
Ali dura a memoria abençoada,  
Perenne sempre em sempre vivo]pranto.

## V

Sem pompa jaz em campa sem vaidade,  
Qual foi a vida sua ;  
Mas esse pranto, filho da piedade,  
Correndo sobre o humilde cenotaphio,  
Na pedra lisa e nua  
Eterno lavra o maximo epitaphio.

Rejeitando as insignias da grandeza,  
Presava o seu estado  
Com raro amor, mais rara singeleza.  
O impulso da ambição era-lhe estranho:  
Não quiz outro cuidado,  
Nem outro premio além do seu rebanho !

Amada sombra, adeus ! Adeus, memoria  
Que esta alma triste encanta.  
Goteje o loiro, se me é dada a gloria,  
O triste orvalho da saudade intinda ;  
E tu, ó musa, canta  
Como pode cantar quem chora ainda !



## LII

### *MARE MAGNUM !*

(A. A. DE S., F. P., E. A. T.)

Combien de patrons morts avec leurs équipages !  
L'ouragan de leur vie a pris toutes les pages,  
Et d'un souffle il a tout dispersé dans les flots.  
Nul ne saura leur fin dans l'abyme plongée,  
Chaque vague en passant d'un butin s'est chargée;  
L'une a saisi l'esquif, l'autre les matelots !  
V. Hugo

## I

Não vos lembraes amigos ? — Purpurino  
Um raio do poente  
As moveis aguas inflammava ardente,  
Incerto como a imagem do destino.

Um lago cristalino  
Era a estreita bahia,  
Que discreta poz Deus, como um segredo,  
Nos labios d'um decrépito rochedo.  
Contra as lascas da cava penedia  
Quebrava o mar; e apenas, alvejante,  
Um leve fluxo a onda entumecia,  
Que na praia arenosa  
Se espraiaava amorosa,  
Arfando como um seio palpitante.

Lembraes-vos? — O recife, sentinella  
Da risonha abrigada,  
Eterno se desvela  
N'uma eterna attitude á sua entrada,  
Guarda-lhe elle o tranquillo e claro nivel  
Do louco affago, do furor insano  
Dos elementos varios, insensivel  
Aos gemidos e ás coleras do oceano.

Não vos lembraes? — Além do manso pego,  
O mar, que vem do largo, e que não cessa,  
Da vaga arquêa a cuspide irritada,  
E, com impeto cego,  
A' insensata escalada  
Dos immoveis penhascos se arremessa.

Quem hade commetter a louca empresa  
De tentar a passagem tortuosa  
Que alguma convulsão da natureza  
Abriu sobre a voragem tenebrosa?  
Do rolo immenso a curva ameaçadora  
Investe, galga, apruma-se, desaba;  
E quando o turbilhão, que o ar devora,  
Trovejando rebenta,  
Parece que á tormenta  
A terra não resiste e o mundo acaba.

Pelas rugas da penha sacudida,—  
De niveos flocos inda guarneçada,—  
Depois que o mar bramindo atraz' volvera,  
Um veio d'água, rapido e sombrio,  
Deslisa; qual em rude face sustera  
De um triste ancião, que a idade encanecera  
O pranto corre em fio.

## II

Olhae: não vêdes sobre o dorso ingente  
D'uma vaga, que audaz se precipita,  
Um ponto, baloiçando intermittente  
Na solidão da órbita infinita?

Um ponto é só, que surge e foge incerto  
Nas convulsas palpitações do abysmo;  
Que os olhos seguem no voraz deserto  
Entre as ancias mortaes d'um paroxismo.

N'esse ponto, a boiar quasi invisivel,  
Co'a morte á vista a todos os momentos,  
O homem, das ondas na refrega horrivel,  
Affronta a immensidade e os elementos.

Eil-o. É tenue batel, debil composto  
De quatro frageis taboas mal cerzidas.  
Ali ao mar immenso dão de rosto  
Cada dia lidando muitas vidas!

Lá vem, fugido ao furibundo braço  
Do vendaval que ao largo ruge iroso;  
Em demanda lá vem do estreito passo  
Onde o cachão referve temeroso;

Lá vem o lenho minimo, voando  
No declive da liquida eminencia ;  
Lá commette os parceiros, o curso instando,  
Como quem põe nos pulsos a existencia.

Era a equipagem do batel ligeiro  
Um homem já maduro, e uma creança :  
Sovertel-os ameaça o mar ponteiro,  
Na praia tem a unica esperança.

O homem tenta, vergado sobre os remos,  
A ressaca vencer forçando a voga ;  
A creança, inactiva em taes extremos,  
Ajoelha, as mãos levanta, e auxilio roga !

Lucta baldada ! Torna a onda á carga  
Antes que a proa a lâmina recorte.  
Eis o homem volve o rosto, os remos larga,  
E, ajoelhando tambem, aguarda a morte.

Alveja em flor um circulo de espumas,  
Na voluta, que avança, e pende, e traga :  
Traças de salvação não ha nenhuma ;  
Lacera a rocha quanto poupa a vaga.

Cae despenhado o mar com furor novo ;  
Rebentou mais veloz que o esforço o damno :  
Apoz um grito, que desmaia um povo,  
Fica o mudo terror... e a voz do oceano !

### III

Em torno do parapeito,  
Sobreposto á breve enseada,  
Observando o triste effeito,  
A turba, afflicta e prostrada,  
Soluça pranto desfeito.



Suba em preces o pesar  
Em quanto as lagrimas correm;  
Não cesseis, irmãos, de orar  
Pelos que vivem e morrem  
Sobre essas aguas do mar.

São dos pobres pescadores  
As mães, as filhas e esposas;  
E são eguaes seus terrores,  
N'estas horas lastimosas,  
Porque são communs as dôres.

Ninguem mais appareceu!  
A multidão circunstante  
Instinctiva a um tempo ergueu,  
Com a angustia no semblante,  
Olhos e mãos para o ceu.

Um velho, da mesma lida,  
Contempla o mar tristemente,  
Só, na praia húmedecida,  
Encostado ao curvo dente  
D'uma ancora partida.

Vê que, em desastre tão forte,  
Toda a diligencia é van,  
E fita immovel a morte...  
Quem sabe se ella ámanhan  
Terá tambem egual sorte?

Oremos juntos no lar,  
Pois que taes lagrimas correm,  
E não cessemos de orar  
Pelos que vivem e morrem  
Sobre essas aguas do mar!



## LIII

### NECROPOLE.

« Tout passe, tout s'écroule sous la puissante  
« et mystérieuse action du temps. »

G. SAND.

## I

A minha musa é triste : ama o segredo,  
E a muda quietação ;  
A noite na cidade, o sol no campo,  
E Deus na solidão !

Ama os ramos espessos, enredados  
Na matta suspirosa,  
O dia refulgente, a roxa aurora,  
E a tarde harmoniosa.

Inleva-se no ceo, quando enrubescer  
O outeiro levantado,  
E o silvestre caminho se enche ao longe  
De fulvo pó doirado.

Ama a terna oração nas aras santas,  
E as heras sepulchraes,  
E o vago amor, e os pudicos affectos  
Das almas virginaes.

Ama a crença abraçada c'ò mysterio,  
C'ò mysterio a saudade,  
A esperança com ámbos, e com todos  
Amiga a eternidade.

Um templo em que se prostre, a lyra, um ermo  
Onde medite em paz,  
Deus por seu guia, por seu astro a gloria,  
Eis tudo o que lhe apraz.

Deixem-n'a pois interrogar austera  
O pó que já viveu,  
E o mysterio do tempo, arregaçando  
Dos seculos o veu.

## II

Musa, onde estamos? Que tropel é este  
De capitaes caídas, vultos grandes  
Ao triste escuro de mór sombra postos?  
Pela mão do destino confundidas  
Eguaes as ligam do sepulchro as heras  
Que em multiplice, estreito, immenso abraço  
Unem Roma a Carthago, Sparta a Roma.

Rentes do chão, as infesadas relvas,  
Que as trevas amam, timidas assomam  
N'aquelle acervo informe de muralhas,  
Como em craneo despido raras brancas.  
Reune, ó musa, as vértebras partidas  
Do gigante arcabouço d'esses monstros,  
Mastodontes da historia; palpa, inquire  
Co'a a temeraria mão, affeita ás cinzas,  
Cada longo esqueleto de cidade.

— Esta, dize, qual é?

— Memphis é esta  
Culta mestra da sabia Grecia culta.

— Est'outra?

— Est'outra é Thebas portentosa,  
Por sonoro prodigio levantada,  
Por lei fatal da sorte destruida.

— Eis outra Thebas, não?

— A das cem portas  
Abertas como engastes preciosos  
No cinto dos seus muros egypciacos.

— Aquella?

— Aquella inerte foi Corintho,  
A cidade dos marmores.

— Aquella?

— E' Tyro a opulentissima, que outr'ora  
O mundo d'ouro e purpura vestia.

— Aquell'outra?

— E' Palmyra, a celebrada;

A dos templos e campas ; a famosa  
 Por suas inscripções. Luzida gloria  
 E longo affan te deu, ó **sábio** Huntington,  
 Que primeiro tentaste do passado  
 Ali arcanos ler ; e a ti, ó Dawkins ;  
 E a vós Smith, Wood, Halley, Bernard, Jacobo,  
 Que entre aquellas ruinas meneastes  
 Successivos o facho da sciencia !

— Que vejo mais ? Que denso labyrintho !

— As catacumbas vês de Alexandria !  
 Paços, muralhas, mausoleos são cinza ;  
 E mal de tanto haver ficaram, restos,  
 Dois marmores partidos, e dois nomes ;  
 Um, vermelho obelisco ; outro, columna ;  
 Cleópatra e Pompeo ; marmores, nomes,  
 Caducas testemunhas do que é ido,  
 Do que hade vir attentas atalayas ;  
 Ambos já pelo tempo assignalados  
 Na rija fronte, ha seculos erecta.  
 A rainha do Euphrates, derribada  
 Sem voz n'aquella terra que ella enchia,  
 Uma ossada figura sobre a margem,  
 Que alveja pallida á raiz do Tauro,  
 Onde as serras da Armenia ao mar se inclinam.  
 Além verás também Sydon, Ecbátana . .

— E aquella, mais soberba que prostrada,  
 Que além dos évos inda affronta os tempos,  
 E, convertida, ostenta a cruz de Christo  
 Onde outr'ora imperava a idolatria ;  
 Aquella, que entre as outras reclinada  
 Parece ter na queda conservado  
 De força e gloria uma attitudo eterna,  
 Musa, aquella qual é ?

— Aquella é Roma !

A Roma antiga, a Roma soberana,  
A Roma dos tribunos e dos Cesares,  
A tyranna do mundo, escrava d'elles!

Visitemos, ó musa, visitemos  
Mais de perto estes restos. Guidadosa  
Aproxima esse facho dos meus olhos.  
Povoa-me estes montes dos que outr'ora  
Foram taes quaes são hoje as sombras suas.  
Reconstrue-me estes muros, estes arcos,  
Palacios, vias, porticos e templos.  
Vivifica essa turba que murmura,  
Que se grupa, e se aperta, e burburinha,  
Basto enxame, que eu sinto e que não vejo.  
Saccode-me o teu facho n'estas sombras,  
E faz'-me fagulhar milhões de estrellas  
Pelos vãos, e reconcavos limosos,  
Das profundas abbadas sombrias.  
De minha alma turbada o pensamento  
Faze, ó musa, surgir, qual, deslumbrante,  
D'entre nevoas irrompe o sol do outono.

Musa, mostra-me o Fôro, fervoroso  
Como em dias de turbidos comicios ;  
E o Capitolio, e o Palatino, e o Circo ;  
Mostra, mostra-me o Circo, variegado,  
Sonoro, inquieto, ardente, estrepitoso !  
Escuta, Musa. Cuido ouvir ainda,  
Atravez do silencio das edades,  
O rugido fatal do povo tigre.  
Que os pés assenta na vermelha arêna  
Como em regios tapetes ! Olho, e vejo  
Que lhe é purpura o sangue ! O rei triumpho  
Na banquete humanivoro e selvagem !  
Farta a sede que o queima ! Empina ancioso  
A rubra taça do festim cruento  
Escrutando na terra ! Bate as palmas,

E corôa, e engrandeca, e glorifica  
O melhor dos convivas seus, a morte!

Eis Cesar e as Vestaes; eis Roma e o Circo.  
E' fera aqui, é horrido e tremendo,  
Mas sublime este povo. Musa, entremos.

## III

Ferve ardente o phalerno impetuoso  
Espumando nas amphoras disformes,  
Que cinge o myrto verde, e que circulam  
De braço em braço percorrendo o Circo.  
Da turba as furias dôbram. Sobe ás nuvens  
O espantoso clamor. Arquejam peitos,  
Ardem olhos crueis, affrontam labios  
A terra, o proprio ceo, o Deus que os soffre.  
A vista flammejante pede sangue,  
Sangue pedem phreneticos, immensos,  
Da louca multidão os gritos bravos.  
O leão popular fraterno chama  
Os leões do deserto; instiga a raiva;  
E alçando a voz convulsa em ancia horrenda  
De terror fere o mundo e o ceo de pejo.

O mel d'Hybla tempera em taças d'oiro  
Mais custoso licor. Em ricos vasos,  
Que um grego artista experto recamara  
De soberbos, phantasticos relevos,  
Consome o Oriente os varios seus perfumes  
Rescendendo em aromas preciosos.  
Do purpureo balcão a espaços foge,  
Da plebe entrecortando a grita immensa,  
Femineo rir que gela, e que no peito  
Comprime o coração de horror e magoa.  
São as damas de Roma, o sexo brando



Que assim aguarda a morte, e as horas mata  
Da longa espera conversando amores.

Ostentam a crueza e a impudicicia,  
Almas de ferro em corpos de alabastro!

## IV

Musa, que é isto? O turvo pego humano,  
Ha pouco tão revoltó e procelloso,  
De repente amainou. Mal se percebe  
Anciado resfol'gar, sustido a custo,  
E a custo presentido em tal silencio!  
Musa, Musa, que é isto? Quem tão prompto  
Emmudecer logrou tão brava turba?

No ardor viril dos annos gentis moços,  
Tristes virgens na flor da formosura,  
Intrepidos anciãos de porte augusto,  
De alvo diadema pela idade ornados,  
Entrar na arena vejo. Em còro harmonico  
Do Eterno os hymnos placidos entoam,  
Como em festa propicia de triumphos.

Eis rebentam de novo, mais sedentos,  
Mais horriveis tambem, mais pavorosos,  
Os brados mil e mil do Circo inteiro.  
D'entre as pregas vermelhas e os recamos  
Da esplendida tribuna, consagrada  
A' casta Deusa, Vesta Protectora,  
Signal as virgens dão. As portas rangem,  
De golpe as feras saltam. Por instantes  
Na mó da multidão vociferante  
Os attonitos olhos rubros fitam  
Assombradas de tanto a verem émula.

E os martyres cantando!

Agora, ó Musa,  
Ai! agora saiamos. Calca o facho,  
Apaga-m'o, escurece-me, não deixes  
Que eu veja tanto horror. Não deixes, Musa,  
Que eu sinta as faces minhas salpicadas  
Do sangue a espadanar; que as mãos me açoitem  
Da atassalhada carne as fibras tépidas.  
Que espanto! Musa, ai! não! Venda-me os olhos,  
Essa luz importuna esconde, esconde-a;  
Afasta-me d'aqui. Musa, saiamos!

## V

Dos martyres o côro já vae frôxo.  
Mal o sinto cadente suspirando  
Atravez da blasphema grita hedionda.  
Afraca mais e mais... susurra apenas...  
Já na terra expirou... No ceo revive  
Hymno eterno de amor, de paz e gloria!

## VI

Ao cabo surgir vejo, ó Musa minha,  
Do meio da confusa turba incerta  
De victimas, de povos e tyrannos  
De barbaros, carnifices e feras,  
O madeiro de Christo, a cruz sublime!  
Regenerada vejo a humanidade,  
Levando á frente alçado o glorioso  
Novo estandarte, caminhar liberta  
Ao sol eterno que alvorece ao mundo;

E, como Titão forte, sobrepondo,  
Qual monte a monte, os seculos aos seculos,  
Mais feliz pela fé, mais consolada,  
Colher nos ceos a esp'rança, e dar á terra  
Outra vida, outro affecto e melhor patria.

## VII

Era o circo a forja ardente,  
Em que a cega idolatria  
Das nações encadeadas  
As algemas derretia ;  
Preparava a liberdade,  
É a liberdade não via :  
Foi, no sangue derramado,  
O evangelho baptisado !

«Avè, Cesar » — destemido  
Exclamava o gladiador,  
Expirando satisfeito  
De expirar por seu senhor.  
«Avè, patria minha, ó patria  
Do meu Deus e Redemptor » —  
Brada o martyr em transporte  
Sobre a arena achando a morte.

Mas do escravo o grito ancioso  
Não passou do solo immundo ;  
E do martyr o suspiro  
Retumbou por todo o mundo ;  
A's thebaidas do deserto  
Um ecco levou 'profundo,  
E, ascendendo á eterna luz,  
Proclamou gloriosa a cruz.

Pela propria mão soberba  
Na sanguenta arena crava  
Velha crença o pendão novo,  
Que espedaçar intentava.  
O poço das catacumbas  
Faz-se livre em terra escrava.  
Roma o passado alluia  
Mas, insensata, applaudia !

Quebram feras as cadeas,  
Rugem soltas, medo é vél-as ;  
Mas aquelles gastos ferros  
São do mundo, não são d'ellas.  
Da nação omnipotente  
Zombam timidas donzellas :  
Eis aberto, entre mysterios,  
O sepulchro dos imperios.

A aguia audaz do Capitolio  
Em abutre se tornou ;  
A Germania, a Gallia, a Iberia  
De rubras pennas juncou,  
E da frôxa garra o gladio  
Mal seguro escorregou :  
Ama o sangue, as mortes ama ;  
Mas pousada ao Circo as chama.

Essas raivas clamorosas,  
Esse cruel desatino,  
Os derradeiros furores  
São da loba de Quirino ;  
Contra o chão lhe esmaga o collo  
O ferreo pé do destino :  
Lacerada, e já vencida,  
Foge-lhe a furia co'a vida.

Sobre os despojos humanos,  
Sobre os escombros ardentes  
Surge o estandarte sagrado,  
E, em suas dobras frementes,  
Lê-se o texto de Deus Homem,  
Novo código das gentes :  
Hontem seita peregrina,  
Hoje augusta lei divina.

## VIII

Não mais : aqui paremos, e saíamos  
Da necrópole vasta.  
A palavra do Eterno sobre as campas  
Lemos, ó Musa. Musa minha, basta.

Romeiros dos sepulchros, sacudamos  
Os pés, nos trilhos novos,  
Da poeira, em que jazem confundidos  
Thronos e leis, religiões e povos !

1848.



## LIV

(AO DR. S.)

### *SICUT LILIUM INTER SPINAS!*

C'est ici le mélange  
Des roses et des pleurs.  
C'est l'asyle d'un ange :  
Qu'il dorme sous les fleurs.

MAD. DESBORDES VALMORE, — *Elegies*.

Era um tumulto entre rosas,  
Todo de roda assombrado  
De um denso spinhal em flor !  
Enlevava o coração,  
E medrava-se, afagado  
Pela sollicita mão  
D'um desvelado cultor,  
Que entendia o que era amor.

Sobre um cômoro funéreo  
Uma columna partida,  
E em torno a matta florida !

- Ria ali a natureza ;  
Mas, não sei porque mysterio,  
Senti minha alma vencida  
D'uma infinita tristeza,  
Que do ceo m'a tinha presa.

Tal emblema em tantas flores,  
E tão frescas, e tão bellas !  
Ai ! meu Deus ! julguei ver n'ellas  
Um grupo de irmans formosas,  
Que, á luz tenue da manhan  
Se inclinavam graciosas,  
Para verem curiosas  
Adormecida outra irman !

D'entre as tarjas do Occidente  
Vinha, avivando a fragancia,  
Uma frôxa claridade  
Que allumiava aquella estancia  
Da aurora da eternidade.

Pendia a flor da saudade  
Das hastes de cada flor,  
Esquecida a forma e cor ;  
E n'esta melancolia,  
Que o mesmo ceo lhe vertia,  
Viçava a idéa do amor.

Era um sorriso entre lagrimas !  
Demorei-me não sei quanto,  
Fugindo o tempo instantaneo  
Não sei se longo, se não ;  
Sei que, tentando afastar-me,  
Senti por dentro lavar-me  
Como um desejo de pranto,  
Que me subia espontaneo  
Aos olhos, do coração.



Voltei, fitando a columna,  
Que erguia o fuste lascado  
Como um destino incompleto,  
Que foi no mundo quebrado  
E com Deus ficou secreto.

Não posso dizer que affecto,  
Qual instincto, ou pensamento,  
Me fez, — levantando o veo  
Que ás vezes sombrio existe  
Sobre os pallidos amores, —  
Ver ali um sentimento,  
Eterno como este ceo,  
Como este symbolo triste,  
E vivo como estas flores !

Entre a esmaltada verdura,  
Naturalmente encostada  
A' columna mutilada,  
Uma cruz, como remate,  
Alvejava na espessura.

A cruz é dôr e resgate !  
A flor, que o seu germe encerra,  
Tem as raizes na terra  
Mas aspira para o ceu ;  
E, revivendo-a na cova,  
Cada primavera nova  
Nova existencia lhe deu.

Flor plantada no passado  
E colhida no futuro,  
D'um affecto santo e puro  
Assim revive a lembrança !

Do monumento piedoso  
O sentido enfim alcança  
Meu espirito, agitado  
D'um fervor religioso:  
Era o padrão da tristeza  
Entre o signal da esperança  
E a imagem da natureza.

Via-se ali a cultura  
D'um prazer doce e cruel:  
Uma ausencia prematura,  
E uma memoria fiel!

Quem era? Se o sei, não digo.  
Sobre os degraus do jazigo  
Apagou seu facho o amor!  
Era um anjo. E' cinza agora.  
Desmaiou, como descora  
Debil astro em noite obscura.  
Voando aos ceos, foi depôr  
O segredo da ventura  
No regaço do Senhor!

Sobre essa campã saudosa  
De interrompidos amores,  
Alvo jasmin, lyrio e rosa.  
Chovei lagrimas e flores!

LV

ULTIMA DESPEDIDA.

Sires have lost their children, wives  
Their lords, and valiant men their lives

LORD BYRON — *Ballad.*

— Adeus, minha vida, adeus meu thesouro !

— Já partes ? — E' força. — Permite, meu bem,  
Que a espada te aperte, flagello do mouro.

— Pois queres ? — Eu mesma. Se quero ! Que tem ?

— No arnez, e nas chapas de ferro esculpido

Magôas o seio. — Não sinto. Convem

Que a espada te cinjo, senhor meu marido,

Melhor que o teu pagem, melhor que ninguém.

— Convenho. — Não partes ? — Não posso em teus braços :

A patria me chama, essa voz me detem.

— Pois fica. — Vil fico. Desata esses laços,

Se a honra me présas, e a tua também.

— E' tanto? — A almenara já deu ao sol posto  
Signal de agarenos nas serras d'além.

— Vae, parte, e desculpa. Que fogo em teu rosto!  
Não podem render-te, nem vinte, nem cem!

Partiu. Noite e dia, no seu miradouro,  
A esposa procura se vê vir alguém. . .  
Quebrara-se a espada, flagello do mouro,  
Nas mãos de um cadaver. O esposo não vem!  
1858.

LVI

... Te della natura estremo vanto  
Mise sotterra ; e me, ch'ir dovea pria,  
Lascio qui in preda al duol eterno e al pianto  
Ne saprei dir se fu piu iniqua e ria,  
Troncando un germe amato e caro tanto,  
O no sterpando ancor la vita mia.

ANGELO DI COSTANZO — *Soneto*

Orava a mãe lacrimosa  
No degrau da campa breve :  
Tem ali, na terra, o anjo,  
Que no seio e braços teve.

« Não chores, mãe, » diz-lhe o mundo  
« Gosa a esp'rança e a formosura ! »  
Mundo, ignoras o que a triste  
Vê n'aquella sepultura.

N'um só pensamento absorta  
Esqueceu-se do universo,  
E a mesma pedra que abraça  
Não sabe se é campa ou berço.

Fugir viu aquelle espirito,  
Saúdoso do paraíso,  
Acabando n'um suspiro  
O começado sorriso.

Como foi, e como pôde  
Escorregar-lhe dos braços  
Para um sepulchro o innocente  
Que prendiam tantos laços?

Não lhe lembra, mal distingue,  
E tanto a illusão a tenta,  
Que ás vezes, mesmo entre os prantos,  
Em vez de orar, acalenta.

A existencia, se lh'a dera,  
Levou-lh'a elle consigo:  
Por isso ali chora immovel  
Como a estatua do jazigo.

Por fim, da urna o contacto  
Seio e coração lhe gela. . .  
E quando vão procural-a  
Acham-n'a fria como ella.

## LVII

### A EPIDEMIA !

(Á CIDADE DE LISBOA.)

D'estes extremos e intemperança dos ares, nascem umas taes enfermidades, tão executivas, e malignas, que se povoarão as sepulturas de mortos, e se despovoarão muitas casas de vivos.

P. ANDRÉ DE BARROS — V. de Vieira.

#### I

Benigna Providencia, eu te saúdo,  
Esperança do misero mortal !  
Teus beneficios vejo e adoro em tudo,  
No gosar e soffrer, no bem, no mal !

Uma cidade inteira por Deus clama,  
Como a angustia por Deus sabe clamar,  
E o coração co'as lagrimas derrama  
No chão das campas, nos degraus do altar.

A solidão da capital deserta  
Funebre corre o livido terror:  
Co'a mão de spectro indica a valla aberta,  
E na valla abraçada á morte a dôr.

A' sua voz, tremenda e lastimosa,  
Dos labios mais festivos fuge o rir,  
Nas faces mais gentis desmaia a rosa,  
Que o longo pranto veio desflorir.

A vasta povoação, como um só homem  
Sente o mal, fita o ceo, pára a tremer  
Das ancias que as entranhas lhe consorhem,  
Da febre que lhe faz o peito arder.

Que é isto? D'onde surge? Que destino  
Este açoitado de Deus vibrou sem dó?  
Que é isto, que em funesto desatino  
Tanto affecto sepulta em tanto pó?

São segredos do Eterno! A Divindade,  
Que o exemplo deu nas penas de Jesus,  
Quando quer depurar a humanidade  
Põe-lhe aos hombros o peso de uma cruz.

Cruz pesada foi esta, e taes seus fructos,  
Que hoje ainda o negrume dos vergões  
Apparece na sombra d'esses luctos,  
Que recordam profundas afflicções.

Ai! Senhor, que implacavel nos feristes,  
Como, outr'ora, aos ingratos d'Israel!  
E o quadro pavoroso em olhos tristes  
Tristes memorias estampou cruel.



## II

Cercado da familia agonisante,  
Este agonisa. Aquelle affronta o ceu,  
Ao ver a luz das tochas no semblante  
Que ia rubrar o facho de hymeneu.

Est'outro esconde a um tempo a dôr e o rosto,  
Pregando os labios na gellada mão,  
Que pende inerte do fatal encosto,  
E, no extremo, um prodigio pede em vão.

Cae a virgem, que lida volteava  
Sob a vista enlevada de seus paes,  
E o mesmo ramo, que no baile a ornava,  
Vae servir-lhe aos emblemas sepulchraes.

Vestiu-lhe a morte do alabastro as cores,  
Sem lhe tocar no mimo juvenil.  
Vivera uma estação. Murchou co'as flores,  
Que Outubro leva como as trouxe Abril.

Perde a mãe o que a vida lhe renova,  
O filho em que estremece quanto amou;  
E tanto se debruça para a cova,  
Que o segue lá, bradando-lhe: « aqui estou !

Aqui o irmão prantea o roto laço.  
O amigo pelo amigo implora além,  
A esposa chora o esposo; e em seu regaço  
A orphandade sem pão chora tambem.

O ancião, vendo fugir-lhe a role cara,  
Murmura a custo as orações christans;  
E, já só, co'as mãos tremulas ampara  
A c'rôa do martyrio sobre as cans.

Revendo-se nas lousas apinhadas  
Da propria geração, que tem aos pés,  
Ajoelha sobre as cinzas invejadas,  
E brada : « quando chega a minha vez ? »

São cinzas da sua alma, e partes d'ella  
Que estão servindo á morte de tropheus !  
Ficou-lhe a vida ainda, para vê-la,  
E carpil-a entre immoveis mausoleus !

O mal inverte as leis da natureza,  
E o prematuro fim consigo traz,  
Que onde a vida acha mais, com mais crueza  
Sedento exerce a furia pertinaz.

Ostenta-se, contando a flor dos annos,  
Rigorouso, lethifero, qual é ;  
E para os golpes dar mais deshumanos,  
Deixa os ramos no chão e o tronco em pé.

Lugubre é tudo ! Em ambito fulgente  
Verte a morte, sorrindo, um ceo azul  
Qual venenos dardeja o sol do Oriente  
Nas infectadas ruas de Stambul !

Bem os vêdes, meu Deus. Eil-os exoram,  
Co'a a funda prece que de dentro sae,  
Piedade contra os damnos que os devoram.  
Sois clemente, Senhor ! Senhor, sois pae !

### III

Sollicita escutava a Providencia,  
Que dos crentos o espirito bem diz ;  
E, no ardor da maléfica influencia,  
Estende a mão ao supplice infeliz.

Erguendo-a da funesta lethargia  
Alento infunda á timorata grey;  
E, em proporção do mal, o auxilio envia  
Na pessoa e virtude do seu rei.

Doe ao monarcha lastima tamanha,  
Corre, abertas as mãos, benigna a voz,  
E attesta, em christianissima campanha,  
A heroica intrepidez de seus avós.

Um zelo, em quantos vivem a seu lado  
Por sangue e autoridade, egual se dá,  
O povo, como Lazaro evocado,  
Surge, despe a mortalha, e espera já.

Ao doloroso brado de quem soffre  
Accodem promptos os instinctos bons,  
E a ardente caridade em amplo cofre  
Com largo empenho accumula os dons.

Aos tristes lares onde soa o pranto  
Volve a piedade os corações e as mãos:  
Contempla a Europa, com louvor e espanto,  
Na dor da crise uma nação de irmãos.

O sacerdote, o medico zeloso,  
Affronta os riscos, sem temer nenhum;  
E, no leito, que vela cuidadoso,  
Quando o enfermo levanta, cae mais d'um.

Cae martyr, e dá honra co'a memoria  
Ao evangelho, á sciencia, á patria, e a si. . .  
Ao menos diga ao mundo a voz da gloria  
Que o brio do dever vive inda aqui.

E o ingrato, que o patente beneficio  
Logo esqueceu, para o negar depois,

Saiba que Portugal é chão propicio  
A' herança dos apóstolos e heroes.

Nem erga, sem medir o como e o quando,  
Banal censura em frívolo sarau,  
Sómente exemplos sordidos citando ;  
Que em toda a parte existe bom e mau.

Deshonra o sangue, é quasi um parricida  
O filho que o seu berço infama assim.  
Quem, se o lustre lhe rouba n'esta lida,  
Hade o seu nome respeitar por fim ?

## IV

Finda o canto co'as palmas á virtude,  
Musa, que a dor visitas como irman,  
E, encostando aos sepulchros o alaude,  
Co'a dextra aponta o ceo, Deus . . e ámanhan.

Na luz mais viva d'esse quadro breve  
Erguido o vulto augusto saudareis  
D'um rei, que n'este exemplo servir deve,  
De gloria ao povo, de modelo aos reis,

Benigna Providencia, eu te saúdo  
Esperança de misero mortal :  
Teus beneficios vejo, e adoro em tudo,  
No enlevo e dor, no bem como no mal.

1858.

FIM.

## ERRATAS ESSENCIAES.

### LIVRO I.

Pagina 37, verso 28, onde se lê :

*Gloria a vós, irmans, anjos de luz fagueira*

Deve lêr-se :

*Gloria a vós, ó irmans, anjos de luz fagueira*

Pag. 45, v. 26, onde se lê :

*Gasta a vida apenas fujo ao berço !*

Deve lêr-se :

*A vida gasta apenas fujo ao berço !*

Pag. 47, v. 3, onde se lê :

*Do abysmo todo o fundo.*

Deve lêr-se :

*Do abysmo toco o fundo.*

### LIVRO II.

Pag. 157, v. 26, onde se lê :

*De ver um tygre devorar-te um filho*

Deve lêr-se :

*De ver um tigre devorar-te um filho*

Pag. 194, v. 14, onde se lê :

*Vestindo flores, e palmas, e brocados,*

Deve lêr-se :

*Vestindo flores, palmas, e brocados,*

Pap. 206, v. 2, onde se lê :

*Povo de tygres se fez*

Deve lêr-se :

*Povo de tigres se fez.*

Pag. 217, v. 2, onde se lê :

*Morrer pelo seu Deus inda mais bello*

Deve lêr-se :

*Morrer pelo seu Deus inda é mais bello.*

# Copi' de M. aragujita -

B.A

## LIVRO III

Pag. 290, v. 13, onde se lê :

*No vallado a flor abria*

Deve lêr-se :

*No valle a flor abria*

Pag. 294, v. 11, onde se lê :

*Gelada pela nevoa da alvorada*

Deve lêr-se :

*Gelado pela nevoa da alvorada.*

Pag. 295, v. 4, onde se lê :

*Por entre o pranto e o sizo*

Deve lêr-se :

*Por entre o pranto e o riso*

Pag. 334, v. 4, onde se lê :

*Que os restos do passado*

Deve lêr-se :

*Que aos restos do passado*

Pag. 381, onde se lê :

— *Aquella?*

— *Aquella inerte foi Corintho*

*A cidade dos marmores*

— *Aquella?*

— *É Tyro a oppulentissima que outr'ora*

*O mundo d'ouro e purpura vestia*

Deve lêr-se e emendar-se a collocação do seguinte modo :

— *Aquella?*

— *Aquella inerte foi Corintho*

*A cidade dos marmores.*

— *Aquella?*

— *É Tyro a opulentissima que outr'ora*

*O mundo d'ouro e purpura vestia.*

Pag. 400, onde se lê :

*Que o longo pranto veio desflorir.*

Deve lêr-se :

*Que o longo pranto veio a desflorir.*

